

DA AUTORA DE AS MEMÓRIAS DO LIVRO
E VENCEDORA DO PULITZER DE 2006

Geraldine Brooks

A TRAVESIA DE CALEB

A luta de um homem para não se perder
entre duas culturas

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



A TRAVESSIA DE
CALEB

Geraldine Brooks

A TRAVESSIA DE
CALEB

A luta de um homem para não se perder
entre duas culturas

Tradução
Diego Alfaro



Título original: *Caleb's Crossing*

Copyright © 2011 by Geraldine Brooks

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Esta edição foi publicada em acordo com a Viking, membro do Penguin Group (USA) Inc.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

ILUSTRAÇÃO DA PÁGINA 6: Carta de Caleb Cheeshahteamauk a seus benfeitores ingleses. Reproduzida com a permissão da Royal Society, Londres.

NOTA DO EDITOR: Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e eventos são também produto da imaginação da autora ou foram usados ficcionalmente, e qualquer semelhança com personagens verídicos, vivos ou mortos, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades são mera coincidência.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Escritores de Livros, RJ.

B888t Brooks, Geraldine, 1955-

A travessia de Caleb: A luta de um homem para não se perder entre duas culturas / Geraldine Brooks; tradução Diego Alfaro. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Tradução de: *Caleb's crossing*
ISBN 978-85-209-3570-5

1. Cheeshahteamuck, Caleb, 1646-1666 – Ficção. 2. Ficção histórica. 3. Ficção australiana. I. Alfaro, Diego. II. Título.

CDD: 828.99343
CDU: 821.111(94)-3

*Para Bizuayehu,
que também fez uma travessia.*

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da autora](#)

[Parte 1](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[Parte 2](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[XII](#)

[XIII](#)

[XIV](#)

[XV](#)

[XVI](#)

[XVII](#)

[XVIII](#)

[XIX](#)

[XX](#)

[XXI](#)

[XXII](#)

[XXIII](#)

[Parte 3](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

IX

X

Posfácio

Créditos

Referunt Historici, de Orpheo musico, et insigne Poeta
 quod ab A. possit: Lyram accepit, eaque tantum scilicet
 ut illius Cantu sylvas, saxumq; moverit, et arborum incedit
 post se traxerit, feraxq; ferocissimis mitoros redderet. Vimo
 quod aneptha Lyra ad inferos descendit, et Voluptatem et
 Proserpinam suo Carmine demisit, et Eurydicerem uxorem
 ab inferis ad superos evexit: Hoc symbolum esse statuerunt
 Philosophi Antiquissimi, ut ostendat quod tanta est vis et virtus
 Doctrinae et polioris literature ad mutandum Barbarum Inconium:
 qui sunt tanquam arbor, fera, et bruta animalia: et eorum
 quasi metapheris efficiendum, eoque tanquam feros Citurandos
 et post se trahendos.

Deus vos delegit esse Patronos nostros, et cum omni sapientia, in-
 timam Commiserationem vos ornavit, ut nobis paginis salutifera
 opem feratis, qui vitam, progenitumq; a majoribus nostris ducebamus.
 tam animo, quam Corporeq; nudi fuimus, et ab omni humanitate
 alieni fuimus, in deserto huc et illuc variisq; erroribus ducti fuim.

Quas, quatuorq; ornatissimi, amantissimiq; vias, quas quantaq;
 quam maximas, immensaq; gratias vobis scribuamus: eo quod
 omnium rerum Copiam nobis suppeditaveritis propter educationem nos-
 tram, et ad sustentationem Corporum nostrorum: immensus, maximusq;
 ex pensus studistis.

Et praecipue quas quantaq; Gratias Deo Opt. Max. debimus, qui
 sanctas scripturas nobis revelavit, Dominumq; Jesum Christum
 nobis demonstravit, qui est via veritatis et vitae, praeter
 haec omnia, per vestra miserorodice Divina, aliqua spes relicta
 est, ut instrumenta fiamus, ad declarandum, et propagandum E-
 vangeliolum Cognatis vestris Conterraneisq;: ut illi etiam Deum
 Cognoscant: et Christum.

Quamvis non possumus pari pari reddere vobis, reliquisq; Benefactoribus vestris
 adeuntamen speramus, nos non defuturos apud Deum suppli-
 catio nibus impotentiis exorare pro illis pijs miserorodice sibus viris, qui
 supererunt in Betero Anglia, qui pro nobis tantam vim auri, ar-
 gentiq; studuerunt ad salutem animarum nostrarum procurandam:
 et pro vobis etiam, qui instrumenta, et quasi aquae ductus fuistis:
 omnia ista beneficentia nobis conferendi

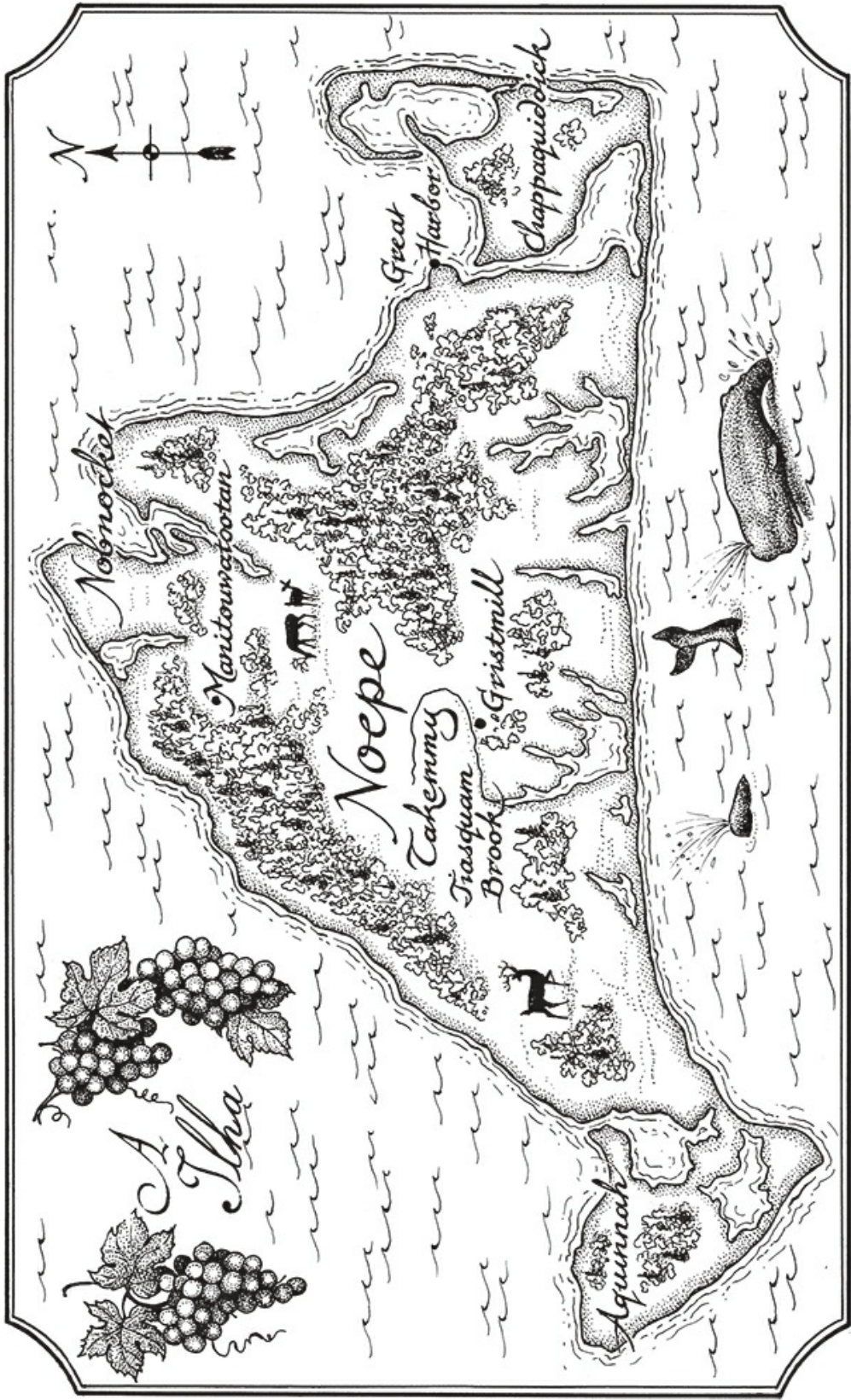
Intrae Dignitati Devotissimus: Caroli Chodshakhtbaum

Esta é uma obra da imaginação, inspirada pela vida de Caleb Cheeshahteaumauk, integrante da tribo wôpanâak de Noepe (a ilha de Martha's Vineyard), nascido por volta de 1646, o primeiro indígena a se formar na Universidade de Harvard.

O personagem Caleb apresentado neste romance é inteiramente ficcional. Para conhecer os fatos documentados sobre a vida de Caleb, consulte o posfácio.

Decidi dar o nome Caleb ao personagem que imaginei na esperança de honrar a luta, o sacrifício e as conquistas desse notável jovem acadêmico.

A imagem anterior reproduz o único documento escrito por Caleb que, até onde se sabe, sobreviveu até os dias de hoje: uma carta escrita em latim aos benfeitores ingleses que financiaram sua educação. Na carta, Caleb discute o mito de Orfeu, relacionando-o à sua própria experiência ao fazer a travessia entre duas culturas muito diferentes.



Anno 1660
Aetatis Suae 15
Great Harbor

Ele vai chegar no Dia do Senhor. Embora meu pai não tenha achado recomendável me dar a notícia, já sei de tudo.

Papai e Makepeace pensaram que eu estivesse dormindo, e talvez estivesse, como toda noite, enquanto sussurravam do outro lado da manta que divide a nossa câmara. Quase toda noite, o murmúrio grave de suas vozes me reconforta. Mas na noite passada, a voz de Makepeace se ergueu exaltada e angustiada até que meu pai o silenciasse. Acho que foi isso o que me trouxe de volta do sono. Meu irmão tende a reprovar demonstrações excessivas de temperamento. Virei-me no meu catre de palha e ponderei, sonolenta, o que o levava a falar assim. Não ouvi a resposta de papai, mas então a voz de meu irmão se ergueu outra vez.

— Como o senhor pode expor Bethia dessa maneira?

É claro que quando ouvi meu próprio nome, já não havia mais jeito — fiquei plenamente desperta. Ergui a cabeça e me esforcei para ouvir melhor. Não foi difícil, pois Makepeace não conseguia conter a própria língua, e embora eu não conseguisse distinguir uma palavra sequer dita por meu pai, alguns fragmentos das respostas de meu irmão estavam bem claros.

— Que importa se ele reza? O rapaz foi há quanto... nem um ano, removido do paganismo? E aquele homem que por tanto tempo foi responsável por ele é o próprio servo do Demônio, o mais teimoso e perigoso de todos eles, como o senhor mesmo já disse tantas vezes...

Meu pai o interrompeu, mas Makepeace não se calava.

— É claro que não, meu pai. Nem questiono a capacidade do rapaz. Mas o fato de ter facilidade com o latim não significa que ele conheça as decências necessárias para viver num lar cristão. O risco é...

Nesse momento Solace chorou, por isso me estiquei para pegá-la. Os dois perceberam que eu estava acordada e não disseram mais nada. Mas foi o suficiente. Envolvi Solace e a trouxe para perto de mim no catre. Ela se acomodou junto ao meu corpo feito um pássaro no ninho e caiu facilmente no sono outra vez. Eu fiquei acordada, fitando a escuridão, correndo a mão pela borda áspera da

viga que cortava o teto inclinado logo acima da minha cabeça. Daqui a cinco dias, estaremos vivendo sob o mesmo teto.

Caleb vem morar nesta casa.

DE MANHÃ, NÃO FALEI NADA sobre o que tinha ouvido. Sou de escutar, não de falar. Fiquei exímia nisso. Minha mãe me ensinou o uso do silêncio. Enquanto estava viva, acho que não mais de doze pessoas nesta comunidade chegaram a ouvir o som de sua voz. Era uma voz delicada, grave e branda, com o cantarolar da aldeia de Wiltshire, na Inglaterra, onde ela passou seus tempos de menina. Mamãe ria e fazia rimas cheias de palavras estranhas sobre aquele lugar, e nos contava histórias de coisas que nunca havíamos visto: catedrais e carruagens, grandes rios tão largos quanto o nosso porto e ruas com lojas nas quais quem tivesse algum cobre poderia comprar mercadorias de todo tipo. Mas isso dentro de casa, quando estávamos em família. Quando saía pelo mundo, fazia-o com os olhos baixos e os lábios lacrados. Era como uma borboleta, cheia de cor e vitalidade quando decidia abrir as asas, mas quase invisível quando as fechava. Sua modéstia era como uma veste com que se cobria, e assim adornada, com docilidade e discrição, parecia passar quase oculta das pessoas, de modo que às vezes falavam diante de mamãe como se ela não estivesse presente. Mais tarde, à mesa, se o assunto fosse adequado aos ouvidos infantis, contava uma ou outra notícia importante ou divertida que recolhera sobre os nossos vizinhos. Com frequência, o que mamãe ficava sabendo tinha grande utilidade a papai, em sua pregação, ou ao meu avô, em sua magistratura.

Eu a imitava nisso, e foi assim que fiquei sabendo que iria perdê-la. Nossa vizinha, Goody Branch, que é a parteira daqui, tinha me mandado buscar mais cerveja vermelha, na esperança de que refrescasse a febre puerperal de mamãe. Apesar de estar muito ansiosa para logo lhe trazer a cerveja, fiquei parada à porta por alguns minutos quando ouvi minha mãe falar. E o que ela falou dizia respeito à sua morte. Esperei que Goody Branch a contradissesse, afirmasse que tudo ficaria bem, mas tais palavras não vieram. Em vez disso, Goody Branch respondeu que cuidaria de certas questões que a estavam preocupando, que ficasse tranquila com relação a tudo aquilo.

Nós a enterramos três dias depois. Embora fosse primavera segundo o calendário, o solo ainda não havia degelado. Por isso, acendemos uma fogueira no local que meu pai tinha escolhido, entre as sepulturas de Zuriel, meu irmão gêmeo, que morrera aos nove anos, e meu outro irmão bebê que não se demorara por aqui o suficiente para lhe darmos um nome. Cuidamos do fogo a noite inteira. Mesmo assim, ao amanhecer, quando meu pai e Makepeace começaram a cavar, a

pá bateu com um estalido naquela terra dura como ferro. Ainda guardo aquele som comigo. O trabalho foi tão árduo que meu pai não parava de tremer depois, os membros frouxos pelo esforço de pôr a minha mãe para descansar. Assim são as coisas nesta ilha aqui fora, onde vivemos de frente para o mar e de costas para a mata. Tal qual a família de Adão depois da queda, temos todo tipo de tarefa a cumprir. Somos funileiro, padeiro, boticário, coveiro. Qualquer que seja o trabalho, temos de fazê-lo, ou viver sem ele.

Já se passou quase um ano da morte de minha mãe, e desde então fiquei responsável por Solace e por cuidar da casa. Sinto falta dela, assim como meu pai, e Makepeace também, à sua maneira, ainda que seus afetos pareçam menos calorosos que os nossos. A fé dele igualmente parece mais forte, no modo como consegue aceitar o que nos sobrevém como obra do desejo divino. Todos nós passamos vários dias e noites sofridos examinando nossas almas e nossa conduta para aprender a lição que o Senhor nos reservou ao levá-la tão cedo; as fraquezas e pecados pelos quais decidiu nos punir. E ainda que eu me sente em devota reflexão com meu pai, pensando na questão do nosso estado espiritual, ainda não lhe contei o que sei ser a verdade.

Eu matei a minha mãe. Sei que alguns diriam que eu era uma criança com quem o Demônio, traíçoeiro, resolveu brincar. Mas para a alma, não existe a juventude nem a idade. O pecado nos macula ao nascermos e enturva cada uma de nossas horas. Como dizem as Escrituras: “Pois está próximo o dia em que seu pé irá resvalar.” Basta errarmos o passo, como eu fiz, e a idade deixa de ter importância. Perdemos qualquer aspiração à inocência infantil. E meus pecados não foram meras travessuras infantis, foram questões gravadas em pedra, nas tábuas das falhas mortais. Rompi os Mandamentos, dia após dia. E o fiz de plena consciência. Filha de pastor: como poderia negá-lo? Como Eva, tive sede pelo conhecimento proibido e comi da fruta proibida. Para ela, a maçã; para mim, o heléboro-branco — plantas diferentes, ofertadas pela mesma mão. E assim como a serpente deve ter sido encantadora — posso vê-la, com suas escamas lustrosas e brilhantes, vertendo líquido nos ombros de Eva, seus olhos como joias luminosas fitando os dela —, o Demônio também veio até mim numa forma de irresistível beleza.

Rompa as leis de Deus e sofra sua ira. Bem, é o que faço. O Senhor deita sua mão ferida sobre mim, e eu me curvo sob o labor que tenho agora — o da minha mãe e o meu, ambos. As tarefas se estendem do abismo cinzento antes do amanhecer à última gota de luz da noite. Aos quinze anos, assumi os encargos de uma mulher, e passei a sentir-me como uma. E me alegro com isso. Pois já não tenho tempo para cair nos pecados que cometi quando menina, quando as horas

que eu tinha para gastar se estendiam à minha frente como uma dádiva. Aquelas tardes quentes e salgadas em que a costa se encurvava em seu longo arco reluzente em direção aos penhascos distantes. As manhãs argilosas, pontilhadas de folhas nos recantos frescos onde eu colhia frutas da cor do céu e sentia cada uma delas estourar, doce e succulenta, na minha boca. Apropriei-me desta ilha, pedaço por pedaço, do barro mole e fluido das escarpas iridescentes à friagem áspera dos rochedos de granito que se erguem ab-ruptos nos campos, estorvando o arado, sombreando as ovelhas. Amo as brumas que nos cobrem a todos com véus leitosos e os ventos que gemem, lastimosos, na chaminé à noite. Mesmo quando a linha da maré alta está crostosa com o gelo salgado e quando as trilhas do bosque estalam sob os meus tamancos, bebo do ar frio no azul profundo que reluz na neve. Cada enseada e afloramento deste lugar, amo-os. Aqui, somos ensinados desde cedo a ver a Natureza como um inimigo a ser subjogado. Mas eu passei, aos poucos, a venerá-la. Poderíamos dizer que, para mim, esta ilha e seus tesouros se tornaram o primeiro dos meus falsos deuses, o pecado original que gerou tanta idolatria.

Agora, aqui, nos poucos dias que me restam antes que Caleb venha até nós, decidi escrever o meu diário espiritual e narrar aqueles meses em que meu coração esteve tão desprendido de Deus. Reuni os retalhos de papel que consegui recolher no estoque do meu irmão e pretendo usar todos os momentos que encontrar antes que a fadiga de cada dia venha me reclamar. A minha letra não é graciosa, pois meu pai não me ensinou a escrever, mas como este relato é para meus próprios olhos, não tem importância. Como não sei, ainda, se terei coragem para, um dia, confessar toda a verdade sobre mim mesma durante o culto, isto terá de bastar. Em minha aflição, procurei o Senhor, mas não recebi nenhum sinal de que estou salva. Quando olho para minhas mãos e punhos, arruinados pelas marcas das pequenas queimaduras das panelas e faíscas, cada cicatriz vermelha ou ruga branca me traz à mente aquele fogo eterno e as massas padecentes dos danados, dentre os quais eu certamente passarei a eternidade.

Somente Deus determina quem é condenado e quem é salvo, e nada do que eu deitar nestas páginas poderá mudar esse fato. Mas como Caleb está por vir, trazendo consigo a fumaça daquelas fogueiras pagãs e o aroma daquelas horas selvagens e repletas de visões, preciso ter a mente limpa e o coração sincero sobre o lugar onde me encontro em relação a essas questões, para conseguir realmente afastá-las de mim. Tenho de fazê-lo por ele, bem como por mim mesma. Sei que meu pai tem grandes esperanças em relação a Caleb. Ele o vê, mais que a qualquer outro aqui, como uma grande promessa para liderar seu povo. E Caleb parece desejar o mesmo; ninguém se debruça sobre os livros com tanta diligência;

ninguém reuniu uma colheita tão rica de conhecimento nos raros momentos que tem para estudar essas coisas. Mas isto também é verdade: a alma de Caleb está esticada como a corda num cabo de guerra, entre meu pai e seu tio indígena, o *pawaaw*. Meu pai tem suas esperanças, e aquele feiticeiro também tem as suas. Caleb irá liderar seu povo, tenho certeza disso. Mas em que direção? Disso, não tenho certeza nenhuma.

Uma vez, numa noite tempestuosa dois invernos atrás, depois de trabalharmos debaixo de chuva e vento para puxar os botes e amarrá-los em segurança, voltamos para casa com as vestes cobertas de água e mechas congeladas de cabelo batendo umas nas outras enquanto caminhávamos. Tínhamos as mãos dormentes ao emplastramos as rachaduras e fissuras da casa e nos esforçarmos para consertar o papel encerado que estava rasgado nas janelas (não tínhamos vidro, na época). Mais tarde, sentada diante do fogo, o gelo se derretendo de mim, a água formando uma poça aos meus pés, Makepeace fez ao nosso pai a pergunta que vinha se formando também na minha mente: por que razão meu avô quis obter o título das terras desta ilha? Por que colocar dez quilômetros de correntezas traiçoeiras entre ele e os demais ingleses, numa época em que havia terra para dar e vender no continente para qualquer pessoa que quisesse estabelecer um novo povoado?

Papai respondeu que meu avô, quando jovem, servira a terceiros, usando suas habilidades para trabalhar como agente de um nobre endinheirado que o recompensou acusando-o de delitos sem fundamento. Embora meu avô tivesse conseguido se inocentar, a experiência o tornou amargo, e ele resolveu não mais servir aos outros. E isso incluía John Winthrop, o governador da colônia da Baía de Massachusetts, um homem de talentos estimáveis, porém cada vez mais disposto a punir cruelmente aqueles que tivessem ideias em desacordo com as suas. Mais de um homem tivera as orelhas cortadas ou o nariz rasgado; uma mulher dissidente, grávida e com uma dúzia de filhos para cuidar, fora expulsa para o mato. E esses eram seus irmãos e irmãs cristãos. O que ele fizera com o povo pequot, segundo meu pai, era inapropriado para os nossos ouvidos.

— O seu avô sentia que conseguiria se sair melhor. Assim, comprou estas terras, que estavam fora da jurisdição de Winthrop, e reuniu vários homens que pensavam como ele e estavam dispostos a aceitar a mão leve de sua liderança. Ele me enviou em 1642 para fazer a primeira travessia. É motivo de orgulho para mim, meu filho, que seu avô, depois de ter pagado às autoridades inglesas pelo

título da terra, tenha insistido em pagar também ao *sonquem* local. Todas as cabanas e casas que construímos aqui estão sobre terras vendidas voluntariamente a nós por meio de negociações que eu conduzi com honradez. Você talvez ouça dizer que nem todos os seguidores do *sonquem* concordaram com seu chefe nessa questão, e alguns dizem agora que ele próprio não compreendeu que pretendíamos mantê-los afastados desta terra para sempre. Seja como for, o que já foi feito não volta atrás, e foi feito de acordo com a lei.

Eu pensei, mas não disse, que meu avô dificilmente poderia esperar que as sutilezas do direito de propriedade inglês tivessem valor para boa parte daquelas três mil pessoas que, antes da nossa chegada, tinham a reputação de ser violentos selvagens. Se havia algum motivo de orgulho naquilo tudo, só poderia ser o orgulho pela astúcia do plano de meu avô, e pela coragem e tato de nosso pai em executá-lo. Papai tinha apenas dezenove anos quando veio para cá. Talvez sua juventude e temperamento amável tenham convencido o *sonquem* de que os “homens cobertos”, como nos chamavam, eram inofensivos. E que mal poderia haver para eles em que aquele punhado de famílias se acomodasse lado a lado numa pequena faixa diante do porto, enquanto suas tribos, às centenas, percorriam a ilha por onde quisessem?

Papai apanhou o fio da meada de seu pensamento, como se fosse um novelo emaranhado que lhe causasse preocupação.

— Sim, temos sido bons vizinhos; acredito que sim — disse. — E por que não seríamos? Não há razão para que fosse de outra forma, independentemente das difamações criadas pela família Alden e sua facção. “Você pode perturbar e irritar o diabo, mas não vai sair nenhum cristão dali”, foi o que me disse Giles Alden na primeira vez em que fui pregar nos *wetu*. E o tempo mostrou que ele estava errado! Durante vários anos, engoli a poeira daquelas cabanas, ajudando-os com qualquer questão prática sempre que possível, satisfeito em ganhar a atenção de apenas um ou dois deles com umas poucas palavras sobre Cristo. E agora, finalmente, começo a destilar nas mentes deles o licor puro do Evangelho. Deparar-me com um povo que estava avançando depressa pela estrada do inferno, e conseguir fazer com que se voltem na direção de Deus... é o que temos de nos esforçar por fazer. Eles são um povo admirável de muitas maneiras, para quem se dá ao trabalho de conhecê-los.

Como eu teria surpreendido meu pai, e meu irmão também, mesmo àquela altura, se tivesse aberto a boca e me aventurado a dizer, em *wampanaontoaonk*, que eu *tinha* me dado ao trabalho de conhecê-los; que eu os conhecia, em alguns aspectos, melhor que meu pai, que era seu missionário e pastor. Porém, como já mencionei aqui, eu aprendera desde cedo o valor do silêncio, e não me revelava à

toa. Assim, levantei-me do fogo e tratei de me ocupar, molhando fermento e farinha para usá-los no pão do dia seguinte.

NOSSOS VIZINHOS. QUANDO CRIANÇA, não pensava neles dessa forma. Acredito que, como todos os outros, eu os chamasse de selvagens, pagãos, bárbaros, os gentios. Quando pequena, na verdade, mal pensava neles. Naqueles tempos, eu vivia com meu irmão gêmeo, sob as asas de minha mãe, e os afazeres deles não tocavam os nossos. Ouvi dizer que passou mais de um ano sem que uma única alma viva daquele povo se aproximasse da nossa plantação, nem para perturbar, nem para ajudar. Se meu pai tivesse algum negócio a tratar em suas aldeias em nome de meu avô, seguia sozinho para algum *otan* e eu não ficava sabendo de nada a respeito.

Foi um pouco mais tarde — não tenho certeza da data —, depois que o povoado de Great Harbor construiu seu templo quaker, que um pobre índio desprezado passou a perambular por aí aos domingos. De ascendência perversa e semblante nada promissor, ele era um pária entre seu próprio povo, considerado inapto para se tornar um guerreiro, e não tinha sequer o direito comum de caçar com seu *sonquem* ou de participar das reuniões nas quais o *sonquem* entregava generosamente alimentos e produtos a seu povo.

Eu sabia que meu pai pregava para esse homem, e não dava muito importância ao fato. Parecia apenas um ato normal de caridade cristã, como fomos instruídos: “Todas as vezes que fizeste isso a um dos menores dos meus irmãos...” Mas foi com esse metal nada promissor que meu pai começou a forjar sua Cruz. Minha mãe ficou bastante chocada, num domingo, quando papai apresentou esse homem, que se chamava Iacoomis, como convidado à nossa mesa. E calhou de o corpo pouco atraente daquele homem abrigar uma mente ágil. Ele aprendeu a ler avidamente e, em troca, começou a ensinar a meu pai a língua wampanaontoaonk, para auxiliá-lo em sua missão. Enquanto meu pai se esforçava para aprender a nova língua, eu também a aprendi, como uma menina faria, confinada ao círculo familiar e ao quintal enquanto os negócios dos adultos me circundavam. Acho que aprendi aquela língua simultaneamente ao inglês; na época, eu tinha a mente maleável e pronta para receber novas palavras. Frequentemente, enquanto papai e Iacoomis ficavam sentados, repetindo uma frase muitas e muitas vezes, ela já estava na minha boca muito antes que meu pai conseguisse dominá-la. Conforme aprendia, papai, por sua vez, empenhava-se em ensinar algumas palavras úteis ao funcionário do meu avô, Peter Folger, que era sábio o bastante para perceber a importância daquilo para os negócios e transações. Durante uma época, quando

ainda éramos muito pequenos, Zuriel e eu brincávamos, escondidos, de aprender aquela língua, e falávamos entre nós como uma linguagem secreta em wampanaontoaonk. Mas quando Zuriel cresceu, começou a passar menos tempo em casa, perambulando daqui para lá como os meninos têm permissão de fazer. Assim, ele foi esquecendo as palavras, eu continuei a aprendê-las, e a brincadeira acabou definhando. Eu muitas vezes me perguntei se o que aconteceu depois teve suas raízes neste fato: de que a língua indígena estava tão entrelaçada, no meu coração, àquelas primeiras memórias de meu irmão, que depois, ao encontrar um outro da mesma idade que também a falava, aqueles afetos tenros e dormentes despertaram em meu interior. Quando conheci Caleb, eu já carregava comigo um grande conjunto de palavras e frases corriqueiras. Desde então, passei a falar essa língua nos meus sonhos.

Lembro uma vez em que, quando pequena, falei “os selvagens” diante de papai, e ele me reprovou:

— Não os chame de selvagens. Use o nome que eles mesmos usam, wampanoags. Significa “povo do leste”.

Pobre papai. Ele tinha tanto orgulho de seu esforço com aquelas palavras difíceis; palavras tão compridas que deviam ter criado raízes e crescido desde a queda da torre de Babel. Mas ainda assim, papai jamais dominou a pronúncia, que é a maior das maravilhas dessa língua. Também não compreendeu a maneira pela qual as palavras eram construídas, som por som, criando significados particulares. “Povo do leste”, de fato. Como se eles falassem do leste ou do oeste como nós. Nada é tão simples e ordinário nessa língua. *Wop*, palavra ligada ao termo que eles usam para o branco, traz um sentido da primeira luz leitosa que aviva o horizonte antes de o sol nascer. O som final está ligado aos seres vivos. Assim, o nome que eles usam para se referir a si mesmos, traduzido corretamente à nossa língua, significa “povo da primeira luz”.

Como eu nasci aqui, também passei a me sentir como uma pessoa da primeira luz, empoleirada na margem mais extrema do novo mundo, primeira testemunha de cada madrugada nos giros do globo. Para mim, não é estranho que possamos, num único dia, observar um sol nascer no mar e depois se pôr de volta nele, ainda que os recém-chegados logo comentem o quanto isso é incomum. No pôr do sol, se eu estiver perto da água — e é difícil escaparmos dela por aqui —, paro para ver aquele disco esplêndido incinerar a salmoura e então mergulhar em seu próprio banho de chamas. Quando o lusco-fusco se aprofunda, penso naqueles que ficaram para trás na Inglaterra. Dizem que o amanhecer se aproxima lá enquanto a nossa escuridão ainda está crescendo. Penso neles, despertando para mais uma alvorada de opressão sob o jugo do rei réprobo. Durante o culto, papai nos leu um

poema de um de nossos irmãos reformados de lá:

*Caminhamos calados, ano após ano,
Esperando passar ao solo americano.*

Eu costumava lhes oferecer uma prece, para que Deus apressasse sua partida para cá e para que suas manhãs não lhes trouxessem medo, e sim uma paz como a que conhecemos aqui, sob a mão leve do governo de meu avô e o ministério amável de meu pai.

Agora que penso no assunto, faz tempo que não rezo por isso. Já não me sinto em paz aqui.

O relato da minha queda deve começar três anos atrás, naquele verão magro dos meus doze anos. Como fazem os recém-chegados numa terra estrangeira, nós nos aferramos por tempo demais aos velhos hábitos e modos de vida. A nossa cevada não parecia crescer bem aqui, mas as famílias continuavam a plantá-la, só porque sempre o haviam feito. Com grande dificuldade, tínhamos trazido cordeiros do continente um ano antes, sobretudo para criá-los e usar sua lã, pois estava claro que teríamos de fazer as nossas próprias roupas, e o linho não dava conta dos invernos rigorosos deste lugar. Mas o desejo de comermos um cordeiro durante a páscoa foi forte, por isso juntamos os machos e as fêmeas cedo demais. E então nos vimos presos num inverno obstinado que não cedia passagem aos dias mais cálidos, não importando o que o calendário dissesse a respeito. Embora todos tentássemos aquecer os cordeiros recém-nascidos junto à lareira, os ventos amargos que uivavam pelos pastos salgados e as geadas ríspidas que devoravam os rebentos nas plantações levaram mais do que podíamos perder. Toda a terra era coletiva na época, e não tínhamos construído celeiros nem currais que prestassem. Com poucas reservas de carne salgada depois de um inverno tão longo, e sem nenhuma promessa de conseguirmos carne fresca, a pesca e a coleta diária se tornaram nosso sustento.

Depois do banquete, a carestia. E então, catar mariscos noite e dia. Assim dizia a poesia burlesca daquele ano. Como todos detestávamos coletar mariscos, Makepeace conseguiu fazer com que eu ficasse responsável pela tarefa. Meu irmão era sempre muito rápido em afirmar seus direitos, ele que era ao mesmo tempo o primogênito e, desde a morte de Zuriel, o único filho homem. Quando isso não bastava para assegurar sua liberdade de qualquer função da qual preferisse se esquivar, Makepeace apelava para as fortes exigências de seus estudos, com os quais, em suas palavras, “minha irmã não se vê sobrecarregada”. Essa última parte me embrulhava o estômago, pois eu cobiçava a instrução que Makepeace considerava tão incômoda, e ele sabia bem disso.

Papai me permitia levar a égua, pois as melhores áreas para coletar mariscos

ficavam mais longe, a oeste. Era para eu procurar minha tia Hannah e seguir em sua companhia. A regra era que ninguém deveria caminhar ou cavalgar a sós por mais de um quilômetro desde as margens do povoado. Mas minha tia estava preocupada e confusa, cheia de coisas por fazer, e ficou muito satisfeita, num dia ameno, quando um ar mais leve roçou meu rosto e eu me ofereci para recolher mariscos por ela. Essa foi a primeira vez que rompi o mandamento da obediência, pois não me preocupei em encontrar outra companhia, como ela me ordenou, e cavalguei por um novo caminho, sozinha. Não é fácil estarmos sempre sendo observados e julgados, como fazem comigo por ser a filha do pastor. Quando já tinha perdido a aldeia de vista, recolhi a minha saia e galopei, o mais rápido que Pintada consentiu em me carregar, só para me ver livre, distante, fora dali.

Aprendi a amar os prados claros e amplos, os bosques emaranhados e as largas superfícies de água cercada de dunas onde eu tinha a liberdade de estar em minha própria companhia. Eu procurava escapar para lugares assim todos os dias, exceto no domingo (que observávamos rigidamente, absortos em oração; meu pai aderiu à letra do mandamento — um dia a ser guardado, não apenas uma ou duas horas durante o culto para então tocar a vida).

Sempre que podia, escondia na minha cesta um dos livros de latim de Makepeace, às vezes o de morfologia, que ele já deveria saber de cor havia muito, às vezes o nomenclador, ou então o *Sententiae Pueriles*. Se eu não conseguisse pegar nenhum desses sem ser notada, levava um dos textos de papai, na esperança de que meu entendimento fosse suficiente para acompanhá-lo. A não ser pela Bíblia e pelo Livro dos Mártires, de John Foxe, papai dizia ser indesejável que uma moça passasse muito tempo lendo livros. Quando meu irmão Zuriel estava vivo, papai nos ensinara a ler. Aquelas horas eram um deleite para mim, mas tiveram um fim abrupto, no mesmo dia do acidente de Zuriel. Tínhamos passado algumas horas lendo os livros, e papai, satisfeito com nosso progresso, ofereceu nos levar para dar uma volta na carroça que usávamos para carregar o feno. Era uma noite límpida, e Zuriel estava de bom humor, apanhando feno dos fardos e enfiando-o pela minha gola para me pinicar. Eu me contorcía e ria contente. Virando-me para trás para tentar tirar um graveto pontiagudo das minhas costas, não vi Zuriel, que estava de pé no fardo, perder o equilíbrio, e por isso não pude gritar a papai, que estava de costas para nós, conduzindo a carroça. Antes de nos darmos conta, Zuriel tinha caído, e a roda de trás, feita de ferro, passou-lhe por cima da perna, ferindo-a até o osso. Papai fez tudo o que pôde para estancar o sangramento, o tempo todo gritando preces a Deus. Segurei a cabeça de Zuriel em minhas mãos, olhei para seu rosto amado e pedi que ficasse comigo, mas em vão. Vi a luz escoar de seus olhos junto de seu sangue vital.

Isso foi na época da colheita. Ao longo do outono e do inverno, não fizemos mais que lamentar a perda de Zuriel. Cumpríamos as tarefas necessárias e então nos sentávamos para rezar, ainda que, por muitas vezes, minha mente estivesse tão enturvada pelo sofrimento e pela memória que eu mal conseguia orar. Foi só no final da primavera que consegui voltar meus pensamentos mais uma vez às minhas lições, e finalmente perguntei a papai quando voltaríamos a elas. Ele respondeu que não tinha a intenção de me dar mais instrução, pois eu já havia absorvido o meu catecismo de cor.

Mas ele não tinha como impedir que eu ouvisse as lições que dava a Makepeace. Assim, escutei e aprendi. Com o tempo, enquanto meu pai pensava que eu estava alimentando o fogo na cozinha ou trabalhando no tear, fui construindo as pequenas bases do meu conhecimento: um pouco de latim aqui, um pouco de hebraico ali, um pouco de lógica e um pouco de retórica. Não era difícil aprender essas matérias, pois embora Makepeace fosse dois anos mais velho que eu, era um aluno mediano. Naquela época, já com mais de catorze anos, ele poderia muito bem ter começado a frequentar a faculdade em Cambridge, mas papai estava determinado a mantê-lo por perto, na esperança de prepará-lo melhor. Acho que a morte de Zuriel aumentou ainda mais essa determinação em papai, e penso que meu irmão mais velho carregava um grande peso, sabendo que todas as esperanças de papai por um filho que o seguisse em sua devoção e em seu aprendizado estavam agora depositadas apenas nele. Houve vezes em que fiquei preocupada com meu irmão. Em Harvard, o tutor certamente não seria tão paciente e atencioso quanto papai. Mas devo admitir que, na maior parte das vezes, a minha inveja vencia a preocupação. Imagino que foi o orgulho que me conduziu ao erro: comecei a me intrometer, dizendo as respostas que meu irmão não soubesse dar.

Na primeira vez, quando soltei uma declinação em latim, papai achou engraçado, e riu. Mas minha mãe, trabalhando no tear enquanto eu fiava, teve um sobressalto e levou a mão à boca. Não fez nenhum comentário naquela vez, mas eu entendi mais tarde. Ela havia percebido o que eu, no meu orgulho, não percebera: que a satisfação de papai era efêmera, como a reação que teríamos se víssemos um gato caminhar sobre as patas traseiras. Poderíamos rir daquela coisa estranha, mas seria uma cena canhestra e não muito bonita de se ver. A brincadeira logo se torna monótona, e depois preocupante, pois um gato que anda sobre as patas de trás não está cumprindo sua função de pegar ratos. Com o tempo, quando o gato parece disposto a executar seu truque, nós o xingamos e o chutamos.

Quanto mais eu demonstrava que havia aprendido o que meu irmão mais velho

não conseguia captar, mais irritado meu pai ficava. Assim foi durante vários meses, mas não percebi a lição que ele queria me dar. Depois, papai passou a me dar tarefas a cumprir fora de casa sempre que pretendia instruir Makepeace. Na segunda ou terceira vez, quando percebi que assim seriam as coisas dali por diante, olhei-o de um jeito que deve ter revelado mais do que eu pretendia. Mamãe viu a cena e balançou a cabeça, censurando-me. Ainda assim, bati a porta com força ao sair. Isso fez meu pai me seguir até o jardim. Chamou-me para junto dele, e eu fui, já esperando ser castigada. Meu chapéu estava um pouco desalinhado. Ele estendeu uma das mãos e o endireitou, e então correu os dedos pela minha face, carinhoso.

— Bethia, por que você faz tanto esforço para abandonar o lugar que Deus reservou para você? — Ele tinha a voz suave, e não irritada. — O seu caminho não é o mesmo do seu irmão, não pode ser. As mulheres não foram feitas como os homens. Você corre o risco de confundir o seu cérebro ao pensar em questões acadêmicas que não precisam lhe dizer respeito. Eu me preocupo apenas com a sua saúde atual e com a sua felicidade futura. Não é decente, para uma esposa, saber mais que seu marido...

— Esposa? — Fiquei tão surpresa que o interrompi sem nem mesmo ter a intenção de falar. Eu mal tinha feito doze anos.

— Sim, esposa. Ainda é cedo para falarmos disso, mas é o que você se tornará, e em breve. Filha, você, com sua digna modéstia, não tem como saber, mas aqueles que têm olhos veem em você a promessa de uma graciosa feminilidade. Já se tem falado nisso.

Acho que fiquei vermelha como uma maçã; minha pele ardia tão forte que até as pontas dos meus cabelos pareciam estar em chamas.

— Não se preocupe. Não foi feito nenhum comentário impróprio, e eu respondi o que era necessário, que ainda faltam alguns anos para pensarmos nessas coisas. Mas é seu destino se casar com um bom homem desta nossa pequena sociedade, e eu não estaria lhe fazendo nenhum favor se a enviasse a um marido dotada de uma mente afiada, pronta para encontrar defeitos em cada um de seus argumentos ou disposta a superá-lo em cada detalhe. O marido deve governar a casa, Bethia, como manda Deus a seus fiéis. Se ainda vivêssemos na Inglaterra, ou até mesmo no continente, você teria muitos homens educados entre os quais escolher. Mas nesta ilha as coisas não são assim. Você sabe ler bem, eu sei, até escreve um pouco, assim como sua mãe, o bastante para anotar o que for preciso para o bem do lar. Mas isso é suficiente, e já a diferencia da maioria das outras do seu sexo. Cuide das prendas domésticas, ou aprenda a usar as ervas, se precisar se instruir em algo. Melhore o seu intelecto de forma útil e honrada, nas questões que

concernem a uma mulher.

Senti lágrimas me brotarem nos olhos. Baixei-os para que papai não percebesse, e remexi a terra com a ponta do meu tamanco. Ele descansou a mão na minha cabeça inclinada. Falou com a voz muito delicada:

— É algo tão terrível, contemplar uma vida útil como a que sua mãe leva? Não a menospreze, Bethia. Não é pouca coisa ser uma esposa amada, manter um lar devoto, criar seus próprios filhos...

— Filhos? — Ergui os olhos para papai, e a palavra entalou na minha garganta. Filhos como Zuriel: um garoto inteligente, radiante, podado ainda na infância. Ou como o bebê que também teria recebido esse nome, se tivesse vivido neste mundo por mais de uma hora. Ou filhos como Makepeace, lentos de intelecto, econômicos em seus afetos.

Meu irmão tinha saído da casa. Ficou parado atrás de papai, com a cara fechada e os braços cruzados diante do peito. Apesar do semblante franzido, percebi que ele sentia um enorme prazer em ver papai me diminuindo.

Papai, por sua vez, pareceu subitamente cansado.

— Exato. Filhos. E filhas também, pois você sabe muito bem o que eu quis dizer. Alegre-se, eu lhe imploro. E se precisar ler alguma coisa, leia a sua Bíblia. Recomendo, sobretudo, Provérbios 31, versículos 10 a 31...

— Você está falando de *Eshet chayil*, a mulher virtuosa? — Eu havia aprendido esse trecho, pois papai o recitava a mamãe, para quem a passagem podia muito bem ter sido escrita, pois ela era verdadeiramente uma mulher de valor, cujos longos dias eram consumidos justamente pelas tarefas pouco louváveis descritas naquelas linhas. Papai a olhava nos olhos e recitava o hebraico, e suas consoantes ásperas me traziam à mente a força de um sol quente batendo nas secas muralhas de pedra da cidade de Davi. Ele então repetia as palavras em inglês.

Dois pecados, o orgulho e a raiva, tomaram conta de mim naquele momento; não consegui me conter e falei, petulante:

— Quer que eu diga em hebraico? *Eshet chayil mi yimtza v'rachok*...

Papai esbugalhou os olhos enquanto eu falava, e contraiu os lábios. Mas Makepeace explodiu, gritando com raiva:

— Já basta! O orgulho é um pecado, irmã. Esteja atenta a ele. Lembre-se que uma ave também consegue imitar os sons. Você sabe recitar; e daí? Pois, ao mesmo tempo, revela que não aprendeu nada sobre as lições contidas no texto que está papagaiando. O seu ruído abafa a voz de Deus. Aquiete a sua mente. Abra o seu coração. Faça isso. Logo irá enxergar o seu erro.

Ele deu meia-volta e entrou de novo em casa. Papai o seguiu. Estiveram os dois irritados naquele dia, mas não tanto quanto eu. Fiquei tão mordida por dentro que

quebrei a manivela da desnatadeira por socá-la com tanta força. Ainda tenho a cicatriz na palma da minha mão, no local em que a farpa de madeira rasgou a minha carne. Mamãe me enfaixou e aplicou um unguento. Quando fitei seus olhos dóceis e cansados, senti vergonha. Eu não iria, de maneira nenhuma, deixar que ela pensasse que eu a menosprezava, em pensamentos ou palavras. Como se pudesse ler minha mente, mamãe sorriu para mim e levou minha mão enfaixada aos seus lábios.

— Deus tem uma razão para tudo o que faz, Bethia. Se lhe deu uma mente ágil, pode estar certa, ele quer que você a use. O que deve fazer é discernir como usá-la para sua glória.

Ela nem precisou acrescentar as palavras: “e não apenas para a sua própria”. Ouvi-as em meu coração.

Tomei as palavras de minha mãe como licença suficiente para continuar meus estudos em segredo. Se eu tivesse de fazê-lo sozinha e sem ajuda, que assim fosse. Mas eu iria estudar, até que meus olhos doessem de tanto esforço. Não havia outra opção.

Com isso, não quero dizer que todas as minhas horas livres fossem dedicadas aos livros. Também aprendi de outras maneiras. Pensei no que papai havia dito em relação às ervas e comecei a fazer perguntas a Goody Branch e a outras que entendiam dessas questões. Havia muitíssimo a aprender, não só sobre as tradições centenárias das conhecidas ervas inglesas, mas também sobre os usos recém-descobertos das raízes e folhas desconhecidas deste novo país. Goody Branch ficou contente em me ter ao seu lado enquanto coletava plantas e fazia suas decocções. Também me contou tudo o que aprendera sobre como uma criança é moldada e cresce no interior do útero. Disse que toda mulher precisava entender das questões ligadas ao seu próprio corpo. Em algum momento, iria me levar para visitar uma dona de casa que estava esperando um bebê. Se a mulher não se importasse, Goody iria apoiar as minhas mãos na barriga inchada e me mostrar como sentir a criaturinha que crescia ali. Ensinou-me a reconhecer, pelo tamanho, o número exato de semanas desde que a criança fora concebida e a saber quando ela deveria ser chamada para fazer o parto. Ganhei prática naquilo, adivinhando vários partos com precisão de semanas. Quando eu fosse mais velha, disse Goody, poderia estar presente durante o parto e ajudá-la.

Nos dias em que os barcos de pesca saíam para o mar, eu implorava por um lugar a bordo, para conhecer melhor os pontos mais distantes da ilha, onde até o clima podia ser diferente do de Great Harbor, embora fosse pequena a distância que nos separava. As plantas também eram variadas, e caso atracássemos, eu recolhia as que encontrasse e as estudava. Goody Branch dissera que devemos

orar a Deus para que nos deixe ler sua assinatura, escrita de forma simples para os pios, em marcas reveladoras, como as folhas em forma de fígado da hepática, que podem nos dar uma indicação das moléstias que cada planta é capaz de curar.

E havia dias em que eu não procurava Goody Branch nem mais ninguém, apenas perambulava, usando a ilha como meu texto, vagando para compilar as lições que cada planta ou pedra teria para me ensinar. Era nesses dias que eu mais sentia saudades de Zuriel. Queria tê-lo a meu lado, compartilhar as minhas descobertas, desvendar as respostas para as perguntas que o mundo me apresentava.

Num dia claro, quando o tempo estava mais quente e firme, cavalguei com Pintada até a costa sul. A paisagem é incrível ali, onde as areias brancas e amplas seguem ininterruptas por muitas léguas. Olhei para a água ondulante, lisa como vidro, estendendo-se até os limites do meu mundo conhecido. Desmontei, desatei as botas, tirei a meia-calça e deixei a espuma do mar correr entre dedos de meus pés. Conduzi a égua pela linha da arrebentação, estudando as conchas brancas, com forma de asas de anjos, e uns ossos desbotados, leves como o ar, que julguei serem de uma ave marinha. Recolhi vieiras de várias cores e tamanhos — vermelhos e amarelos cálidos; cinzas frios e pontilhados — e refleti sobre a diversidade da criação divina, a razão e o motivo pelos quais ele criara tantas variedades de uma mesma coisa. Se fizera as vieiras apenas para nos alimentar, por que pintar cada concha com cores tão delicadas e particulares? E por que, realmente, se preocupar em fazer tantas coisas diferentes para nos nutrir, quando vemos na Bíblia que um simples maná alimentou os hebreus dia após dia? Fui tomada pela ideia de que Deus deve desejar que usemos cada um de nossos sentidos, que nos deleitemos com os variados sabores, imagens e texturas deste mundo. Ainda assim, isso pareceu ir de encontro a muitas das nossas pregações sobre o suntuário e o carnal. Intrigada com isso, acabei por caminhar uma longa distância, de cabeça baixa, alheia a tudo além de meus pensamentos. Ergui então os olhos e os vi, à distância; um grupo deles, pintados estranhamente, como me contaram que faziam ao partir para a guerra, correndo impetuosos pela praia na minha direção. Agarrei as rédeas de Pintada e a puxei com muita pressa para as dunas altas e ondulantes onde poderíamos nos esconder. Amaldiçoei a minha tolice, de estar ali sozinha, longe de qualquer auxílio, e a minha égua, cansada de galopar, enfraquecida. Eu tinha atado as botas em volta do pescoço, mas a minha meia-calça, que eu mesma tricotara, escapou-me das mãos enquanto eu me esforçava para puxar o cavalo, e vi várias horas de esforço e vários novelos de um fio bom e escasso se perderem no mar.

Ocultada pela duna, ouvi as vozes do grupo chegarem até mim. Estavam rindo e

chamando uns aos outros. Eram sons de alegria, não de guerra. Cuidando para que Pintada continuasse bem-escondida, deitei-me de bruços e rastejei até um espaço entre as dunas, de onde poderia observá-los. Vi então o que meu medo inicial me impedira de perceber: estavam desarmados, não carregavam arco nem clava. Ergui a mão e cobri os olhos, ofuscada, e consegui distinguir uma pequena esfera de peles atadas que eles estavam chutando bem alto para o ar, e percebi então que estavam disputando algum tipo de jogo. Tive que desviar os olhos, pois estavam vestidos com as roupas de Adão, exceto pelo fato de que sua folha de figueira era um pedaço de pele de animal atado à cintura com um cinto. Ainda assim, tampouco pude deixar de vê-los. Tinham mais ou menos a idade de Makepeace, talvez um pouco mais velhos, mas suas figuras não se pareciam nem um pouco com a de meu irmão — eram homens de um tipo totalmente distinto. Makepeace, que cultivava a terra o mínimo que pode e não consegue evitar devorar o pão doce sempre que não há ninguém olhando, tem uma complexão leitosa, frágil nos ombros, macia no meio, com os dentes num estado lastimável.

Esses jovens eram todos muito altos, delgados e musculosos, de cintura fina e peito largo, e o cabelo preto e longo esvoaçava e lhes chicoteava as costas. A substância colorida que tinham usado para decorar os corpos devia ser gordurosa, pois brilhava e reluzia à luz do sol, revelando os longos tendões de suas coxas quando corriam.

Por sorte, estavam tão compenetrados no jogo que não me viram. Conduzi Pintada por alguma distância até ter certeza de que a altura da duna me esconderia quando eu voltasse a montá-la. Toquei-a num galope leve com os calcanhares descalços. Afastamo-nos da praia, contornando a margem de uma das lagoas de água salgada que penetram na terra desde o mar. Eu precisava cumprir a tarefa para a qual fora mandada, recolher bastantes mariscos para o ensopado, então, depois de me afastar o suficiente da praia, atei Pintada a uma grande tora trazida pela maré, desatei o ancinho da cela, puxei minha saia bem alto e perambulei pela água salobra. Logo vi que aquele lugar era pobre: meu ancinho recolhia poucas conchas que valessem a pena depositar no cesto. Eu estava prestes a desistir e buscar um outro lugar quando me senti observada. Endireitei o corpo e me virei, e o vi pela primeira vez — o garoto que hoje chamamos de Caleb.

Ele estava de pé sobre um emaranhado de algas, com um arco preso ao ombro e algum tipo de ave marinha morta na sacola que trazia às costas. Alguma coisa — talvez a expressão em meu rosto, talvez o jeito frenético com que ajeitei a saia, que se desenroscou sobre a água para preservar minha modéstia ao custo de ficar inteiramente ensopada — pareceu diverti-lo, pois ele sorriu. Ele era, calculei, e depois ficou provado, um jovem da minha idade, uns dois ou três anos mais novo

que os guerreiros que brincavam na praia. Ao contrário deles, estava vestido para caçar, usando uma espécie de tanga de couro de cervo atada com um cinto feito de pele de cobra. Ao cinto estavam amarradas ainda duas perneiras, feitas também de pele. Em volta dos braços tinha cordões com contas, bem-trabalhados em violeta e branco. Todo o resto estava aberto e nu, a não ser por três penas lustrosas presas num tipo de coque no cabelo grosso e negro, que era muito comprido, as mechas da frente puxadas bem forte para trás, atadas como a crina de um cavalo, revelando o rosto bronzeado. Ele sorriu despreocupado, com os dentes muito fortes e brancos, e algo em sua expressão me impossibilitava de temê-lo. Ainda assim, achei que seria prudente buscar minha égua e sair dali, pois o lugar parecia estar repleto de selvagens de um tipo ou de outro. Quem saberia dizer que espécie de pessoa esquisita surgiria a seguir?

Recolhi a minha saia ensopada e me dirigi para a margem. Infelizmente, na minha pressa, enrosquei o pé num emaranhado de algas, tropecei e caí na água, derrubando os poucos mariscos que havia recolhido e molhando as mangas e o corselete, para combinarem com a minha saia empapada. Ele veio até mim em poucos passos largos e agarrou meu antebraço com firmeza, puxando-me para fora d'água com sua mão escura.

Falando na língua dele, pedi que me soltasse. Ele retirou a mão do meu braço. Segui meu caminho, pingando, até a margem. O rapaz ficou onde estava, imóvel de surpresa. Então foi minha vez de me esforçar para conter um sorriso. Acho que não teria ficado mais surpreso se meu cavalo tivesse falado com ele.

Ele me seguiu até a margem e começou a falar numa profusão de sílabas, e não consegui distinguir mais que uma ou duas palavras em meio àquilo tudo. Meu pai me contara que eles adoravam qualquer pessoa que conseguisse se expressar em sua língua, e aquele garoto não parava de exclamar, para meu desconforto, “*Manitoo!*”, que é a palavra deles para um deus, ou algo como um deus, milagroso. Devagar, com minhas palavras simples, tentei deixar claro que não havia nada de extraordinário no fato de que eu soubesse falar um pouco de sua língua. Conte-lhe quem eu era, pois àquela altura todos os wampanoags já tinham ouvido falar dos índios que rezavam e de seu pastor, meu pai. Expliquei que eu aprendera um pouco daquela língua ouvindo as lições que meu pai tinha com Iacoomis.

O menino franziu o rosto ao saber disso, como se tivesse chupado um limão. Soltou, num silvo, a palavra que eles usam para o produto dos intestinos, para coisas desprezíveis ou fedorentas, e me fez corar ouvi-lo dizer tal coisa de um homem prestativo e tão querido por meu pai.

Ele baixou então os olhos, olhando para o meu cesto de mariscos vazio.

— *Poquauhock?* — perguntou. Fiz que sim. Ele fechou os dedos sobre a palma da

mão virada para cima, chamando-me com um gesto, e deu meia-volta, regressando à vegetação litorânea da qual tinha surgido.

Eu tinha duas opções, segui-lo ou não. Queria poder dizer que a decisão foi mais difícil. Esforçando-me para acompanhar seu passo ágil, disse a mim mesma que seria ótimo conhecer o melhor lugar para recolher mariscos, pois assim eu poderia concluir a tarefa com mais rapidez no futuro e teria mais tempo para meus próprios interesses.

Essa foi a primeira de muitas vezes que segui aquela cabeça enfeitada de penas por entre as algas e as dunas de areia, para os poços de argila e as lagoas salobras. Ele me mostrou o lugar onde os morangos silvestres adocicavam e engordavam sob o sol, alguns deles com mais de cinco centímetros de diâmetro, e tão numerosos que eu poderia recolher um alqueire numa manhã. Ensinou-me o lugar onde os arbustos de mirtilo ficam pontilhados de frutas no verão, e os brejos onde as amoreiras dão joias cor de carmim no outono.

Ele caminhava pelos bosques como um jovem Adão, dando nomes à criação. Aprendi a moldar a minha boca para dizer as palavras — *sasumuneash* para oxicoco, *tunockuquas* para sapo. Muitas das coisas que cresciam e viviam na ilha eram estranhas a nós, pois não existiam na Inglaterra. Nós lhes dávamos nomes que faziam referência a coisas que não pertenciam a este lugar — *cat briar* para as trepadeiras cujos espinhos eram estreitos como garras de gato; *lambskill* para os loureiros baixos, venenosos, que matavam os cordeiros que havíamos trazido com tanta dificuldade. Mas não havia gatos nem ovelhas ali, até que os trouxéssemos. Assim, quando ele dizia o nome de uma planta ou de um animal, eu sentia estar ouvindo o verdadeiro nome daquela criatura pela primeira vez.

Toda vez que nos encontrávamos, fazíamos uma grande cena, como se tivéssemos nos deparado um com o outro por coincidência, e fingíamos admiração pelo fato de nossos caminhos terem se cruzado. Ainda assim, ele sempre fazia questão de me avisar, como quem não queria nada, onde pretendia pescar ou caçar nessa ou naquela fase da lua, a essa ou àquela altura do sol. E eu sempre me contava alguma mentira para explicar por que a minha perambulação daquele dia me levava justamente naquela direção e naquela hora. Uma vez que eu chegava à região aproximada, o rapaz não tinha nenhuma dificuldade em seguir o meu rastro: ele me contou, mais tarde, que eu deixava uma trilha mais visível que o estouro de uma manada de cervos.

Eu justificava as horas que passava ao lado dele com os cestos de iguarias que trazia para casa. Afinal, não era meu dever ajudar com o sustento da família? Vendo as jarras de conservas que enchiam a prateleira, os ramos de oxicoco que entrecortavam as vigas e as fileiras de mariscos defumados que nos protegiam de

um inverno esfomeado, sentia-me satisfeita enganando a mim mesma.

Agora a verdade, registrada aqui, diante de Deus: eu adorava as horas que passava com ele. Em muito pouco tempo, aquele rapaz conseguira preencher o espaço vazio que Zuriel deixara em meu coração. Eu nunca tivera um amigo assim antes. Quando criança, não precisava de amigo nenhum, pois Zuriel estava sempre ao meu lado e era toda a companhia que eu podia querer. Quando ele morreu, vi-me desprovida do talento necessário para fazer amigos. De qualquer forma, a única garota com idade para ter sido minha amiga era da família Alden, a única família do povoado com a qual nós, os Mayfield, nos desentendíamos. E formar qualquer espécie de associação com os poucos meninos ingleses da minha idade teria sido uma afronta impensável à modéstia. Mas aquele rapaz era algo completamente distinto. Logo passei a vê-lo como um irmão, mais até que Makepeace, cuja preocupação para que eu tivesse uma boa criação o tornava severo. Eu aprendera a não esperar nada de Makepeace além de palavras de correção ou comando. Nenhuma brincadeira ou provocação, nenhuma abertura mútua e genuína de nossos corações.

A princípio, segui aquele garoto selvagem sedenta pelo conhecimento que ele tinha sobre a ilha — sua compreensão profunda de tudo o que florescia, nadava ou voava. Pouco depois surgiu uma curiosidade sobre sua alma indomada, e essa foi outra razão para que eu o procurasse. Mas, com o tempo, o que me atraiu para junto dele foi seu temperamento leve e risada fácil, e cheguei a esquecer que ele era um selvagem seminu que cheirava a sassafrás e se untava com sebo de guaxinim. Ele era, simplesmente, meu melhor amigo.

Ainda assim, não disse isso a ninguém, nem a mim mesma. Eu sabia que estava enganando aos outros, mas a dimensão de meu autoengano só ficou clara para mim muito mais tarde. Eu tomava muito cuidado para que ninguém jamais nos visse juntos, desistindo de encontrá-lo se pensasse haver a mais remota possibilidade de que alguém viesse em nossa direção. Não levei para casa os cortes de carne de cervo que ele me ofereceu quando matou um animal e preparou a carne, pois não saberia explicar onde conseguira aquilo. Mas comi um lombo assado com ele, e estava delicioso. Num outro dia, ele me levou a umas dunas repletas de ameixas maduras e, enquanto eu as colhia, perambulou por aí, com a lança na mão, para inspecionar suas armadilhas de peixes, voltando com uma bela perca que se agitava em suas mãos. Ouvi-o agradecer ao peixe por sua vida ao dar cabo dele com um golpe rápido. Eu nunca havia pensado em fazer algo assim e, naquele dia, lembro que me pareceu disparatado. O menino disse que iríamos comê-lo, e eu respondi que não era hora do almoço. Ele riu ao ouvir minhas palavras e disse ter ouvido falar de que os ingleses precisavam de um sino que

lhes indicasse quando estavam com fome. Apesar dessa zombaria, percebi que eu estava, de fato, faminta. Assim, recolhemos alguns gravetos e uns poucos galhos maiores; ele usou uma pedra para acender o fogo. Espetamos a carne em gravetos e a tostamos, pedaço por pedaço. A carne era suculenta, e comi até estar saciada. Mais tarde, à mesa, mamãe me elogiou por minha continência, e papai comentou:

— Filho, você faria bem em seguir o exemplo de sua irmã.

Makepeace gostava muito da comida e lutava contra o pecado da gula. Corei, sentindo-me culpada pela minha barriga cheia, e mamãe sorriu para mim com os olhos, pensando que a minha pele rosada revelava uma modéstia como a dela; uma qualidade delicada que eu, na verdade, não possuía.

Dia após dia, meus conhecimentos sobre a ilha aumentavam à medida que explorávamos os lugares mais incríveis do lugar, um após o outro. Para ele, era como se todas as plantas tivessem algum uso, como comida ou como medicamento, como tintura ou como material para a costura. Ele arrancava o fruto do sumagre e o mergulhava em água, fazendo uma bebida refrescante, ou subia em árvores para colher castanhas suculentas, brancas e cremosas. Não parava de mastigar uma ou outra folha verde e fresca de plantas que eu pensava serem ervas daninhas, mas que, quando ele as punha em minhas mãos, se mostravam inteiramente palatáveis.

Conforme eu passava a conhecer novos lugares e plantas, também conhecia o meu guia, embora isso tenha acontecido mais lentamente. Passaram-se várias semanas até que ele me dissesse seu nome, o que era considerado algo muito íntimo entre seu povo. E quando finalmente o confidenciou, entendi o porquê de agirem dessa forma. Pois com seu nome, veio uma ideia de quem ele realmente era. E com esse conhecimento veio o veneno da tentação que iria inflamar o meu sangue.

Aquele verão, talvez por causa do inverno magro que o precedera, trouxe o primeiro roubo de uma baleia encalhada. Tínhamos o costume de recolher aquelas que fossem trazidas pela correnteza para nosso porto, ou as que se aproximassem da costa e que nossos homens conseguissem conduzir até a praia. Geralmente havia duas ou três dessas por temporada. Todas as famílias eram chamadas, os homens faziam as investidas das chalupas e o abate na praia, as mulheres traziam caldeirões para derreter a banha e recolher o óleo. Eu não gostava daquele trabalho, e não só pelo ar negro e gorduroso. Uma coisa é cortar a carne de um cervo morto com uma flechada ou um tiro de mosquete, ou torcer o pescoço de uma galinha, como já fiz muitas vezes, dando à ave uma morte súbita e inesperada. Mas a baleia geralmente estava viva quando eles começavam a cortar sua carne, e o olho, tão humano, se movia de uma pessoa à outra como se procurasse alguma piedade. Eu queria dizer à criatura que a piedade custava muito caro quando o óleo de um Leviatã dava oitenta barris e mantinha o povoado iluminado durante um longo inverno escuro sem a dificuldade de carregar lenha e sem o fedor rançoso do óleo de fígado de bacalhau.

Normalmente, entendia-se que as baleias arrastadas para as outras praias pertenciam aos wampanoags, que acreditavam que um espírito benevolente as levava para a costa para o benefício deles. Os wampanoags utilizavam todas as partes da criatura, ainda melhor do que nós, achavam que a carne era uma iguaria excepcional e um motivo de festa, e tinham costumes estritos para sua distribuição justa. Mas nosso vizinho Nortown, pescando em sua chalupa, vira uma baleia que provavelmente encalharia nos penhascos coloridos que chamamos de Gay Head. Nortown disse ter ficado sabendo que os wampanoags daquelas terras estavam longe, na ilha de Nomin, com seu *sonquem* Tecquanomin e seu *pawaaw*, envolvidos em ritos e danças pagãs que duravam dias. Nesse caso, argumentou, eles nem ficariam sabendo se nós a pegássemos. Nortown foi de casa em casa, animando as famílias para que o acompanhassem no empreendimento, e tivera algum êxito até chegar a nós. Papai não estava em casa — fora alguns dias

antes com Peter Folger à nossa ilha irmã, Nantucket, para tratar de negócios em nome do meu avô —, e mamãe estava com tia Hannah, que estava doente, cuidando dela e de seus bebês. Tenho certeza de que, para papai, o plano de Nortown teria parecido desaconselhável. Mas Makepeace não viu nenhum problema, e prontamente concordou em seguir com os outros homens.

— Bethia, você deve vir também, para ajudar com as panelas e preparar a minha comida — disse ele.

Durante toda a vida eu recebera sermões, ouvindo que não deveria discutir com meu irmão, mas enquanto recolhia apressadamente tudo de que precisaríamos para passar uma noite ao relento na praia, e mais tarde, enquanto o nosso barco cortava as águas em meio àquela flotilha de ladrões, senti um grande peso, o peso dos que sabem estar envolvidos num ato de cobiça e pilhagem.

Quando chegamos aos penhascos, a baleia já havia de fato encajado por si só. Era enorme, lustrosa, luminosa, uma forma preta empurrada de um lado para o outro pelas ondas, como se ainda tivesse algum vigor e não estivesse totalmente condenada. Havia muitas pedras arredondadas espalhadas pela costa naquele lugar. Quando cada onda recuava, essas pedras se chocavam umas contra as outras num ressoar rítmico. Li que se ouve ruídos assim durante uma execução.

Ancoramos os barcos sob a proteção do penhasco, onde não poderiam ser vistos da ilha de Nomin, e começamos a descarregá-los. Os caldeirões e tripés eram bem pesados, e ajudei a arrastá-los até a praia, mas o peso do meu ânimo pareceu se somar ao dos caldeirões, e meus braços cederam. Ajudei a montá-los, e então rolamos os recipientes que receberiam o óleo e carregamos as conchas de cabo longo que o removeriam da superfície do caldo fervente. Uma vez feito isso, saí para ajudar na busca por toras para alimentar o fogo, que não seria aceso até o cair da noite, para que os índios da ilha de Nomin não discernissem a fumaça. Fiquei feliz por deixar a praia, pois não queria presenciar o corte da baleia. Enquanto me afastava, ouvi as vozes dos homens que gritavam com uma alegria rude ao retalhar a carne viva da baleia. Pensei na perca brilhante nas mãos do meu amigo, a rocha erguida e suas palavras gentis, agradecendo à criatura. Aquilo já não me parecia tão disparatado; de alguma forma, parecia apropriado e decente. A ideia de que aquele jovem selvagem pudesse demonstrar mais refinamento que nós num caso assim apenas piorou o meu humor melancólico.

As dunas deste lado da ilha são muito mais altas que as das áreas mais próximas a Great Harbor, e atrás delas há uma grande extensão de formações esculpidas pelo vento, dispostas em torno de pântanos e lagoas cintilantes onde vive todo tipo de ave aquática. Havia uma trilha wampanoag que atravessava bosques de carvalhos baixos e arbustos. Segui pela trilha até estar bem longe da

praia, para não ouvir as vozes roucas dos homens.

No começo, parei de tempos em tempos para recolher mais um bom pedaço de madeira, mas logo negligenciei a tarefa. O aroma das flores de ameixeira perdurava no ar úmido, e o zunido das abelhas ressoava por toda parte ao meu redor. Senti os membros pesados, o espírito pesado. Minha cabeça começou a doer e pulsar. O próprio ar parecia pesar sobre mim. Não sei ao certo por que distância caminhei, mas de repente me dei conta de um murmúrio mais grave e mais alto. A fragrância de mel das plantas deu lugar ao cheiro mais pungente da fumaça. A trilha fez uma curva súbita, descendo para uma pradaria aberta. Encontrei-me às margens de uma grande depressão que corria até um entalhe largo no penhasco mais branco que eu já vira. Abaixo de mim, havia um grupo de wampanoags dançando num grande círculo, sacudindo cabaças cheias de milho e batendo ritmicamente em pequenos tambores de pele.

Meu primeiro pensamento foi largar a carga de madeira e correr de volta para a praia, para avisar aos outros que os wampanoags não estavam na distante ilha de Nomin, e sim ali perto, em número suficiente para nos ameaçar caso nos pegassem com os braços vermelhos até o cotovelo com o sangue de uma baleia que era deles por direito.

Mas então uma voz se ergueu, forte e violenta, em notas que eu jamais imaginei que uma garganta humana poderia produzir. Aquele som me penetrou até o âmago. Não consegui dar as costas. Na verdade, me senti atraída em direção à origem dos sons. Disse a mim mesma que precisava contar o número exato de wampanoags que havia naquele grupo, e quantos talvez estivessem armados. Abandonei a trilha, que descia até a clareira e teria me deixado em plena evidência, e abri caminho entre o denso matagal que me dava cobertura caso alguém olhasse para cima. Logo eu já estava perto o suficiente para entender umas poucas palavras da canção. O *pawaaw* estava chamando seus deuses, louvando, agradecendo, suplicando. Os tambores batiam em sincronia com o ritmo do meu coração, que parecia se inchar com aquele som. Senti minha alma zunir e vibrar em simpatia com aquelas orações. Havia poder naquilo; poder espiritual. Senti-me tocada de uma forma profunda. Eu procurara esse sentimento, semana após semana, nos cultos do Dia do Senhor — afinal, eu era a filha do pastor. Mas a nossa devoção austera jamais aticara minha alma como a música daqueles selvagens.

“Não terás deuses estranhos diante de mim.” Essa era a instrução que eu recebera por toda a vida. Ainda assim, nesse momento, era para aqueles deuses estranhos que eu queria gritar com o mesmo abandono que o *pawaaw*. O tempo interrompeu sua incansável marcha à frente quando me agachei no matagal,

balançando ao ritmo dos tambores. Finalmente, joguei a cabeça para trás e deixei o fôlego do meu corpo falar por mim, num suspiro de entrega a um poder e beleza desconhecidos, somando o meu hálito às preces que preenchem o céu amplo. Quando tudo terminou, senti o peso daquele dia escapar de mim como uma carga removida.

Ao fim da prece do *pawaaw*, fiz menção de ir embora. Mas seguiram-se canções e danças, e fiquei ali para ver e escutar. Durante algum tempo, os jovens dançaram com grandes saltos, brandindo clavas polidas como que imitando uma batalha. Depois vieram as mulheres, tanto as mais velhas como as mais novas, com os ombros cobertos por mantos trançados. Ficaram paradas por um momento com as mãos erguidas à frente, para que o manto as cobrisse por inteiro. Pareciam um bando de aves empoleiradas. Então, como se seguissem um sinal invisível, todas começaram a se mexer com a música. Durante toda a minha vida, tinham-me ensinado que a dança era obra do demônio. Somente as prostitutas, as filhas de Salomé, dançavam, ou ao menos era o que me disseram. Mas não havia nada de indecente ou devasso ali. Os movimentos das mulheres eram altivos, dignos, perfeitamente graciosos.

Muito mais tarde, quando me arrastei de volta para a praia, arranhada, com a meia-calça desfiada, o corselete rasgado e pedaços de folhas presas ao cabelo, Makepeace tinha a expressão tomada de preocupação e fúria. Inventei alguma mentira sobre cair no mato e bater a cabeça.

As outras mulheres foram solícitas e me fizeram deitar na areia; a noite caía e elas acenderam fogueiras para derreter a banha. Porém, horas mais tarde, quando o óleo já tinha sido recolhido nos recipientes e todos se deitaram cansados, eu fiquei acordada. Minha mente devaneava sem rumo. Virei-me na areia, incapaz de encontrar uma posição confortável. Senti repulsa pelo comportamento de todos ao meu redor, nossa desprezível disposição para roubar e enganar ao mesmo tempo em que nos envaidecíamos e gabávamos de nossa superioridade divina. “Sujeitai a terra.” Assim dizia a Bíblia, e era o que fazíamos. Mas eu não conseguia acreditar que Deus desejasse que fôssemos tão desconsiderados com sua criação, tão desumanos e tão cruéis com as criaturas sobre as quais nos mandara reinar.

Eu sabia que não conseguiria dormir. Quando o ronco dos homens passou a competir com o rebrantar das ondas e o chacoalhar das pedras, eu me levantei, fiquei imóvel por um momento, para ter certeza de que não havia ninguém acordado, e segui pelas dunas. Logo após sair do acampamento, retornei para o caminho que levava aos penhascos e andei pela trilha sob uma lua clara que arremessava minha sombra muito nítida à minha frente no solo arenoso.

As labaredas das fogueiras dos wampanoags haviam se elevado, brilhando

contra o céu noturno, e a música estava mais selvagem. O animal dentro de mim respondeu a ela. Agora, quando recordo aquela noite, não sei dizer como, nem por quê, me senti daquela forma. Só sei que as batidas dos tambores me tocaram num lugar profundo, interno, inexplorado. Ali, no escuro, sem sequer saber qual era meu propósito, desatei as mangas. O ar cálido acariciou meus braços. Deixei minha meia-calça cair e fiquei em pé, de braços e pernas nus como as mulheres wampanoags, com seus vestidos soltos e curtos. Enterrei os dedos dos pés na terra arenosa, que já estava mais fresca, e meu coração bateu ao ritmo dos tambores. A alma em meu interior, instruída nas questões divinas, pareceu sair do meu corpo em exalações intensas quando comecei a me mexer com as batidas. Lentamente a princípio, meus membros encontraram o ritmo. Meu pensamento cessou e um sentido animal me conduziu até que, no final, dancei com abandono. Se o Demônio me teve em suas mãos naquela noite, devo confessar: apreciei seu toque.

AO AMANHECER, PRECISARAM ME SACUDIR para me despertar. Por alguns momentos, não consegui lembrar como havia regressado ao acampamento, e fui tomada por um medo intenso, o temor de ainda estar despida. Mas de alguma forma, no meu transe extático, eu encontrara minhas roupas e as vestira de volta. Fiquei em pé e tratei de me ocupar com os outros, para encobrir os sinais da nossa pilhagem: arrastamos os restos da carcaça dilapidada para as ondas e cobrimos as areias ensanguentadas e chamuscadas com baldes de água do mar, na esperança de que a maré alta cuidasse do resto.

Durante toda a jornada de volta na chalupa carregada de óleo, Makepeace me repreendeu pelo meu descuido, minha falta de jeito e de consideração. Não ouvi nem a metade do que ele disse. Minha mente ainda estava naquele círculo sob os penhascos.

Ele era o filho mais novo de Nahnos, o *sonquem* de Nobnocket, e se chamava Cheeshahteaumauk. Na língua deles, significa algo como “o detestável”. Quando me disse seu nome, pensei ter entendido errado por não dominar aquela língua. Pois que tipo de pessoa batizaria uma criança com um nome assim? Mas quando perguntei se seu pai realmente o detestava, ele riu. Os nomes, contou, fluem para nós como um gole de água fria, permanecem durante um ano ou uma temporada, e então talvez cedam lugar a outro, mais adequado. Quem saberia dizer como ele recebera seu nome atual? A pessoa responsável por isso talvez tivesse a intenção de enganar Cheepi, o deus-demônio, fazendo-o pensar que o rapaz não era querido, para que o deixasse em paz. Ou talvez o nome tivesse uma razão. Ele me recordou que eu o encontrara caçando sozinho, quando a prática de seu clã era caçar em grupo. Num povo que valoriza a prosperidade comum acima de tudo, ele decidiu ser *chuppi*, aquele que se mantém separado. Quando seu grupo seguia em direção ao sol nascente, ele se afastava rumo ao sol poente. Sempre fora assim, desde quando conseguia se lembrar. Na idade em que a maioria dos bebês ainda mamava, ele próprio se desmamara, deixara as mulheres e passara a seguir o irmão de sua mãe, Tequamuck, que era o *pawaaw* da tribo. Escondia-se debaixo de tapetes ou em arbustos para ouvir os sortilégios e observar as danças. No início, contou, os mais velhos o repreendiam por não ter respeito, e ele talvez tivesse recebido aquele nome pelo que pensavam dele naquela época. Mas Tequamuck tinha uma opinião diferente e disse que tal comportamento pressagiava seu destino: ser *pawaaw* quando chegasse a hora. Assim, ele fora viver no *wetu* do tio, enquanto seu irmão mais velho, Nanaakomin, era como uma sombra ao lado do pai.

Antes que a minha experiência nos penhascos começasse a corromper meu espírito, essa história teria me horrorizado por completo. Papai chamava os *pawaaw* de “assassinos de almas”. Dizia que eram feiticeiros — parentes daquelas bruxas inglesas que queimávamos na fogueira. Papai contou que eles entravam

num estado de transe, no qual viajavam pelo mundo dos espíritos, comunicando-se ali com o diabo através de demônios que vinham até eles em forma animal. Com essas amizades satânicas, eles adquiriam o poder de erguer as brumas e os ventos, de entrever o futuro e de curar ou adoecer as pessoas conforme seus caprichos. O tio de Cheeshahteumauk, Tequamuck, era abominavelmente poderoso nessas artes. Na primeira vez que papai falou disso, fiquei com medo, e a partir daí já não consegui olhar para um índio sem temê-lo. Mas desde que presenciei o canto e a dança nos penhascos, meu medo se transformou em fascínio, e as revelações de Cheeshahteumauk só o tornaram uma pessoa ainda mais interessante para mim.

Quanto ao meu nome, ele o considerou igualmente peculiar quando lhe expliquei que Bethia significava “serva”. Ele respondeu que os servos ocupavam uma posição baixa — eram quase como escravos, inimigos capturados em batalha, que podiam ser maltratados e desprezados, às vezes até torturados nos casos em que a hostilidade entre as tribos fosse mais amarga. Eu, como neta do *sonquem* dos homens cobertos e filha do *pawaaw*, deveria ter um nome mais elevado, na opinião dele. Tentei explicar que meu pai não era um *pawaaw*, mas ainda não conseguia explicar em sua língua, com a sutileza necessária, a diferença entre mediar a graça de Deus e ser íntimo do Diabo. Ainda fiz um grande esforço para explicar a natureza e a virtude em ser uma serva de Deus, mas ele não ficou nada convencido e começou a se impacientar. Seguiu pela praia com seus passos longos e rápidos e tive que correr para conseguir acompanhá-lo. De repente, ele se virou e anunciou que tinha decidido me dar um novo nome, à maneira dos índios. Disse que me chamaria de Olhos de Tormenta, pois meus olhos tinham a cor de uma nuvem de tempestade. Muito bem, falei. Mas eu também vou lhe dar um novo nome, pois para mim você não é detestável. Falei que iria chamá-lo de Caleb, como o companheiro de Moisés no deserto, que era famoso por sua capacidade de observação e por seu destemor.

— Quem é Moisés? — perguntou. Eu tinha esquecido que ele não saberia. Expliquei que Moisés era um *sonquem* muito importante, que liderara sua tribo através da água, chegando a uma terra fértil.

— Você está falando de Moshup — respondeu ele.

Não, falei, corrigindo-o.

— Moisés. Muitos, muitos anos atrás. Muito longe daqui.

— Sim, muitas luas atrás, mas aqui. Bem aqui.

Ele começou a ficar impaciente comigo, como se eu fosse uma criança teimosa que não prestava atenção nas aulas.

— Moshup fez esta ilha. Ele arrastou os pés pela água e separou esta terra do

continente.

E então prosseguiu, muito animado, contando uma fábula de gigantes, baleias e espíritos que mudavam de forma. Deixei que ele falasse, pois não queria irritá-lo, mas também porque gostava de ouvir a história como ele a contava, com tanta expressividade e gestos vívidos. Naturalmente, pareceu-me disparatada. Porém, cavalgando para casa naquela tarde, dei-me conta de que a nossa história sobre uma sarça ardente e a divisão das águas também poderia parecer fabulosa para quem não tivesse sido criado sabendo que era verdadeira.

NUMA TARDE, NÃO MUITO DEPOIS, colhemos frutas selvagens, azedas e suculentas, e nos empanturrámos com elas. Deitei-me num colchão de folhas macias, com as mãos sob a cabeça, vendo umas poucas nuvens fofas dançarem pela cúpula azul do céu. Atrás de mim, ouvi o ressoar de uma pedra contra outra. Ele nunca ficava parado, nem por um minuto.

— Por que está olhando para o céu, Olhos de Tormenta? Está procurando o seu amo lá em cima?

Eu não sabia se ele estava zombando de mim, por isso me virei, apoiando o queixo nas mãos, e o observei para tentar decifrar sua expressão. Ele estava olhando para baixo, concentrado em golpear as pedras com pancadas fortes e ágeis, partindo pequenas lascas que voavam pelo ar. Numa das mãos, envolta por um pedaço de couro, segurava a ponta de flecha que estava construindo.

— É ali que ele mora, não é, o seu Deus único? Lá em cima, além das nuvens inconstantes?

Achei que a zombaria dele, ou ao menos era o que parecia, não valia uma resposta. Isso só o incentivou.

— Um só deus. É estranho que vocês ingleses, que juntam tantas coisas ao seu redor, se contentem com só um. E tão distante, lá em cima no céu. Eu não preciso procurar tão longe. Consigo enxergar o meu deus do céu bem nítido, logo ali — disse, estendendo um braço na direção do sol. — De dia, Keesakand. De noite, Nanpawshat, o deus da lua, toma o seu lugar. E também temos Potanit, o deus do fogo... — Ele continuou a tagarelar, catalogando seu panteão de ídolos selvagens. Árvores, peixes, animais e outras futilidades, todas dotadas de alma, todas dotadas de poderes. Fui contando sua enumeração, e o total de deuses chegou a trinta e sete. Não disse nada. Em primeiro lugar, porque mal sabia o que dizer a uma pessoa tão perdida.

Mas, então, lembrei-me dos cânticos sob os penhascos. Uma voz interna, quase inaudível: o menor dos sussurros. Era a voz do Diabo, tenho certeza agora, sussurrando que eu já conhecia Keesakand, que eu já o louvara muitas vezes ao

me banhar na radiância de uma alvorada, ou quando parava para testemunhar a glória do ocaso. E por acaso Nanpawshat não tinha poder sobre mim, governando as marés salgadas do meu próprio corpo, que, não muito tempo atrás, tinha começado a fluir e refluir com a lua? Era bom, sussurrou a voz. Era correto e apropriado conhecer esses poderes, viver num mundo repleto de espíritos, inteiramente tomado pela chama da divindade.

Não muito depois, Caleb veio até mim enquanto eu estava lendo; aproximou-se antes que eu conseguisse baixar o livro. Ele tinha o hábito de aparecer de repente, surgindo de trás de uma duna ou arbusto. Caminhava com pés silenciosos como os de um gato à espreita, com passos tão leves em seus sapatos finos, de pele de cervo, que mal deixava pegadas na areia ou marcas nas folhas que indicassem por onde havia caminhado. Com sua instrução, e um pouco de prática, eu estava aprendendo a fazer o mesmo: caminhar com leveza, sem apoiar os calcanhares com força, para não tocar tanto a terra. Em casa, eu me divertia perseguindo Makepeace, à espreita, encontrando-o a descansar nos campos, indolente, quando deveria estar empenhado em suas tarefas. Isso o irritava, mas ele mal podia reclamar sem se delatar. Eu me entretinha enormemente com isso.

Nesse dia em particular, eu tinha saído de casa com um novo volume da coleção de meu pai, o *Prospecto da Nova Inglaterra*, escrito por um tal de William Wood, que viajara pelo continente em 1633 e descrevia, para leitores ingleses, o que havia por lá. Ofereci-o a Caleb, que o apanhou. Era o primeiro livro que ele segurava nas mãos. Sorri quando ele o abriu de cabeça para baixo e de trás para a frente, mas Caleb tocou as páginas com todo o cuidado, como se acariciasse alguma criatura selvagem, de ossos frágeis. O mais devoto dentre os nossos não tocava a Bíblia com a reverência que ele prestava àquele livrinho. Correu o dedo castanho por uma linha de texto.

— Estas pegadas na neve... Elas falam com você? — perguntou.

Sorri. Percebi que, para seus olhos não instruídos, a página poderia parecer um campo nevado marcado por pegadas, como quando o sol baixo de inverno lhes ilumina as margens. Respondi que sim, e mostrei a palavra que usávamos para “urso”; a seguir, a palavra que dizia “camundongo”. Ele zombou, dizendo que não fazia sentido, pois o camundongo não podia ser maior que o urso. Isso me fez rir. Expliquei então que as letras eram uma espécie de código, como os desenhos trabalhados nos cintos *wampum* usados pelos *sonquem*, que contavam uma espécie de história abreviada da tribo. Porém, ao contrário dos cintos, que eram raros e

únicos, havia centenas de cópias daquele livro, todas idênticas.

— *Manitoo!* — exclamou. — Então os homens cobertos do outro lado do mar, eles sabem das plantas e animais que existem aqui, mesmo sem fazerem a jornada de meses que nos separa deles?

Exato, respondi. E os homens podem saber o que há na mente uns dos outros sem nunca terem se encontrado.

— Mesmo aqueles que viveram muitos, muitos anos atrás podem nos deixar seus conhecimentos.

Contei-lhe que sabíamos de grandes cidades, como Roma e Atenas, pois líamos sobre seus guerreiros e as guerras que haviam lutado, e sobre as discussões de seus sábios sobre como levar uma vida virtuosa.

— E agora, ainda que essas cidades tenham caído em ruínas e que seus guerreiros tenham sido reduzidos a pó, eles ainda vivem para nós nos livros.

Eu estava gostando daquilo. Na maior parte das vezes, era ele que me ensinava. Desta vez, pude fazer o papel da professora. Estiquei a mão, pedindo de volta o livro de Wood.

— Você quer ouvir um pouco do que ele tem a dizer sobre o seu povo?

Caleb fez que sim, fechando um pouco a cara.

— Então você consegue entender tudo isso, só com essas pegadas?

Respondi que sim.

— Às vezes, de tempos em tempos, eu encontro uma palavra desconhecida, cujo significado é estranho para mim. Mas geralmente conseguimos entender o que significa pelas palavras que estão por perto...

Eu estava procurando a passagem enquanto falava e, quando a encontrei, apontei para as linhas enquanto as lia em voz alta, traduzindo o texto para a língua dele.

— Aqui, ele escreveu que vocês são corteses e hospitaleiros, e ajudam os barcos que se perdem ao serem pegos pela noite. Ele diz que vocês conseguem fazer coisas das quais somos incapazes, como apanhar o castor, que é astuto demais para os ingleses.

Pensei que ele ficaria feliz ao ouvir essas e outras referências elogiosas, mas quando continuei a ler, ele só fechou ainda mais a cara. Remexeu a longa trança no cabelo. Quando terminei, Caleb não disse nada. Perguntei o que o preocupava.

— Meu pai conta que muito tempo atrás, antes que nós, deste lado da água, tivéssemos andado lado a lado com os homens cobertos, havia homens sábios, que ensinavam conhecimentos ao povo, mas que foram atingidos por balas invisíveis que os homens cobertos usaram contra eles e morreram antes de conseguir transmitir esses modos sábios. Se tivéssemos esse *manit* do livro, esse

conhecimento talvez não tivesse sido enterrado com eles.

Caleb pareceu abatido e distraído, e continuou a acariciar o livro como se fosse um ser vivo.

— Me dê isto aqui — falou.

Senti o solo tremer com incerteza. O livro não era meu para que pudesse dá-lo. Mas temi que Caleb não fosse entender. Papai falara muitas vezes da dificuldade que tinha com as ideias dos índios sobre os presentes. Para eles, a propriedade pessoal tinha pouco significado. Um homem poderia facilmente dar qualquer pote ou cinto, canoa ou lança que tivesse consigo sem pensar muito a respeito, sabendo que logo receberia algo de volta de seu *sonquem* numa reunião, ou de alguma outra pessoa que buscasse um favor de um deus, que lhe seria concedido em recompensa por sua generosidade. Certa vez, papai e Makepeace discutiram quando papai ponderou que, nisso, os índios eram mais parecidos com Cristo do que os próprios cristãos, que nos atínhamos às nossas posses mesmo após lermos a clara instrução do Evangelho para darmos tudo o que temos. Makepeace contestou papai, dizendo que a generosidade dos índios não passava de uma superstição pagã, que não deveria ser comparada ao ágape cristão, o amor abnegado pelo próximo.

Naquele momento, eu não sabia o suficiente para formar uma opinião. Mas o que aprendi desde então me diz que nem Makepeace nem papai compreenderam inteiramente a raiz da questão, que é o fato de enxergarmos este mundo, e nosso lugar nele, com olhos completamente diferentes. Quando papai veio pela primeira vez negociar algumas terras, o *sonquem* riu da ideia de que alguém poderia pensar que eles “possuíam” a terra. “Se eu já disse que o senhor pode usá-la para caçar, pescar e construir as suas casas, do que mais precisa?”, perguntara o *sonquem*.

Embora papai insista, até hoje, que lhe explicou, ainda não estou convencida de que o *sonquem* tenha entendido plenamente o que nos propúnhamos a fazer aqui. Mas é verdade que já houvera bastantes confusões entre Caleb e eu, às vezes pela minha incapacidade de expressar tudo o que penso em sua língua, às vezes apenas porque, mesmo conhecendo as palavras, a coisa à qual elas se referem não condiz com a experiência dele.

Olhei para Caleb com o livro nas mãos e o pedido nos lábios, e não soube como responder sem criar um fosso entre nós. Havia tão poucos livros no nosso povoado que cada um deles era tido como algo muito precioso e tratado com o maior cuidado. Assim, respondi que não poderia lhe dar aquele livro, que não era meu, e que eu não deveria sequer tê-lo retirado da casa sem o consentimento de papai. Enquanto eu me esforçava para explicar, ele pareceu primeiro desnorteado, e depois, como eu temia, bravo.

— Já que você ama esta coisa, então a ame.

Jogou o livro de volta em minhas mãos e se virou, como se fosse embora.

— Espere! — falei. — Eu tenho outro livro. Um livro meu. Você pode ficar com ele. — Era o meu catecismo, que eu sabia de cor. — É um livro mais poderoso que este. Poderíamos dizer que está cheio de *manit*. Vou trazê-lo. E, se você quiser aprender a ler, saiba que o meu pai ensina os índios devotos e seus filhos a ler. Tenho certeza de que ele adoraria se você participasse das aulas.

Papai, com ajuda de Peter Folger, tinha montado a escola no inverno de 1652. Agora falava em construir um prédio para abrigá-la — seria a primeira escola propriamente dita em toda ilha. Lembro que fiquei cheia de inveja ao ouvi-lo falar nisso, pois não havia sequer uma escola primária para os ingleses. Os pais educavam seus próprios filhos ou não, como achassem melhor.

— Iacoomis também dá aulas lá. Seu filho Joel, que é mais novo que você, já sabe ler...

Caleb franziu o rosto e bufou num tom de desprezo.

— Iacoomis não tem nada para me ensinar, e eu também não vou me sentar ao lado do filho dele, que andou com os ingleses a vida inteira.

— Por que você diz isso?

— Iacoomis não era nada. Foi expulso por seu próprio povo. Agora, desde que começou a andar com os homens cobertos e conheceu o seu Deus, ele, que mal consegue atirar com um arco, fala como se fosse um *pawaaw*. Anda com o peito estufado e diz que o seu Deus único é mais forte do que todos os nossos, e os homens tolos lhe dão ouvidos, e são afastados de seu *sonquem* e de suas famílias. Andar com os homens cobertos não nos traz nenhum bem.

— Você diz isso, mas ainda assim anda comigo — respondi, num tom calmo. Ele tinha cortado um galho de uma árvore próxima e estava arrancando bruscamente a casca. Ergueu o graveto nu e o levou aos olhos, como quem está mirando, para ver se conseguiria construir uma flecha; depois o deixou de lado.

— Por que você não pergunta ao seu pai, Nahnosó? — falei. — Sendo *sonquem*, ele talvez goste da ideia, se você lhe disser que quer aprender a ler para poder resguardar o conhecimento do seu povo. — Engoli seco, sabendo o peso do que eu estava prestes a dizer. — Se você aspira a ser *pawaaw*... um *pawaaw* não procura ter familiaridade com todos os deuses? Assim, por que não conhecer o Deus inglês também?

Naquele momento, eu ainda não estava tão perdida a ponto de não perceber a heresia do que acabava de dizer. Pedi perdão numa prece silenciosa. Seus olhos castanhos me lançaram um olhar violento.

— Meu pai proíbe. E meu tio odeia os que dão ouvidos aos ingleses. Mas já que,

como você disse, nós realmente andamos juntos, Olhos de Tormenta, você talvez possa me ensinar esse seu livro, e assim me dar esse *manit* que você diz vir do seu Deus único.

Eu não seria a filha do meu pai se aquelas palavras não me dissessem que havia ali um tição que precisava ser retirado do fogo. Pois se eu lhe ensinasse a ler as páginas do catecismo...

Por pouco não ecoei imediatamente as palavras de Caleb (e deveria tê-lo feito): “O meu pai proíbe”. Por muitas vezes eu já fora inculcada com a ideia de que a pregação não era trabalho de mulher. Nenhuma mulher pensaria em professar durante o culto, embora qualquer camponês sem instrução pudesse exercer seus dons ali, desde que fosse homem. Uma mulher sequer faria uma pergunta durante o culto, se tivesse dúvidas quanto a alguma questão. Eu fora instruída a fazer perguntas em casa, em particular, se precisasse de orientação sobre as Escrituras.

Ainda assim, como virar as costas a uma alma que talvez pudesse ser salva? Afinal, tudo na minha vida me ensinara que essa, dentre todas as boas obras, era a melhor e a mais elevada. Pensei que se eu pudesse ensinar àquele rapaz — filho de um chefe, aprendiz de um feiticeiro —, se o levasse até papai como um convertido, versado nas Escrituras, papai talvez me desse mais valor e consentisse em voltar a me instruir naqueles conhecimentos maiores que ele tanto tentava transmitir ao meu irmão obtuso.

E assim comecei, naquele mesmo dia, a ensinar o abecedário a Caleb:

— “A” — falei, desenhando a letra na areia molhada. — Tem dois sons. Lembre-se deles assim: “Eva comeu a maçã.” — Logo surgiu uma dificuldade: ele nunca vira uma maçã. Prometi trazer uma do nosso pequeno pomar, que papai plantara ao chegar aqui. Mas esse problema não era nada perto do que ainda estava por vir.

Comecei a lhe apresentar Adão e Eva, a descrever o jardim e a queda e expliquei como aquele pecado original macula a todos nós. Tive então de explicar o pecado, para o qual ele não tinha um conceito pronto. Caleb não admitia já ter pecado, e pareceu muito ofendido quando lhe garanti que sim. Foi fechando a cara cada vez mais, até sacudir uma das mãos como se estivesse afastando um cheiro ruim.

— A sua história é uma bobagem. Por que um pai faria um jardim para seus filhos e então os proibiria de comer as frutas? O nosso deus do sudoeste, Kiehtan, fez os feijões e o milho, mas se regozijou ao nos dar esses alimentos. E de qualquer forma, mesmo que esse homem chamado Adão e a sua *squa* tenham desagradado o Deus deles, por que esse Deus estaria bravo comigo por isso, se eu nem sabia dessa história até hoje?

Eu não soube o que responder. Senti-me repreendida pelo meu orgulho. Aquele projeto claramente seria mais difícil do que eu imaginara. Meu pai devia mesmo

ser um pregador maravilhoso para conseguir responder a perguntas como essas. Decidi acompanhá-lo na próxima vez que ele visitasse um *otan* dos wampanoags. Eu escutaria os sermões de papai para descobrir se o seu rebanho tinha tantas perguntas irritantes e, nesse caso, como ele as respondia. Percebi que teria de arrumar um pretexto, pois papai não sabia que eu conhecia a língua dos índios e iria imaginar que eu não entendia nada do que se passava entre ele e seus ouvintes. Assim, em casa, comecei a dar indícios de que eu tinha curiosidade em saber como eles organizavam um *otan*, comentei que queria visitar os *wetu* e conhecer as *squa* que moravam neles (o que era a plena verdade). Depois de algum tempo, perguntei a papai se eu poderia acompanhá-lo na visita seguinte. Ele pareceu gostar do meu interesse e disse não ver mal nenhum em mamãe me dispensar das minhas tarefas por um dia.

— Pois eles têm muito apreço pela família, e veem como uma ofensa que nós ingleses não fomentemos mais laços de afeto entre as nossas famílias e as deles.

Alguns dias depois, fomos juntos em Pintada; ao nos aproximarmos da aldeia, desmontamos e caminhamos para que papai pudesse cumprimentar a todos e lhes dizer que pretendia pregar quando o sol estivesse em seu ponto mais alto. A aldeia devota era destinada aos que tinham sido convencidos por papai a abraçar o cristianismo; chamava-se Manitouwatootan, ou Vila de Deus. Apesar do nome beato, papai temia que os velhos modos ainda se mantivessem fortes por ali e que as pessoas estivessem confusas quanto à verdade dos ensinamentos cristãos. Algumas famílias que haviam se mudado para lá permaneciam divididas entre os mais convictos e os que não estavam prontos para abandonar as antigas tradições. Alguns tinham conflitos internos e hesitavam entre os dois pontos de vista. Alguns vinham apenas para ver e ouvir o que estava sendo feito e, embora tivessem ouvido a palavra do Deus único dos céus, continuavam sob o jugo do pecado e da escuridão.

— Eles dizem que as reuniões e costumes de seu povo são muito mais agradáveis e vantajosos que os nossos, pois nós não fazemos nada além de falar e rezar, enquanto eles dançam, fazem banquetes e dão presentes uns aos outros. Eu tento, Bethia, explicar que esse é o caminho do Grande Enganador, o Diabo. Mas não encontrei palavras na língua deles que correspondam às nossas: fé, arrependimento, graça, santidade... Bem, você verá por si mesma, muito em breve, como é...

A primeira coisa que me impressionou foi a paz do lugar. Em Great Harbor, todos os dias, exceto aos domingos, havia ruído desde o nascer do dia até o cair da noite. Alguém está sempre cortando uma telha, cravando um prego na última casa recém-construída ou ampliando uma moradia já existente. O martelo do ferreiro

ressoa na forja, as lavadeiras batem a roupa e os pedreiros golpeiam suas rochas com todo tipo de ferramenta. Aqui, não havia evidência de nenhum desses trabalhos.

As *squa* estavam na horta, capinando com enxadas feitas de conchas. Para falar a verdade, elas tinham muito pouco o que capinar, pois a plantação fora projetada de uma forma astuciosa: os feijões trepavam nas espigas de milho, e o solo entre cada elevação estava coberto de videiras que deixavam pouco espaço para as ervas daninhas. Os homens estavam nos *wetu*, alguns lançando pedras num jogo de azar, outros deitados, indolentes, em seus tapetes. Vi papai fechar a cara ao vê-los. Eu já o ouvira dizer que uma parte grande demais do trabalho recaía sobre as mulheres. Eram elas que cultivavam o solo, moíam o milho, saíam para colher alimentos selvagens, faziam as lonas para os abrigos e os cestos para guardar produtos e carregavam grandes cargas de madeira para o fogo da cozinha, encurvando as costas sob o peso. Os homens, guerreiros e caçadores, não participavam muito do pesado trabalho diário.

— É claro, saiba que caçar com arco e flecha não é uma diversão de nobres, como fazem os ingleses com seus mosquetes, Bethia. É um processo cansativo, sem batedores para encurralar as presas nem guarda-caças para garantir que haverá animais. Ainda assim, acho que os homens poderiam fazer mais para reduzir o esforço das mulheres.

Para frisar esse ponto, papai se sentou com algumas mulheres mais velhas que estavam descascando os feijões secos do ano anterior, apanhou alguns e se pôs a descascá-los enquanto conversava com elas. Quando foi até outro grupo que estava capinando, abaixou-se e recolheu algumas das ervas daninhas que elas tinham arrancado.

Havia uma meia dúzia de crianças correndo pelos campos ou em volta dos *wetu* — menos do que seria de se esperar, tendo em vista o tamanho da aldeia, onde havia quase vinte famílias. Ainda bem que eram poucas, pois as que estavam ali pareciam estar completamente descontroladas, sem nenhuma reprimenda ou correção, atravessando os campos atrapalhando as enxadas, interrompendo a conversa dos homens ou apanhando as pedras para perturbar o jogo, cortando a tranquilidade com palavras ditas em voz alta e gritos estridentes. Uma criança inglesa teria apanhado sem fazer nem metade do que aquelas ali faziam. Ainda assim, não vi nenhum dos mais velhos sequer levantar um dedo para elas. Comentei o fato com papai. Ele fez que sim.

— Eles são, como você pode ver, incrivelmente indulgentes. Já discuti o assunto com alguns, perguntando por que não corrigem suas crianças. Mas eles dizem que, como a vida adulta é cheia de adversidades, a infância não deve ter nenhuma. É

um ponto de vista bondoso, ainda que equivocado.

Papai cumprimentou a todos com palavras simpáticas, e fiquei impressionada ao ver o quanto ele sabia sobre seus afazeres, suas famílias e preocupações. Percebi que ele fazia grandes favores a eles, de natureza prática, e pensei que isso talvez os tocasse mais profundamente que seus sermões. Mais de uma vez, tive de suprimir uma careta quando ele soltou uma palavra com aquela pronúncia pavorosa, que fazia com que o significado saísse bastante modificado em relação ao que ele pretendia dizer. Com o tempo, eu tinha entendido que a gramática deles tem como princípio fundamental saber se uma coisa é animada por uma alma. O modo como eles determinam isso é completamente absurdo para o nosso modo de pensar, já que gostam de dar almas a todo tipo de coisa. O remo de uma canoa é animado, pois faz com que algum outro objeto se mova. Até uma humilde cebola tem, para eles, uma alma, pois causa ação — provocando lágrimas nos olhos. Mas quando comecei a enxergar esse mundo estranho e encarnado através dos olhos de Caleb, a minha gramática melhorou muito, e era doloroso ouvir papai se expor com tantos erros. Corei quando, inocente, ele usou uma palavra indecente pensando estar pronunciando um belo elogio. Mas aqueles wampanoags claramente o amavam, mantendo-se contidos e fazendo um grande esforço para desvendar o significado do que ele queria dizer, para não envergonhá-lo.

No meio da manhã, trouxeram até papai um homem que não era da aldeia. Ele veio mancando, apoiando-se em outros dois. Ao que parece, o homem estava fugindo da ira dos narragansetts, uma tribo que frequentemente se desentedia com os wampanoags e cujas terras faziam fronteira com as deles no continente. Aquele homem fora capturado pelos narragansetts numa emboscada e, como o irmão de um de seus captores fora morto numa escaramuça anterior, o prisioneiro fora marcado para uma morte lenta em um ritual de tortura. De alguma forma, ele conseguira escapar enquanto o trabalho ainda estava pela metade, roubando um *mishoon* e remando até a ilha. Os índios devotos o haviam recebido e agora perguntavam a papai se ele poderia tratar o pé ferido do homem. Eles contaram que quatro de seus dedos do pé tinham sido amputados, um por um, então assados e devolvidos a ele para que os comesse. Senti ânsia de vômito ao ouvir aquilo e virei o rosto para que papai não percebesse, pela minha expressão, que eu entendia o que estava sendo dito.

Papai, por sua vez, ficou completamente pálido. Murmurou para mim em inglês: — Eles *inevitavelmente* acreditam que eu tenho a capacidade de curar, não importa o que eu lhes diga. É por causa dos *pawaaw*, que afirmam ser curandeiros. Na cabeça deles, a religião e a medicina são essencialmente a mesma coisa. Como abandonaram o seu *pawaaw* ao virem para cá, suponho que eu tenha a obrigação

de fazer o melhor que puder...

O homem ferido fora deitado no tapete, e agora papai tentava remover seu mocassim, escurecido pelo sangue preto e seco. Quando viu que o couro estava aderido à carne do homem, pediu um pouco de água morna. Molhou o mocassim, retirou-o e se pôs a limpar o pus da carne inchada e inflamada, murmurando consigo mesmo sobre a barbaridade daquelas feridas.

— Fazer uma coisa dessas, não no calor da batalha, mas a sangue-frio... Bethia, é preciso dizer que este é um povo muito pecador. A iniquidade realmente abunda entre eles. Como dizem as Escrituras, “o amor de muitos esfriará”.

Percebi que ele precisava de um tecido limpo para enfaixar o pé ferido, mas não havia nenhum ali.

— Será que devo retirar uma faixa da minha anágua? — sussurrei.

Papai fez que sim, então fui me esconder atrás de uns arbustos altos de mirtilo e rasguei a parte baixa da minha anágua, trazendo o tecido de volta.

Ele secou o pé mutilado e teve dificuldade com o tecido, preparando uma bandagem bastante desajeitada.

— Quer que eu faça? — perguntei. — Tenho as mãos leves.

Papai abriu espaço para mim, e envolvi então o pé como já vira mamãe fazer para tratar de cortes ou queimaduras. Papai fez que sim, com ar de aprovação, e o homem ficou em pé com dificuldade. Seu rosto, apesar de abatido e suado, não revelou nenhum sinal de desconforto, embora ele certamente estivesse sentindo uma grande dor.

O homem se afastou mancando; papai olhou para ele e sacudiu a cabeça.

— Deus, em sua sabedoria, não fez tanto para este povo como fez para a nossa nação. O Diabo ficou inteiramente a cargo deles. É uma bênção que Deus nos traga aqui agora. Temos a rara sorte de poder trazer aquela pequena semente de mostarda de que falamos os evangelhos e vê-la criar raízes aqui.

Já estava perto do meio-dia, a hora em que papai costumava pregar. As mulheres começaram a largar as enxadas e os homens saíram dos *wetu*. Havia apenas sete ou oito daquelas cabanas na aldeia, cúpulas feitas de ramos jovens e envergados cobertos com lonas entrelaçadas, que abrigavam apenas uma ou duas famílias. Mas no centro da clareira havia uma casa mais comprida, cuja entrada tinha uma porta inglesa, e não uma lona. Papai disse que quando o tempo estava ruim ele pregava ali dentro, em meio aos corpos muito amontoados.

Hoje o dia estava bom, por isso ele pediu às pessoas que o encontrassem em volta de uma grande pedra encurvada, que os anos haviam desgastado, transformando-a numa espécie de plataforma. Papai tinha o hábito de dar seus sermões em cima dela.

Ao meio-dia, cerca de vinte almas tinham se reunido; eu fiquei às margens do grupo e tentei enxergar meu pai pelo ponto de vista deles. Era um homem magro, pois, ao contrário de Makepeace, ele trabalhava firme na roça e não se furtava a cortar madeira, carregar água ou fazer qualquer tarefa que aliviasse o trabalho de mamãe. Preferia usar cores tristes, preto ou marrom-escuro, como convém a um pastor, e tinha o cabelo cortado curto, modesto, acima da gola da camisa que mamãe lavava e engomava, deixando impecável. Embora o dia estivesse quente, papai não tirou o paletó; como os wampanoags usavam suas melhores roupas e ornamentos ao se reunirem em cerimônias, papai sentia que devia manter a formalidade em suas vestes, como fazia ao pregar numa igreja ou templo. Começou por rezar, traduzindo as nossas preces conhecidas para a língua deles. Recitou-as de cor; Iacoomis lhe ensinara bem, e papai pronunciou as palavras sem errar. A seguir, veio o sermão.

— Amigos, prestem atenção — começou. — Quando nos encontramos aqui no passado, ficamos de acordo em relação a duas verdades: que Deus é, e que recompensará todos aqueles que o buscarem com diligência. Que o Deus único é a fonte de todo o *manit*. Meu amigo Iacoomis lhes mostrou seu coração, mostrou-lhes que está voltado para Deus, e vocês viram que, depois de se livrar de todas as falsas adorações, ele prosperou e ganhou saúde, ele e toda a sua família. Vocês perguntaram o que acontecerá quando morrerem, e hoje vou lhes responder. Os ingleses, e vocês e todo mundo, quando morrem, suas almas não vão para o sudoeste, como lhes foi ensinado. Todos os que conhecem o Deus único, que o amam e temem, todos vão para o céu. Vivem em eterna bem-aventurança. Na própria casa de Deus. Aqueles que não conhecem Deus, que não o amam, nem o temem, os mentirosos, os ladrões, as pessoas ociosas, os assassinos, os que deitam com as esposas ou maridos do próximo, os opressores e cruéis, esses vão para o inferno, nas profundezas. Ali, irão lamentar eternamente.

A meu lado, dois homens começaram a murmurar um com o outro, pensando que eu não os entenderia.

— Por que devemos acreditar no nosso amigo inglês, quando nossos próprios pais disseram que as almas vão para o sudoeste, para as terras de Kiehtan?

— Bem, mas você já viu uma alma ir para o sudoeste? Eu não.

— Não, e quando foi que aquele ali viu uma alma subir para o céu ou descer para o inferno?

— Ele diz que está no livro, que o próprio Deus escreveu.

— O que ele diz pode ser verdade para os ingleses, mas por que eu deveria querer ir para a casa desse Deus se só há ingleses ali? Se Deus nos quisesse em sua casa, teria mandado um livro desses aos nossos ancestrais.

Escutando essa conversa, percebi que as minhas dificuldades não eram diferentes das de meu pai, e que eu deveria apenas perseverar e acreditar que, no momento certo, Deus me daria as palavras que fariam Caleb voltar seu coração para ele.

Mais ou menos na metade do sermão de meu pai, notei que as pessoas pareceram subitamente inquietas: seus olhos passaram a alternar entre papai e um ponto ao final da clareira, onde começava um denso bosque de carvalhos. Acompanhei o olhar deles, ofuscada pelo sol. Pouco depois, vi o que eles viam: um homem, muito alto, com o rosto pintado e o corpo ornado com uma grande túnica de penas de peru. Ele estava completamente imóvel, com o braço erguido, e tinha na mão uma espécie de boneco ou fantoche; eu não conseguia enxergar direito. Então, vindo das árvores atrás dele, apareceu outro. Um jovem, também pintado em tons berrantes.

Parte do grupo começou a se afastar de papai. O homem que fizera o comentário sobre Kiehtan cutucou seu companheiro. Ouvi-o dizer o nome Tequamuck. Assustei-me, reconhecendo o nome: o tio de Caleb. Franzi os olhos para tentar discernir as feições do feiticeiro e de seu aprendiz. Mas eles tinham o rosto todo pintado, e eu não soube se o que eu temia era verdade ou não. A presença deles claramente agitou o grupo. Papai sempre dizia que os *pawaaw* eram o elo mais forte entre os índios e sua própria tradição, e que quebrar sua força espiritual era muito mais importante do que interferir com os modos e privilégios dos *sonquem*.

O homem que disse o nome de Tequamuck foi o primeiro a deixar o grupo. Em seguida, cinco ou seis o seguiram. Caminharam em direção ao bosque, cumprimentando Tequamuck com grande deferência. Quando olhei outra vez, todos tinham desaparecido.

Nunca perguntei a Caleb se ele era o jovem pintado à direita do *pawaaw*. Não queria saber a resposta.

Aquele belo verão deu lugar ao outono. O sol esfriou, tornando-se um brilho oblíquo, bronzeando as algas da praia e deixando as árvores da cor do fogo. Caleb aprendeu a ler mais rápido do que eu poderia acreditar. Antes da época de cantarmos para as macieiras para pedir uma boa colheita no ano seguinte, ele já tinha aprendido a ler e a falar um inglês razoável. Acho que, por ter aprendido desde pequeno a imitar os cantos dos pássaros para atrair as aves aquáticas, ele tinha o ouvido particularmente preparado para captar sons e modos de falar. Quando aprendia uma palavra, logo a dizia sem sotaque, exatamente como um inglês. Em pouco tempo, já não me deixava falar em *wampanaontoaonk* com ele, a não ser para explicar algo que não conseguisse apreender, e pouco depois paramos de nos comunicar apenas em sua língua, conversando a maior parte do tempo na minha. Entretanto, por mais progresso que fizéssemos nessa direção, nas coisas ligadas à alma ele ainda resistia e zombava de mim, usando tiradas que pareciam ter sido inspiradas pelo demônio. Um dia, quando estávamos discutindo o Gênesis, Caleb se virou para mim com um brilho nos olhos.

— Então você está dizendo que tudo foi criado em seis dias?

Respondi que sim.

— Tudo? — repetiu ele.

Falei que era o que a Bíblia nos instruía.

— O céu e o inferno também foram criados ao mesmo tempo?

É o que está escrito, e assim devemos acreditar. A expressão em seu rosto era idêntica à que ele tinha no dia em que capturou um belo robalo com a lança.

— Então me responda: por que Deus criou um inferno antes de Adão e Eva terem pecado?

Isso nunca me ocorrera, mas pensei rápido e respondi:

— Porque Deus sabe de tudo, e sabia que eles pecariam.

— Então por que não matou a cobra antes que ela os tentasse?

— Porque tinha lhes dado livre-arbítrio — respondi.

— E nós também damos livre-arbítrio às nossas crianças, mas vocês ingleses nos repreendem, dizendo que elas são malcriadas e que deveriam apanhar.

Essas discussões muitas vezes me deixavam irritada; eu saía dali e cavalgava para casa lutando para me conter, disposta a não mais me relacionar com aquele pagão cabeça-dura. Ainda assim, na semana seguinte eu o procurava outra vez, perambulando pelos lugares que, àquela altura, já tinham se tornado redutos familiares para nós dois, esperando que ele surgisse de repente, materializando-se em meio ao mato alto ou às dunas da praia. E assim, passou-se mais um ano. Os dois crescemos e mudamos, ganhando novas responsabilidades em nossos mundos separados, mas sempre reservamos um espaço no qual esses mundos podiam colidir e se interligar. Com o passar do tempo, foi-me cada vez mais difícil manter uma distinção clara entre a minha identidade inglesa e a daquela menina dos bosques, cuja boca sabia pronunciar o nome verdadeiro de todas as criaturas da ilha, cujos pés caminhavam sobre o húmus sem deixar pegadas, cujas mãos sabiam retirar um peixe de uma rede num movimento ágil e cuja alma vislumbrava um mundo animado por outro tipo de divindade.

Eu tinha que fazer um esforço cada vez maior para afastar aquela menina de mim quando voltava para Great Harbor. Tinha que aprender a deixá-la para trás nos bosques; seus passos tranquilos, olhar arrojado e modos fáceis. Por sorte, eu já estava muito acostumada a pensar em cada palavra antes de pronunciá-la, caso contrário teria me entregado muitas vezes. De vez em quando, mamãe, enquanto amassava o pão ou fiava, erguia os olhos e, depois de admirar o que quer que eu tivesse colhido para a despensa, perguntava o que eu havia visto lá fora, naquele mundo amplo, durante as horas em que estivera distante de casa.

Eu contava qualquer historinha, como o fato de ter visto uma lontra numa lagoa, ou um tipo incomum de foca tomando sol na praia, cujo descanso eu interrompera. Mamãe fazia que sim e sorria, e comentava que o ar fresco era saudável, dizendo estar feliz em me ver passeando dessa forma, pois ela, quando menina, vivera na cidade e não podia fazer essas excursões. Um dia, estendeu a mão cheia de farinha e tocou meu rosto, ajeitando uma mecha errante que se soltara do meu gorro. Seus olhos azuis — muito mais azuis que os meus — me examinaram com seriedade.

— É uma coisa boa... para uma menina — falou. — Não vai ser assim quando você virar uma jovem mulher.

Continuou então a preparar a massa; eu acendi o fogo para ferver as lagostas, e não falamos mais disso. Não pareceu nada urgente naquele momento, essa verdade que a minha mãe anunciara, que um dia eu teria de deixar a minha outra

identidade para trás, para sempre: que isso não poderia continuar, essa travessia de um mundo para outro; algo acabaria por acontecer, pondo um fim a tudo aquilo. Se eu tivesse pensado com clareza, e considerado, e preparado a minha mente para isso, não teria caído com tanta facilidade no pecado que fez com que Deus nos abatesse com um golpe tão terrível. Olhando para trás, é difícil imaginar que eu possa ter sido tão tola.

Era outono, o terceiro ano da minha amizade com Caleb. Eu tinha ido para os bosques altos, onde as framboesas amadureciam mais tarde. Ele apareceu, como de costume, de forma repentina e inesperada, da sombra de uma grande rocha de granito. Trazia o catecismo que eu lhe dera tanto tempo antes. Colocou-o em minhas mãos.

— Depois de hoje, não vou mais andar com você. Não me procure — falou.

Esse pronunciamento súbito me acertou como uma ferroada. As lágrimas me brotaram nos olhos.

— Por que você está chorando? — perguntou Caleb, lacônico.

— Não estou chorando — menti. Para eles, as lágrimas indicam uma fraqueza de caráter.

Caleb tomou meu queixo na mão e virou meu rosto para cima. Seus dedos eram ásperos como uma lixa. Ele tinha crescido um bocado nos dois anos e meio desde o dia em que nos conhecemos e já era uma cabeça e meia mais alto do que eu. Uma grande lágrima correu pela minha face, caindo-lhe no dorso da mão. Caleb soltou meu rosto e levou a mão à boca, provando o sal da lágrima e me examinando com ar sério. Desviei os olhos, envergonhada.

— Não é coisa para lágrimas — disse ele. — Chegou a minha hora de me tornar homem.

— E por que isso significa que você não pode mais andar comigo?

— Não posso mais andar com você porque amanhã os meus passos vão me escolher, e não eu aos meus passos. Amanhã será a lua dos caçadores. Tequamuck vai me levar para o fundo do bosque, longe daqui. Ali, vou passar a lua das noites longas, a lua da neve e a lua da fome sozinho.

Ele teria de sobreviver e resistir durante os duros meses do inverno, investigando sua própria alma até conseguir cruzar para o mundo dos espíritos. Ali, empreenderia a procura por seu guia, um deus encarnado em alguma fera ou ave, que o protegeria ao longo da vida. Seu espírito-guia lhe iluminaria a mente e guiaria os passos em inúmeras maneiras, até o final da vida. Naquele bosque frio, Caleb conheceria seu destino. Disse que se o espírito-guia viesse até ele na forma de uma serpente, o desejo de seu coração se cumpriria, e ele se tornaria *pawaaw*.

Pensei na quarentena de Jesus, um teste de caráter e propósito igualmente

difícil e solitário. Mas aquela vigília se passara no deserto escaldante, e não num bosque nevado. E quando, ao final, o demônio veio com suas visões de cidades e ofertas de poder, Jesus o afastou. Caleb desejava acolhê-lo.

“E não vos associeis às obras infrutuosas das trevas.” Assim diziam as Escrituras. Eu não tinha escolha. Aquilo marcava o fim da nossa amizade. Eu precisava me afastar dele. Mas antes de fazê-lo, olhei para o catecismo que Caleb me devolvera. Apesar de viver numa cabana de palha, de ter as mãos sujas pelas caçadas sangrentas e por comer nas engorduradas panelas comunais, ele conseguira manter o livro exatamente na mesma condição em que eu lhe dera. Coloquei-o de volta naquelas mãos ásperas.

— Não feche o seu coração para Cristo, Caleb — sussurrei. — Talvez seja ele quem espera por você lá na escuridão.

Virei-me então, pois eu sabia que estava prestes a chorar de verdade e não queria que ele me visse assim. Montei em Pintada e segui com cuidado entre as árvores, mas o mundo estava embaçado. Senti uma dor no coração. Disse a mim mesma que era apenas o meu orgulho ferido. Eu tivera a falsa esperança de desviá-lo do caminho que ele nascera para percorrer, e havia falhado. Tentei me convencer de que era natural lamentar o fato de que aquela cerimônia pagã, qualquer que fosse a sua natureza, o afastaria ainda mais do Evangelho.

Mas também, isto: eu ardia de vontade de saber o que ele conheceria quando entrasse no mundo dos espíritos. Eu me lembrava, bem demais, do poder sobrenatural que sentira naquele dia e noite nos penhascos, tanto tempo atrás. Prometi que iria escrever apenas a verdade aqui, e a verdade é esta: eu, Bethia Mayfield, invejava aquele selvagem por sua aventura idólatra.

NAQUELA NOITE, REMENDANDO ROUPAS com mamãe, precisei de toda a minha força de vontade para fazer minhas mãos se concentrarem na tarefa. Eu geralmente conseguia remendar, tricotar ou bordar sem a menor dificuldade, meus dedos encontrando seu lugar sobre o tecido. Naquela noite, entretanto, eu estava completamente canhestra, precisando me concentrar em cada ponto. Vi que mamãe me olhava de relance de tempos em tempos quando eu suspirava, inquieta, tentando esconder meu trabalho desajeitado. De alguma forma, ela sempre sabia quando algo não andava bem comigo.

Por fim, fiz algo completamente incomum. Fiz uma pergunta a papai.

— O senhor não se preocupa, papai, por ver que as pessoas deste lugar tardam tanto em abraçar o Evangelho?

Papai pôs a Bíblia de lado.

— Não vejo a coisa dessa forma, Bethia. Não devemos ser obstinados nesta

questão, e sim pacientes, seguindo o exemplo de Deus. Afinal, ele não abandonou este povo ao Diabo tantas eras atrás? Nosso desejo de converter uma pessoa não deve ser maior que o de Deus. Não podemos, em nosso orgulho, tentar converter uma pessoa que não esteja entre os eleitos. Nós somos os instrumentos, mas se não houver a influência divina, o trabalho não será feito, nem deverá ser.

— Mas e quanto a esses ritos satânicos que eles insistem em praticar? Não há um jeito de interferir nessas práticas?

Papai pareceu sério.

— Essa é a minha principal preocupação — respondeu. — O demônio sente um grande prazer em instigar a adoração desse povo, como faz com tantas idolatrias. Os presentes dados nas reuniões, os banquetes e as danças... essas cerimônias, admito, agradam muito ao povo deles. Não gostam de me ouvir pregar contra elas.

— Eu estava pensando em particular na provação à qual, pelo que ouvi, os jovens devem se submeter... Esses ritos certamente não são agradáveis, não é mesmo?

— Quem lhe falou dessas coisas? — perguntou papai, num tom severo.

Fiz uma cara de completa indiferença, como se fosse uma questão insignificante, e dei de ombros. Senti os olhos de mamãe sobre mim.

— Eu não sei ao certo. Só ouvi alguém falar disso.

Makepeace interrompeu, olhando para mim por sobre o livro.

— Eles forcem os mais fortes e hábeis dos meninos a sorver veneno; a planta que usam é o heléboro-branco. E quando eles vomitam, precisam beber outra vez, e mais outra, até só vomitarem sangue. Então, quando mal conseguem ficar em pé, são espancados com paus e abandonados na noite gelada, onde devem correr nus entre os arbustos de espinhos até que o demônio os apanhe e faça um pacto com eles em meio ao delírio.

— Mas por que eles submetem os jovens a isso? Deve ser perigoso beber esse veneno!

— Ah, eles sabem como preparar o veneno de modo a trazer as visões que buscam, evitando por pouco uma dose letal. Fazem isso para obter poder, irmã. Poder diabólico. Alguns deles aprendem a conjurar a força do Diabo para evocar o nevoeiro e agitar os mares.

Senti o sangue quente me subir pelo pescoço. Mamãe deitou uma das mãos sobre a barriga, como que para se proteger. Embora o assunto não tivesse sido abordado, todos sabíamos da condição dela.

— Já basta! — exclamou. — Essa não é uma conversa apropriada para um lar cristão. Calem-se, eu imploro.

Ela temia sofrer um aborto, como lhe ocorrera apenas um ano antes, numa

tarde terrível cheia de panos ensanguentados, sussurros, gemidos e então silêncio, pois o bebê perdido, por mais sofrimento que tenha causado mamãe, jamais foi mencionado. Ou talvez, o que é pior, ela temesse que essa conversa sobre o Diabo pudesse encorajar o emissário das trevas a entrar em seu útero e tornar uma criatura monstruosa a que ali crescia. Arrependi-me de ter feito a pergunta e não insisti mais no assunto. Embora Solace tenha nascido imaculada cinco meses depois, não restam dúvidas: aquela conversa imprudente, e tudo o que se seguiu, causou o parto febril de minha mãe, e sua morte.

Mas não percebi esse perigo naquele momento. Minha mente estava repleta de fantasias corruptas. Na hora de dormir, deitei-me em meu catre e, embora fosse uma noite crispada pelo frio do início do outono, revirei-me na cama envolta pelo meu próprio calor, consumida pelo que Makepeace dissera. Pensei naquele conhecido corpo de cor amendoada, exposto ao suplício, nu na escuridão. E no Diabo, em sua forma serpentina, enroscando-se entre aquelas coxas contundidas e silvando suas promessas tentadoras de potência.

Quem somos, na realidade? Nossas almas são moldadas, nossos destinos são escritos por inteiro pela mão de Deus antes mesmo de nosso primeiro alento? Nós criamos a nós mesmos, pelas escolhas que fazemos? Ou somos apenas como a argila, que é moldada até ganhar a forma proposta pelos que estão acima de nós?

Fiz quinze anos poucos dias depois da partida de Caleb para seu período de provação, e o meu mundo estreito se tornou ainda mais restrito. Comecei a me sentir cada vez mais como argila, achatada sob as botas de outras pessoas. Eu ia ao culto no Dia do Senhor, erguia os olhos e as mãos para Deus, participava dos hinos e deixava que as palavras das Escrituras adentrassem meus ouvidos. Mas a minha mente estava em outro lugar. Que escolha eu já fizera inteiramente por vontade própria? Desde o dia de meu nascimento, os outros tinham determinado cada detalhe da minha vida. Que eu devesse ser uma colona e viver nesta ilha, nestas costas selvagens, tudo isso era o produto das escolhas feitas por meu avô muito antes que minha existência sequer fosse cogitada. Que eu devesse aprender a ler, mas sem receber mais instrução, era uma escolha do meu pai; é o que toca a uma menina. Foi mais ou menos nessa época que ouvi papai e meu avô falarem de Noah Merry, o segundo filho do moleiro que vivia mais ao sul, no riacho mais caudaloso da ilha, dizendo que ele era um rapaz devoto, um trabalhador dedicado e que, quando chegasse o momento, seria um provável marido para mim. Assim, ao que parecia, até essa escolha seria feita pelos outros. Senti uma pequena brasa de raiva em meu âmago ao pensar nisso: um carvão duro e negro que poderia se tornar uma chama quente se eu permitisse que meus pensamentos o aticassem. Na maior parte das vezes, eu não permitia. Seguia em frente, obediente, tentando não esquecer o que papai pregava, que tudo aquilo fazia parte do plano de Deus, e não do de papai nem de qualquer outro homem. Era uma pequena parte de um grande projeto que não conseguíamos abarcar. “Pense no bordado de sua mãe”, disse papai uma vez, apanhando um bordado das mãos dela. “Nós vemos o desenho claramente ao examinarmos a frente, mas o verso não o revela”. Papai virou o bordado. “Aqui, vemos os nós e os fiapos soltos. É possível enxergar

algun contorno, mas se tentarmos adivinhar... é um pássaro? Uma flor? Facilmente nos confundiremos. E assim é esta vida: nós vemos os nós e tentamos adivinhar o todo. Mas somente Deus enxerga em verdade a beleza de seu projeto.”

Mas então, e quanto a Caleb, ou Cheeshahteumauk, estremecendo lá fora sozinho, noite após noite? Fazia parte do belo projeto de Deus abandoná-lo na escuridão do inverno, esperando até que o demônio lhe roubasse a alma? Ou será que Deus não fazia planos para os selvagens? Se assim fosse, qual era o sentido da pregação de meu pai para eles? Talvez fosse orgulho, apenas, buscar essas almas que Deus decidira abandonar. Talvez isso também fosse um pecado... mas não. Meu pai, tão sábio, não poderia errar dessa maneira. E por que Deus colocara Caleb no meu caminho se eu não estava destinada a salvá-lo? Por que nos colocar aqui, em primeiro lugar? Eu já não fazia ideia de qual seria o todo — não conseguia sequer vislumbrar um contorno em meio a tantos fiapos soltos.

Eu estava dolorosamente perturbada com essas questões e não comia nem dormia direito, nem conseguia explicar, de forma convincente, o que me preocupava. Disse a mim mesma que eu queria que papai fosse encontrar Caleb, onde quer que ele estivesse naqueles bosques selvagens, e o salvasse do mal. No entanto, onde ele estava dormindo naquela noite, em meio ao matagal, isso só Deus — ou o Diabo — sabia.

Afinal, papai acabou por propor uma viagem, mais ou menos naquela época, mas não a que eu desejava. Meu avô estava interessado em adquirir uma participação no moinho de grãos da família Merry e, como sempre, queria que papai tratasse das negociações.

— Pensei em levar Bethia comigo, se ela quiser — disse papai a mamãe, bem de repente, durante o café da manhã. — Ela tem andado um tanto pálida, e acho que uma longa cavalgada no ar fresco pode ser boa para ela.

Papai disse tudo num tom leve, mas vi que ele e mamãe trocaram um olhar expressivo quando ela lhe passou um pedaço de bolo de milho.

— Você vai gostar de ver a fazenda dos Merry, Bethia; ouvi falar que a paisagem é bonita, e o campo é cortado por um riacho, que ele represou para abastecer o moinho. Também me disseram que a casa está bem-construída. Quem já esteve lá conta que ele tem várias janelas de vidro, e recobriu as paredes com lambris.

Makepeace ergueu os olhos ao ouvir essa descrição e resmungou num tom desaprovador.

— Afetações suntuárias e uma afronta à simplicidade — comentou.

Já eu achava que aquilo não era da conta do meu irmão. Se um homem queria cobrir as janelas com painéis de vidro ou revestir as paredes, não teria que enfrentar tantas correntes de ar gelado durante o inverno, que entravam pelas menores frestas. E que problema havia se o homem tinha a capacidade de dar um bom aspecto ao lugar?

A manhã designada estava fria, mas agradável e revigorante. Mamãe tocou o meu rosto antes de partirmos e me olhou com uma expressão amável, mas com olhos penetrantes.

— Fico feliz em ver você sair dessa casa por algum tempo, para o ar saudável — disse. — Você não tem saído ultimamente, como tanto costumava fazer. Tenho notado.

Baixei os olhos e não respondi nada, mas senti o calor no meu rosto. Os dedos de mamãe, calejados pelo trabalho, acariciaram minha face.

— Não estou pedindo que explique a sua mudança de hábitos. Você chegou a uma época da vida em que muitas coisas devem mudar. Talvez descubra que o que parecia uma boa ocupação num dia pode perder o encanto no dia seguinte, tornando-se apenas uma brincadeira de criança. E você tem me ajudado em casa, o que é bom; não pense que não me alegro em tê-la junto de mim com mais frequência. Mas também não penso que você tenha estado contente nessas últimas semanas. Tente desfrutar da visita à família Merry. E tente deixar de lado o que quer que esteja lhe abatendo tanto.

Mamãe então me beijou, e devolvi seu abraço de coração pleno.

Não sei se ela disse a papai que tentasse melhorar o meu humor, mas ele pareceu estranhamente animado quando partimos. No verão, eu tinha sugerido que talvez fosse aconselhável levar as nossas ovelhas a uns pastos mais altos que eu tinha encontrado nas minhas explorações. O capim era abundante e variado por lá, e papai, depois de inspecionar o lugar, decidira tentar. Os animais tinham engordado e estavam em boa condição para enfrentar o próximo inverno, quando os traríamos para o curral. Papai aproveitou a nossa cavalgada para inspecioná-los, e depois me elogiou.

— Algum dia, você dará uma boa esposa para algum fazendeiro, Bethia — disse, com intenção amável.

Enquanto atravessávamos o bosque, papai começou a falar de Jacob Merry de um jeito incomum; ele não era de fofocar. Mas agora, sem que eu fizesse qualquer pergunta, passou a me contar suas opiniões sobre o caráter do homem, e comentou como os outros na comunidade o viam.

— Assim como as ideias do seu avô eram um tanto moderadas pelos padrões dos colonos da Baía de Massachusetts, o suficiente para trazê-lo a esta ilha, as ideias de Merry são ainda mais soltas. Vou ser sincero com você, Bethia; ele lutou contra opiniões muito adversas em Great Harbor. Sua primeira mulher morreu de consumpção quando os filhos mais novos tinham apenas dois e três anos, e os meninos mais velhos tinham nove e doze, se não me engano. Casou-se outra vez seis meses depois: uma moça jovem, Sofia, que era uma serva da casa. Alguns o julgaram por isso, mas eu não fui um desses, pois aquelas crianças precisavam de uma mãe mais do que precisavam dos ritos de luto. O pai de Merry era moleiro na Inglaterra, e assim, ao encontrar um córrego com água suficiente para encher um reservatório, Merry o viu como uma oportunidade e não hesitou em levar a família para um lugar a tantas milhas de distância do resto de nós. Não estou dizendo que ele seja um radical ou um inconformista, como normalmente enxergamos pessoas com essas atitudes. É um homem confiável e devoto. Mas talvez seja mais independente do que as pessoas costumam considerar aceitável.

Avistamos a fazenda a mais de um quilômetro de distância: uma grande extensão de terras baixas, protegidas do vento por colinas suaves, cercando uma lagoa rasa e brilhante. Os wampanoags, que tinham uma aldeia não muito longe dali — de onde víamos a fumaça de suas fogueiras —, haviam cuidado da terra antes que Merry se interessasse por ela, por isso havia clareiras. Entre elas viam-se bosques de árvores secas, que a família Merry havia matado há mais de um ano cortando-lhes um anel na casca, permitindo assim que a luz passasse e chegasse até a plantação. Os esqueletos das árvores formavam uma imagem lastimável, mas como não tínhamos bois ou animais de carga para puxar os troncos, aquela era a melhor maneira de preparar a terra para o cultivo. Merry havia colhido a produção bastante cedo, e os feixes de cereais espalhados pelo campo eram muitos, grandes e bem-feitos. Quando nos aproximamos, vimos três homens — Jacob, Noah e seu irmão mais velho, Josiah — trabalhando firme para construir um muro com as pedras de granito que tinham retirado do caminho do arado. Interromperam o trabalho assim que nos viram e se aproximaram com saudações animadas.

Eu não via Noah havia mais de dois anos, desde que sua família deixara Great Harbor. Por causa dos comentários que eu ouvira a seu respeito, fiquei tímida quando ele me cumprimentou. Mas também fiquei mais inclinada a reparar nele. Observei-o ao caminharmos para a casa (que era mesmo bonita, com dois andares e um sótão — de longe, a melhor já construída na ilha). Noah, seu pai e irmão retiraram os macacões sujos e os penduraram em ganchos. Fomos nos sentar à mesa numa sala grande e ensolarada, que não tinha menos de quatro janelas de vidro cujas molduras formavam desenhos de losangos, além dos belos lambris nas paredes.

Noah Merry parecia um rapaz alegre. Tinha uma risada sincera e a cabeça coberta de cachos loiros, um pouco compridos demais, e precisava jogá-los para trás para descobrir os olhos quando falava. Essa mania era parte de uma animação inquieta que o acompanhava constantemente, e quando ele se serviu do excelente bolo de cereais feito por sua jovem madrastra, o fluxo de piadas e comentários bem-humorados que saiu da sua boca do rapaz foi tão ininterrupto quanto o do riacho que salpicava e reluzia do lado de fora.

Ainda estávamos à mesa quando dois jovens wampanoags surgiram à porta. Jacob Merry ficou em pé, deu-lhes boas-vindas e, no que me deixou um tanto surpresa, pois pensei que fôssemos a única família inglesa que fizesse algo assim, ofereceu-lhes um lugar à mesa enquanto Sofia Merry enchia seus pratos com o bolo de cereais e servia uma caneca de cerveja a cada um.

Como parte do negócio que fora acertado pela fazenda, os índios poderiam moer seu milho de graça e alguns de seus jovens aprenderiam as técnicas de moagem.

Merry explicou que aqueles jovens tinham sido escolhidos por seu *sonquem* para aprender o ofício, “e levam jeito para o moinho, esses dois”. Ao ouvir isso, papai expressou sua aprovação.

— Muito bem-feito. É o que exatamente deveria estar acontecendo, agora que o povoado está crescendo para além de Great Harbor. Se eles enxergarem um benefício na nossa presença, realmente passaremos a ter interesses comuns.

Papai se virou para falar com os jovens, que pareceram um pouco tímidos na presença dele, ao vê-lo conversar em sua própria língua. Ouvi-os falar de si mesmos e de sua aldeia enquanto fingia estar completamente absorvida pela conversa com Sofia Merry e seus enteados.

Eu tinha nas mãos uma caneca, que suava com a cerveja gelada, e estava levando-a aos lábios quando um dos jovens, chamado Momonequem, perguntou a papai se ele tinha algum remédio inglês, pois havia um homem adoentado em sua aldeia.

— Ele não é um de nós. É Nahnoso, o *sonquem* de Nobnocket, que veio se reunir com o nosso *sonquem*. O nosso medo é que, se ele voltar doente, seu povo vai dizer que o nosso *pawaaw* lhe lançou um feitiço. O nosso *pawaaw* tentou curá-lo, mas, não conseguindo, chamou o *pawaaw* do próprio Nahnoso, Tequamuck, que para nós é o mais forte dos *pawaaw*. Ainda assim, por mais que ele tenha dançado e cantado, não conseguiu afastar a doença.

Nesse momento, a caneca úmida escorregou da minha mão e tombou ruidosamente na mesa, derramando o conteúdo.

Fiquei em pé, agitada, e ajudei a limpar. Ouvi papai dizer a Momonequem que não trouxera nenhum remédio, exceto um unguento e algumas bandagens, mas não achava que aquilo fosse ajudar num caso tão grave.

Não consegui me conter:

— O senhor não acha que deveria ao menos ir ver esse homem? — falei. — Tenho certeza de que os Merry têm como preparar um cataplasma, se for necessário. Em último caso, o senhor poderia rezar por ele... e se conseguir ajudá-lo, depois que os feiticeiros fracassaram, certamente irá fortalecer a missão.

Papai respondeu:

— Eu talvez... — Mas então interrompeu a frase e olhou para mim, estranhando. — Bethia, como é que você...? — Olhou para os Merry e decidiu que aquela não era a hora nem o lugar de discutir a questão.

Voltou-se para Momonequem e disse que iria com eles e faria o que pudesse. Agindo como se fosse natural presumir que eu iria também, pedi a Sofia Merry que me mostrasse que ervas ela tinha e poderia nos ceder. Embora o estrago já estivesse feito com papai, achei melhor não falar em *wampanaontoaonk* na frente

da família Merry, por isso pedi a papai que perguntasse aos jovens sobre os sintomas da doença do *sonquem*. Eles disseram que o *sonquem* tinha febre, o corpo coberto de pintas vermelhas e uma tosse forte. Assim, levei cebolas, sementes de mostarda, casca de salgueiro e, da horta, algumas folhas grandes de confrei e hortelã.

Momonequem e seu amigo Sacochanimo tinham trazido um *mishoon* cada um, deixando-os atracados nas margens da lagoa. Essas canoas eram construídas de troncos de árvores queimadas, e eram bastante amplas na frente, sendo usadas para carregar sacos de milho para o moinho. Eles desembarcaram a carga e a levaram até o moinho, e então indicaram que deveríamos ocupar o lugar onde os sacos tinham estado. Papai entrou cuidadoso na canoa de Momonequem, e eu na de Sacochanimo. Os jovens embarcaram com facilidade atrás de nós e remaram rápido pela lagoa. A água era bastante rasa, revelando folhas vívidas no fundo. Ricas cores de bronze e carmesim se sobrepunham umas às outras como no intrincado desenho do tapete turco que aquecia o chão do meu avô. Os jovens remavam rápido, sem esforço, cobrindo em pouquíssimo tempo a curta distância entre a fazenda e a aldeia. Da minha canoa, notei os músculos contraídos nos braços de Momonequem, que remava à nossa frente com papai. O remo penetrava na água sem salpicar, emitindo ondas que voltavam para a costa, onde tartarugas tomavam o sol da tarde, escapando ao nos aproximarmos. Momonequem fez uma curva fechada, entrando no rio que alimentava a lagoa, e seguimos atrás dele através dos juncos altos, em direção à aldeia.

Havia muitos *mishoon* atracados ali. Desembarcamos e, imediatamente, ouvimos a comoção profana que surgia em meio ao círculo de *wetu*. Aquela era a aldeia de inverno de um grupo grande, que tinha cinco ou seis vezes o tamanho do vilarejo devoto. Caminhamos até a origem do ruído.

O homem doente havia sido deitado num tapete e tinha o rosto completamente pintado com carvão ou argila preta. Ao redor dele, no solo, havia todo tipo de talismã feito de ossos e pele, conchas e plantas secas. Era um homem grande, de compleição forte, mas suas costelas pareciam prestes a lhe irromper do peito conforme o homem se esforçava para respirar em arfadas curtas e ruidosas. O *pawaaw* que desafiara meu pai em silêncio enquanto ele pregava aos índios era agora um borrão de movimentos frenéticos. Ele gritava, saltava, batia no chão e agitava seus chocalhos para o céu em gestos desvairados. Tinha espuma escorrendo pelos lábios, feito um cavalo sobrecarregado, e gotas dessa espuma lhe voavam do queixo cada vez que ele saltava, girava e tombava sobre a figura prostrada, perfurando o ar com uma lança imaginária e fazendo caras selvagens e

ferozes.

Parecia impossível que um homem pudesse manter esse ritual por muito tempo, mas ele o fez, aparentemente sem se cansar. Parou apenas para se virar de lado e vomitar uma bile marrom; então alcançou uma cabaça e bebeu um líquido de odor tão pungente que pude senti-lo de onde eu estava, a vários metros de distância. Era um homem muito alto, mesmo para um índio, e, apesar das pinturas vívidas que o cobriam, notei nele as feições de seu sobrinho. A intensidade daquelas preces era tanta que, se fossem dirigidas ao verdadeiro Deus, teria sido a prece mais devota que eu já ouvira.

Papai parecia transfixado pelo espetáculo, mas recuperou-se de súbito.

— Vire o rosto, Bethia. Não gratifique o Diabo, dando atenção a esses ritos.

A disciplina que eu adquirira ao longo da vida me compeliu a obedecer. Quando é que eu, na presença de papai, já deixara de cumprir uma instrução vinda de sua boca? Porém, afastar os olhos daquele ritual foi como arrancar um prego de uma tábua. Papai apoiou uma das mãos nas minhas costas, conduzindo-me na direção do *wetu* mais próximo e dizendo a Momonequem que iríamos esperar ali até que o *pawaaw* terminasse; depois disso, podia nos chamar para cuidar do homem doente e para vermos o que poderia ser feito, se é que ainda restava alguma esperança.

O *wetu* era uma cúpula feita de cortiça, muito bem-construída, e a entrada era coberta por uma pele de animal para proteger a morada contra o frio do outono. Papai ergueu um pouco a pele, pedindo permissão para entrar. A voz de uma jovem assentiu, cortês. Papai indicou que eu entrasse antes dele, então me abaixei e entrei, esperando que meus olhos se ajustassem à luz fraca. Ainda bem que entrei primeiro, pois a mulher estava vestindo uma blusa de pele de cervo sobre os seios nus, indiferente, sem grande pressa em cobrir o corpo despido. Não era muito mais velha que eu; tinha pernas longas e fortes e o cabelo atado numa única trança grossa, toda adornada com penas de peru. Fez um gesto para que nos sentássemos, e assim fiz, afundando numa pilha densa de peles de animal colocadas sobre bancos de tronco. O *wetu* estava cálido, e a cortiça das paredes emitia um aroma adocicado de resina.

Ofereceu-nos uma massa de milho seco, que comemos com as mãos, apanhando-a diretamente da panela comunal. Ela cozinhava numa fogueira pequena, e a fumaça saía diretamente por um buraco no teto de cortiça. Lá fora, um tecido em forma de vela podia ser movido de um lado para o outro, para eliminar a fumaça e proteger o *wetu* da chuva. Na escuridão, vi papai me encarar com o olhar seco e inflexível enquanto eu mordiscava a massa de milho. Já sabendo o que estava por vir, achei melhor tocar logo no assunto. Virei-me para a

jovem e agradei gentilmente, em wampanaontoaonk; ela ficou surpresa e exclamou. Expliquei-lhe, com um olho em papai, que aprendera sua língua durante as aulas que papai tivera com Iacoomis. Em inglês, acrescentei:

— Por favor, não fique bravo comigo, papai. Tantos meses de inverno diante da lareira quando eu era bebê... Não tive como tampar os ouvidos.

Não sei o que papai teria respondido. Ele não teve a chance de dizer o que estava pensando porque, naquele momento, o *sonquem* da aldeia entrou no *wetu*, acompanhado de vários anciãos. Quando ergui os olhos, a comida caiu dos meus dedos. Um deles era tão parecido com Caleb que, durante um breve instante de felicidade, pensei que fosse ele, trazido de volta de sua provação solitária. Mas ao examiná-lo melhor pela segunda vez, vi que a semelhança era inexata. Aquele não era o rosto de um jovem — já era um homem, desgastado e endurecido por muitos anos adicionais. Percebi então que aquele devia ser o irmão mais velho de quem Caleb me falara: Nanaakomin, o filho obediente, que era o herdeiro preferido do pai, Nahnoso. Como o homem se mantinha atento a meu pai, tive liberdade para estudar suas feições, tão parecidas àquelas que já me eram tão familiares e até queridas. Os olhos de Nanaakomin eram observadores e inteligentes, como os de Caleb, porém mais escuros e opacos. Seus lábios eram mais cheios e mais sensuais.

A jovem me chamou com um gesto, indicando que deveríamos sair e deixar que os homens discutissem com meu pai, e foi o que fizemos. A aldeia estava mais calma agora. Tinham carregado o homem doente para um abrigo. Somente o *pawaaw* permanecia no círculo. Ficou deitado ali, na terra, finalmente exausto, ou em alguma espécie de transe, eu não sabia ao certo. As pessoas da aldeia, de qualquer forma, mantinham bastante distância do *pawaaw*, e a mulher ao meu lado virou o rosto, de modo a não olhar para ele. Percebi que ela sentia medo. Passou caminhando rápido e desapareceu em algum outro *wetu*. Não havia mais ninguém ali fora. O *pawaaw* estava deitado completamente só, com sua parafernália de feiticeiro — que ninguém mais ousava tocar — espalhada ao seu redor. Caminhando em silêncio, como Caleb me ensinara, aproximei-me um pouco mais do homem. Tinha os olhos abertos, porém vítreos e cegos. A cabaça da qual ele havia bebido a poção estava ao lado, a poucos centímetros de seu rosto estranho e sem expressão.

CHEGAMOS, AGORA, AO MOMENTO em que não posso responder pelo meu próprio comportamento; posso apenas dizer que o Diabo realmente me tinha nas mãos. Pois caminhei até aquela cabaça e olhei em seu interior. Continha o que restava

de uma mistura esverdeada, com um odor tão penetrante que queimava as narinas. Adivinhei o que havia ali. Uma decocção da raiz do heléboro-branco, do qual Makepeace me falara; o caminho venenoso para a força visionária. Olhei ao redor, para saber se alguém me observava, mas não havia ninguém por perto além do *pawaaw*, supino e insensível em seu transe.

Apanhei a cabaça. Minha mão tremia. Coloquei-a no chão outra vez e fiz menção de me afastar. Mas não consegui. Apanhei-a de novo e me afastei dali com ela, escondendo-me atrás de um arbusto. Coloquei-a no chão outra vez e fiquei sentada ali, considerando-a. Não restava muito líquido. Makepeace me contara que eles sabiam bem como preparar uma dose que não fosse venenosa. Que problema haveria se eu o provasse? Que mal faria? Eu talvez ganhasse algo com ele. Eu ansiava por vivenciar, mais uma vez, aquela sensação de êxtase sagrado que caíra sobre mim nos penhascos.

Levei-a aos lábios e tomei um gole. O sabor na minha língua foi doce a princípio, por isso virei a cabaça e engoli o que restava nela, até a borra do fundo. Um momento depois, minha boca e garganta pareceram arder. E então veio um ressaibo amargo. Senti ânsia de vômito. Deixei a cabaça no chão e corri de volta para a margem da lagoa, onde me ajoelhei e bebi grandes goles de água com as mãos. Acho que, naquele momento, eu poderia ter bebido fel para aliviar minha boca. Pouco depois, já não sentia a língua, de tão dormente que estava. Senti meus joelhos dobrarem como se alguém tivesse me acertado com força pelas costas. Tomei no chão ao lado da lagoa.

O tempo passou mais devagar. Senti o sangue pulsar na minha cabeça. Cada respiração exigia um grande esforço, cada inspiração mais lenta e áspera que a anterior. A pulsação de meu sangue também se tornou mais lenta, até eu sentir como se uma era inteira passasse entre cada batida do meu coração. Tentei erguer a mão, mas o tempo decorrido entre o pensamento e o ato pareceu uma eternidade. Minha mão estava pesada como uma bigorna. Ao se mover pelo espaço, pareceu deixar um rastro atrás de si, uma série de mãos subindo pelo ar. Levei a mão aos meus lábios ardentes e inchados, mas meus dedos estavam dormentes e não senti o meu rosto.

O sol estava baixo no céu, iluminando as árvores e fazendo seus reflexos vermelhos dançarem pela lagoa como pequenas chamas. Então, de repente, a lagoa toda estava em chamas. Os brilhos da luz não eram reflexos, e sim verdadeiras línguas de fogo, flamejando quentes pela superfície da água. Pouco depois, uniram-se em grandes labaredas, saltando e rugindo, assumindo a forma de gigantes cuja pele escura reluzia como carvão em brasa. Enterrei a cabeça nos braços, mas as visões abriram caminho entre minhas pálpebras fechadas. Ouvi um

som terrível: trovões e grandes estrondos, como se a própria terra estivesse se abrindo sob os meus pés. Comecei a rezar, mas as palavras saíram estranhas da minha boca inchada; palavras grosseiras, guturais, cujo significado eu não conhecia. Eu tinha agora um gosto metálico na língua, quente e viscoso, como sangue coagulado. O sangue de Cristo. Não, isso não. O cálice do Diabo não serve vinho sagrado. Esse era o sangue de algum sacrifício demoníaco; de algum inocente transfixado pelo tridente do demônio, dessangrado. Minha cabeça estava prestes a se abrir, tão forte era a dor que me assolava.

Se havia um poder ali, não era para mim. Aquele era de fato fruto proibido. Não pensei que eu fosse conseguir me erguer, mas, sem pensar, fiquei em pé e me pus a correr feito um espírito da mata, saltando arbustos e evitando ramos com uma agilidade que eu não sabia possuir. Corri e saltei até sentir uma pontada no estômago; caí de joelhos, abraçando a minha barriga. Eu esperava vomitar a poção e me ver livre dela. Mas meus arquejos foram secos. Fui tomada de câimbras. Meu estômago se contorceu num espasmo. Algo se movia ali, um orbe duro pressionava minhas tripas macias. Levei minha mão para lá. Úmido, viscoso. Cabeça com chifres, casco fendido. O filho do demônio, erguendo-se e lacerando a minha carne. Brotou de mim num ímpeto, uma garra ensanguentada agarrou meus músculos dilacerados, surgindo em meio a entranhas lustrosas, pulsantes. Asas duras, pingando excrementos. Elas se flexionaram e se estenderam, roçando o meu rosto. Debatí-me diante da besta, agitando os dois braços. A criatura horrível bateu asas, exalando o fedor da corrupção e da podridão — o cheiro da morte, não do nascimento. Subiu para o céu rachado, do qual caíram setas brancas sobre mim, inflamando o meu corpo. Vi minha carne em chamas ser coberta de bolhas e então derreter, desprendendo-se de meus ossos carbonizados, até que meus olhos, definhados pelo calor, caíram de suas órbitas como ervilhas secas. Então não vi mais nada.

VOLTEI A MIM DEITADA NA GRAMA ao lado da lagoa. Haviam passado poucos minutos, pois o sol acabava de se pôr atrás da colina a oeste da lagoa. Seu brilho, rosa e lilás, banhava tudo com uma luz benigna. Olhei para os meus braços, inteiros e saudáveis, e senti minha barriga, que estava dolorida, mas certamente não dilacerada. Havia um odor, sem dúvida. Meu vômito na grama, que soltava um leve vapor, explicava em parte aquele cheiro. Procurei um punhado de folhas de sassafrás para limpar a boca. Ao me erguer, senti-me molhada, e percebi, tomada de humilhação, que eu havia sujado as roupas de baixo. Tirei-as, enojada, enrolei-as numa pedra e as lancei bem longe, no meio das árvores. Minhas mãos tremiam. Ajoelhei-me, respirei fundo, soluçando, e rezei a Deus para que me perdoasse.

Mas não esperava a sua piedade.

Uma vez, quando meu avô pensou que eu não estava ouvindo, contou a papai um caso terrível que fora levado aos magistrados do continente. Uma mulher tinha jogado o próprio bebê num poço. Ao ser levada para responder pelo assassinato, ela disse que um grande bem fora causado por seu ato perverso. Por fim, disse a mulher, ela estava livre da incerteza que a atormentava a cada instante: ela estaria entre os salvos ou os danados? Toda sua vida girara em torno dessa questão. Ela finalmente sabia.

Pensei nela enquanto cambaleava de volta aos *wetu* para esperar papai. Agora eu, buscadora de deuses estranhos, também já sabia a resposta. Incrivelmente, em vez de me oprimir, essa ideia me fez sentir estranhamente leve, como imagino que ocorra ao alcançarmos qualquer espécie de certeza, por mais sombria que seja. Naquele momento, eu não sabia que Deus não iria esperar até que eu morresse; que preferiria agir com rapidez, ainda neste mundo, para punir o meu pecado.

Esperei durante mais de uma hora enquanto papai cuidava de Nahnoso. Meu intestino estava tomado por espasmos e minha cabeça pulsava. Fingindo estar trabalhando para papai, fiz uma infusão de casca de salgueiro e tomei o líquido, na esperança de aliviar minha cabeça. Mas era a vergonha que me provocava náuseas, e nenhuma decocção podia curá-la. Por fim, papai mandou alguém me instruir a preparar cebolas para fazer um cataplasma a ser aplicado no peito do homem, e quando finalmente saiu do *wetu*, perguntei se ele achava que o chá de salgueiro poderia abrandar a febre.

— Aparentemente eles já fizeram isso, junto de algum outro remédio de bruxo prescrito por aquele homem — disse papai, inclinando a cabeça para o local onde Tequamuck estava deitado, agora de olhos fechados, coberto por uma túnica de pele, com a respiração regular de uma pessoa em sono profundo. Percebi, alarmada, que eu não recolocara a cabaça ao lado dele; deixara-a no arbusto. Não havia nada a fazer; eu não poderia buscá-la agora. Papai estava falando comigo, então esforcei-me em prestar atenção nele.

— Proponho fazermos uma sangria. Você pode segurar a bacia, se achar que consegue.

Segui papai até o *wetu* onde estava deitado o *sonquem* doente, com seu filho ao lado, cercado dos homens mais notáveis da aldeia.

— Que tipo de lâmina vocês têm? — perguntou papai.

Um dos homens lhe mostrou a ponta de uma flecha. Papai a apanhou. O braço do homem, no local onde papai pretendia abrir a veia, estava coberto de faixas de banha de guaxinim e carvão, por isso eu o lavei, para revelar melhor a veia, e esfreguei menta triturada no local. Papai apoiou a ponta de pedra na carne. Segurei a bacia com as mãos trêmulas e tentei me entregar às preces que papai pronunciava. Quando ele considerou que já havia vertido sangue suficiente, apliquei folhas de confrei na ferida e fiz um curativo com uma longa faixa de couro que alguém me entregou.

Enquanto as cebolas assavam, amassei as sementes de mostarda, formando uma

pasta para adicionar calor ao cataplasma. Ouvi a fricção no peito de Nahnosu quando papai aplicou o emplastro. O tempo rastejava, marcado pela subida e descida daquela respiração perturbada. Pouco a pouco, achei que a cor do homem começou a mudar. Estava escuro no *wetu*, por isso pensei que meus olhos talvez estivessem me enganando. Mas pouco depois não houve mais dúvidas, sua respiração laboriosa se tornou mais tranquila. Passou uma hora, e então, um milagre! Ele abriu os olhos e olhou ao redor, perguntando onde estava e, um pouco agitado, quem éramos nós. Seu filho Nanaakomin soltou um grande grito de alegria e abraçou meu pai. Assustei-me ao ouvir seu grito, a voz tão parecida com a de Caleb.

O *sonquem* de Takemmy falou então, contando-lhe tudo o que ocorrera desde que adoecera: o insucesso do *pawaaw* local na tentativa de reverter a doença, a chegada de Tequamuck e seus esforços durante um dia inteiro, em vão. Ele apontou então para o meu pai e explicou que a magia do calor (o cataplasma) e a magia do sangue, junto de feitiços dirigidos ao Deus inglês, o resgataram da beira da morte.

— *Manitoo!* — suspirou Nahnosu, e caiu de volta no tapete.

Papai se virou para mim e disse em inglês:

— Eu gostaria de ficar e cuidar dele, mas não quero que você passe a noite aqui.

— Por que não, papai?

— Porque não há nenhum *wetu* no qual você possa deitar a cabeça sem o risco de presenciar alguma indecência. Vou pedir a Momonequem que nos leve de volta à casa dos Merry, e então voltarei aqui com ele.

— Você não precisa me acompanhar, papai. Posso ir com Momonequem sem nenhum problema.

— De maneira nenhuma. Mesmo que o jovem seja honrado, algo de que não tenho motivos para duvidar, eu não arriscaria a sua reputação. O que a família Merry pensaria de algo assim? Você, sozinha numa canoa com... Não, é impensável.

Pensei em todas as horas que havia passado sozinha com Caleb. Horas inocentes que, aos olhos de papai, e de toda a nossa sociedade, me transformariam numa meretriz. Ainda bem que ninguém sabia daquilo.

REMAMOS DE VOLTA À FAZENDA da família Merry ao cair da noite. Jacob Merry insistiu em me ceder seu lugar, por isso deitei na cama ao lado de Sofia. Sua cama de penas era duas vezes mais larga e macia que meu catre, que era estufado de palha e farrapos. Caí no sono imediatamente, mas fui acordada várias vezes por pesadelos.

Tive que ir ao banheiro várias vezes durante a noite. Quando Sofia perguntou o que eu tinha, culpei a massa de milho que eu comera da panela comunal no *wetu* por meus problemas intestinais.

De manhã, levantei-me cansada e dei uma ajuda a Sofia nas tarefas domésticas até que os homens viessem para o lanche. Senti os olhos de Jacob Merry postos sobre mim enquanto eu ajudava Sofia a servir sidra e fatias de pão com manteiga recém-feita. Tentei esconder o tremor em minhas mãos.

— Noah, já que a senhorita Mayfield ficará detida aqui por algumas horas, ela talvez queira visitar a fazenda. Por que não a mostra a ela?

— Eu vou, papai — disse Josiah, animado.

— Você não, Josiah, preciso de você. Quero sua ajuda no moinho.

— Mas nós já moemos...

Jacob Merry empurrou a cadeira para trás ruidosamente e encarou o filho mais velho.

— Estou precisando da sua ajuda.

— Muito bem, pai.

Quando Josiah se levantou da cadeira, obediente, eu o vi piscar um olho para o irmão e lhe dar um soco leve no braço. Noah corou.

Qualquer timidez que ele tenha sentido logo passou conforme caminhávamos pelos campos. Tentei prestar atenção nele, mas ainda tinha a mente ocupada pela loucura do dia anterior, e meus pensamentos estavam dispersos como palha ao vento. Noah claramente cuidava da fazenda com zelo. Se eu compartilhasse seu interesse pela vida rural, minha vida seria muito mais simples. Deixei-me inundar por seus comentários sobre as virtudes do capim-rabo-de-gato e da ervilhaca quando usados como forragem, exclamei, quando pareceu necessário, ao ouvir a incrível quantidade de gêmeos que as ovelhas haviam produzido na última estação, e fiz que sim, com cara de entendida, quando ele delineou seus planos de plantar pomares, montar uma laticínio e fazer todo tipo de melhoria.

— O Josiah tem mais interesse no moinho, e sua principal ocupação será desenvolver essa empresa. Eu me interesso mais pela fazenda. Com o tempo, papai e eu esperamos ter os meios para nos expandir, se o *sonquem* nos vender mais terra. Existem vales férteis naqueles bosques, que cederiam facilmente sob a enxada. Realmente parece estranho deixá-los assim, incultos...

Enquanto ele tagarelava, eu pensava em Nahnos. Perguntei-me como ele estaria, já que o destino de papai estava agora ligado ao dele. Mas de repente, Noah parou de falar e se virou para mim com um olhar ávido:

— Pareceu que você ontem entendeu a língua dos índios na nossa mesa. Foi isso mesmo?

— Bom, eu... — Observei o semblante de Noah. Seus olhos azul-claros me olhavam com curiosidade. Aquele jovem estava realmente destinado a ser meu marido? Não havia nada em meu coração que me dissesse que isso devia ocorrer. Mas se tivesse de ser, eu não deveria mentir para ele agora. Que espécie de casamento poderia ser construído sobre as bases da inverdade? Engoli a falsidade que estava se formando nos meus lábios. — Isso mesmo — respondi. — Mas é uma língua muito difícil.

— Eu sei! Eu não consigo reter mais do que duas ou três palavras nessa língua. Nunca tive facilidade em decorar. Papai é um pouco melhor, mas para ele também é uma luta. É incrível que você consiga conversar com eles! Seria ótimo para nós se uma pessoa da casa conseguisse falar com eles com facilidade; poderíamos fazer muito mais se nos entendêssemos melhor.

Agora foi a minha vez de corar. Ele estava dizendo que já me contava como um possível membro da casa? Ou será que eu, por saber o que não deveria, estava dando valor demais a uma observação inocente? Ou ele era afobado demais, ou eu estava muito ansiosa. Mas se papai não tivesse me contado tudo sobre o entendimento que fizera com a família Merry a meu respeito... Ao pensar nisso, senti a brasa da raiva se acender de súbito, queimando com intensidade.

— Vamos voltar? — falei. — Já vi o bastante por aqui.

Enquanto voltávamos para a casa, mantive o olhar fixo no chão, para não notar o sol baixo de outono que reluzia naquela extravagância de vidro.

PAPAI VOLTOU AO MEIO-DIA e começamos o trajeto de volta para casa um pouco depois, para chegarmos a Great Harbor antes de escurecer. Papai tentou projetar uma expressão sóbria, mas notei que ele estava explodindo de alegria. Nahnoso tivera uma recuperação incrível e, vendo nela um sinal do poder do Deus inglês, pediu para ser instruído nos modos do Deus verdadeiro e de seu filho, Jesus Cristo.

— Converter um *sonquem*, Bethia... vai ser um momento de virada para a missão, tenho certeza. E um *sonquem* como ele, tão próximo àquele feiticeiro, Tequamuck... Uma derrota como essa... Se conseguirmos pôr um fim ao domínio que ele exerce sobre esse povo... Cristo teve uma grande vitória aqui, minha filha. Uma grande vitória. Nahnoso concordou em receber Iacoomis, que o instruirá no Evangelho. Quando estiver recuperado, vai trazer sua família para me ouvir pregar no culto de domingo em Manitouswatootan.

Sua família. Isso certamente incluiria Caleb, seu filho. O que aquela mudança de disposição do pai significaria para Caleb? Será que seu pai ordenaria a interrupção de sua jornada pagã? Por mais corrompida que eu me sentisse, e

pesada, com a alma manchada pelo pecado, rezei a Deus para que afastasse o Diabo de Caleb até que seu pai pudesse trazê-lo de volta da selva.

Quanto à *minha* família, voltamos para casa ao escurecer, para uma noite de rara alegria. Papai estava extasiado com seu triunfo, e eu nunca vira mamãe tão radiante como naquela noite, regozijando-se com as palavras de papai. Àquela altura, a condição de mamãe já era evidente, dando a seu rosto um atípico tom rosado. Não muito depois, ouvi mamãe contar a Goody Branch que jamais tivera uma gravidez tão tranquila como a daquele bebê, que se tornaria a nossa Solace, e a sua ruína fatal. Talvez a alegria que ela encontrou naqueles últimos meses tenha sido um grão de piedade divina dedicada a ela, enquanto Deus moldava no interior de mamãe o instrumento de sua retribuição para mim.

É tarde. Já passou da meia-noite, portanto o Dia do Senhor já chegou. Estou pecando mais uma vez, desrespeitando o domingo sentada aqui, rabiscando estas palavras. Amanhã, a esta hora, Caleb estará dormindo no quarto abaixo.

Estou exausta; acordei cedo nos últimos dias e fiquei acordada até tarde demais escrevendo estas páginas. Ainda não anotei tudo o que pretendia, embora tenha apresentado aqui a maior parte, que é a narração dos meus pecados. Tenho os olhos pesados, por isso vou acrescentar apenas um breve relato sobre como chegamos à circunstância presente.

Não presenciei nada do que vou contar, tive de inferir todos os fatos pelas conversas de papai com outros, quando ele pensava que ninguém mais estava ouvindo. Trocando em miúdos: papai não conseguiu converter o seu *sonquem*, nem reduziu o domínio do *pawaaw* Tequamuck.

Quando Iacoomis viajou para pregar o Evangelho a Nahnos, como fora combinado, foi recebido por Tequamuck, que usava suas vestes de feiticeiro. Deu-se entre eles uma espécie de duelo: Tequamuck lançava seus feitiços e espíritos demoníacos contra as preces sagradas de Iacoomis. Iacoomis se manteve firme, proclamando que Deus é mais forte que todos os espíritos conhecidos por Tequamuck. Nenhum dos dois cedeu. No final, Nahnos se manteve ao lado dos seus e se recusou a ouvir Iacoomis naquele dia, ou em qualquer outro. Não sei se Tequamuck convenceu Nahnos pela via da razão ou se apenas o enfeitiçou, como acredita papai. Este, muito aflito com a história contada por Iacoomis, foi ver Nahnos pessoalmente. Levou uma mensagem severa ao *sonquem*, alertando-o de que Deus não deveria ser afrontado; que, tendo uma vez resolvido aceitar a verdade do Evangelho, voltar aos braços do demônio se tornara um pecado ainda mais grave. Mas Nahnos, já plenamente revigorado, não quis saber daquilo e disse a papai que deixasse de incomodá-lo. Discutiu com papai num tom feroz, usando as palavras que Tequamuck lhe dissera:

— O senhor vem aqui perturbar o meu descanso com suas lendas de inferno e

danação, mas essas lendas são ameaças vazias, feitas para nos afastar dos nossos costumes e para lhe prestar reverência. Não vou ouvir as suas palavras.

Determinou que papai e Iacoomis estavam banidos das terras de Nobnocket.

MENOS DE UM MÊS DEPOIS, Nahnoso adoeceu outra vez, dessa vez com o pior de todos os flagelos que assolam seu povo, a varíola. Não há doença pior para eles, que a temem profundamente. Quando a doença cai sobre os wampanoags, abate-os com uma gravidade terrível — muito pior que conosco. Para eles, não se trata apenas das feridas espalhadas que estamos acostumados a sofrer, e sim de um grande aglomerado de pústulas que lhes rompe toda a pele e a carne.

Quando papai ouviu falar disso, sentiu um grande pesar e fez menção de ir vê-lo, mas Tequamuck insistiu em proibi-lo de passar. Tivemos poucas notícias sobre como estava seu povo, pois os wampanoags de Manitouwatootan estavam apavorados e não iam para lá, nem mesmo os que tinham parentes, por mais que papai lhes suplicasse para que demonstrassem piedade cristã. Passou uma semana até que uma alma corajosa se aventurasse pelo lugar e voltasse com uma notícia medonha. Nahnoso havia morrido; além disso, de um grupo de algumas centenas, menos de sessenta almas continuavam vivas, e a maioria estava gravemente afetada.

Essa notícia foi demais para papai.

— Com tantos mortos, haverá poucos para cuidar dos que ainda vivem — falou.

Ele e meu avô alistaram alguns bons homens de Great Harbor — não deixaram que eu e Makepeace fôssemos, dizendo que os mais velhos pareciam suportar melhor a doença do que os jovens — e foram para lá com suprimentos. Partiram, ainda que a hora de mamãe estivesse por chegar. Mas ela insistiu que papai fosse, dizendo não temer pelo resultado de seu parto; o que ela temia era pela missão de papai com os índios, caso os abandonasse numa hora de grande necessidade. O grupo se ausentou por vários dias, e tememos por eles. Mas um homem do grupo — James Tilman — voltou para buscar mais suprimentos e para trazer a notícia de que papai estava empenhado num grande esforço para salvar tantos quantos permitisse a divina Providência.

O mestre Tilman tinha um olhar muito sério quando pediu a mamãe que buscasse o que pudesse dentre o nosso estoque de alimentos. Quando fui com ela até a despensa, as duas o ouvimos descrever a Makepeace a lamentável condição daquele povo. Não pude olhar nos olhos de mamãe enquanto ouvíamos as palavras que cruzavam a casa e chegavam até nós, mas as nossas mãos se buscaram e se apertaram com força.

— Um pobre homem estava deitado num desconforto terrível; eu pensei em

ajudá-lo, por isso tentei levantá-lo... — A voz de Tilman estremeceu e ficou tão baixa que mal conseguimos ouvi-lo. — Não notei que sua pobre pele ferida havia grudado ao tapete onde ele estava deitado, e todo um lado do homem se despreendeu quando eu o virei. Ele era todo sangue e coágulos, uma cena horrível de se ver...

Tilman se afastou, e pude ouvi-lo respirar pesadamente, lutando para se conter. Mamãe me deixou e foi aquecer um chá. Insistiu para que Tilman o bebesse. Por mais que eu sentisse pelo sofrimento geral, minha mente estava tomada de pensamentos sobre Caleb. Eu havia desejado que ele fosse removido de sua jornada no bosque. Agora, rezava intensamente para que ainda estivesse por lá, e não deitado ao lado de seu povo, sangrando e morrendo.

— Ainda bem que seu marido insistiu para que fôssemos — disse Tilman a mamãe, quando ele finalmente se recuperou. — A doença os acertou com tanta gravidade que, por alguns dias, não conseguiram ajudar um ao outro. Já não tinham lenha, e estavam queimando seus materiais de madeira: almofarizes, tigelas, até mesmo o corpo das flechas. Nanaakomin, o filho do *sonquem*, foi um dos que fez isso, antes que a doença o levasse. Mais tarde encontrei a mãe dele, a *squa* do *sonquem*, morta na beira da estrada... A mulher e seus bebês tinham tanta sede, sem ninguém para lhes trazer água, que ela tentou rastejar até o riacho. Eu a enterrei, é claro, e a dois dos bebês. O seu bom marido pede que os enterremos à maneira deles, envoltos em peles de cervo. Os que sobrevivem agradecem sua bondade e lhe beijam as mãos.

Senti um nó no estômago ao ouvir esse relato. Entrei então na sala e fiz a pergunta que estava me comendo por dentro:

— Eu... eu ouvi dizer que o *sonquem* tinha dois filhos... O que houve com o outro?

Tilman deu de ombros.

— Ninguém nos falou de um segundo filho. A perda de Nanaakomin foi tão grave para eles que não acho que exista outro.

Foi Makepeace quem notou que mamãe estava pálida e suando; assim, conduziu-a pela escada, para que se deitasse na cama. Eu deveria ter tomado essa atitude. Mas não parava de pensar em Caleb, negligenciando os que estavam mais perto de mim. Eu não conseguia me livrar da ideia de que Caleb já havia perecido. De outro modo, como era possível que sua mãe e seu povo morressem ali sem ninguém para auxiliá-los? Naquele momento, mergulhei num sofrimento privado, incapaz de me abrir com qualquer pessoa sobre a causa da dor que me assolava o coração.

— Onde está o feiticeiro deles em meio a tudo isso? — perguntou Makepeace a

Tilman ao voltar do quarto de mamãe. — Rezo para que Deus o tenha finalmente abatido, caso contrário, como é que o senhor e papai receberam permissão para entrar?

— Dizem que ele ainda vive. Segundo o que um homem nos contou, o feiticeiro se exauriu executando todo tipo de bruxaria, tentando afastar a doença. E então, como seus poderes se mostraram inúteis, partiu para fazer algum outro rito secreto, mais forte... É o que eles acreditam. De minha parte, parece-me provável que tenha feito um pacto com o Diabo, deixando o lugar para salvar sua própria pele maldita.

TANTAS VEZES DIZEMOS QUE “Deus escreve certo por linhas tortas.” Deus mandou pragas sobre o povo do Egito para livrar os hebreus cativos; da mesma forma, muitos por aqui dizem que ele enviou essa praga sobre o povo de Nobnocket para libertar as almas daqueles que estavam escravizados pelo paganismo. Para mim, é extremamente difícil acreditar que esse terrível extermínio tenha trazido algum grande bem, por isso não digo nada quando o tema é discutido. Mas o fato é o seguinte: os poucos que ainda viviam entre o povo viram a doença como um sinal da força de Deus, uma punição contra Nahnoso e uma prova da correção dos ensinamentos de meu pai. Especialmente porque, graças à maravilhosa divina Providência, nenhum dos ingleses que os ajudaram foi minimamente tocado pela doença.

Ao se recuperarem, um por um, e depois aos muitos, a maioria dos sobreviventes desafiou Tequamuck, deixou suas terras em Nobnocket e foi para a comunidade de Manitouwatootan. Entre eles, finalmente, veio Caleb. Fiquei sabendo, muito depois, que ele jamais estivera em Nobnocket durante a época da doença, nem mesmo ouvira falar do problema até que a fúria da praga se esvaísse e toda sua família estivesse morta. Tequamuck fora com ele para o bosque e ficara ali durante toda a lua das noites longas executando intensos rituais, mas sem revelar nada sobre o flagelo que afetava seu povo.

Naquela primavera, mamãe foi ter o seu parto e não voltou dele. Entramos na nossa própria temporada de luto, que foi ainda mais pesada para mim, pois eu sabia que a culpa da morte de mamãe era minha. Durante essa época, nossas mentes se distanciaram das perdas dos outros. Só muito mais tarde fiquei sabendo que Caleb finalmente fora a Nobnocket. Enquanto eu rezava diante da sepultura de minha mãe, ele caminhava pelas ruínas da aldeia e procurava as covas improvisadas de sua família. O sofrimento de Caleb era grande, e ele sentia uma forte ira contra Tequamuck, por não ter lhe contado a verdade. Permaneceu ao

lado de Tequamuck apenas o suficiente para executar os ritos fúnebres que considerava necessários. Depois seguiu seu próprio caminho, como sempre fizera, e mudou-se para a aldeia devota, dizendo que iria conhecer melhor o Deus inglês antes de decidir se o aceitaria ou não.

Quando meu pai recobrou o ânimo para pregar e foi mais uma vez a Manitouswatootan, Caleb procurou-o para agradecer pela compaixão que mostrara com os doentes e perguntar que recompensa ele poderia lhe oferecer em nome de seu pai falecido, o *sonquem*. Papai, bastante impressionado com a capacidade do rapaz de falar inglês, disse que permitir que seu povo ouvisse o Evangelho já era recompensa suficiente. Para mim, foi difícil manter uma expressão contida quando papai voltou para casa extasiado com o jovem milagrosamente sábio que surgira da selva. Fui tomada de alívio e alegria, de tal forma que precisei sair de casa e caminhar um pouco para me recompor.

Houve uma época em que desejei obter reconhecimento pela instrução de Caleb; agora, sentindo-me culpada pelas consequências de meus atos secretos, eu temia que a nossa conexão fosse descoberta. Não disse nada quando papai se pôs a especular sobre como o jovem teria aprendido a falar inglês. Ele julgou que algum wampanoag do continente, de Mashpee ou Plimoth, teria vindo para a ilha e lhe ensinado. Deixei que Makepeace fizesse as perguntas, embora tenha sido muito difícil permanecer calada e fingir apenas um interesse trivial na questão. Houve um momento em que quase me entreguei. Quando papai anunciou que o inteligente rapaz se chamava Caleb, perguntando-se onde o filho de Nahnosso poderia ter se deparado com um nome hebraico, soltei um ruído de exclamação, e então fingi ter engasgado com um pedaço de pão.

Papai começou imediatamente a instruí-lo, e, depois de cada encontro, a conversa à mesa era sobre o intelecto afiado e o progresso notável do jovem.

E agora Caleb vai deixar Manitouswatootan e vir morar aqui conosco, para que papai possa instruí-lo durante mais horas por dia. Caleb vai ter aulas ao lado de Makepeace e Joel, o filho de Iacoomis. Joel é dois anos mais novo que Caleb, mas foi criado entre os ingleses e aprendeu a ler desde cedo. Papai diz que ele aprende rápido e que seu latim já vai bem avançado. Papai me procurou, apenas dois dias atrás, para me dar a que acredita ser a primeira notícia sobre o nosso próximo hóspede. Papai estava ansioso e hesitante, pensando, imagino, que eu não gostaria de estar tão perto de um rapaz índio. Ele tinha preparado um longo discurso sobre como todos nós devemos carregar uma parte da Cruz, mas eu o interrompi à primeira oportunidade e disse que gostaria muito de ajudá-lo em sua missão de um modo tão prático e que não via nenhum problema em termos o jovem dentro de casa. Papai ficou aliviado ao ouvir isso, e tem estado muito gentil comigo desde

então.

A intenção de papai é que, caso Caleb e Joel demonstrem ser capazes de aproveitar sua instrução, eles se mudem para o continente com Makepeace, para fazer o exame de admissão à Universidade de Harvard. Ao que parece, a faculdade construiu um segundo edifício ali, ao lado do prédio inglês, justamente para educar jovens índios, com o objetivo de torná-los instrumentos da propagação do Evangelho entre as tribos.

É tarde da noite. Meus olhos doem e tenho câimbras na mão. Não vou escrever mais. Vou juntar esta página às outras, num esconderijo que criei em meu catre. Mas não sei se conseguirei dormir esta noite.

Ao escrever esta confissão, consegui enxergar meus pecados com clareza, e realmente me arrependo do que fiz. Desde esses acontecimentos sobre os quais escrevi, e especialmente desde a morte de minha mãe, tenho mantido distância de todos os wampanoags, exceto Iacoomis e seu filho, que são, em todos os detalhes que interessam, iguais aos ingleses. Já não sinto nenhuma inclinação corrupta à idolatria, como sentia anteriormente.

Mas Caleb chegará hoje. E não sei o que acontecerá comigo a partir de então.

Anno 1661
Aetatis Suae 17
Cambridge

Eu não pensava que iria apanhar esta pena, depois de tê-la largado há tanto tempo. Mas a minha mente está em chamas e sinto que devo fazer algum relato destes últimos meses e da minha difícil condição presente, longe de casa, neste lugar insalubre.

Sonho com mamãe, agora. Durante o primeiro ano após sua morte, não era assim. A minha culpa talvez a afastasse de mim. Mas agora ela vem. Nas noites mais frias do último inverno ela veio me visitar, surgindo da lareira e me recebendo em seus braços quentes e acolhedores. E então eu acordava, no meu frio colchão de palha nesta cozinha estranha, sentindo os ventos gelados entrarem pela janela rachada e roçarem a minha carne e vendo um floco de neve derreter devagar na lareira sem fogo.

Há muito que anseio visitar a nossa casa, mas a minha situação não o permite. As pessoas na minha posição não podem ir e vir conforme desejam. Makepeace retorna sempre que quer — com mais frequência, na verdade, do que o meu amo, seu tutor, aprovaria de bom grado. Noto em seu rosto, embora ele tente ocultá-lo, um certo alívio em me deixar para trás sempre que parte daqui. Suponho que ele tema que, uma vez lá, eu diga coisas que não lhe beneficiem. Makepeace julga tudo segundo as duras medidas de seu próprio temperamento. Não lhe ocorre que se eu desejasse me queixar da minha condição, ou da dele, já o poderia ter feito, numa carta, quando bem entendesse. Mas eu aceito a parte que me toca aqui, e a situação de Makepeace é problema dele. Meu irmão sabe perfeitamente que uma palavra minha poderia ter abortado esse plano antes mesmo de sua concepção. Mas eu decidi não dizer essa palavra.

Meus pensamentos correm desvairados, de tão desorientada que tenho a mente. Pretendo escrever como foi que chegamos aqui, na escola do mestre Corlett na vila de Cambridge, e os estranhos eventos que ocorreram desde então. Para isso, devo continuar meu relato do ponto onde parei, na véspera da chegada de Caleb. Tenho aqui comigo aquelas páginas dispersas, que retirei do esconderijo de meu catre e reuni às pressas antes de deixar a ilha.

A ilha. Quando conto as minhas perdas, essa se destaca, proeminente. Quando Deus leva uma pessoa amada para junto de si, sentimos essa perda em nosso coração. Ainda assim, sabemos muito bem que nada irá reanimar os mortos, por isso devemos nos esforçar para nos conformar. Mas a ilha, seu ar salgado, sua luz sempre mutável, essas coisas ainda existem. Lá, as ondas claras e vítreas ainda quebram sobre a areia, os penhascos ainda se acendem em castanho e púrpura a cada pôr do sol. Tudo isso prossegue, mas não estou lá para aproveitá-lo. É uma perda que sinto em minha própria pele. Aqui, olho para os pântanos planos e os pastos cobertos de estrume procurando em vão a beleza que um dia foi o meu quinhão diário. Dessa forma, a minha condição é como uma pequena morte; e este lugar, um pequeno purgatório.

Pelo menos uma coisa não me falta: o papel. Enquanto os meninos escrevem em lousas na sala de aula, o mestre é generoso — poderíamos dizer perdulário — com o papel para seu uso próprio. Melhor para mim. Todos os dias, quando limpo seu quarto, troco sua tinta e cuido de suas penas, aproveito para apanhar todas as folhas amassadas ou incompletas que ele joga fora. E, contando com essas provisões, prossigo com a minha história...

AQUELE DIA DO SENHOR em que Caleb finalmente veio até nós foi claro e reluzente. Era um desses dias bonitos do início de março que atizam os sentidos, trazendo a promessa da primavera quando, na verdade, ainda teríamos que suportar o frio até os ossos durante bastante tempo. Mas aquele dia trouxe o primeiro alívio súbito do frio intenso, e pequenos riachos de água degelada marcavam os caminhos e se acumulavam sobre o húmus, gotejando pouco a pouco para alimentar as lagoas. O gelo branco e duro cedera em alguns pontos, permitindo que as lontras saíssem da água escura, deslizassem pelo gelo e tomassem sol, ofuscadas pela claridade excepcional.

Papai buscara Caleb no dia anterior, em Manitouwatootan, e o levara à casa do meu avô para passar a noite. O criado ficara encarregado de dar um banho em Caleb e arrumá-lo para o culto do domingo. Meu avô brincou, dizendo que o jovem deveria aprender o “evangelho do sabão” antes de participar do Evangelho do Senhor.

Embora papai tenha nos contado essa piada, notei nele um desconforto quando voltou, após deixar Caleb com meu avô. Papai não falara à comunidade de sua intenção de trazer Caleb para morar conosco, e não sabia ao certo qual seria a reação deles diante dessa notícia. Ou talvez seja melhor dizer que ele *tinha* bastante certeza da reação dos Alden; seria desfavorável e talvez fosse usada para

difamar a nossa família e desafiar a posição do meu avô, algo que Giles Alden sempre procurava fazer. Para mim estava claro, quando eu pensava no assunto, que papai decidira apresentar Caleb durante o culto propositalmente, pois ali ele tinha um certo controle sobre o que seria feito e dito. Mas ainda assim havia riscos. Algum comentário explosivo por parte da família Alden, durante o culto do Dia do Senhor, poderia gerar uma grave perturbação entre a comunidade e talvez lançar uma luz intensa e desfavorável sobre o bom senso de papai.

Dizem que o Dia do Senhor é um dia de descanso, mas os que pregam isso geralmente não são mulheres. Até mesmo no domingo é preciso acender o fogo, buscar água, preparar a comida, lavar e vestir as crianças com roupas apropriadas para o culto. Os que têm a sorte de ter uma vaca devem cuidar dela, pois ninguém pregou para a vaca que ela não deve produzir o leite que lhe endurece as tetas. Portanto, há uma grande correria para deixar tudo em ordem e estar no templo antes do início do primeiro culto. Ninguém tem tempo para andar por aí e trocar cumprimentos. Todos simplesmente seguem para lá às pressas, de cabeça baixa, e tomam seus assentos de sempre. E foi o que fizemos naquele dia. Papai foi para a frente e apanhou seu livro, pronto para nos conduzir. Makepeace foi sozinho para o banco da primeira fila, esperando por meu avô, e eu tomei meu lugar com Solace nos bancos das mulheres. Tentei me conter, mas não conseguia evitar olhar para trás sempre que um novo grupo entrava no templo, para ver quem havia chegado.

Por mais difícil que seja acreditar, não reconheci Caleb quando ele entrou pela porta. Mesmo nos dias mais claros, dentro do templo há pouca luz nessa época do ano, quando o sol ainda está baixo no horizonte. Meu primeiro pensamento vago foi o de que um jovem desconhecido tinha vindo a Great Harbor sem ser notado. Ele então retirou seu sobretudo e virou o rosto. O raio de luz que atravessava um espaço no teto caiu diretamente sobre ele, e eu levei um susto. Seu traço mais característico — o cabelo longo, preso de forma elaborada — tinha sido cortado.

Ele estava vestindo um belo gibão que tinha sido do meu avô, ajustado à cintura e solto nos ombros, para se adequar à sua compleição diferente. A gola de linho branco, engomada e impecável, contrastava com sua pele cor de cobre e com o negro brilhante de seu cabelo curto. Caleb tinha as unhas limpas e bem-aparadas. Apenas as botas maculavam o que, do contrário, teria sido uma aparência perfeita. Eram botas velhas e muito usadas, que teriam pertencido a alguma pessoa de pés bem grandes, e não havia graxa que pudesse esconder seus defeitos. Caleb fez menção de se sentar ao lado de Iacoomis e seus filhos, que, por costume, sentavam-se num banco pequeno e frágil ao fundo do templo, mas meu avô sacudiu a cabeça e o conduziu para a frente, para que se sentasse entre ele e

Makepeace. Foi uma atitude ousada e notei algum burburinho, pois o lugar onde as pessoas se sentavam no templo era determinado pela idade, sexo, propriedade e dignidade, e os que se preocupavam com essas coisas estavam sempre tentando conseguir uma melhor posição naquela hierarquia. Entre os que estavam presentes naquela manhã, somente papai, eu e a família Iacoomis — e talvez meu avô — sabiam que Caleb, filho do *sonquem* de Nobnocket, fora um jovem príncipe de seu povo e, portanto, tinha alguma prioridade. Makepeace, com certeza, não pensava assim. Do meu lugar no banco das mulheres, vi Makepeace se afastar para a esquerda, deixando um grande espaço entre ele e Caleb. Papai encarou Makepeace, que, notando seu olhar enfezado, voltou uns cinco centímetros, mas se manteve teso.

Papai começou o culto como de costume, recitando um salmo para que os fiéis cantassem com ele. Para minha surpresa, a voz de Caleb acompanhou as nossas, clara e confiante, recitando as palavras de Henry Ainsworth sem dificuldade:

— Cantai ao Senhor...

Temos o costume de orar com as palmas das mãos e os olhos erguidos para o céu, e não com a cabeça curvada e as mãos unidas como na Inglaterra, pois a Bíblia fala com frequência de como os fiéis erguiam o olhar para Deus. Hoje, porém, havia mais olhos pousados sobre o novo ocupante do banco dos Mayfield que sobre o reino celestial. Vi o filho mais novo dos Alden cutucar um de seus irmãos e sussurrar, e Patience Alden, que tem a minha idade, tinha a expressão de quem sente um cheiro ruim. Seus pais cantaram o hino de cara fechada, com um olhar irritadiço.

O culto da manhã é um processo lento. Como já falei, para papai, o mandamento de “guardar o dia santo” significa exatamente isso. Depois de muitos salmos vieram muitas preces, e então as leituras das Escrituras. Já comentei aqui que papai era um homem moderado; mas também era forte em seu âmago e firme em suas convicções. Quando chegou a hora de ler as Escrituras, ele chamou seu principal antagonista, Giles Alden.

Meu coração estremeceu. Por que papai foi chamar esse homem, dentre todas as pessoas? Eu tinha ouvido Giles Alden falar mal de papai, enfurecido, dizendo que ele errara em pagar aos *sonquem* pela terra. O dinheiro teria sido mais bem-gasto, dissera Alden, contratando mosqueteiros “para limpar os bosques dessas criaturas perniciosas, abrindo assim caminho para um melhor crescimento”. Ao caminhar para a frente, Alden fixou os olhos em Caleb com um ódio explícito, com a testa franzida e a boca retorcida numa expressão de raiva.

Papai lhe estendeu o livro, que Alden apanhou bruscamente de suas mãos. Olhou então para a passagem que papai havia marcado. Alden afundou a cabeça

entre os ombros e olhou para papai com a cara distorcida pela raiva suprimida. Parecia um carneiro prestes a atacar. Eu me encolhi no meu banco, temendo a denúncia que certamente viria.

Se papai temia o mesmo, não deu nenhum sinal disso. Ao anunciar o texto escolhido, tinha o rosto calmo e sem expressão alguma. Giles Alden, com o livro aberto à sua frente, já sabia da armadilha que papai preparara para ele. Quando papai anunciou que Alden iria ler do Livro de Rute, tentei controlar meu semblante. Fui verdadeiramente testada nesse dia, vendo Alden engasgar com palavras que glorificavam e davam boas-vindas ao estrangeiro, que havia deixado sua terra nativa e vinha “para um povo que dantes não conhecias”. Giles Alden tinha uma voz forte e entoada, e lia bem, mas quem o ouvisse naquele dia não pensaria o mesmo. Ele se atrapalhou com a passagem, parando muitas vezes para pigarrear; possivelmente porque as palavras que foi compelido a pronunciar lhe retorciam o estômago.

— “O Senhor recompense o que fizeste, e te seja concedido pleno galardão da parte do Senhor Deus de Israel, sob cujas asas te vieste abrigar.”

Ao terminar, fechou a Bíblia com força. Pude ver as partículas de poeira se erguerem no fino raio de luz que acertava o livro.

Depois de Alden, papai pediu a Makepeace que lesse, do Evangelho de Lucas, a passagem sobre os dez leprosos, na qual somente um deles, o samaritano, retorna para agradecer a Jesus: “Não se achou quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro?” Makepeace leu a passagem com mais boa vontade do que Alden: meu irmão podia ter muitos defeitos, mas era uma alma devota e fazia o máximo para assimilar a palavra de Deus em seu coração. Ele também observava o quinto mandamento e era um filho obediente.

Seguiram-se várias outras leituras semelhantes. Fiquei encantada em ver como papai conseguira reunir tantos textos para reforçar sua mensagem, de modo que, sem correr o risco de ser contradito, apresentou as bases espirituais sobre as quais se apoiava a inclusão de Caleb entre nós, deixando claro que não toleraria qualquer discordância nessa matéria. Tudo muito bem; papai manteve o pulso firme sobre o que transcorreu no culto da manhã, quando lemos os textos e as preces que ele escolhera. O culto da tarde era totalmente diferente, pois ali fazíamos confissões e profecias. Os que desejavam falar deviam se dirigir a papai ou a meu avô, nossos presbíteros, antes do culto, para que suas ideias pudessem ser adequadamente moldadas, tornando-se apropriadas para todos os outros. Mas sempre era possível que alguém desrespeitasse esse costume.

Papai não pareceu nem um pouco preocupado. Uma vez encerrado o culto da manhã sem maiores problemas, ele ficou parado à porta do templo,

cumprimentando a todos e apresentando Caleb, como faria com qualquer outro recém-chegado. Eu fiquei ao seu lado e notei que a maior parte das pessoas, quando não chegava a ser amável, era ao menos cortês. A família Alden, naturalmente, não ficou por lá para ser apresentada; em vez disso, viraram-nos as costas o mais rápido que puderam, afastando-se às pressas para sua cabana, onde certamente tiveram uma longa discussão sobre a iniquidade da minha família.

Papai estava de bom humor ao percorrermos a curta distância até a nossa casa, para comermos o almoço. Eu tinha feito um ensopado suculento e um pão de milho com a casca acastanhada; além disso, servi algumas frutas secas e nozes da temporada anterior. Enquanto servia um prato de mirtilos e avelãs para Caleb, ele ergueu os olhos e me fitou. Eu sabia que ele se lembrava do dia em que me mostrara onde encontrá-los. Caleb sorriu e agradeceu educadamente, e eu me virei, corando.

Papai logo se pôs a conversar com Caleb, perguntando-lhe o que achara do culto em comparação com os que ele presenciara em Manitouwatootan. Caleb disse que gostou dos hinos em que todas as vozes inglesas cantaram em uníssono, “pois em Manitouwatootan, há sempre algum recém-chegado que *insiste* em cantar, mesmo que não saiba a letra ou a melodia...”, e então se pôs a imitar a situação, o que fez papai rir, reconhecendo a situação que Caleb parodiava. Makepeace passou os pratos em silêncio e não participou da conversa, exceto quando papai se dirigia diretamente a ele.

De minha parte, tive ainda menos a dizer do que o habitual; a estranheza de ter Caleb tão perto de mim, nesse ambiente incomum, me deixou abobalhada. Tive que me concentrar para fazer até mesmo as tarefas mais corriqueiras, como servir os pratos e tirá-los, pois a minha cabeça estava cheia da presença de Caleb, eu me sentia toda leve e como que formigando. Mas ninguém pareceu notar. Se alguém notou que eu estava calada e esquisita, presumo que tenham pensado que isso era natural diante de — como eles acreditavam — um estranho. Ainda assim, tentei estudá-lo o melhor que pude. Caleb tinha mudado um bocado nos meses desde que eu me afastara dele no bosque com lágrimas nos olhos. Parecia mais velho, com certeza, mas também um pouco abatido, talvez pelos ritos mágicos e diabólicos aos quais havia se submetido durante sua provação, ou pela simples reação humana diante da perda e da morte. Ele tinha trocado sua energia vívida e inquieta da infância por uma contenção educada. Mas a sensação era de que seu fogo estava contido, e não extinto. Uma coisa não havia mudado: mesmo naquelas estranhas roupas inglesas, ele continuava radiante.

Logo antes de voltarmos para o culto, puxei papai para um lado e perguntei quem ele esperava que fosse falar naquela tarde. Papai citou dois homens, que

tinham se reunido com ele para falar de certos textos que se sentiam inspirados a interpretar, e um outro que pretendia confessar intenções corruptas ligadas ao roubo de carneiros de um vizinho, que não estavam marcados.

— Com relação à facção Alden, ninguém veio falar comigo. Não espero nada deles hoje. Acho que vão tomar seu tempo e esperar para sentir a opinião da comunidade com relação à inclusão do nosso promissor jovem profeta.

— E o Caleb, quer dizer, o jovem estudante, ele já sabe sobre os Alden e suas opiniões hostis em relação ao povo dele?

— Eu já o pus a par da questão; por que você pergunta?

— Eu só... Eu sei que as opiniões deles são muito duras e...

Papai estendeu a mão e afagou o meu ombro.

— Você é uma menina gentil, Bethia. Tem consideração pelo sentimento dos outros, tal qual a sua mãe. Mas não precisa ficar preocupada com o Caleb. Ele sabe que os wampanoags e os ingleses trocam palavras duras, e não só numa direção. Seu tio Tequamuck usa palavras duríssimas quando fala de *mim*. Por sorte, são só palavras; temos que nos manter firmes e suportar os comentários adversos, como fez nosso abençoado Senhor quando foi vítima de difamações.

Papai, como sempre, demonstrou ser um perspicaz conhecedor dos homens, pois o culto da tarde transcorreu sem nenhum problema. Durante o jantar, servi cerveja e o restante do bolo de milho regado de mel das minhas próprias abelhas, das quais, confesso, tenho um certo orgulho. Makepeace, que adorava doces, consumiu o seu em poucas mordidas e ficou de pé, pedindo licença para ir descansar. Caleb, no entanto, mastigou sua comida demoradamente e recusou a cerveja, preferindo água, que ele próprio foi buscar, embora papai tenha lhe dito que, no futuro, ele deveria apenas pedir, pois eu era encarregada de servir os homens à mesa.

Limpei a mesa enquanto os outros se retiravam. Eu tinha preparado um catre extra para Caleb — fizera-o com sacos de aniagem. Arrumando-o diante da lareira, pensei nas peles dispostas sobre os bancos no *wetu* de Takemmy, e em como minhas mãos tinham afundado naquela cobertura macia. Como filho de um *sonquem*, Caleb estaria acostumado a se cobrir com as mais finas peles — até mesmo as peles que não costumávamos ver aqui na ilha, como as de urso e castor, que os índios negociavam com tribos do continente. Bem, pensei, ele tivera que dormir no chão duro muitas vezes nos últimos meses: portanto, conseguiria dormir em um catre de aniagem.

Isso me fez ponderar do que Caleb poderia sentir falta, morando aqui conosco. Os ingleses que nunca estiveram num *wetu* pensam que essas casas são esquálidas, inferiores às nossas em todos os aspectos. Eles naturalmente

presumem que Caleb ficaria grato por ter a oportunidade de morar conosco. Mas eu não tinha tanta certeza de que ele consideraria estar numa melhor condição material aqui. Em primeiro lugar, os *otan* de inverno geralmente ficam em locais protegidos e com boa drenagem. Por modificarem o local onde moram a cada nova temporada, os córregos não são contaminados e os pastos voltam a crescer. Mas a terra na qual tínhamos escolhido nos estabelecer fica no caminho das tempestades marítimas, e o uso constante já contaminou as nascentes mais próximas. Além disso, os anos em que passamos aqui caminhando pelas mesmas trilhas já as transformaram em rocha nua e barro — escorregadias no inverno, empoeiradas no verão. Eu temia que Caleb sentisse que sua condição havia piorado aqui.

Ao terminar de arrumar a cama de Caleb, dei um boa-noite geral e levei Solace para minha cama. Ouvi Caleb perguntar a papai se ele podia ficar acordado mais um pouco.

— Pois vejo aqui muitos dos livros dos quais o senhor nos falou em Manitouwatootan...

Ouvi uma fricção e supus que papai estava acendendo uma vareta de alcatrão de pinho.

— Cuide de não se cansar muito. Nós acordamos cedo aqui, e cuidamos das nossas tarefas até a hora do almoço. Depois de almoçar, vamos começar os seus estudos. Pretendo que você progrida o mais rápido possível, por isso vai precisar estar bem esperto amanhã. É melhor descansar bem.

Quando papai e Makepeace se deitaram, não notei nenhum murmúrio do outro lado da manta. Eles não se puseram a conversar baixo, como geralmente faziam. Os dois estavam um pouco contidos, o que era claramente causado pela presença de Caleb. Fiquei deitada ali, pensando no meu irmão. Eu sabia que Makepeace havia demonstrado preocupação pela presença de Caleb na casa, por desejar me proteger das línguas venenosas. Não era uma desculpa falsa; seu desejo de me proteger era bem-intencionado. “Um bom nome é como um óleo precioso”, diria ele, e eu sabia que isso era verdade. Ter uma reputação imaculada é um grande benefício, e não é algo tão fácil para uma pessoa do meu sexo numa comunidade próxima como a nossa. Mas a vigilância de Makepeace, independentemente da motivação, também era irritante; era como ter um cachorro que rosna para qualquer pessoa que se aproxime, seja amigo ou inimigo. E para dizer a verdade, também era ofensivo que meu irmão pensasse que eu ligava tão pouco, ou que não tinha inteligência, para seguir as normas de conduta exigidas de mim. Mas depois, deitada ali, dei-me conta de que eu não tinha o direito de ficar irritada ou ofendida. Afinal, nos últimos anos, eu não arriscara gravemente a minha reputação, e isso justamente com a pessoa cuja presença em nosso lar preocupava

agora o meu irmão?

De qualquer forma, a preocupação de Makepeace não era tão grande a ponto de mantê-lo acordado por muito tempo. Pouco depois, ouvi-o roncar baixo. A cabecinha quente de Solace estava apoiada, pesada e úmida, no meu peito, seus braços jogados no sono profundo e abandonado dos bebês. Mas eu fiquei deitada de olhos abertos no lusco-fusco criado pelo alcatrão de pinho, cheirando o aroma resinoso e ouvindo o virar das páginas no quarto abaixo.

Acordei antes da alvorada, com o céu ainda negro-azulado, e logo me empenhei em minhas tarefas. Desde a morte de mamãe, eu me reformara. Já não perambulava pelo mato evitando os olhares ingleses nem fugia para mergulhar nos livros. Também não ficava à espreita, tentando entreouvir as aulas de meu irmão, na esperança de roubar conhecimento feito um vira-lata procurando restos de comida no lixo. Em primeiro lugar, porque eu estava sobrecarregada. Mas mesmo quando tinha tempo e espaço durante o dia, eu decidira que a melhor maneira de honrar mamãe e reparar o meu pecado era tentar segui-la em sua aceitação dos deveres humildes. Eu me esforçava para ver cada tarefa simples — fosse preparar o malte da cevada, colher ervas ou salgar a carne — como ela a via. Mamãe acreditava que cada atividade humilde, se feita de maneira honrada, seria tocada pela graça. Eu esperava que fosse assim, pois precisaria de uma abundância de graça para me limpar do meu pecado.

Assim, antes do sol nascer, deixei Solace dormindo no catre, parando por um momento para acariciar sua cabeça quente e envolvê-la bem com o cobertor. Quando o céu clareou, eu estava junto à lareira, limpando o carvão e acendendo um novo fogo. A preocupação de papai, de que os horários de Caleb fossem diferentes dos nossos, pareceu injustificada. Ele claramente tinha acordado enquanto ainda estava escuro, pois seu catre estava dobrado e bem-acomodado num canto. Por um momento, pensei que ele poderia ter nos deixado e voltado para a selva, mas então vi a cesta de palha que continha suas poucas posses pendurada no gancho.

Fui buscar água. Enquanto eu me esforçava para içar o balde cheio, vi Caleb, com a alvorada nascendo luminosa atrás dele, voltando das dunas baixas junto à costa. O mato congelado rangia sob seus pés. Quando ele se aproximou do quintal, dei-lhe bom-dia, que ele devolveu educado, colocando uma das mãos no balde.

— Não precisa — falei. — Eu consigo.

Ele sorriu, mas não soltou; em vez de insistir, larguei a alça e deixei que ele o

levasse.

— Você se levantou cedo.

— Sempre — respondeu Caleb. — Não se passou uma manhã, desde que consigo me lembrar, em que eu não tenha cantado uma saudação para Keesakand quando ele se ergue.

Eu me detive de súbito. Então ele ainda era, como acreditava meu irmão, um idólatra? Ainda bem que eu não estava mais carregando a água: podia ter derrubado o balde. Caleb sorriu.

— Não me olhe assim, Olhos de Tormenta. Não foi Deus que criou o Sol? Não posso cantar um hino de gratidão por isso? O seu pai nunca me ensinou que o único lugar para rezar é dentro dos limites escuros do seu templo. O espírito de Deus brilha em todas as coisas boas. Não se espante se eu ergo minhas mãos e busco sua graça.

A essa altura, já estávamos diante da porta. Levantei o trinco para ele. Os outros estavam despertando. Makepeace tinha Solace, que acabava de acordar, nos braços. Apanhei-a e lhe dei um pouco de coalhada, perguntando-me o que papai pensaria ao me ver conversando com Caleb. Durante toda a manhã, dedicando-me às minhas tarefas, pensei nessa ideia de entrelaçar duas crenças que, a princípio, pareciam tão distintas, e como isso se encaixaria em nossa fé tão meticulosa. Era incrível a facilidade com que Caleb tomara os ensinamentos de sua juventude — os vários deuses, o mundo animado dos espíritos — e simplesmente os reformulara nos termos dos nossos ensinamentos. E papai, ao que parecia, estava satisfeito.

Mais tarde, quando os homens voltaram de suas tarefas, servi-lhes o almoço e limpei a mesa segundo as instruções de papai, para abrir espaço para a lição. Tive então que sair para cumprir minhas tarefas fora da casa, que começaram logo depois que o solo degelou e secou um pouco. Como todos sabem muito bem, é preciso plantar ervilhas na Lua Nova, e lá fui eu, com as costas encurvadas, revirando montinhos de terra gelada; assim, não estive em casa para presenciar a chegada de Iacoomis, que trouxe Joel para participar das aulas dadas por meu pai durante a tarde. Eu esperava que Caleb conseguisse controlar seu desgosto declarado por Iacoomis e seu filho, e que a sua recente mudança de disposição o fizesse vê-los com outros olhos. Era estranho que nós, que tínhamos conversado com tanta facilidade e por tanto tempo sobre esse e qualquer outro tipo de assunto, não pudéssemos conversar agora com exceção de uns poucos diálogos apressados nos raros momentos em que não éramos observados, ou então sobre os assuntos mais banais quando estávamos acompanhados. Apesar de dividirmos o mesmo teto, a distância entre nós se tornara enorme, como se os anos de nossa

amizade nunca tivessem existido.

Quando a luz esmaeceu e o frio entrou pelos meus tamancos, fazendo minhas frieiras latejarem, voltei para casa e encontrei Solace, que tinha acordado de seu cochilo, choramingando baixo e agitando os punhos diante do rosto. Quando me viu, abriu um sorriso alegre e estendeu os braços. Levantei-a do berço, toda quente e mole, e esfreguei o rosto em seu pescoço macio, assoprando fraquinho até que ela risse bem forte. Apanhei um pouco da coalhada que eu havia preparado para ela mais cedo e a levei comigo até a meia-água que chamávamos de “leiteria”, ainda que “depósito de ferramentas” ou “galinheiro” também fossem boas descrições do local, pois tínhamos preparado um pequeno poleiro para as galinhas do lado de dentro, para os dias em que estava muito frio lá fora. Coloquei um velho saco de farinha no chão de terra e deixei Solace ali, com uma boneca de madeira que Makepeace fizera para ela, e me pus a tirar o soro dos queijos.

Apesar de estar cantando baixo para Solace, eu não conseguia fechar os ouvidos para o que ocorria do outro lado da parede fina. Makepeace lia lentamente uma tradução de Gaius Mucius Scaevola, assassinando a quarta conjugação. Notei que papai estava ainda mais complacente que o habitual com suas correções, deixando passar vários erros sem comentá-los, por não querer rebaixar Makepeace diante de Joel e Caleb. Quando Makepeace chegou ao final daquela curta passagem, papai pediu aos meninos que recitassem as primeiras declinações de *vita* e *mensa*, que ele os fizera memorizar, e os dois se saíram bastante bem. Ouvi papai comparar o latim com o inglês:

— Nós dizemos “*I strike him*”, e não “*I strike he*”, pois a pessoa que bate é colocada no caso nominativo, mas são muito poucas as palavras em inglês, do modo como é falado e escrito hoje em dia, que possuem um caso acusativo diferente do nominativo. Em latim, por outro lado... — E eu pensei comigo mesma no tamanho do empreendimento em que esses meninos estavam se metendo: especialmente Caleb, que, sem nenhuma educação formal em gramática inglesa, estava sendo chamado a dominar as peculiaridades do latim, a que se seguiriam o grego e o hebraico.

Como eu não queria me intrometer, saí mais uma vez para buscar água. Ergui a tampa do poço, como de costume, e abaixei o balde. Quando o trouxe de volta, percebi, mesmo à meia-luz, que alguma coisa escura e malcheirosa boiava ali. Coloquei uma das mãos na água gelada e a retirei imediatamente, por ter encostado em um rato morto que conseguira cair no poço e morrer, embora eu não soubesse como, com a tampa no lugar. Percebi então que eu tinha deixado a tampa aberta, de manhã, distraída pela chegada de Caleb. Alguma outra pessoa devia tê-la fechado mais tarde durante o dia. Era impossível enxergar qualquer

coisa na escuridão, por isso recoloquei a tampa, joguei fora a água turva e deixei a investigação sobre o pequeno cadáver molhado para o dia seguinte. Felizmente, ainda restava um pouco de água no bule, com a qual poderíamos lavar as mãos antes do jantar.

A aula tinha terminado, mas Caleb ainda estava debruçado sobre o livro quando voltei e dei a triste notícia sobre o poço. Papai deu de ombros.

— Temos sorte de não precisar perfurar muito fundo para encontrar água fresca em Great Harbor. De manhã cedo vamos ver se existe algum risco de que a água esteja contaminada. Podemos furar outro poço sem grande esforço, e buscar água com nossos vizinhos enquanto isso.

Servi a coalhada e um pouco de pão para o jantar. Papai e Makepeace foram para a leiteria, onde eu havia deixado a bacia com água morna, e Caleb ficou ali, ainda sentado com o livro de morfologia latina, sussurrando para si mesmo as palavras que acabava de aprender. Ele ergueu os olhos, seguindo as minhas mãos enquanto eu punha a mesa. Folheou o livro e o fechou com um sorriso de realização.

— *Puella...* — E apontou para mim. — *Mensam...* — E apontou para a mesa. — *Ornate*, arrumar — disse baixo.

Eu me detive, novamente impressionada com a agilidade de sua mente. Caleb ergueu os olhos. Trocamos sorrisos com a facilidade das temporadas passadas.

— Senti saudade das suas aulas, Olhos de Tormenta — sussurrou. Depois seguiu os outros para lavar as mãos na bacia.

E assim foi, dia após dia, enquanto o tempo firmava e as primeiras sementes despertavam debaixo da terra. A princípio, Caleb manteve distância de Joel. Ele me lembrava um cão poderoso, que se mantém recuado, com o pelo eriçado, quando vê outro cachorro se aproximar. Joel sempre fora um garoto calado, indo e vindo com o pai, mas falava pouco. Na verdade, eu não tinha trocado mais de uma dúzia de frases com ele ao longo dos anos, e não tinha nenhuma opinião sobre sua personalidade. O modo como Joel lidou com o jeito desconfiado de Caleb revelou que ele tinha um pouco da coragem e do autocontrole de seu pai. Jamais se encolheu perto de Caleb, nem o bajulou. Porém, de várias maneiras sutis, deixou claro que estava pronto para ser seu aliado, ajudando Caleb sempre que podia com as frases adequadas em inglês, corrigindo-o com um olhar bem-intencionado quando Caleb não seguia as boas maneiras inglesas. Como Caleb era rápido e perceptivo, essas intervenções sutis por parte de Joel muitas vezes frustravam Makepeace, que estava pronto para censurar ou zombar de qualquer passo em falso.

Depois de umas poucas semanas, Caleb e Joel já se davam bastante bem. Em pouco tempo floresceu uma forte amizade, o que não era estranho entre dois garotos que partilhavam tanto um com o outro e tão pouco com os demais ao redor. O espírito confiante de Caleb parecia atrair Joel, que falava mais quando estava em sua companhia, e assim eu passei a conhecê-lo melhor e a admirar seu caráter amável e generoso. Os dois eram bastante diferentes, em todos os aspectos. Caleb, um produto da natureza, tinha pernas longas e músculos delgados de rapaz nascido para correr atrás da caça e para acompanhar os guerreiros altos pelos bosques. Seus olhos eram ávidos e seu olhar, intenso. Joel era mais manso, em todos os sentidos — tinha o corpo mais pesado e olhos sonhadores e contemplativos. Era baixo, como o pai; isso era incomum entre seu povo, sendo uma das razões pelas quais Iacoomis fora desprezado pela classe dos guerreiros. Porém, assim como o pai, Joel tinha uma mente ágil e um espírito determinado. Caleb e Joel eram, os dois, bons alunos, e papai estava mais que

satisfeito com o progresso das aulas. Quando o tempo melhorou, eu os via caminhando juntos pelos campos, duas cabeças baixas, de cabelo curto, debruçadas sobre algum livro ou rindo de alguma piada particular, e sentia uma pontada de inveja pela perda da intimidade, aquela intimidade que já não poderia ser minha outra vez.

Na verdade, não havia lugar na minha vida para algo assim, mesmo que a decência o houvesse permitido. Eu tinha excessivos afazeres durante o início da primavera: ficava acordada durante boa parte da noite para ajudar uma ovelha com um parto difícil, depois acordava antes do amanhecer para começar a longa lista de tarefas diárias. Estava sempre cuidando de Solace, em quem eu precisava estar de olho a todo momento para evitar que ela pegasse algum objeto cortante pensando ser um brinquedo, ou que puxasse uma chaleira fervente sobre si mesma — como fez o sétimo bebê de tia Hannah, que morreu escaldado, pobrezinho. Eu esperava ansiosa pelo dia, dentro de não muito tempo, em que Solace deixaria de ser um fardo e se tornaria uma ajudante, capaz de alimentar as galinhas, buscar ovos e executar as pequenas tarefas que eu fazia de bom grado para mamãe assim que deixei de ser um bebê.

Muitas vezes, quando eu lhe dava banho ou a embalava nos braços, olhava para seus olhinhos azuis como o céu e me perguntava qual personalidade ela acabaria por ter. Acariciava-lhe a linha arredondada da bochecha e fazia cócegas nas pregas de carne macia e cremosa abaixo do queixo. Ela me olhava de volta com um olhar intenso e conhecedor, e eu a imaginava, dentro de um ou dois anos, caminhando junto à barra da minha saia, como eu fizera com mamãe. Afinal, eu era a única mãe que ela conheceria. E estava determinada a cumprir da melhor maneira o encargo que Deus me dera. Deixei minha mente perambular, vendo-nos juntas enquanto ela crescia e se tornava uma menina. Solace estaria sempre ao meu lado, e eu abriria a ela o mundo e tudo o que eu aprendera sobre ele. Se ela quisesse estudar, não seria obrigada a fazê-lo por conta própria. Eu a ajudaria. Iria arrumar tempo para instruí-la, não importando o que papai e Makepeace tivessem a dizer sobre isso. E eu não me casaria com nenhum homem que não tivesse o intelecto e o coração para entender que Solace era o meu encargo sagrado e a primeira de todas as minhas obrigações.

Enquanto eu retirava as mudas da sementeira para replantá-las, ela brincava ao meu lado, apanhando montinhos de terra e esmagando-os entre os dedinhos, depois sujando a cara com a lama. Eu tinha passado a pensar que os wampanoags, que eram tão amáveis com seus bebês, eram mais sábios que nós nessa questão. Qual era a vantagem de exigir que os pequeninos se comportassem como adultos? Por que pôr rédeas em seu espírito e lutar para romper a natureza que Deus lhes

dera antes mesmo que tivessem qualquer entendimento do que era exigido deles? Assim, sorri para Solace e fiz uma careta, embora eu soubesse que teria que limpar a lama de suas roupas e de seu cabelo sedoso, e que haveria gritos de protesto quando eu o fizesse. Era um pequeno preço a pagar pelo som de sua risada alegre.

Naquela noite, à mesa, olhei de relance para Caleb, furtiva, considerando-o. Assim como eu aprendera muitas coisas com ele, e mudara minhas ideias sobre a disciplina que eu deveria impor à Solace; suas ideias sobre várias questões deviam ter mudado também. Lembrei-me de como ele me irritava com seus questionamentos sobre as Escrituras e me perguntei o que papai teria lhe dito ou feito de modo a ganhá-lo tão por completo. Visto de fora, ele era um cristão em todos os detalhes. Mas quem poderia enxergar o que havia em seu coração?

Eu estava pensando nisso quando papai se virou para mim.

— Você não acha, Bethia?

Como eu não estava prestando a mínima atenção à conversa, não fazia ideia de como responder. Mas Makepeace interrompeu e disse:

— Talvez devêssemos perguntar a opinião de Caleb. Seu povo tem uma experiência ancestral neste lugar e deve saber quando é que já passou o risco de geada. Tenho certeza de que ele vai gostar de ajudar Bethia plantando milho e feijões quando chegar a hora.

Era a primeira vez que Makepeace dirigia um comentário tão amistoso a Caleb. Por já ter sido, tantas vezes, o alvo dos comentários de meu irmão, tive certeza de que havia alguma armadilha ali. E ouvi-lo propor que eu e Caleb fizéssemos algo juntos parecia estranho, tendo em vista as reservas de Makepeace com relação à intimidade da nossa situação.

Papai enxergou o ardil antes mesmo que eu.

— É claro que não! — exclamou, virando-se para Caleb. — Plantio é um trabalho das mulheres, não é mesmo, entre os wampanoags? Acredito que os homens desprezem essas tarefas, não é verdade?

Caleb sorriu, ciente da amabilidade de papai.

— É verdade. Mas já que eu agora me sento à sua mesa, como não ajudar a cultivar os alimentos que são postos aqui? *Cum Roma es, fac qualiter Romani facit*.

Papai riu tanto que teve que enxugar uma lágrima do olho.

— *Faciunt*, caro rapaz, *faciunt* — disse por fim. — “Faça como os romanos”, no plural, percebe: como eles fazem. *Facit* seria “como o romano”... mas muito bem-dito, sem dúvida. Estamos todos, em certo sentido, em Roma, não estamos? Você deve aprender os modos da nossa família, e nós devemos aprender os modos da sua ilha. Seria uma grande gentileza se você pudesse nos ensinar.

Olhei de relance para Makepeace. A flecha de seu escárnio tinha errado o alvo, e ele agora parecia irritado.

— Eu não estou de acordo com transformarmos a nossa ordenada horta inglesa num caótico campo de selvagens, que será objeto da zombaria de nossos vizinhos.

— Makepeace — disse papai, sério. — Eu talvez estivesse mais inclinado a ouvir a sua opinião se você estivesse mais inclinado a fazer a sua parte do trabalho no campo.

Papai raramente repreendia Makepeace. Mas uma coisa que ele jamais tolerava era uma grosseria.

— Vamos ouvir os conselhos do nosso jovem amigo, e se os vizinhos quiserem rir, que riam. Vamos ver quem ri por último quando os cestos de grãos forem contados.

E assim, em vez de arar o campo inteiro em fileiras retilíneas e de espalhar quilos e quilos de estrume — o que era um trabalho exaustivo —, deixamos a terra estar. Fizemos pequenos montes e enterramos um arenque em cada um, junto com punhados de algas marinhas das quais tínhamos retirado o sal. Quando o solo já estava bastante quente, plantamos uma semente de milho em cada monte e, quando elas germinaram, colocamos os feijões ao redor, para que trepassem nos caules, evitando o trabalho de fincar estacas. Quando o calor aumentou, plantamos as abóboras, e as trepadeiras logo cobriram o solo sem arar, sufocando as ervas daninhas. Se os vizinhos faziam cara de espanto, eu não ligava. Sua reprovação era um pequeno preço a pagar pelas muitas horas que eu economizara por não ter de capinar.

A única pessoa que não estranhou o nosso campo desgrenhado foi o jovem Noah Merry, que caminhou em torno da plantação elogiando o trabalho e o crescimento robusto. Noah declarou que já tinha pensado em adotar essas práticas, e o nosso experimento o convencera. De uma hora para outra, passamos a ver Noah Merry com frequência em Great Harbor. Sempre que sua família precisava de algum suprimento ou vinha pagar ao meu avô sua parte das receitas advindas do moinho, já não eram Jacob nem Josiah os liberados do trabalho da fazenda, mas sempre Noah. Independentemente da razão que o trouxesse, ele geralmente dava um jeito de passar com a carroça diante do nosso jardim enquanto eu punha a mesa do almoço. E papai sempre me mandava servir mais um prato.

Não estou dizendo que fosse um sacrifício estar em sua companhia, um rapaz tão jovial. Em outros dias, a conversa à mesa transcorria em latim, para que os rapazes praticassem. Eles precisavam urgentemente disso, pois não poderiam falar em outra língua na universidade. Embora eu tivesse parado de tentar avançar

nessa língua, conseguia acompanhar a conversa bastante bem, e gostava de tentar compreender as perguntas de papai e formar respostas na minha mente, comparando-as com as que meu irmão e Caleb davam. Mesmo quando eles falavam em inglês, a conversa tratava de questões acadêmicas. Mas como Noah claramente não era um rapaz particularmente ilustrado, a conversa em sua presença era diferente. Falava-se de questões triviais: idas e vindas ao continente, uma nova família que fizera a travessia e se juntara a nós, um nascimento ou uma morte, quem havia feito os proclames do matrimônio, quem tinha comprado uma vaca e outras notícias corriqueiras e agradáveis. Quando Noah perguntava como alguém estava, ele realmente escutava a resposta com atenção. De sua parte, falava da fazenda da família com um enorme entusiasmo.

E havia outra diferença: papai e Makepeace estavam acostumados a me ver calada, deixando a conversa transcorrer ao meu redor. Raramente perguntavam a minha opinião ou esperavam um comentário meu, e Caleb seguira seu exemplo nisso. Mas com Noah era diferente. Ele se virava para mim a toda hora dizendo coisas como “Você não acha...?” ou “Na sua opinião...?”, e eu, em cortesia, gaguejava qualquer coisa para não parecer fria. Ele deve ter notado que fiquei mais animada um dia quando a conversa se voltou ao *otan* de Takemmy que ficava ao lado de sua fazenda, pois na visita seguinte veio carregado de informações sobre o local. Deu a descrição completa de um *mishoon* que ele vira fazer, elogiando o esforço paciente dos índios, que queimaram parcialmente um grande tronco, dia após dia, retirando os carvões até gerar a forma exata de uma bela canoa. Fez muitas perguntas a Caleb sobre como isso era feito em Nobnocket, se as árvores escolhidas eram semelhantes, ou se cada *otan* tinha uma prática particular. Caleb pareceu mal-humorado e deu uma resposta concisa. Isso me pareceu estranho, mas então pensei que essa conversa sobre sua velha vida pudesse trazer memórias desagradáveis. Entretanto, notei que Caleb muitas vezes ficava reservado quando Noah estava conosco, independentemente do assunto. Concluí que ele ainda não se sentia à vontade com qualquer pessoa inglesa que não fosse da família. Eu não via outra razão para aquela atitude fria.

Ontem, enquanto escrevia sobre as coisas corriqueiras que fizemos naqueles primeiros meses do verão, fui tomada por uma sensação de paz. À noite, sonhei com aqueles tempos e acordei frustrada. É verdade que eu estava morta de cansaço naquela época. Eu costumava acordar antes do nascer do sol, desejando acima de tudo poder dormir mais um pouco, com os braços doídos pelo trabalho do dia anterior, e tudo o que podia fazer era apanhar Solace e levá-la para o andar de baixo. Durante o dia, muitas vezes endireitava o corpo enquanto amassava o pão, ou me apoiava na enxada e pensava em como, um ano antes, eu estivera correndo livre e solta com Caleb ao ar livre, ainda inocente do pecado que trouxera tamanha aflição. Fui tola naquele verão, achando que minha vida era triste, e não valorizei as dádivas da estação. Não previ a perda e as dificuldades que ainda viriam.

As tarefas cansativas daqueles dias não eram nada comparadas com meu trabalho presente aqui em Cambridge. Esta manhã, ao descer o balde no poço, buscando água para lavar as roupas, vislumbrei meu rosto na água. A princípio, não reconheci a cara esquelética e carrancuda que olhava para mim lá do fundo. Na ilha, o ar doce me revivia. Nunca faltava água limpa ou madeira para aquecer a casa. As minhas tarefas, apesar de numerosas, eram variadas. Aqui, sinto frio e fome, e o trabalho árduo não tem fim. A falecida ama desta casa era idosa e não enxergava bem. Ela não era cuidadosa com a limpeza, por isso precisei de um bom tempo para esfregar os pisos, limpar os excrementos de rato dos cantos e recessos e restaurar os lençóis sujos com água fervente e goma. Sou encarregada de lavar as roupas e os lençóis gastos de todos os estudantes, fazendo os reparos necessários. Varro o chão da casa todos os dias, além de esfregá-lo e poli-lo semanalmente, como fazíamos em casa; mas aqui, com as botas enlameadas de tantos garotos, o trabalho é muito mais pesado. Meu amo manda os garotos cortarem a lenha, como em casa, mas eu tenho que partir os troncos menores. Dependemos da lenha que nos é dada de presente, e quase sempre temos muito pouca. Eu cozinho o almoço magro e junto as sobras para o lanche e o jantar. Asso pães, cozinho um

caldo aguado. Não tenho muito mais o que fazer com suprimentos tão frugais — um saco de centeio e um de milho, um pouco de fermento, alguns cortes de carne cheios de cartilagem e um ou dois nabos. Quando a família de um dos alunos oferece algo — um pescoço de carneiro ou um par de galinhas — é uma bênção, e tiro tudo o que posso do presente, fervendo os ossos nus até estarem tão secos que nem mesmo um vira-lata se interessaria por eles. Mas são tempos difíceis para os agricultores, e tais presentes têm sido raros nesta temporada.

A escola dá para a Crooked Street, e tem uma casa adjacente do outro lado. Temos espaço para uma horta no nosso pequeno terreno, cujos produtos, apesar de não passarem de raízes e ervas, talvez melhorem um pouco a saúde dos meninos. Fiquei muito surpresa, quando vim para cá, ao descobrir que nada havia sido plantado ali. Havia espaço para manter algumas galinhas junto à porta, e pensei em cuidar de alguns pintos quando o tempo esquentasse. Ao longo do outono, eu caminhava pelo Pasto Comum e apanhava raminhos de temperos silvestres ou folhas para uma salada, colhendo quaisquer frutas que outros catadores tivessem deixado passar e usando-as para fazer pudins improvisados. Mas quando o inverno chegou, já não havia sequer a possibilidade de recorrer a essas pequenas medidas, e todos agora temos o rosto encovado, o nariz entupido ou o peito tomado de umidade.

Cambridge é uma cidade desagradável. Os que vieram para cá na década de 1630 determinaram que as primeiras sessenta casas ficassem comprimidas bem juntas, por medo, imagino, de um ataque dos rivais europeus — e os habitantes nativos do lugar já foram devastados há bastante tempo por alguma peste da qual não há registro. Os lotes, dispostos numa grade quadriculada, são estreitos, e a crista baixa sobre a qual foram construídos formou uma barreira para a drenagem da terra, de modo que, quando chove, tudo vira um grande atoleiro. Há manufaturas aqui, em número suficiente para acabar com a paz — um curtidor, um tijoleiro, um ferreiro e um estaleiro tomam as horas do dia com seu clamor —; ainda assim, não são suficientes para trazer prosperidade. As ruas ainda são irregulares demais para as carroças. Como os moradores não se preocupam com o lugar onde despejam sua sujeira, o ar fede, e há pilhas de lixo por toda parte, apodrecendo em montículos vaporosos. O córrego é repulsivo, mas mesmo nas partes em que não é, as águas seriam insalubres, pois a população o usa como esgoto. Em consequência, só podemos beber a cerveja fraca, que me dá dor de cabeça e que não pode ser boa para os meninos, especialmente os mais novos, dois dos quais nem fizeram nove anos ainda. Como não há madeira suficiente para aquecer a água do banho, o amo da casa espera que os meninos se lavem numa cuba ao ar livre da qual eles têm de quebrar o gelo a cada manhã. É claro que não

se lavam muito bem. Tive de importuná-lo para que me desse um pouco de banha e lixívia, para misturar com cinzas e fazer sabão. Não consigo nem imaginar como era antes da minha chegada aqui. Mesmo agora que temos sabão, os corpos dos meninos ainda cheiram mal, apertados lado a lado nos bancos da sala de aula, e mal consigo respirar o ar fétido quando sou obrigada a limpar seu quarto de dormir apinhado.

Tudo isso tem sido uma difícil provação para Makepeace, o aluno mais velho da casa, com dois anos a mais que o seguinte. Talvez seja por isso que ele viaja para a ilha sempre que pode, para jantar numa boa mesa e dormir umas poucas noites aquecido por um fogo decente, encontrando assim um pouco de paz e solidão, longe dos meninos barulhentos. Mas essas ausências não o fazem melhorar nos estudos, e os alunos mais novos frequentemente se saem melhor que ele. Sempre que caminhamos juntos, vejo seu olhar percorrer a curta distância que vai da escola à Universidade de Harvard. Ele acompanha com o olhar os alunos vestidos com becas. Nesses momentos ele sempre tem um olhar ávido, mas sua fronte é cortada por algumas rugas. Eu sei que Makepeace se pergunta se algum dia conseguirá encontrar um lugar entre eles.

Já Caleb e Joel não têm a possibilidade de fazer as escapadas que servem de alívio a Makepeace. A ilha está fora de seu alcance, por não terem meios para pagar pela viagem. Só posso imaginar que a vida seja insuportável para eles aqui, neste mundo tão estranho, um mundo inferior, de tantas maneiras, àquele que conhecem. Especialmente para Caleb, que viveu a maior parte da vida como um homem da natureza e agora precisa ficar isolado aqui, numa condição tão diferente; sei muito bem que ele tem dificuldade em se encaixar nesta situação. Muitas vezes, nas primeiras semanas desde que viemos para cá, algo perturbava meu sono nas horas escuras antes do amanhecer. Eu me virava no colchão de palha quando uma sombra passava por mim. Era Caleb, andando furtivo, com seus pés silenciosos, saindo pela porta e atravessando a cozinha. Estava procurando, imagino, um lugar para saudar Keesakand. Agora já não o faz. Não falei com ele a respeito, por não querer tocar na ferida, por isso não sei os motivos que o levaram a mudar seus hábitos. Suponho que ele procurasse um lugar semelhante ao que estava acostumado, de onde pudesse saudar o sol, um local que não fosse manchado pela sujeira e o fedor das indústrias inglesas. Se assim fosse, estava procurando em vão, pois a marca escura do homem já está espalhada por toda parte nestas redondezas.

Sinto-me afrontada quando escuto um comentário qualquer de meu amo, ou entre os alunos ingleses mais velhos, dizendo que os índios têm uma grande sorte de estar aqui. Passei a pensar que é um defeito nosso elogiarmos o que lhes

damos num caso assim, sem nunca considerarmos o que está sendo abandonado em troca. Mas não sou eu quem deve pesar este equilíbrio: Cristo e o conhecimento em troca de um panteão pagão e uma existência errante na selva. Só me resta supor que, para Caleb e Joel, os benefícios compensem as perdas. Pois eles fazem jus às ambições que meu pai tinha por eles e são muito dedicados aos estudos. Os dois estão determinados a se matricular em Harvard no próximo outono. Assumiram a crença de papai de que estão destinados a liderar seu povo, retirando-o da escuridão, e para isso devem suportar a fome e o frio enquanto buscam estender seu conhecimento ao máximo.

Vou dizer o seguinte sobre o mestre Corlett: ele demonstra uma enorme dedicação àqueles que desejam aprender, instruindo-os até tarde da noite. Rezo apenas para que Caleb e Joel não vacilem diante de uma carga tão grande e que sua saúde se mantenha firme neste lugar insalubre. São fortes, mas mesmo assim, noto uma mudança neles.

Joel ganhou um pouco do olhar faminto que seu pai costumava ter nos tempos em que começou a assombrar as margens do povoado inglês, antes de ficar amigo de papai. Às vezes, quando dobro uma esquina e dou de cara com Joel, a semelhança me surpreende. Iacoomis prosperou bem entre nós em Great Harbor, superando sua condição de excluído e tornando-se um hábil provedor, levando boa carne a seus filhos. Hoje em dia, porém, Joel perdeu seu viço de rapaz bem-alimentado e começa a ficar esquelético. Caleb está melhor, por ter o corpo acostumado aos ciclos anuais de verões fartos e invernos magros. Mas não sei como suportará, com o tempo, as privações constantes e contínuas deste lugar. Ainda assim, a cada dia ele ganha um novo fraseado gracioso ou um gesto cavalheiresco, e sua altura e porte natural lhe dão uma grande distinção. Ele parece pleno como um rio durante a cheia, reunindo todo o conhecimento que flui até ele, qualquer que seja sua natureza. Notei que ele observa os outros alunos, até mesmo os mais novos, como se fossem de uma estirpe mais nobre. Desde o início, Caleb sempre teve um ótimo ouvido para o inglês, e agora fala fluentemente, sem nenhum sotaque. Ele se move com muita naturalidade, até mesmo entre os mais notáveis dentre nós; isso me faz pensar que, muito em breve, quem não conheça sua história provavelmente pensará que se trata de um espanhol ou um franco, ou algum outro dos mais escuros dentre as raças civilizadas.

Alguns dias atrás, quando passei pelo corredor diante da sala de aula, ouvi o mestre pedir a Caleb que lesse em voz alta uma passagem da Bíblia em hebraico. Como Caleb começara a estudar essa língua havia pouco, aprendendo o som daquelas letras estranhas, fiquei parada ali, com uma pilha de lençóis nos braços,

para ver como ele se saía. O mestre Corlett lhe pediu que selecionasse uma passagem, e Caleb escolheu alguns versos de Jeremias. Ouvi sua voz forte e confiante, pronunciando os sons guturais que tanto se pareciam aos de sua língua materna. Desde que vim para cá, ouvi alguns homens instruídos cogitarem que os índios talvez fossem uma tribo perdida dos antigos hebreus, devido a essa semelhança nas línguas. Caleb prosseguiu com cuidado, pronunciando mentalmente cada palavra antes de dizê-la em voz alta. A princípio senti meu coração se elevar, ouvindo-o executar tão bem aquela tarefa complicada. Mas algo em sua voz era mais estranho que a pronúncia das difíceis palavras em hebraico. A voz de Caleb, na língua ancestral, assumiu um tom diferente. Pareceu-me que ele entoava as palavras com a voz de um *pawaaw...* e com isso em mente, fui transportada para aquela península de cores vívidas, para as preces selvagens e intensas que se erguiam rumo ao céu manchado pelas chamas.

Perdi a força nos braços. Alguns dos lençóis caíram ao chão. Quando me abaixei para recolhê-los, o mestre passou a traduzir o hebraico ao inglês, e o significado da passagem tocou meu coração: “Juntai-vos e entremos nas cidades fortes, e ali pereçamos; pois o Senhor nosso Deus nos destinou a perecer e nos deu a beber água de fel; porquanto pecamos contra o Senhor. Esperamos a paz, porém não chegou bem algum; e o tempo da cura, e eis o terror.”

Ao ouvir isso, apreendi um outro eco — o de Tequamuck e suas profecias medonhas. Se for verdade que os índios deste lugar são judeus perdidos, pessoas como Tequamuck talvez sejam os Jeremias de sua raça. Minha mente, não pela primeira vez, reviveu o que teria ocorrido com Caleb durante aqueles meses no bosque. Seria ele, como dizia Makepeace, um vaso ainda habitado pela escuridão, um conduto que pudesse transportar a mancha do mal para o interior das igrejas de Deus?

Era evidente que não. Essas imagens mórbidas foram criadas apenas pela minha exaustão. Ainda assim, meus olhos se encheram de lágrimas. Elas brotam com muita facilidade nestes dias. Brotam agora, mais uma vez, enquanto escrevo estas linhas. É como se eu pudesse chorar para sempre, e ainda assim não esvaziar o reservatório do meu sofrimento.

Esta noite, reli o que eu havia escrito aqui e decidi ser mais clara ao narrar o que vem a seguir. Não devo saltar para a frente e para trás, como fiz ao escrever ontem à noite. E mais uma coisa: devo evitar ceder a excessos de sensibilidade e às fugas da minha imaginação mórbida. As últimas das linhas que escrevi estão maculadas, pois cedi a mim mesma. O desespero é um pecado, e não posso acrescentar mais este à minha lista. Vou me esforçar, portanto, não só para manter uma diligência exata, mas também para descrever em palavras simples o que ocorreu durante aquela temporada na ilha e tentar também enxergar a mão de Deus nos acontecimentos:

Qualquer alegria que eu possa ter sentido no verão que se seguiu à chegada de Caleb terminou num dia doce e calmo, pelo qual passei como se flutuasse numa banheira com mel. Tinha chovido forte na noite anterior; uma dessas chuvas de verão, de aroma intenso, que acomodam a poeira e lavam o pólen do ar, deixando tudo límpido e claro. A fragrância do verde e das flores ficou mais pungente à medida que a manhã se tornava mais agradável. O porto brilhava, e quando a brisa leve roçava as algas marinhas, cada lâmina cintilava como um filamento de prata.

Num dia tão divino, temos a mente despreocupada e todo o mundo parece bom. Costumamos nos preparar para a tragédia em dias diferentes — dias de céu cinzento e funesto, de brumas amargas e ventos uivantes. É nesses dias que rezamos para afugentar o azar. Disso eu sei. Mas, naquele dia, eu tinha pensamentos de proveito e de promessa. Mesmo quando uma galinha com penas na pata cruzou o meu caminho no início da manhã, o que, como todos sabem, indica mau agouro, desconsidereei o fato. Não era possível imaginar que algo ruim pudesse ocorrer num dia como aquele.

Fui colher as abóboras e feijões maduros. Estavam tão abundantes que precisei levar dois cestos para carregar a colheita para casa. Eu gostava de colher ao nascer do sol, se conseguisse sair da cama sem acordar Solace. Adorava fazer a colheita no campo fresco, coberto de orvalho. Mas se Solace acordasse, como naquela

manhã, eu tinha que deixar a colheita de lado até depois do almoço, no pleno calor do dia, enquanto ela cochilava. Eu a deixava no berço enquanto papai começava as aulas. Se ela acordasse antes de eu voltar, Makepeace a pegaria no colo e a embalaria um pouco pelo curto tempo até a minha volta. Ele nunca se esquivou disso, nem reclamou: Solace era a única pessoa em relação à qual ele não temia expressar suas verdadeiras emoções. Além disso, como penso agora, aquilo lhe dava algum escape durante a aula; uma forma de encobrir sua lentidão. Essa era nossa rotina diária, e eu não tinha motivos para questionar aquele esquema.

Como o dia estava agradável, não me apressei durante a colheita, como fazia quando o calor engrossava o ar. Demorei-me por ali, provando as vagens frescas, crocantes e suculentas, recém-tiradas do caule. Depois segui para casa, sem pressa. Cantei um salmo enquanto caminhava e nem pensei em me calar até pôr a mão na maçaneta. Papai estava lendo em voz alta o episódio de Polifemo, de Homero, e os alunos estavam tão calados que seria possível ouvir uma agulha perfurando um tecido. Como não ouvi nenhum barulho vindo do berço de Solace, supus que ela ainda estaria cochilando. Desatei meu chapéu e o preendi no gancho, jogando-o brincalhona, e então me ocupei em descarregar os cestos na leiteira, deixando as vagens mais macias para serem comidas frescas e colocando as mais gordas em prateleiras, para secá-las para o inverno. Confesso: eu também fiquei escutando papai ler aquela história conhecida, esperando pelas minhas passagens preferidas, nas quais Odisseu, orgulhoso, revela sua identidade e provoca a ira de Poseidon, o que acabará por custar tanto a ele e a seus homens. Era um trecho emocionante. Fiquei tocada, como sempre, com o fato de que um poeta pagão de uma época tão distante soubesse tanto do coração humano, e em como esse coração muda tão pouco, ainda que grandes cidades tombem e novas revelações eliminem as velhas crenças pagãs.

Pensei nisso durante um bom tempo, mesmo depois de papai terminar a leitura e mandar os meninos traduzirem. Por fim, fui ver Solace. Entrei e encontrei o berço vazio. Procurei debaixo da mesa, nos cantos e por todo o quarto, sem me preocupar nem um pouco, pensando que logo a encontraria brincando quieta em algum lugar estranho.

Como não a encontrei, interrompi papai para perguntar onde ela estaria.

Ele olhou para mim, assustado, e então olhou ao redor, por toda parte, confuso.

— Ela estava aqui agora mesmo. Acordou e começou a choramingar, por isso pedi a Makepeace que a deixasse aqui, ao meu lado...

Caleb e Makepeace já estavam de pé, seguidos por Joel. Makepeace fez o que eu já havia feito, pondo-se a procurá-la pela casa. Todos nos movemos confusos, cada

vez mais frenéticos, chamando-a pelo nome. Mas Caleb foi direto ao lugar, cobrindo a curta distância nuns poucos passos longos.

Ela estava de bruços no buraco raso, de menos de um metro de profundidade, que teria sido nosso novo poço. Havia uma poça de água da chuva da noite anterior ali, uns poucos centímetros. Ainda assim, de alguma forma o suficiente para roubar o fôlego de um bebê que engatinhou até a borda, cambaleou instável e caiu.

Caleb levantou o corpinho flácido e enlameado de Solace e correu de volta para o lugar onde eu estava com papai, no quintal. Ele gritava em wampanaontoaonk. Makepeace, saindo de casa, viu-os e uivou como um animal ferido.

Caleb a passou aos braços estendidos de papai, e lembro-me da água, pingando da barra de sua saia e fluindo de seu cabelo sedoso. Lembro que as gotas brilhavam ao sol, como se um anjo jogasse pedras preciosas pelo caminho de sua alma, que ascendia ao céu.

Foi como reviver a morte de Zuriel. Daquela vez, papai se culpou — na minha opinião, sem razão — por passar com a carroça por cima de Zuriel, e agora se culpava por não prestar atenção em Solace quando ela estava sob seus cuidados. A dor de papai foi ainda maior, talvez porque mamãe não estava ao seu lado, precisando da força dele para suportar o sofrimento. Na verdade, a perda do bebê abriu a ferida que se formara com a perda de mamãe. Passara pouco mais de um ano desde a morte dela, e agora nosso pesar por mamãe parecia renovado, alimentado por esta nova aflição.

Makepeace também sentiu o peso da responsabilidade. Sua fé, como sempre, instruiu-o a aceitar o desejo de Deus sem reclamar. Enquanto chorávamos, ele rezava. Mas desta vez seu corpo se mostrou mais fraco do que sua vontade: a própria pele de Makepeace foi tomada de feridas, e seu cabelo começou a cair em pequenas mechas.

Joel e Caleb também sofreram. Embora tenham nos acompanhado nas orações cristãs, tenho certeza de que os dois foram para o bosque, depois do funeral de Solace, e cobriram o rosto com carvão, como fariam após a morte de uma criança em meio a seu povo. No dia após o enterro de Solace, encontrei raminhos de cipreste em torno de sua sepultura, o que certamente não era obra de um inglês. Eu tinha certeza de que Caleb estava por trás disso, pois Joel não fora educado nas tradições pagãs de seu povo, que dizem que um deus fez o homem e a mulher a partir de um pinheiro, e mesmo que conhecesse essas tradições de forma geral, acho que não teria sentido o ímpeto de fazer algo assim sozinho. Se papai ficou sabendo que eles executaram ritos pagãos, não disse nada na minha presença. Mas isso estava claro para mim; afinal, era eu quem esvaziava a banheira e lavava as mangas e golas dos rapazes.

Há algo mais que preciso escrever: papai estava sentado com Solace na noite anterior ao enterro. Eu tinha lavado seu corpinho pela última vez, misturando minhas lágrimas à água do banho. Eu havia feito um vestido simples para ela e o enfeitei com a renda de nosso vestido de batismo. Mamãe o fizera para mim, e

Solace o usara naquele dia em que, ainda de luto por mamãe, nós a levamos ao templo para molhar sua cabeça. Enquanto eu costurava, papai e Makepeace construíram juntos seu caixãozinho, e o cheiro de pinho aplanado tomou a casa. Colocamos Solace na caixa, mas não tivéramos ainda coragem de pregar a tampa. Assim, ficamos sentados em oração até que finalmente, como já era tarde, papai nos mandou todos para a cama. Eu tinha os braços tão vazios que não consegui dormir. De madrugada, ouvi ruídos no quarto abaixo e pensei que papai estivesse inquieto e atormentado. Cobri meus ombros com um xale e estava prestes a descer quando vi que a pessoa desperta era Caleb. Papai, exausto, caíra no sono com a cabeça sobre a mesa. Caleb estava em pé ao lado de Solace. Vi-o erguer sua mãozinha minúscula e lhe colocar algo entre os dedos.

De manhã, aproximei-me de Caleb em particular e perguntei o que ele havia feito, temendo que pudesse ter colocado algo não cristão nas mãos dela. Caleb me disse que era um pedaço de pergaminho no qual ele fizera uma cópia da escritura de nosso Senhor: *Sofrem as criancinhas...* Usando sua tira de pele de cervo enfeitada com contas *wampum*, Caleb atou o tecido em volta da boneca de madeira que Makepeace fizera para Solace — aquele que fora seu principal brinquedo durante o último mês de vida.

— Uma oferenda como as que os *pawaaw* usam? — perguntei preocupada.

— Não — respondeu Caleb, tranquilo. — Não exatamente.

— Mas certamente algo muito parecido... — falei, torcendo minhas mãos.

Caleb pôs as mãos sobre as minhas, separando-as com delicadeza. Suas mãos tinham se tornado menos ásperas desde que ele viera morar conosco.

— Por que mandá-la para a terra sem uma mostra do amor que todos nós temos por ela? O seu pai prega que nem todas as velhas crenças são más. Se ele diz que Kiehtan, o nosso deus criador, é Jeová com outro nome, então por que desprezar os costumes que temos, que vieram dele, de dar aos que se vão um pequeno presente que lhes traga o conforto deste mundo quando passarem para o próximo? Um pedaço das Escrituras, umas poucas contas e a boneca dela. Que mal há nisso?

Não soube o que responder. Mas continuei perturbada, pesando a questão numa balança na qual eu não encontrava um ponto de equilíbrio.

Depois do enterro de Solace, pusemo-nos mais uma vez a examinar nossas próprias almas, tentando descobrir onde cada um de nós havia falhado aos olhos de Deus. Enxerguei mais uma punição pela minha idolatria, que eu ainda não conseguira confessar. Makepeace, de sua parte, foi ao culto e se acusou em público de uma série de ofensas, da gula à preguiça — falhas de caráter das quais eu estava ciente —, mas também de luxúria, o que me surpreendeu, até que deixei de

olhar para ele com os olhos de uma irmã e refleti que, na verdade, ele já não era um menino. Perguntei-me se sua luxúria teria um objeto e, nesse caso, quem seria. Depois disso, acompanhei seu olhar com grande atenção, mas não descobri nada. Ele fez grandes esforços para se redimir das duas primeiras categorias de pecado, tornando-se bastante abastêmio à mesa e dedicando-se às suas tarefas com um empenho incomum. Não sei como foi em relação à terceira e, se ele dirigiu ou não seus afetos a outra parte, eu não era perspicaz o bastante para discernir.

Foi o período de reflexão de papai que levou à maior mudança em nossa condição. Sua consciência o levou a concluir que ele não se dedicara o suficiente à questão dos *pawaaw*, na tentativa de romper o domínio que eles tinham sobre seu povo.

— Eles são a corrente mais forte que prende essas pessoas na escuridão — disse papai. — Tenho que rompê-la. Não há outra forma.

Papai decidiu parar de esperar até que os convertidos fossem até ele e passou a levar sua mensagem para além dos limites de Manitouwatootan. Pôs-se a viajar para os povoados pagãos, implorando aos *sonquem* que lhe dessem permissão para pregar. Um ou outro, Makepeace, Joel ou Caleb, estava sempre ao seu lado durante essas viagens, e pelo que eles falavam à mesa, consegui criar uma imagem desses encontros. O que fiquei sabendo me deixou preocupada.

O papai, ao que parecia, tornara-se mais ardoroso, abandonando o Evangelho suave do amor e do perdão em favor de ameaças de fogo e enxofre, prometendo o inferno, a danação e a vingança sangrenta aos infiéis.

Um dia, voltou para casa depois de pregar para o teimoso *sonquem* de Chappaquiddick. Estava coberto de areia e lama, encharcado por ter feito a travessia até a ilhota, e enquanto eu aquecia a água para seu banho, vi que ele não conseguia mexer o braço direito. Quando perguntei, contou-me que levara um golpe da clava do *sonquem*, mas que o braço, apesar de bastante machucado, não estava quebrado.

— Não se preocupe, filha — disse ele. — Tenho um braço para receber golpes e outro para erguer em louvor a Deus. Enquanto um braço era maltratado, ergui o outro para o céu, e então, quando o *sonquem* viu que eu não o temia, mantendo-me firme, consentiu em ouvir minhas palavras até o final e ordenou ao seu *pawaaw* que fizesse o mesmo, o que jamais permitira antes.

A pregação de papai se tornou ainda mais ardente no ápice do verão. Foi assim até mesmo na tranquilidade de nosso próprio templo. Ele pregava cada vez mais apaixonado, o suor voava de seu rosto quando ele gesticulava violentamente, declarando por fim que iria subjugar até o último *pawaaw* da ilha. Isso gerou

olhares de aprovação e gritos de “Amém!” por parte da família Alden, mas quando olhei de relance para o banco de Iacoomis, vi que sua família parecia aflita; além disso, sentado ao lado de Makepeace, Caleb tinha a cara fechada.

Em meados de agosto, papai aceitou um desafio de cinco *pawaaw* que o confrontaram, dizendo que iriam, juntos, testar seus poderes contra os dele. Ouvi Joel e Caleb falando disso, as vozes baixas e preocupadas. Dei a notícia a Makepeace e pedi que convencesse papai a desistir da ideia, pois parecia perigosa, para papai e também para o Evangelho. Muitas coisas poderiam dar errado nesse dia. Poderiam lhe oferecer uma bebida envenenada, ou então papai poderia, por azar, contrair uma febre, e todos tomariam aquilo como um sinal de que os *pawaaw* o haviam subjugado.

Makepeace ouviu minhas palavras com a maior cortesia e agradeceu o meu conselho. Ouvi-o conversar com papai tarde da noite, Makepeace implorando para que tivesse cuidado, mas em vão. Naquela noite, foi meu pai que não conseguiu controlar a própria língua. Ouvi claramente, através da manta que dividia o quarto, sua voz se erguer ardorosa:

— Makepeace, perceba que se eu não for, eles vão concluir que me acovardei. Não vou deixar que pensem isso de mim, nem da mensagem do Senhor.

Papai acordou na manhã combinada e partiu para o ponto de encontro. Disse a Makepeace que não o acompanhasse; que iria encarar os *pawaaw* sozinho, para que ficasse claro que não tinha medo deles. Mas Caleb e Joel foram em segredo, seguindo por caminhos secretos que Caleb conhecia. Voltaram muito entusiasmados, e no curto momento que tivemos a sós, Caleb me contou que papai tinha prevalecido poderosamente, e isso diante de uma grande multidão de wampanoags que tinham se reunido para presenciar o confronto.

À mesa, Makepeace pressionou papai para que contasse o que havia ocorrido. Papai contou que ficou num círculo formado por feiticeiros pintados, e todos eles, com ar muito severo, testaram seus feitiços mais malignos durante algumas horas, amaldiçoando-o e execrando-o, dançando e cantando, tocando tambores e sacudindo suas cabaças. Papai apenas riu, o que os enfureceu, e jamais parou de erguer sua voz, pregando o poder do Deus único e verdadeiro. Ao final, seguiu seu caminho, despreocupado.

Nas semanas seguintes, grandes grupos de convertidos afluíram até ele depois que a notícia daquele encontro se espalhou de uma ponta da ilha até a outra. Quando um dos cinco *pawaaw* adoeceu de febre maculosa, e depois outro, os três restantes foram até Manitouwatootan e aceitaram o Evangelho de Cristo.

Mas houve um que permaneceu fora do alcance de papai: o tio de Caleb, Tequamuck. Papai não falou mal dele diante de Caleb, mas quando o ouvi

conversar com meu avô, mostrou-se irritadíssimo com o que ouvira falar a respeito dos ensinamentos daquele *pawaaw*. Tequamuck continuou a incitar medo entre seu povo, espalhando profecias absurdas e medonhas sobre os ingleses, que dizia terem vindo até ele em visões. Tequamuck detestava a pregação de papai, dizendo serem feitiços criados para afastar o povo de seus próprios deuses. Alertou-os de que quando papai conseguisse afastá-los de seus espíritos protetores, os ingleses os destruiriam por completo. Não sei se Tequamuck realmente achava que meu pai fosse tão maligno. Acho que o detestava, como qualquer homem detesta outro que rouba o afeto de pessoas queridas. Tequamuck ardia de ira e ciúmes pelo fato de Caleb estudar com papai e servir ao Deus inglês. De tempos em tempos, ouvíamos falar de terríveis ameaças contra a vida de meu pai. Não sei se essas ameaças preocupavam papai, mas ele não dava nenhum sinal de temor.

Em vez disso, ele se dedicou ainda mais a ganhar novos convertidos. Começou a se corresponder mais regularmente com John Eliot, que conduzia uma missão no continente e era, até onde sabíamos, o único entre os eleitos de toda a colônia que se dedicava com sinceridade ao dever sagrado. Papai ganhou grande coragem a partir dessa correspondência e passou a desejar trazer um segundo missionário para a ilha. Em especial, falava de tudo o que poderia fazer se tivesse meios para contratar um professor para as crianças indígenas. Ainda assim, não tínhamos como oferecer um salário que atraísse um pastor ou professor treinado para embarcar numa tarefa tão problemática.

Foi meu avô quem sugeriu que papai considerasse fazer uma viagem à Inglaterra para pedir fundos à Sociedade para a Propagação do Evangelho de Jesus Cristo aos Índios. Esse grupo fora muito generoso com John Eliot. Os ingleses — tanto os mais ricos como os camponeses comuns — que se reuniam em torno dessa sociedade estavam ávidos por converter novas pessoas e impacientes com o fracasso da Nova Inglaterra nessa questão.

Meu avô sempre fora perspicaz no que dizia respeito a dinheiro. Mas agora que penso no assunto em retrospecto, acho que ele também temia pelo estado mental de papai. Ele havia notado a mudança em seu filho, sempre pacato, desde a morte de Solace e talvez sentisse que papai havia embarcado numa jornada perigosa em sua pregação, apesar de todos aqueles êxitos iniciais. Acho que meu avô queria distrair papai, apresentando-lhe uma nova missão.

A princípio, papai não queria saber da tal viagem, dizendo que estava se dedicando a preparar Makepeace, Caleb e Joel para se matricularem e que não poderia abandoná-los no meio do caminho. Nós tínhamos ido à casa do meu avô para almoçar entre os cultos da manhã e da tarde no Dia do Senhor, e estávamos

caminhando de volta ao templo. Makepeace seguira à frente, e Caleb caminhava com a família de Iacoomis. Eu estava alguns passos atrás de papai e do meu avô, e tenho certeza de que eles esqueceram que eu estava ali.

— Pense nisso, meu filho — disse meu avô. — Você está pondo as necessidades de três diante das almas de três mil. Se esperar até que esses meninos estejam preparados, perderá um ano ou mais. Vá logo, e ao voltar ainda terá bastante tempo para dar os toques finais no edifício de aprendizado que estão construindo juntos. Makepeace certamente já está bastante avançado e poderá continuar a ensinar latim a esses dois promissores jovens profetas.

— Talvez no latim ele consiga fazer algo, mas os dois rapazes irão superá-lo dentro em pouco. Já no caso do grego, ele tem dificuldades. Makepeace tem uma mente simples, movida pelas páginas da Bíblia. Não há nada de errado nisso; um homem como ele poderá ser um bom pastor. Mas temo que ele seja propenso demais a acreditar que todas as demais letras são uma vaidade e uma cilada para a mente.

Papai expressou a preocupação de que, sem uma orientação diligente e uma instrução constante, Makepeace pudesse facilmente acabar aquém do que era exigido dele.

— E quem irá instruí-lo, se eu não o fizer?

— Se ele não puder continuar sozinho por uns poucos meses, dificilmente irá se beneficiar de uma educação na universidade — retrucou meu avô. — É melhor encarar esse fato o quanto antes. O Senhor produz todo tipo de argila, não é verdade? A alguns, transforma em porcelanas delicadas, a outros, em vasos de grande utilidade. Cada um tem seu uso, mas nem mesmo o oleiro mais hábil poderá fazer com que um desempenhe a função do outro...

Eles entraram então no templo, e eu tive de me sentar com as mulheres, por isso não ouvi o final da conversa. Mas naquela noite, ficou decidido que papai efetivamente zarparia para a Inglaterra o mais rapidamente possível. Papai pediu cartas de apresentação a John Eliot, nas quais recebeu encômios que um homem mais modesto teria dificuldade em ler. Em nome da decência — isto é, da minha —, Caleb iria morar com Joel durante a ausência de papai, e Makepeace supervisionaria as aulas; meu avô iria rever o trabalho dos rapazes sempre que suas grandes obrigações lhe permitissem. Eu cuidaria da casa para Makepeace. Seria um trabalho leve, atender às necessidades de só mais uma pessoa. Eu esperava que conseguíssemos nos tolerar bem, e resolvi ajudá-lo no que fosse possível, sem lhe dar razões para se queixar.

Na manhã do dia em que papai partiria, ele cavalgou a Manitouwatootan para pregar um último sermão e se despedir. Implorei para ir com ele, desejando estar ao seu lado o máximo possível. Quando entramos na clareira, papai freou Pintada e olhou ao redor, admirado. A clareira estava repleta de wampanoags vindos de toda parte da ilha, cristãos convictos e pagãos, todos juntos. Alguns vestiam roupas inglesas; outros, peles de cervo. Homens, mulheres e crianças, alguns dos quais ele havia ajudado quando doentes, outros que nunca vira. Havia centenas de pessoas reunidas. Papai desmontou e caminhou pela multidão, falando com todos que pôde.

Seu sermão naquele dia foi brando, mas parecido aos de antigamente. Falou do amor de Cristo e comparou os laços de afeto entre as pessoas aos que havia entre Deus e seus fiéis. Esse amor, afirmou, era duradouro, e não menos real e fervente, ainda que as partes não se vissem frente a frente. E assim seria com o grande amor que ele tinha por eles, disse papai. Embora fosse estar longe, cruzando os mares por várias luas, seu amor estaria com eles, e papai os guardaria sempre em seu pensamento.

Quando chegou a hora de montar e partir, ficou claro que os homens pretendiam segui-lo, a pé, por todo o longo caminho até o local onde estava a chalupa que o levaria a Plimouth, na primeira etapa da viagem. E assim seguimos. Lembro-me de olhar para trás e ver a massa de cabeças brilhantes, viajando com um único propósito por entre as árvores, e de ter sido levada às lágrimas ao ver que meu pai era tão querido.

Makepeace, Caleb, Joel e sua família, além do meu avô, estavam todos ali para se despedir pela última vez de papai. Vi suas expressões surpresas ao notarem a procissão que tomava a praia atrás de nós. Ficamos parados na costa e acenamos quando ele tomou seu lugar no bote e remou até a chalupa, ancorada entre as ondas. Foi só quando as velas foram içadas e a âncora, erguida, que me virei para partir e vi Tequamuck, no penhasco acima da baía, sua túnica de penas ondulando com a brisa de verão, os braços estendidos numa invocação. Embora estivesse

longe demais para distinguir as palavras que ele entoava, eu sabia que não eram benignas. Os wampanoags da praia logo o viram também. Começaram a murmurar entre si. Alguns gritaram contra ele em sua própria língua, outros se ajoelharam na areia e ergueram as mãos para o céu. Mas a maior parte da multidão se dissipou mais rápido do que pareceria possível, sendo um grupo tão grande.

Makepeace demorou algum tempo para registrar a causa daquela perturbação súbita, mas ao perceber a fonte do problema, virou-se em direção ao penhasco e gritou:

— Cesse o seu barulho estrepitoso e imundo! Prostre-se na terra diante de Deus e implore para que ele tenha piedade de você!

Os wampanoags que ainda estavam por ali encararam Makepeace com uma expressão horrorizada. Meu avô puxou a manga de Makepeace e sussurrou em seu ouvido, insistente. Eu esperava que os conselhos do meu avô estivessem em consonância com que eu sentia — que seria melhor ignorar o feiticeiro em vez de dar prestígio à sua magia. Makepeace pareceu enfezado, mas jamais desobedeceria ao meu avô. Assim, eles me ajudaram a montar em Pintada e voltamos para casa. Tequamuck permaneceu no penhasco, e ouvimos seus cânticos altos às nossas costas.

UMA NEBLINA CAIU NAQUELA NOITE, as brumas se reuniram e engrossaram, tombando pesadamente sobre a ilha. Nem nos preocupamos com isso; as névoas densas de verão são bastante comuns por aqui. Em geral, o sol as dissipa até o meio da manhã, e dias que começam assim muitas vezes são os mais claros. Porém, ao meio-dia a névoa ainda não havia se dissipado, e eu executei as minhas tarefas em meio a um véu frio, de cor leitosa, mal conseguindo enxergar minha mão estendida à frente. O dia inteiro passou assim, e o pôr do sol foi apenas uma mancha pálida no horizonte perolado.

Naquela noite, um vento leve soprou. Pois bem, pensei: vai varrer a neblina. Mas esse vento era diferente de todos os outros que conhecíamos, e certamente não pertencia a uma noite de verão. No escuro da noite, tornou-se uma ventania violenta que uivava e gemia. Acordei ouvindo um aguaceiro intenso que açoitava a casa. Cobri minha camisola com uma capa e saí com Makepeace para a escuridão selvagem. Pintada, atada diante da porta, tinha os olhos esbranquiçados e tremia de frio. Segurei sua cabeça e falei com ela enquanto Makepeace a cobria com uma manta e a atava em segurança do outro lado da casa, protegida do vento e da chuva. Então, lutamos para fechar as persianas. O vento me empurrou com força contra a parede, e tive de me apoiar nela para permanecer em pé. Makepeace

precisou me dar a mão para me conduzir em segurança para dentro. Mesmo com tudo fechado, a casa ainda era sacudida ferozmente. As madeiras se queixavam a cada golpe do vento, e temi que as vigas do teto pudessem rachar. Era um vento tão estranho, com lufadas imprevisíveis, que mal consegui manter o fogo aceso. Às vezes, os uivos assumiam a forma de vozes humanas, queixando-se numa língua desconhecida. Em outros momentos, eram golpes fortes e rítmicos, como os bramidos que alimentavam a fornalha de Vulcano. Ouvi mais de uma árvore se partir, e a queda ruidosa dos galhos pesados. De tempos em tempos uma rajada entrava pela chaminé e espalhava as cinzas pelo chão.

Olhei para Makepeace, que estava pálido diante do fogo instável.

— Você acha que é melhor rezarmos?

— Acho que sim — disse ele.

E assim nos ajoelhamos juntos, lado a lado, e ao final, ele segurou a minha mão.

A tempestade durou todo o dia seguinte e só começou a acalmar na segunda noite. À primeira luz, saímos e caminhamos por um mundo perturbado. O mar estava acinzentado, e a linha da maré estava bem alta sobre a praia, chegando até os carvalhos raquíticos que lutavam por sua vida feito idosos corcundas. Havia galhos de árvores partidas espalhados por toda parte, além de telhas rachadas e feixes de palha encharcada. Havia outras imagens ainda mais estranhas. Um bote leve tinha sido erguido da praia e soprado pelo vento, ficando depositado no telhado da casa de nosso vizinho, e a persiana de outra casa fora arrancada e acabara presa entre os ramos de um pinheiro. Os campos estavam todos arruinados, como se tivessem sido ceifados por um lunático. Os caules tinham sido arrancados dos regos do arado, com torrões de terra ainda presos às raízes. Por sorte, nosso milho tinha brotado cedo e já fora colhido e armazenado. Aos que ainda não haviam colhido só restou recolher o que pudessem entre as plantas arrancadas e espalhadas.

Enquanto Makepeace recolhia e substituía as nossas telhas arrancadas, fui checar as ovelhas. Como esperado, não estavam no campo aberto, que ficava no terreno mais alto, exposto à força plena do temporal. Caminhando pelos bosques ao redor, procurando-as, observei os estragos feitos pela tempestade. Por toda parte, árvores adultas tinham sido derrubadas, como se não passassem de mudas de raminhos finos; uma imagem muito estranha de se ver. Ali perto, um conjunto de bordos jovens tinha sido completamente arrancado do solo — a base de suas raízes emaranhadas parecia um grande disco, deixando à vista o que geralmente ficava oculto abaixo de nossos pés e que só as minhocas viam. Ponderei que os sinais e marcas dessa tempestade ficariam inscritos nesta ilha durante muitos

anos. Por fim, encontrei as nossas ovelhas encharcadas. Pela divina Providência, tinham suportado a tempestade bastante bem, reunidas todas sob a proteção de duas grandes rochas. Não faltava nenhuma. Nossos vizinhos não tiveram tanta sorte. Seus rebanhos tinham se espalhado, e passaram-se vários dias até que conseguissem reuni-los. Uns poucos animais nunca foram encontrados, uma triste perda, já que sua lã era muito valiosa e os rebanhos ainda eram muito pequenos. Makepeace e eu tratamos de oferecer ajuda onde fosse preciso, e foi uma sorte termos tanto com o que nos ocupar. Ao anoitecer, comíamos nosso pão num silêncio pesado, com medo de dizer o que estávamos pensando.

A notícia de que o navio de papai tinha naufragado chegou até nós duas semanas depois. Tinha sido inteiramente destruído. Os restos do naufrágio foram avistados tão longe de seu curso que ainda alimentamos a esperança de que fosse alguma outra embarcação infeliz — ainda esperávamos receber a notícia de que o navio de papai havia suportado a tempestade em algum porto seguro. Mas essa tênue chama de esperança logo se extinguiu. Por acaso, a estátua colocada na proa da chalupa acabou sendo recuperada em meio à carga do navio, não deixando dúvidas quanto à sua identificação.

A morte na água é um medo constante entre os ilhéus. No entanto, perder duas almas dessa maneira, papai e Solace, e em tão pouco tempo, foi uma dura provação. Papai se perdera nas profundezas insondáveis, e a minha Solace, pobrezinha, afogara-se numa mera poça, a uns poucos passos de nossa porta. Embora papai fosse um homem muito precioso e tenha sido uma grande perda para mim, como para todas as pessoas honestas que o conheciam, tive ainda mais dificuldade em suportar a morte de Solace. Estão todos de luto pelo papai, cujo trabalho em vida foi abençoado por Deus. Muitos se lembrarão dele. Não será o mesmo com a minha Solace, que não deixou nenhuma marca no mundo. Há noites em que mal consigo dormir, por não ter seu peso contra meu corpo. Na escuridão, ouço-a chorar e acordo assustada. Mas essa voz surge apenas em meus sonhos, fazendo-me despertar numa solidão angustiante. Agora, passados tantos meses desde a morte de Solace, penso nela e em como ela teria crescido e mudado. Vejo-a caminhar a meu lado em passos instáveis, esticando a mão gorducha para agarrar meus dedos. Vejo seu cabelo mais comprido, formando cachos em volta do rosto. Imagino o som de sua voz dizendo as primeiras palavras, a fronte enrugada por estar intrigada com algo, um vislumbre de seus dentes de leite quando sorri. Será assim, sempre. Com o passar dos anos, ela viverá e crescerá em minha mente, desde seus primeiros dias de bebê à doce infância, e quando eu for velha ainda a verei, tornando-se mulher, seus olhos azuis como o céu expressando uma sabedoria gentil, seu riso ao tomar junto ao

seio seu próprio bebê...

Entretanto, todo esse tempo ela continuará debaixo do solo, para sempre um bebê, sua vida terminada pouco depois de completar um ano. Em meus sonhos, ela vem até mim. Mas o final é sempre terrível. Pois eu a vejo em sua sepultura. Os frágeis ossinhos de seus dedos, pálidos, enroscam-se em volta de um pedaço desfeito de pergaminho, uma boneca de pau podre e umas poucas contas *wampum* espalhadas, soltando-se de uma tira decadente de pele de cervo...

Deus se manifesta de muitas formas. Mas embora eu encha a minha boca de preces, elas não trazem nenhum conforto. Minhas palavras se chocam umas contra as outras como as últimas folhas de um galho no inverno, e ainda que um vento forte açoite a floresta, não consegue libertá-las do galho; não irá erguê-las para o céu amplo e branco.

Nos dias que se seguiram à descoberta do naufrágio, o mar cuspiu os corpos de várias almas perecidas, trazendo-os para a costa em diversas enseadas do continente. Nenhum desses corpos era o de meu pai. Embora nos sentíssemos como órfãos, ainda não éramos: sem um corpo, nos termos da lei, papai não podia ser considerado morto até que o tribunal assim o decidisse. Mas independentemente do que dissesse a letra da lei, nós e toda a ilha sabíamos que papai se fora, e não esperamos pela permissão de um magistrado para ficar de luto. Algumas pessoas muito notáveis comentaram seu falecimento. Os comissários das Colônias Unidas mencionaram a perda de papai, “que parece quase irreparável”. O apóstolo Eliot escreveu uma carta expressando a esperança de que o Senhor nos ajudasse a suportar “este golpe terrível, que levou o meu Irmão Mayfield”.

O rebanho de papai também sofreu com a perda de seu pastor. Eu digo “toda a ilha” porque sua morte não foi sentida apenas em Great Harbor. Os wampanoags, de maneiras que não estão muito claras para mim, decidiram juntos observar o falecimento de papai. Eles o marcaram de uma maneira muito peculiar. Assim que souberam de sua perda, cada um deles, quando percorria a ilha, apanhava na costa uma pedra branca e lisa, dessas que temos em abundância por aqui. Essas pedras eram carregadas até o local onde papai se despedira deles. Eram depositadas ali. Em poucos dias, já havia uma pilha. Nas semanas que se seguiram, podemos dizer que surgiu um monumento, cada pedra depositada com o cuidado de um artesão. Na última vez em que o vi, já estava mais alto que um homem, e os wampanoags continuavam a vir, um por um, depositando pedra sobre pedra. Não sei se ainda o fazem, ou como estará agora, mas posso imaginá-lo mentalmente, a neve branca cobrindo as pedras brancas, a água derretida formando cortinas de gelo brilhante que apanha os raios do sol poente.

Nas primeiras semanas, quando ouvimos falar disso, Makepeace e eu criamos o hábito de cavalgar até lá, para ver como estava. Nós dois nos sentíamos chamados até esse lugar, e nos demorávamos diante do monumento. As pedras tinham uma

espécie de radiância interna que respondia à luz mutável do sol em diferentes momentos do dia. O monumento parecia falar, ao contrário das lápides cinzentas do cemitério inglês. Acho que ficamos arrebatados com sua capacidade de tocar os nossos sentimentos mais profundos sempre que íamos visitá-lo.

Algo havia mudado entre mim e meu irmão desde a morte de Solace. Eu sabia que ele sofria, mesmo em seu silêncio costumeiro. Makepeace, de sua parte, perdera o costume de me julgar constantemente. Acho que ele se permitiu enxergar que eu estava fazendo um grande esforço para conter a minha natureza orgulhosa e independente, que ele deplorava, e acho que ele finalmente começou a reconhecer meus méritos nessa questão.

A princípio, ficávamos sentados nas pedras, em silêncio. Com o tempo, começamos a falar sobre papai. Eu não disse muito no início, atendo-me a chavões devotos que, ao que me parecia, trariam mais consolo ao meu irmão. Mas um dia ele se virou para mim, correndo a mão pelo cabelo ralo (os tufos que tinham caído começavam a crescer outra vez, mas as pontas mais curtas ficavam estranhamente espetadas).

— Você acha que aquele *pawaaw* matou o nosso pai?

Olhei para as minhas mãos e tentei conter um leve tremor.

— Acho... Acredito que ele tenha tido a intenção. Mas certamente temos que pensar que é o Senhor quem ministra providências trágicas. Papai não é o primeiro de seus servos fiéis a ter sofrido um destino triste. Se concedermos ao *pawaaw* um poder tão prodigioso...

— Eu acho que foi ele — interrompeu Makepeace. — Acho que ele o matou, como se erguesse uma clava e lhe acertasse o crânio.

— Mas, Makepeace, pense no que está dizendo. Se as brumas e as tempestades foram criadas pelas ordens do *pawaaw*, isso significa que os desígnios diabólicos do Demônio se sobrepõem aos de Deus. Como é possível? Você certamente não acredita nisso...

— Acho que ele deve ser responsabilizado por esses atos terríveis de feitiçaria. Já disse isso ao nosso avô. Sendo magistrado, ele deveria agir...

— Mas, Makepeace, nosso avô é um magistrado apenas para os ingleses. Seu poder não vale entre as pessoas que respondem aos *sonquem*.

— Isso foi o que ele me disse. Com essas mesmas palavras, na verdade. Mas se ele não agir, pretendo pedir ajuda a Giles Alden.

— Irmão, não! — Saltei da minha pedra coberta de musgo e caminhei de um lado para o outro. — Seria justamente a abertura que Alden deseja. Ele o faria de bom grado, e nos meteria numa guerra, se pudesse. Você acha que ele iria parar com Tequamuck? E mesmo que o fizesse, acha que os seguidores de Tequamuck

deixariam um ato assim sem resposta? Um ou mais ingleses seriam mortos, e então Alden teria o pretexto que tanto procura para despovoar esta ilha. Ele traria os fanfarrões do continente para cá, armados de mosquetes. Seria uma carnificina...

Segurei as mãos de Makepeace. Encarei-o.

— Perceba. É a última coisa que nosso pai desejaria...

— Então, o quê? Deixá-lo seguir sua vida, chafurdando na perversidade, reunindo-se com o Diabo e seguindo suas ordens, assassinando não apenas almas selvagens, mas também os mais devotos dentre nossos santos vivos?

— Não. De nenhuma maneira. Mas devemos enfrentá-lo com a fé, como fez papai. Pense, irmão: “Não resistais ao mal”; não são essas as palavras do próprio Cristo? Como podemos pregar esse difícil ensinamento a eles senão o observamos no momento da nossa provação mais difícil? E como esperar que Caleb continue a seguir o nosso caminho se nos tornarmos instrumentos do derramamento de sangue, da morte de seu familiar mais próximo?

Vi então que a expressão de Makepeace foi se tornando cada vez mais dura à medida que eu me tornava mais enérgica. Lutando para me conter, baixei a voz e forcei uma expressão mais calma.

— Faça o que papai desejava de você. Entre na Universidade de Harvard, prepare-se para o ministério. Ajude Joel, ajude Caleb, para que acompanhem você nesse trabalho. Não há limites para as coisas grandiosas que podem ser feitas, para o que Caleb, um nobre entre eles, poderá...

— Caleb! — Makepeace cuspiu esse nome, chutando um montículo de grama com a ponta da bota. — Já estou cansado de ouvir falar de Caleb e da grandiosidade dele. Esse mesmo Caleb vem de uma estirpe tão bestial que seu próprio tio se reúne com o Diabo diariamente. Ah, sim: o sangue não mente, irmã. Mas o sangue que corre pelas veias dele não é o bom sangue dos nobres. É sangue de feiticeiro. Seu próprio povo sabia muito bem, quando o mandou viver com aquele servo da escuridão que é o tio. Mal consigo tolerar me sentar à mesa com ele e tomar um prato de suas mãos. Vou lhe dizer, tê-lo sentado ao meu lado no culto, balbuciando a palavra do Senhor, ele, que não muito tempo atrás estava no mato, clamando por Satã, isso para mim é como ser açoitado com espinhos. E ainda assim, tenho que ouvir a toda hora os elogios ao grande intelecto dele: “Caleb sabe interpretar Virgílio... O entendimento de Caleb sobre o Evangelho... A bela caligrafia de Caleb...”

Makepeace se virou e me olhou com uma expressão estranha, os olhos contraídos.

— Naquele dia, quando Solace se afogou. Nunca lhe ocorreu que foi Caleb quem

a encontrou? Que ele foi para lá, direto para o poço, sem a menor hesitação? Quem sabe se não foi ele quem a enfeitiçou, matando-a?

Encarei-o em choque. Eu não conseguia acreditar que meu irmão realmente alimentasse tais fantasias vis. Que outros pensamentos corruptos e lunáticos passariam por sua cabeça?

— Irmão — falei, tentando manter a paciência. — O poço era o lugar mais perigoso perto de onde estávamos. Ele foi direto para lá porque, inteligentemente, lembrou-se disso enquanto nós estávamos confusos demais para...

— Mais uma vez, está vendo?! A maldita inteligência de Caleb! — Makepeace se jogou num tronco caído e puxou o ramo de solidago que crescia ali, arrancando a flor do caule com uma energia violenta. — Eu sei o que você está pensando. Nem se dê ao trabalho de negar. Você está pensando que eu estou cego de inveja. Vou lhe dizer uma coisa: é você quem está cega. Você e papai. Papai vivia deslumbrado com esse menino. Dava para ver na cara dele, dia após dia. O jeito como sorria de prazer quando Caleb dominava algum tema difícil durante as aulas, e então ele olhava para mim, e o sorriso desaparecia. Dava para vê-lo contando o tempo que eu levava para atingir a mesma marca. Dava para ver a frustração nos olhos dele. — Makepeace me olhou com um ar desconfiado. — Eu pensei realmente que Deus tinha me testado quando me mandou uma irmã que me superava no aprendizado, mas ao menos papai teve a decência de pôr um fim nessa indignidade. Agora, com esse estranho, esse pagão selvagem, esse projeto de feiticeiro retirado da selva... Tê-lo aqui conosco, sentado ali, vendo-o usurpar o apreço de papai, e ver papai lhe conceder o olhar amoroso que deveria vir para mim...

— Makepeace, você está errado. Papai nunca...

— Cale-se, Bethia — sibilou Makepeace. — Você, mais que ninguém, não tem o direito de falar.

— Eu não sei o que você...

— Você acha que eu sou um completo idiota? Eu sei para onde você dirige o seu afeto. Ah, sim, vejo como tenta escondê-lo, pois sabe muito bem que esses sentimentos ilícitos surgem de uma abominável luxúria animal.

— Isso é mentira! — respondi, sentindo o sangue subir para o meu rosto. — Não existe absolutamente nada dessa natureza nos sentimentos que tenho por Caleb.

Makepeace me encarou. Fiz questão de sustentar seu olhar. Ele tinha a mandíbula contraída e manchas vermelhas surgiram em sua pele, mas ainda assim não desviei os olhos.

— Então — disse ele, num tom frio —, você está enganando a si mesma,

quando eu pensava que pretendia apenas enganar os outros. Corre ainda mais perigo do que eu imaginava.

— Makepeace, estou lhe dizendo, você está enganado.

— Irmã, é você quem está enganada, em suas palavras, em atos e até, ao que parece, em pensamento. Eu vejo como você olha para ele, quando acha que ninguém está percebendo. Escuto o tom íntimo na sua voz quando troca uma palavra rápida com Caleb, pensando que estão sozinhos. Você não tem essa expressão, não fala desse jeito, quando lida com Joel Iacoomis. Nem mesmo quando o jovem Merry, aquele cordeirinho apaixonado, vem cortejar você. Não. Esses olhares tenros são dirigidos apenas a Caleb. Confesse. Ele encantou você. Você está embevecida por ele.

— É claro que não! — Meu coração batia forte, e mal consegui encontrar fôlego para falar. Mas quando o vi abrir a boca para continuar, contive-me e ergui a mão para interrompê-lo. — Não, irmão. Você já disse o bastante. No culto, confessou a gula e a preguiça: é melhor voltar para lá e acrescentar a inveja à sua lista. Pois está claro que o seu ciúme diante do intelecto que Deus deu a Caleb está ofuscando a sua razão. Além disso, você confessou ter caído em luxúria. Só posso pensar que, por ter seus próprios desejos corruptos, imagina o mesmo pecado no coração dos outros. Eu sou inocente das suas falsas acusações. Completamente inocente. Meus sentimentos em relação a Caleb são irrepreensíveis, e as suas acusações sobre a minha conduta são infundadas e ridículas.

Como eu não podia lhe dizer qual era a verdadeira natureza dos meus sentimentos por Caleb — que eu realmente o amava, como o irmão que ele, Makepeace, nunca fora para mim —, dei as costas e fui desatar Pintada.

Meus punhos estavam fracos de raiva, e minhas mãos tremiam enquanto eu mexia no nó. Tentando desatá-lo, baixei a voz e, com algum esforço, falei mais uma vez, sem olhar para Makepeace:

— Você sabe muito bem que jamais teria falado assim comigo se papai estivesse aqui para lhe repreender. Agora está andando por aí de peito inflado feito um galo no galinheiro, pensando que pode me ofender e acusar sem consequências. Será que preciso lhe recordar de que nosso avô é o meu tutor? Não você. Se acredita mesmo no que está dizendo, vá então até nosso avô e diga isso a ele. Duvido que tenha coragem.

Apoiei a bota no estribo. Makepeace estendeu uma das mãos. Recusei-a com um tapa. Vi sua expressão chocada por um mero instante enquanto eu montava na égua ao modo dos homens, com uma perna de cada lado, puxava a minha saia e me inclinava para a frente. Então enterrei os calcanhares na barriga do animal. Pintada respondeu com um galope que deixou Makepeace, comendo poeira.

Ele demorou bastante para voltar para casa. Eu esperava uma discussão feia, ou ainda pior. Mas tudo o que ele disse foi:

— Pode estar certa de que nosso avô vai ficar sabendo, se mais alguém viu você cavalgando dessa maneira indecente, masculina.

Mantive um silêncio gélido, servi o jantar de Makepeace e peguei o meu próprio pão para comer no quintal. Quando fui para o meu catre, não lhe dei boa-noite. Na manhã seguinte acordei cedo, acendi o fogo e coloquei sobre ele uma chaleira com água, e então fui para o campo, deixando que Makepeace comesse seu desjejum sozinho.

Não muito depois, o tribunal pronunciou formalmente a morte de John Mayfield, de 38 anos, pastor do povo cristão de Great Harbor e Manitouwatootan, por infortúnio em alto-mar.

Meu avô chamou Makepeace e eu para ouvirmos o testamento, que papai revira junto ao meu avô logo antes da viagem fatal. Não havia nada de surpreendente ali: a casa, nossos lotes no bosque e na praia e o campo foram para Makepeace, com todos os móveis e animais. Eu teria o direito de viver na casa e receber sustento e cuidados até meu casamento. Nessa ocasião, Makepeace deveria me dar a minha parte “segundo o estado em que ele se encontrasse no momento”. Eu também receberia um pequeno retrato de mamãe, feito com pena e tinta e com moldura de prata, de quando ela era menina em Wiltshire, na Inglaterra.

— O seu pai também lhe deixa o Homero e a Bíblia em hebraico... — murmurou meu avô consigo mesmo, parecendo distraído, remexendo o pergaminho na mão. — Estranho legado, como eu disse a ele. Na minha opinião, Makepeace poderia se beneficiar mais com isso... mas aí está... são as instruções dele...

Meu avô deixou essa frase se perder, alisou o papel e deixou o monóculo de lado, juntando as longas mãos na escrivaninha à sua frente. Pensei que a reunião estivesse encerrada, e estava prestes a me levantar da cadeira quando ele falou outra vez:

— Agora, temo que estejamos diante uma dificuldade — afirmou, virando-se para Makepeace. — Você sabe, imagino, que seu pai doava praticamente todo centavo que ganhava, assim que lhe caía nas mãos. Percebendo essa situação, eu reservei, ao longo dos anos, fundos para as despesas com a sua universidade. Infelizmente, adiantei esses fundos ao seu pai para pagar pela passagem de primeira classe para a Inglaterra. Também lhe dei uma quantia considerável em dinheiro para que se apresentasse como um cavalheiro ao chegar lá. Esse dinheiro, naturalmente, perdeu-se. Admito que foi minha responsabilidade. A modéstia e prudência de seu pai o tornavam inclinado a viajar na terceira classe e

a contar com a divina Providência após chegar à Inglaterra. Eu não permiti que assim fosse. Tinha grandes expectativas em relação a ele na Inglaterra; a Sociedade deveria ficar impressionada com a dimensão de seu trabalho, deveria lhe dar fundos generosos para cobrir seus gastos e muito, muito mais. Eu não queria que ele fosse até eles como um mendicante esfarrapado. Mas...

Meu avô interrompeu a frase e baixou os olhos, fitando a escrivinha.

— De qualquer forma, a questão é que agora temos um grande déficit nos fundos para a sua educação, mas um déficit que, com o tempo, conseguirei remediar.

Makepeace soltou um suspiro aliviado. Estava muito pálido, mas não disse nada. Sentei-me mais à frente na cadeira quando meu avô voltou a falar.

— Infelizmente, temos ainda outra dificuldade nessa questão; pelo que sei, e por favor, corrija-me se eu estiver errado, você ainda não está bem-preparado para fazer as provas de matrícula da universidade no próximo outono, não é mesmo? — Makepeace não disse nada, mas fez que não com a cabeça, num movimento quase imperceptível. — Como você sabe, não tenho tempo o suficiente, nem, na verdade, capacidade suficiente para me dedicar à sua preparação. Por isso, precisamos de fundos para pagar uma escola preparatória durante... Quanto tempo você calcula? Um ano? Espero que não mais que isso, na sua idade?

Makepeace, com o rosto manchado de vermelho pela humilhação, assentiu mais uma vez com um movimento mínimo da cabeça.

— Fico feliz em saber — disse meu avô. — Excepcionalmente feliz. No entanto, como posso apresentar a questão? Um ano, dois anos... qualquer que seja o período, não tenho condições de pagar pela escola no momento. A escola de Weld, em Roxbury, exige uma considerável doação anual, além de uma contribuição em lenha que não é nada desprezível. A escola de Corlett, em Cambridge, também tem taxas elevadas. Todos os meus fundos estão comprometidos em empresas nesta ilha ou investidos em outra parte, a prazos prefixados. Se eu tiver que recuperar fundos com tanta urgência será muito inconveniente, muito imprudente. Tem certeza, garoto, que a vida acadêmica é realmente para você? Você sabe que eu não cursei nenhuma universidade, nem o seu pai, embora seja verdade que a educação dele tenha sido de qualidade similar, já que eu lhe consegui bons tutores vindos da Inglaterra, de Trinity College. Você não prefere ficar por aqui, cuidar de seus campos, talvez abrir uma fábrica de velas ou alguma outra empresa lucrativa?

Makepeace ficou de pé num salto.

— Eu vou ser pastor! É tudo o que sempre sonhei... Por favor, avô, o senhor não pode querer que...

— Muito bem, não fique zangado. Apenas pensei ser minha obrigação perguntar. Acho que você me conhece bastante bem: não estou sendo avarento. Apenas sei que você já teve dificuldades com os estudos de tempos em tempos. Só isso. Eu só queria ter certeza, antes de fazermos grandes esforços, de que esse é realmente o seu desejo, e não algo que se sente obrigado a fazer em nome de seu pai...

— De maneira nenhuma. É tudo o que sempre desejei.

— Então não há mais nada a ser dito. Faremos o melhor que pudermos. Sente-se, sente-se, rapaz, não fique angustiado. Já escrevi às duas escolas e recebi uma resposta interessante de Elijah Corlett, o mestre da Escola de Latim de Cambridge. Por meio do escritório de John Eliot, já garantimos lugares para Caleb e Joel ali, pois o mestre Corlett tem alguma experiência na instrução de jovens índios, e a Sociedade financia esse trabalho. Embora você já tenha passado da idade habitual, ele afirma estar disposto a aceitá-lo quando os outros dois forem para lá. E ainda que, como já falei, eu infelizmente não tenha condições de cobrir as taxas habituais, o mestre Corlett acredita que exista um modo de evitá-las, se...

E então o olhar do meu avô se virou, inesperadamente, para mim.

— ...se você, Bethia, concordar em trabalhar para o senhor Corlett, como serva da escola.

— *Serva?*

Minha expressão deve ter sido de profundo assombro. Apenas os filhos dos indigentes trabalhavam como servos. Meu avô, que gostava de dar uma de senhor feudal, que gostava de fazer com que as pessoas chamassem suas terras selvagens na ilha de “os senhorios” — a tal ponto de que a família Alden até caçoava de suas pretensões —, esse mesmo cavalheiro não poderia pretender que eu, sua neta, fosse vendida como serva. Ele certamente se envergonharia de fazer algo assim. Olhando de relance para Makepeace, percebi que ele também sentia um grande desconforto diante da situação. Makepeace se contorceu na cadeira. O meu avô não foi capaz de me olhar nos olhos; em vez disso, baixou-os e remexeu mais uma vez o papel sobre a escrivaninha.

— Não seria uma relação de servidão comum. Em primeiro lugar, o termo seria curto: apenas quatro anos, e não oito, como é costumeiro. Além disso, tal acordo resolveria o problema de lhe conseguir um lugar para morar, pois não poderá viver sozinha se o seu irmão partir para Cambridge, e, como você bem sabe, eu não tenho espaço na minha casa para acomodá-la de maneira confortável. A casa de tia Hannah... Bem, todos sabemos que não dá nem para entrar naquela casa sem pisarmos em alguma criança dormindo. Se você fosse um pouco mais velha... Mas não, não devemos pensar nisso. Eu mesmo estaria disposto, já que completará

dezessete anos no próximo outono, e com essa idade, não seria o primeiro caso em que... Mas não. Seu pai foi bastante firme nesse ponto na última vez em que falamos disso, e não vou desconsiderar os desejos dele nessa questão.

Eu quis dizer, será que ninguém pensou em perguntar quais são os meus desejos? Mas como imaginei que ele se referisse a Noah Merry, achei melhor ficar calada. Fiquei aliviada em ver que ele não parecia inclinado a seguir essa linha de pensamento até sua conclusão inevitável. Eu não tinha nada contra o jovem Merry. Na verdade, até gostava bastante dele. Mas ainda era um menino; não era possível saber com certeza que tipo de homem ele se tornaria. E eu não tinha nenhuma vontade de ser sua esposa, nem de nenhum outro homem. Em primeiro lugar, eu ainda estava de luto. Todas aquelas mortes, seguindo-se tão rapidamente uma à outra, tinham me deixado completamente sem rumo. Eu tinha procurado, em cada caso, uma nova direção na qual seguir com minha vida. Quando mamãe morreu, pensei que seria meu destino cuidar de Solace — que isso representaria a maior parte do trabalho da minha vida. Quando Solace morreu, pensei que meu destino seria dar apoio a papai, cuidar da casa para que ele pudesse se dedicar à sua missão sem se perturbar com preocupações diárias. A morte de papai me deixara completamente à deriva. Talvez aquele trabalho com o mestre Corlett, por mais desagradável que parecesse agora, pudesse me ajudar a encontrar um caminho. Como eu estava proscrita, devido ao meu sexo, do trabalho do sacerdócio, talvez Deus pretendesse me usar como um instrumento através do qual meu irmão pudesse seguir esse caminho.

— O senhor Corlett escreve que se tornou viúvo há pouco e precisa de uma mulher de boa família que o ajude a administrar a escola. Há vários garotos morando com ele ali, ingleses e índios, e ele está ciente do fato de que esses rapazes, especialmente os mais novos, precisam de uma presença feminina constante. Ao que parece, tem sido difícil contratar uma criada adequada à situação no local, devido aos índios, percebe? Eu lhe assegurei que você é uma moça perfeitamente capaz, apesar da sua idade, e bastante acostumada aos nossos irmãos morenos.

Meu avô fez uma pausa ali, com a expressão de quem espera alguma reação diante de um elogio. Não lhe dei reação nenhuma.

— Pense no assunto, Bethia. Você estaria prestando um serviço, não só para seu irmão, mas também para os outros rapazes que moram ali, inclusive os jovens Joel e Caleb, por cujo destino eu sei que você se interessa.

Nesse momento Makepeace olhou para mim de relance. Respondi com um olhar seco. Vi o pensamento surgir em seu semblante: ele agora tinha todo interesse em não fazer nem dizer nada que fosse me irritar. Seu futuro parecia

estar, de súbito, em minhas mãos.

— Posso tomar algum tempo para pensar no assunto, avô?

— Sim, sim, é claro que pode. Considere bem a questão. Mas lembre-se de que o que se pede de você são apenas quatro anos. E não precisamos anunciar a natureza do seu trabalho. Você irá como companheira e auxiliar do seu irmão, apenas. O que não quer dizer que você tenha algo do que se envergonhar em relação a esse arranjo, não é isso o que estou sugerindo... Eu não gostaria que você pensasse assim. A escola tem uma reputação muito boa. Ora, Corlett conta que está a cargo, atualmente, do filho do falecido governador Dudley, portanto não estou pedindo que você seja a criada de um bando de moleques arrogantes. Posteriormente, poderá voltar para cá, já com idade para se casar e ter uma família e uma casa própria. Mas você terá visto o continente, provado a vida na cidade. A escola fica ao lado da Universidade de Harvard, não lhe contei? O filho do mestre Corlett trabalha como tutor ali. Já ouvi dizer que os Corlett são amigos íntimos do presidente da universidade. Quem sabe? Você talvez acabe por atrair interesse de algum rapaz intelectual que lhe agrade mais que um menino da fazenda. De qualquer forma, não é uma oportunidade tão comum para as moças aqui da ilha, Bethia. Tenha isso em mente quando pensar no assunto.

Jantamos com meu avô e conversamos sobre qualquer outra coisa, exceto a questão que queimava em minha mente. Caleb se juntou a nós na mesa, e senti seu olhar sobre mim. Eu não sabia há quanto tempo ele já estava na casa. Perguntei-me se teria ouvido a conversa e se sabia o que estava sendo proposto. Supus que ele e Joel gostariam de me ter por perto — um rosto conhecido, uma mão fraterna. Mas quando nossos olhos se encontraram, a expressão de Caleb me surpreendeu. Tinha a cara fechada e um semblante frio.

Antes de sairmos da casa, puxei meu avô pela manga e o trouxe para um canto enquanto Makepeace procurava seu chapéu.

— Avô, posso fazer uma pergunta? O senhor disse que o mestre Corlett enviuvou há pouco. O senhor poderia me contar o que sabe dele, de sua personalidade?

Meu avô, percebendo o que estava por atrás da minha pergunta, corou de leve.

— Minha querida, fique tranquila. O mestre Corlett é um cavalheiro idoso. Tem filhos crescidos: uma filha está casada e estabelecida com sua grande família, em Salém, e o outro filho, como já disse, trabalha como tutor em Harvard. Tenho certeza de que o mestre Corlett irá tratar você como se fosse sua própria neta.

Eu quis dizer “espero que ele não fosse oferecer a própria neta como serva por ser mesquinho demais para suportar uma pequena perda financeira”. Mas pensei em mamãe, contive minhas palavras e caminhei para casa a um ritmo apressado,

em silêncio, ciente do olhar do meu irmão grudado nas minhas costas.

Naquela noite, decidi consentir com o plano do meu avô, pois discerni a mão de Deus em tudo aquilo. Mas resolvi não revelar essa escolha imediatamente, por razões não tão religiosas. Eu tinha Makepeace em minhas mãos, e pretendia deixar que ele se contorcesse de aflição por algum tempo. Durante três dias, deleitei-me com as pequenas cortesias que ele me oferecia. De uma hora para outra, ele se punha a partir feixes de gravetos para o fogo sem que eu lhe pedisse, ou me acompanhava até o poço, oferecendo-se para carregar a minha água.

Todas as noites, eu apanhava o Homero que papai me deixara e me dava ao luxo de acender uma vela para lê-lo. Na primeira noite, Makepeace me olhou desconfiado, mas logo recompôs sua expressão e subiu para a cama, sem nada além de um civilizado boa-noite.

No terceiro dia, perguntei a Makepeace se ele poderia me liberar durante algumas horas, e embora ele tenha feito menção de perguntar qual seria o motivo, quando mostrei que não estava inclinada a lhe dizer, ele não mais me interrogou. Se tivesse me pressionado, não sei o que eu teria respondido, pois nem eu mesma sabia o motivo. Eu só sabia que queria ficar livre e sozinha por algum tempo, como costumava ficar no passado, e como há tempos não ficava, e como não poderia mais ficar depois que deixássemos a ilha.

Cavalguei primeiro para o monumento que os índios haviam dedicado a papai e me sentei na pedra de sempre, coberta de musgo. Ficava à sombra de uma velha faia, e a luz, filtrada através das folhas que se sacudiam ao vento, emitia sombras que pareciam uma renda sobre as minhas mãos unidas. Pintada caminhou até a beira da lagoa e baixou a grande cabeça para beber água. Eu sempre sorria quando a observava. Mesmo que tivesse cavalgado muito, ela bebia com delicadeza, mal tocava a água com o focinho, os lábios fechados, bebericando com a elegância de uma duquesa. Quando ficou saciada, virou-se e arrancou um bocado de grama, agitando o rabo para espantar as moscas. Escutei o som de seus dentes rompendo os caniços, o mastigar úmido de suas mandíbulas, o zunido das moscas incomodadas que buscavam uma chance de se acomodar outra vez em seu flanco

suado. O sol estava quente e amanteigado. Virei o rosto na direção dele. Depois de algum tempo, correram lágrimas pelo meu rosto, e a égua virou seu olhar líquido para mim, deitando as orelhas para trás com se tentasse entender o que havia de errado. Parou de pastar e caminhou até mim, ficando ao meu lado como se tentasse me reconfortar. Fiquei em pé, enxuguei o rosto, reconfortei-a, passando a mão pelo seu pescoço, e montei outra vez, conduzindo-a para a costa sul.

Quando chegamos à grande extensão de areia, a maré estava baixa. Conduzi-a até a parte em que a areia era mais firme e deixei as ondas quebrarem ao redor de suas patas. Pintada ergueu a cabeça, com as narinas bem abertas. Retirei meu gorro e o preendi no corpete de minha roupa. Inclinei-me junto à orelha de Pintada e a instei a galopar. Os respingos salgados subiam altos dos dois lados enquanto galopávamos com força por aquela praia. Senti o vento e os respingos, o golpe dos cascos, o contraponto das ondas se rompendo.

Quando ela começou, finalmente, a se cansar, afrouxei as rédeas e a deixei andar ao passo que quisesse. Pintada se deteve então, e eu a conduzi para a parte alta da praia, desmontei, afrouxei seu freio e me joguei sobre a areia quente. Senti minha pele se esticar conforme a espuma secou, formando uma crosta branca em minhas mãos e antebraços. Pintada baixou o focinho macio e cutucou a minha orelha. Senti seu hálito de grama. Ela lambeu o lado do meu rosto, provando o sal. Um longo fiapo de baba se soltou e caiu sobre mim. Sentei-me, rindo, e a empurrei, limpando o rosto com a barra molhada da saia. Ela se afastou com uns poucos passos irregulares e ficou ali parada, com as ancas frouxas, bufando com força.

Deitei-me outra vez e fechei os olhos ante o clarão do sol, ouvindo o som da arrebenção ao meu redor, a queda sonora das ondas, o ruído suave da água ao retornar para o mar. De tempos em tempos, sentia a pele esfriar quando uma nuvem cobria o sol. Às vezes uma gaivota emitia um guincho alto, agudo e urgente.

Fiquei ali por bastante tempo, deixando os pensamentos passarem como as nuvens. Então, Pintada relinchou baixo e agitou a crina. Olhei ao redor, para ver o que a havia assustado. Havia uma sombra na areia. Antes de virar a cabeça, eu soube que era Caleb. Naquela luz reluzente e dourada, vi o menino selvagem que eu encontrara ali quatro verões atrás, já não mais selvagem, nem menino. Ele tinha o cabelo curto e simples, e suas calças de pele de cervo, enfeitadas com franjas, tinham sido substituídas por sóbrias calças pretas de sarja. Os ornamentos *wampum* tinham desaparecido, e os braços nus, de cor castanha avermelhada, estavam agora cobertos por um linho ondulado. Ainda assim, o jovem que estava ali à minha frente não era uma réplica de um jovem inglês. Não usava chapéu,

nem sapatos, nem tampouco meias, por isso suas longas panturrilhas estavam à vista. Não vestia gibão, e a camisa, empapada de suor, estava colada em seu peito.

— Vi você sair do povoado, cavalgando. Sabia que viria para cá... — Ele estava se esforçando para conter alguma emoção forte. Parecia quase vibrar de tanto esforço.

Fiquei em pé, apressada.

— Você não está dizendo que veio correndo para cá, por todo o caminho desde Great Harbor?

Ele virou as palmas das mãos abertas como que dizendo, Por que não?

— Mas por que você me seguiria — ergui a mão para indicar o fato de que ele não estava plenamente vestido — nesse estado?

— Eu precisava falar com você em particular antes que você consentisse; e espero que não tenha consentido ainda com esse plano vergonhoso do seu avô. E já não há oportunidade... Você não se aproxima de mim. — O esforço que ele estava fazendo para se conter cedeu nesse momento, e ele quase gritou. — Não deixe que eles façam de você uma escrava, Olhos de Tormenta.

Dei um passo atrás, surpresa pela ira súbita.

— Não faço ideia do que você...

— Eu achava que seu avô fosse um homem honrado. — Caleb se virou e cuspiu no chão. Eu me retraí.

— Ele é honrado, Caleb. Você não deve...

— “Não deve!”, já estou até aqui de tanto “não deve”. Vocês ingleses se escondem atrás de “não deve”, e estou começando a pensar que essa é uma fortaleza estéril que vocês usam para se proteger.

A raiva de Caleb desencadeou a minha.

— Ah, é assim? Então posso perguntar o que você está fazendo, recebendo o nosso pão e a nossa instrução? Debruçando-se sobre nossos livros como se a sua própria vida dependesse da capacidade de pronunciar uma frase em latim? Balbuciando as nossas preces com tanta devoção durante o culto?

— Eu não vim aqui para falar de mim — disse ele. — Eu sei o que estou fazendo. Eu vim aqui por você, pois vejo agora que não tem uma família digna desse nome. Seu pai era um bom homem. Jamais teria permitido isso. Mas o seu avô ama o ouro mais do que ama você. Já o seu irmão... — Caleb ergueu o queixo, torcendo a boca numa expressão de desprezo. Bateu com o punho no peito. — Nós escravizamos os nossos inimigos derrotados, aqueles que odiamos, para vingar uma morte ou um ato igualmente ruim. Como ele pode achar certo fazer com que você, uma irmã, seja escravizada para que ele possa se beneficiar?

— Comose vocês não fizessem todas as mulheres do seu *otan* trabalharem até

não poderem mais, dia após dia! Eu vi como funciona. Para vocês, o trabalho árduo não é desonroso quando são suas próprias mulheres que o fazem.

— O trabalho partilhado e necessário é uma coisa. A escravidão é outra. Se eu fosse seu irmão, não a venderia como serva só para comprar o meu futuro.

As lágrimas fáceis daquela temporada encheram os meus olhos.

— Você é meu irmão, Caleb. Meu coração me diz isso, de forma mais clara que a tinta de qualquer documento. — Estendi a mão como se fosse pegar a dele, mas algo me deteve no meio do gesto. — A lei pode dizer o que bem entender, mas você e eu sabemos que é verdade. E papai, ele amava você como a um filho. Olhe para Makepeace, se não acredita no que eu estou dizendo. Você verá que ele se come por dentro de inveja pelo amor que o nosso pai tinha por você.

Vi a raiva abandonar o rosto de Caleb, os músculos da mandíbula relaxarem abaixo dos ossos largos de sua face. Ele apanhou a mão que eu fizera menção de estender, ergueu-a e inclinou o rosto para ela: o gesto de um cavalheiro — eu não sabia onde ele o teria aprendido. Senti o calor de seu hálito, senti seus lábios ameaçarem tocar minha pele, e então ele soltou minha mão, buscando uma mecha do meu cabelo. Os grampos tinham caído, meu cabelo estava solto, molhado, chegando quase até a cintura.

Caleb falou baixo, quase consigo mesmo:

— Na primeira vez em que nos encontramos aqui, meu cabelo estava ainda mais comprido que este. — Ele enroscou a mecha nos dedos e a deixou cair, erguendo a mão e correndo-a por seu próprio cabelo, cortado bem curto. Um pensamento percorreu então sua mente, e Caleb abriu um sorriso súbito, fascinante. — O seu pai talvez me amasse, como você diz. Mas não antes que eu cortasse o cabelo. Ele estava ansioso por vê-lo desaparecer. Dizia que era a minha “deformidade bárbara”. — O sorriso se foi. — Para falar a verdade, eu não sabia que era um pecador tão grande até ele me ensinar a odiar meu cabelo. — Caleb tinha agora o rosto sério, a testa franzida. — Tantas coisas que eu amava, tive que aprender a odiar. E tudo começou neste lugar, com você, Olhos de Tormenta.

Caleb se virou e olhou para as dunas que escondiam a lagoa onde tínhamos nos encontrado pela primeira vez. Então, num gesto fácil e gracioso, agachou-se e se sentou na areia de pernas cruzadas, com as costas muito eretas, os olhos no horizonte. Sem olhar para mim, chamou-me com um gesto — o mesmo gesto rápido que sempre usava quando queria que eu o seguisse. Assim, acomodei-me na areia ao lado dele e fitei as ondas. Ocorrera muitas vezes no passado que, ao observarmos juntos uma mesma coisa, eu notava que a víamos de maneira bastante diferente. Ele me ensinara, muito tempo atrás, a distinguir um cardume de peixes movendo-se sob a água, bem abaixo da superfície — um certo jogo de

luz e escuridão permitia discerni-los, revelando o local onde a rede deveria ser jogada. Graças a ele, o mar para mim já não era um mistério opaco, e sim uma lente muito útil.

Caleb levantou a mão cheia de areia e deixou que escorresse entre seus dedos.

— Você pergunta por que eu me sento com vocês, aprendo as suas preces. Por que estudo, aprendendo a detestar tudo o que um dia amei. Encoste sua orelha na areia. Você vai entender as minhas razões.

Baixei a cabeça, intrigada.

— Não está ouvindo? Botas, botas e mais botas. A costa geme sob o peso, e ainda virão mais. Elas vão nos esmagar, acabando com a nossa vida.

— Mas, Caleb — falei. — Esta terra, quero dizer, o continente, dizem que é uma enorme amplidão selvagem... E ainda haverá lugar para todos, mesmo depois da chegada de outros milhares...

Ele tinha apanhado outro punhado de areia e fitava cada grão que lhe escorria entre os dedos.

— Vocês são como estes grãos. Cada um é um pontinho insignificante. Uma centena, muitas centenas: o que importa? Podemos jogá-los ao ar. Sequer conseguiremos encontrá-los quando tiverem caído no chão. Mas há mais grãos do que conseguimos contar. Eles não têm fim. Vocês vão se espalhar por esta terra, e nós seremos sufocados. As suas paredes de pedra, as suas árvores mortas, os cascos dos seus animais estranhos pisoteando a terra. O meu tio enxerga essas coisas, aqui e agora. E em seu transe, ele vê que o pior está por vir. Os seus muros vão se erguer por toda parte até nos deixarem trancados do lado de fora. Vocês vão virar a terra do avesso com seus arados até que não existam mais áreas de caça. Isso, e muito mais, é o que o meu tio enxerga. — Caleb bateu com a palma da mão na areia e então fechou o punho. — Ainda assim, ele se recusa a enxergar que é Deus quem os faz prosperar, e os protege, e os livra das doenças, contra as quais os poderes dele não são nada. Portanto, o que eu vejo é o seguinte: precisamos pedir proteção ao seu Deus, ou morreremos. É por isso, Olhos de Tormenta, que me aproximei do seu pai.

A expressão de Caleb estava sombria mais uma vez. Eu quis pegar em sua mão, oferecer algum conforto. Mas não o fiz. Só fiquei ali sentada, sem palavras, até que ele falou outra vez.

— A vida é melhor que a morte. Disso eu sei. Tequamuck afirma que isso é o que dizem os covardes. Para mim, ceder às vezes pode ser um ato mais corajoso.

Virou-se para mim.

— Essa é a razão pela qual vou à escola de latim, e depois à universidade, e se o seu Deus me fizer prosperar ali, serei útil ao meu povo, e eles viverão. Mas você.

Não há nada para você naquele lugar. Por que iria? Sei muito bem que seu irmão é um tolo. Ele não vai ganhar nada com a educação, ainda que você desista da sua liberdade para comprá-la.

— Caleb — respondi. — Eu não estou indo para que meu avô consiga economizar seus preciosos guinéus. Nem o faço por amor ao meu irmão e, ainda que eu possa ficar feliz se ele for bem-sucedido, não sou cega a ponto de pensar que o meu esforço por ele irá garantir esse êxito. Se sou uma escrava, como você diz, sirvo apenas a Deus. Vou para Cambridge pela mesma razão que você. Porque acredito que é o que Deus deseja.

— Eu não entendo você, Olhos de Tormenta.

— Caleb, por favor. Não me chame por esse nome. Já não somos crianças livres para correr por qualquer parte, como se a ilha fosse um novo Éden. Se foi assim um dia, esses portões já se fecharam atrás de nós. Aquela vida está terminada.

Caleb olhou para mim, depois desviou os olhos. Não soube se ele estava intrigado com as minhas palavras, ou ferido por elas. Abrandei a voz e toquei em seu braço de leve.

— Você me ensinou um dia que os nomes podem servir por uma ou duas temporadas, e depois são deixados de lado. A razão para os Olhos de Tormenta passou. Chegou a hora de deixarmos de olhar para trás e nos concentrarmos no trabalho que temos pela frente. Já lhe disse uma vez, muito tempo atrás, que Bethia significa Serva do Senhor. É o que estou tentando ser, Caleb; esse é o nome certo para mim agora. Chame-me assim, esse é o nome apropriado para ser usado por um irmão.

Caleb não respondeu nada, apenas fitou o mar. Senti um forte desejo de deixar tudo claro e aberto entre nós, pois, como ele dissera, tínhamos muito poucas oportunidades de conversar um com o outro.

— Vai chegar o momento — falei. — Talvez em breve, em que seguiremos por caminhos separados. Mas ao que parece, ainda ficaremos juntos por mais algum tempo. De minha parte, posso dizer que fico feliz com isso. E acho que você me entende melhor que qualquer outra pessoa viva, independentemente do nome pelo qual me chamar. Assim como eu entendo você.

Juntei coragem e fiz a pergunta que tanto queria fazer.

— Caleb, você pode me contar o que aconteceu quando se embrenhou sozinho no bosque? Afinal, a serpente foi até você?

Ele levantou o queixo quando fiz a pergunta. Não olhou para mim, nem respondeu. Por toda aquela manhã houvera uma brisa leve e cálida, vinda do sudoeste. Porém, enquanto conversávamos sentados ali, o vento tinha virado e estava agora mais fresco. De repente, uma ventania contínua tinha passado a

soprar do norte. Dava para ver a sombra do vento roçando a superfície do oceano, movendo pontos de espuma branca. O mato da praia, dobrando-se sob a força do vento, parecia sussurrar, e os carvalhos atrás das dunas respondiam com um rugido baixo. Senti grãos de areia me arranharem o rosto.

— Ela veio. — Caleb falava agora em wampanaontoaonk. Embora a luminosidade da praia fosse intensa, seus olhos estavam mais escuros; o preto das pupilas engolia o castanho. — A noite estava fria. Tão clara. As estrelas estavam tão brilhantes que dava contar as árvores à luz delas... Eu tinha jejuado por muitos dias... Bebi o heléboro-branco e o vomitei, muitas vezes... Transitei entre este mundo e o outro. E então ela veio, e eu a recebi nas mãos, e o poder fluiu para mim. — Caleb ergueu as mãos diante do rosto, as palmas curvadas, agarrando aquela forma musculosa e contorcida que ele trazia na memória. — Eu a recebi, Olhos de Tor... Bethia. Eu a recebi. — A voz de Caleb estava mais grave, encontrando a ressonância de sua língua materna. — *Pawaaw*.

A palavra ficou ali, solta. Pensei em Tequamuck. Não sei se o feiticeiro tinha a capacidade de entrar em minha mente, se o fato de pensar nele despertava alguma arte sombria que ele praticasse, ou se, através de algum rito demoníaco, ele conseguia criar visões a partir da fumaça e soprá-las até mim, fazendo-as percorrer toda a distância que nos separava.

O céu se abriu e me vi no meio de uma tempestade, envolta em névoa. Tentei escapar do açoite dilacerante da chuva, mas fui de súbito erguida num redemoinho de vento. Então caí vertiginosamente sobre ondas violentas. Quando finalmente repousei, no fundo do oceano, seguiu-se um grande silêncio. O corpo de papai flutuava, logo ao alcance da minha mão. Envolto em algas, inchado, ele era empurrado de um lado para o outro por correntezas invisíveis que se moviam por baixo das ondas. Estiquei-me para alcançá-lo, mas quando tentei avançar, fui jogada para trás, sendo arrastada pela água e de volta ao ar. Eu estava em nosso quintal, cega e estonteada pela luz do sol. Pisquei os olhos, e quando os abri, Caleb estava à minha frente, com Solace frouxa em seus braços. Caleb a estendeu para deitá-la em meu colo, mas quando tentei apanhá-la ela se transformou numa cobra, contorcendo-se, a cabeça erguida para dar o bote...

Senti uma ânsia me subir pelo estômago. Caleb agarrou minhas mãos e me sacudiu. A visão se partiu em fragmentos vívidos e se desfez.

— O que foi? Você está doente? — Seus olhos tinham voltado à cor normal, um castanho caramelado. Caleb me encarava com uma expressão muito preocupada. Engoli em seco e inspirei o ar límpido e salgado, tentando conter a ânsia de vômito. Senti o amargo do heléboro na minha boca. Fechei os olhos e esfreguei-os com os punhos, com força, como se pudesse assim afastar aquelas visões

monstruosas. Quis confessar a Caleb o que eu fizera em Takemmy, dizer-lhe o que meu pecado havia causado, alertá-lo de que esse poder que ele buscara era uma armadilha do demônio. Mas tudo o que saiu da minha boca foi aquela palavra:

— *Pawaaw*.

— Você sabe o que significa, Bethia: eu lhe ensinei, muito tempo atrás...

— Curandeiro — sussurrei.

— Exato. É tudo o que pretendo. Usar esse poder para curar as doenças que assolam o meu povo.

— Mas, Caleb, o poder vem do Diabo...

— E como foi que o Diabo o obteve? Não foi de Deus, que o criou como um grande anjo? É o que diz a sua Bíblia.

O vento ficou outra vez mais brando; as árvores atrás das dunas se aquietaram, emitindo apenas um farfalhar baixo. Caleb voltou a falar em inglês, com a voz baixa e cansada.

— Eu sou um homem, Bethia. Um homem deve obter o poder onde quer que o encontre. Se eu o encontrar nos seus livros, vou recebê-lo. Se o encontrar em visões trazidas a mim por um parente, vou recebê-lo também. É o que estes tempos exigem de mim.

— Poder? Um relâmpago não tem poder? Tente recebê-lo, e você irá virar um pedaço de carvão... — Minha voz vacilou. Inspirei o ar frio outra vez, em arquejos vorazes. Os olhos de Caleb me fitaram.

— Talvez — disse ele por fim. — O custo talvez seja esse, no fim das contas.

Não tive coragem de olhar para ele. Só fiz que não com a cabeça e tentei engolir o gosto amargo que continuava na minha boca, e o salgado das lágrimas suprimidas. Quando Caleb falou outra vez, tinha a voz calma e estável.

— Não muito tempo atrás, Bethia, quando seu pai ainda estava vivo e nos dava aulas todos os dias, seu irmão mostrara dificuldade, como de costume, com o grego. Quando não conseguia entender, ficava muito agitado e acabava se virando para seu pai, exigindo saber por que nós, futuros pastores, precisávamos aprender essas coisas.

Eu já tinha percebido que Caleb era um imitador natural, e ao descrever a cena ele fez uma voz mais aguda e falou num tom insolente, idêntico ao do meu irmão:

— “O que Apolo tem a ver com Cristo? O estudo desses pagãos não é semelhante ao que fizeram Eva e Adão, orgulhosos, buscando o conhecimento proibido?”

Enquanto Caleb falava, imaginei perfeitamente a cena em minha cabeça. Apesar de estar agitada, meus lábios esboçaram um sorriso.

— E o que papai respondeu?

— Ele disse que, naturalmente, todo aprendizado deve ter Cristo como pano de fundo, como a única base. Mas como Deus considerou adequado nos dar o evangelho de Cristo em grego, isso certamente era um sinal para nós. E então nos contou a história dos gregos, o modo como Prometeu roubou o fogo dos deuses. Disse que o fogo representava a chama do aprendizado, acesa pelos antigos gregos e passada até nós, que devemos mantê-la viva. Portanto, Bethia, eu sou um ladrão de fogo. E como, ao que parece, o conhecimento não respeita fronteiras, vou levá-lo aonde puder. À luz do dia, nas suas salas de aula. À luz de vela, com seus livros. E, se necessário, entrarei na escuridão para obtê-lo.

Nós éramos realmente da mesma estirpe, Caleb e eu. Cobri o rosto com as mãos, mas Caleb segurou minhas mãos e as abriu.

— Não conte isto a ninguém, Bethia. Você não deve nunca falar disso. Nenhuma outra alma viva entenderia. Nem mesmo Joel. — Caleb me transfixava com o olhar. — Nem sei ao certo se você entende.

— Ah, eu entendo. Talvez mais do que você imagine.

Minha voz estava fraca como um gemido de bebê. Fiquei então de pé, instável. Já não conseguia falar. Sentia-me esgotada. As sombras começavam a ficar mais longas: já tinha passado do meio-dia. Makepeace logo iria querer almoçar.

— Tenho que ir — falei, ainda abalada, lutando para me conter. — Caleb, saiba que pretendo aceitar esse trabalho como serva, e se você ainda não compreender a minha motivação, tudo o que peço é que acredite que o faço por escolha própria. Da mesma forma como tento aceitar o que você diz, embora isso me doa o coração.

Limpei a areia da saia, vesti meu gorro amarrotado e tentei prender o cabelo. Caleb queria caminhar de volta para Great Harbor, mas não permiti que o fizesse. Ele montou atrás de mim em Pintada e cavalgamos por um caminho mais lento, em meio ao bosque, para não sermos vistos. Quando Pintada tropeçou de leve num matagal irregular, ele segurou minha cintura por um momento, e tive a consciência de que, por mais que eu o visse como um irmão, ele não o era de fato. Quando estivéssemos no povoado, precisaríamos estar ainda mais atentos ao modo como nos portávamos um em relação ao outro.

Cerca de um quilômetro antes de chegarmos às plantações, Caleb desmontou. Quando se virou para seguir, abaixei-me e toquei seu ombro de leve.

— Mais uma coisa: tenha alguma caridade em seu coração pelo meu avô e por Makepeace. Mesmo que nem sempre atuem da melhor maneira, eles têm boas intenções. Não tenho dúvidas quanto a isso. E é o que papai gostaria que você fizesse.

Caleb ergueu o queixo, num gesto que poderia ser de consentimento ou oposição. Cavalguei então, sozinha. Quando olhei para trás, erguendo a mão para me despedir, ele tinha se dissolvido nas árvores, invisível. Ainda não esquecera aquela arte.

AINDA BEM QUE FUI PRECAVIDA, pois Makepeace estava parado à porta de casa quando cheguei, e, quando viu meu estado, um manto de raiva cobriu seu rosto. Mal conseguia conter a fúria, ainda que isso muito lhe custasse. Tentei imaginar o que teria acontecido se eu acrescentasse ao espetáculo um Caleb parcialmente despido. Ao pensar nisso, um sorriso me brotou no rosto, o que fez com que Makepeace pegasse seu chapéu e bastão e se afastasse dali em passos pesados, precisando manter alguma distância entre nós para não perder o que lhe restava da compostura.

Quando ele voltou, eu já tinha cuidado da égua, penteado meu cabelo de forma mais decente, vestido um novo gorro e servido uma mesa farta. Quando Makepeace viu o prato de bacalhau assado e feijão verde, fez uma prece eloquente e sincera, na qual incluiu uma bênção às mãos que haviam preparado a comida. Deixei que ele comesse uma fatia de pudim de melado e um prato de framboesas. Quando acabou de raspar as últimas migalhas, contei-lhe que eu pretendia aceitar o trabalho como serva. Eu teria adorado mantê-lo em minhas mãos por mais alguns dias, mas todos precisávamos planejar a viagem, e restava pouco tempo.

Eu nunca tinha visto um contrato de servidão, e certamente nunca pensara ver o meu próprio. No pouco que já havia pensado no assunto, cogitara que talvez um dia, como esposa, eu consentisse em contratar alguma pessoa pobre que precisasse de um teto e sustento, como forma de caridade.

Meu avô, ciente do mal-estar gerado pelo momento, caminhava de um lado para o outro de seu escritório enquanto eu lia as duas cópias do documento. Notei que ele ficou incomodado quando insisti em ler os contratos antes que ele os assinasse com seu nome e selo. Ainda assim, de boa ou má vontade, entregou-os a mim. Eram poucas palavras, mas, já que iriam pesar tanto sobre meu futuro, decidi lê-las devagar.

Este contrato, firmado ao vigésimo quinto dia de agosto de mil seiscentos e sessenta entre as partes Elijah Corlett, de Cambridge, e Thomas Mayfield, de Great Harbor, determina que o supracitado Thomas Mayfield cede em servidão a menor Bethia Mayfield, sua neta, que ficará doravante sob a tutela do supracitado Elijah Corlett, a realizar qualquer trabalho legítimo e a residir com o mesmo até o vigésimo quinto dia de agosto de mil seiscentos e sessenta e quatro. Durante tal período, Elijah Corlett se compromete a empregar todos os meios à sua disposição para oferecer alimentação e alojamento a Bethia Mayfield, provendo também todos os cuidados necessários para mantê-la e sustentá-la na saúde e na doença, e comprometendo-se ainda a oferecer a seu irmão, Makepeace Mayfield, privilégios plenos de estudante, alimentação e alojamento na Escola Latina de Cambridge e a educá-lo em Literatura na medida de sua capacidade.

Os documentos já traziam a assinatura e o selo de Corlett, e as duas cópias tinham sido postas uma sobre a outra e cortadas nas margens com um conjunto de marcas para que os dois papéis correspondessem exatamente. Depois de ler as duas cópias e compará-las, entreguei-as em silêncio ao meu avô e o observei-o mergulhar a pena no tinteiro e fazer sua assinatura floreada de sempre.

— Então, está feito — disse ele. — Vou enviar uma cópia por você ao mestre Corlett e manter a outra aqui, em segurança, ainda que me pareça impossível que Corlett transgrida qualquer parte do acordo... Mas... só por precaução...

Vi meu avô colocar o documento na caixa em que ele guardava seus testamentos, títulos e notas promissórias. Trancou-a com uma chave que mantinha guardada num bolso. Pensei no quanto eu ficaria feliz quando, dentro de quatro anos, pudesse recuperar aquele papel, rasgá-lo em pedacinhos e alimentar o fogo com ele.

A DISTÂNCIA ENTRE GREAT HARBOR e Cambridge, em linha reta, não é muito grande. Mas quem é que viaja em linha reta? Tínhamos a escolha entre velejar por apenas dez quilômetros até o ponto mais próximo no continente e depois fazer uma caminhada longa e difícil para o norte, seguindo por trilhas indígenas em meio à mata, ou fazer uma viagem mais longa de barco, contornando todo o cabo e seguindo para Boston, o que leva quase um dia e uma noite inteiros, quando o tempo está bom. Dali, teríamos que tomar uma barca pelo rio até o ancoradouro de Cambridge — uma viagem de uma hora quando o vento está calmo e a maré está cheia, mas impossível quando o vento leste prevalece. Como precisávamos levar livros e roupas conosco, escolhemos a segunda opção — apesar da grande preocupação gerada pela viagem mais longa pelo mar.

Tínhamos muito a fazer. Tive de instruir o filho jovem da vizinha, que tinha facilidade com ovelhas, sobre como cuidar das minhas e lhe mostrar como marcar as orelhas dos cordeiros quando chegasse a estação. Deixei Pintada nas mãos do criado do meu avô e, antes de deixá-la, passei algum tempo acariciando seu longo focinho, dizendo-lhe que não ficasse mimada demais enquanto não estivéssemos por lá. Um dia antes de partirmos, preparei um embrulho para ser entregue na cabana de Iacoomis, dizendo a Makepeace que achava ser um bom ato de caridade entregar àquela família o que nos restava da lã ainda não fiada daquele ano, pois eu não a levaria comigo a Cambridge. Makepeace ergueu uma sobrancelha, dizendo que um vizinho mais próximo apreciaria aquela gentileza da mesma forma, mas acabou por consentir. Caminhei até o local que já fora um dia a fronteira máxima de Great Harbor. Quando eu era pequena e Iacoomis tinha acabado de se acomodar ali, ele construía uma espécie de cabana rústica, feita de troncos e tábuas à maneira nativa. Ao longo dos anos, Iacoomis a aumentara e reformara, transformando-a numa boa vivenda de pau a pique, não muito diferente das de seus vizinhos ingleses. A cabana estivera um dia a uma distância razoável da casa inglesa mais próxima. Mas agora a vila já crescera para além

daquele ponto, e ninguém, exceto a família Alden, pensava mais no assunto; a família Iacoomis levava uma vida idêntica à nossa em todos os detalhes.

Por uma grande sorte, encontrei Caleb no jardim da casa, jogando cinco-marias com os irmãos mais novos de Joel. Depois que entreguei a lã à mulher de Iacoomis, que adotara o nome inglês Grey, fiquei mais algum tempo por ali e participei da brincadeira. Aproveitando a barulheira feita pelas vozes alegres das crianças, perguntei a Caleb, em latim, se seu tio Tequamuck sabia que iríamos partir na maré cheia da manhã seguinte. Caleb ergueu a cabeça de súbito, olhando-me sério com seus olhos escuros.

— Sei o que você teme — falou, também em latim. — Eu tenho o mesmo medo. Não falei nada a ele. Não trocamos palavras desde a Lua dos Vermes. Mas Tequamuck fica sabendo de muitas coisas.

— Ele vai fazer conosco o mesmo que fez com papai?

— Meu coração me diz que não. Ele me ama, Bethia, mesmo agora. Sempre foi mais próximo de mim que meu pai ou minha mãe. Acho que ele ainda tem esperanças de que eu abandone o Deus inglês. Essa esperança, portanto, também é a nossa...

Tivemos de interromper a conversa aí, pois o próprio Iacoomis saiu da cabana para agradecer pelo presente e por cuidar do bem-estar de Joel quando chegássemos a Cambridge; desejou ainda que Deus abençoasse a minha viagem.

O dia seguinte amanheceu claro e quase sem vento. Tivemos de esperar ancorados até que o vento aumentasse ao final da tarde. Durante todo esse tempo, examinei a costa com um nó na garganta, tentando distinguir, sobre os penhascos, aquela túnica coberta de penas. Vi Caleb também correr os olhos por ali. Mas seu tio não veio, e quando as velas se estufaram e a madeira rangeu, partimos para longe da ilha. Observei tudo parada na popa até que a última elevação de terra se transformou numa linha escura, e depois uma mera perturbação no horizonte. Por fim, a ilha se mesclou à margem do mundo e desapareceu de vista. Naquele instante, o medo deu lugar à aflição, a uma saudade de casa que não me abandonou desde então.

De fato, a viagem até o continente já é difícil mesmo sem feitiços, e como outros já escreveram sobre suas agruras, não vou me dar ao trabalho de anotá-las aqui, exceto para dizer que não consegui pregar o olho a bordo da chalupa, que balançava e se inclinava a um ângulo alarmante durante quase toda a viagem. Na manhã seguinte, no porto de Boston, a tentativa de conseguir uma barca foi demorada e frustrante, e então um vento leste começou a soprar, impedindo-nos de partir até o pôr do sol. O largo rio serpenteava passando por pântanos e lamaçais, que ganhavam um tom bronze à meia-luz. Já estava completamente

escuro quando o capitão da barca avistou a tocha que marcava a curva de onde partia um canal escavado sobre o córrego da vila de Cambridge. Ele nos fez desembarcar no ancoradouro e chamou o carroceiro que morava numa cabana rústica ali perto. Eu não enxergava nada além do pequeno círculo formado pelo lampião do carroceiro. Ainda assim, pude sentir o cheiro do meu novo lar. O cheiro dos animais do Pasto Comum, um fedor em ondas que cheirava a podridão, além do odor que surge quando as pessoas são obrigadas a viver apinhadas. Quando finalmente chegamos, exaustos, à porta do mestre Corlett, já era bem tarde. Embora os caminhos em volta da universidade fossem iluminados por tochas, não pude ver muito da cidade. O próprio limpa-candeeiros nos mostrou o caminho até a escola do mestre Corlett. O mestre nos cumprimentou num tom cortês, acordou um par de meninos de olhos sonolentos para que nos ajudassem a tirar as malas da carroça e, depois de trocar umas poucas palavras com Makepeace, mandou-o com Caleb e Joel para que tomassem seus lugares nos dormitórios do sótão, entre os outros alunos. Enquanto eu ouvia suas botas ressoarem na escada estreita, ele me conduziu até meu quarto.

— A senhorita trouxe o documento, imagino?

Depositei a segunda cópia do contrato de servidão em sua escrivaninha.

Ele olhou por um instante para a assinatura do meu avô e então deixou o documento de lado, como se fosse tão desagradável para ele como era para mim. Fitou-me com seus olhos azuis e aquosos.

— A sua presença aqui conosco é de uma cortesia incomum. Espero que as tarefas da casa não lhe sejam demasiado onerosas, e, caso sejam, não hesite em falar comigo: faremos o possível para solucionar o problema. Eu disse ao seu avô que precisava de uma moça de boa família, e a senhorita será tratada como tal, dentro dos limites de nossos meios. Não vou lhe pedir nada que minha querida esposa Bárbara não fizesse, de bom grado, para cuidar desses garotos e mantê-los em boa saúde e espírito. Mas cá estou eu, falando das minhas nobres intenções, e nem sequer lhe ofereci uma cadeira. Sente-se, por favor.

Observei aquela pequena câmara, que continha uns poucos móveis: uma escrivaninha talhada à mão, uma prateleira, uma única cadeira com encosto de tábuas, uma cama rústica e não muito mais. Vi então um banquinho com assento de palha escondido debaixo da cama e o puxei. Fiquei feliz em poder me sentar, ainda que fosse num apoio tão baixo e instável.

— Tive o prazer de conhecer seu pai, sabia? Em Watertown, quando ele ainda era garoto. Não cheguei a conhecer seu avô, embora o tenha visto durante um culto. Interessante empreendimento o dele, a ilha. Todos pensamos que fosse um plano audacioso e imprudente, na época. Mas dizem que a comunidade prospera.

E seu pobre pai. Contam que fez milagres, levando o Evangelho. Foi ceifado antes da hora, com certeza. Sempre foi um excelente estudioso, e um homem devoto, é o que dizia seu professor, quando ele ainda era jovem. Para mim é um grande privilégio instruir o filho dele, seu irmão, como acabei de dizer a Makepeace. É também uma sorte extraordinária que a senhorita não tenha problemas em estar na companhia dos jovens alunos índios; temos outros dois aqui, mais novos que os ilhéus que vieram consigo, e talvez recebamos no mínimo mais um, do povo nipmuc... É um caso muito interessante, ainda que tenha suas dificuldades... Eu talvez lhe fale mais sobre isso num outro momento. Imagino que seu avô tenha lhe contado da lista de dificuldades que tenho de enfrentar aqui. As mulheres de Cambridge relutam muito em viver ao lado dos Homens Vermelhos. Até mesmo, ao que parece, dos *Meninos Vermelhos*... — O mestre Corlett soltou uma risada rouca ao dizer isso. — Uma delas andava por aí com uma vara na mão e não hesitava em usá-la sempre que os pobrezinhos se aproximavam dela, tivessem feito algo errado ou não. A seguinte, quando se via obrigada a estar no mesmo ambiente que eles, tinha os vapores tão afetados que mal conseguia fazer seu trabalho.

Eu estava balançando no banquinho, de tão cansada. Não via a hora de deitar no meu catre. Comecei a me perguntar se em algum momento ele iria me mostrar onde ficava. Eu invejava Makepeace e os outros, que já tinham deitado a cabeça. Mas o mestre Corlett parecia ignorar a hora e o meu estado. Ele falava agora do mestre Eliot e de suas grandes esperanças para a educação na colônia, de modo a assegurar que o clero e as profissões resistissem para além dos talentos que a geração de imigrantes trouxera das escolas inglesas.

— Ele era ardente em relação a isso. Fervoroso. Uma vez, ouvi-o orar: “Senhor, faça com que surjam escolas por toda parte ao nosso redor! Antes de morrermos, que tenhamos a alegria de ver uma boa escola fomentada em cada plantação deste país.” E isso é o que ocorre hoje, em todos os locais com cem famílias ou mais. A vila do próprio Eliot, Roxbury, se gaba de ter uma escola ilustre, a escola que preparou mais acadêmicos para a universidade que qualquer outra vila do mesmo tamanho, ou até com o dobro do tamanho... Mas nós estamos logo atrás, aqui. É certo que estamos. Podemos ser pobres em termos materiais, e a senhorita verá que vivemos apertados aqui, mas somos ricos nas questões da mente...

Senti minhas pálpebras caírem e me esforcei em mantê-las abertas, como exigem as boas maneiras. Mas o meu corpo desafiava a minha vontade. Devo ter caído no sono por um instante, pois a minha cabeça tombou sobre o meu peito e acordei sobressaltada, levantando o queixo num espasmo súbito.

— ...e a senhorita com certeza verá que os meninos estão conscientes da sorte

que têm de estar aqui. — O mestre Corlett continuava a tagarelar, nem um pouco perturbado com meus bocejos contidos, ou alheio a eles. Os meninos que estivessem muito conscientes da sorte que tinham, mas eu estava quase inconsciente, e percebi que precisava dizer alguma coisa, ou então iria tombar. Por isso, fiquei em pé.

— Sinto muito, mestre Corlett, terei muito prazer em ouvir mais sobre a escola amanhã. Mas tive uma viagem cansativa e um dia muito longo, por isso ficaria muito grata se...

— É claro, é claro. Perdoe-me. — Ele ficou em pé e contornou a escrivaninha, oferecendo-me seu braço. — Tenho passado muito tempo sozinho durante a noite, esse é o problema. Eu costumava ficar acordado até muito tarde, conversando com meu filho Samuel, quando ele... Que desatenção a minha. Meu filho ainda, às vezes... Mas as noites dele geralmente estão tomadas de afazeres, na universidade, entende...? Temo que a senhorita considere o seu alojamento um tanto espartano. Não tenho uma câmara para lhe oferecer. Só temos esta aqui, além da sala de aula, que também usamos como refeitório, e o dormitório, que fica no sótão... São oito meninos lá em cima, agora. Seu irmão é o único que não terá que dividir o colchão, os outros ficarão todos dois por cama. Há outros seis garotos que vêm estudar durante o dia, pois as famílias moram aqui na vila. A senhorita terá que lhes dar algo de beber, mas eles não almoçam aqui conosco; voltam para comer com a família. De qualquer forma, como eu dizia, a senhorita não terá uma câmara própria, mas eu pensei, um colchão na cozinha... Um espaço separado dos garotos, além do calor do fogão, é o local mais cálido quando o tempo piora. Geralmente não nos damos ao luxo de acender fogo em nenhum outro local da casa, a menos que a família de algum garoto nos dê um pouco mais de lenha, de presente.

O mestre Corlett me conduziu por um corredor curto, e então entramos na cozinha escura. Havia cheiro de gordura velha, panos úmidos e urina de rato. Um estrado, com um colchão fino, estava apoiado na parede. Metade da cama ficava debaixo de uma velha mesa de madeira muito manchada, engordurada e de aspecto nada salutar. A minha primeira tarefa ali seria esfregar aquela mesa até que ficasse branca e limpa. O mestre Corlett deixou a candeia e levou uma vela para iluminar seu caminho.

— Nós aqui seguimos os horários da universidade, para que os garotos se acostumem, percebe? Orações às seis, primeira aula às sete. Por favor, sirva-lhes o desjejum às nove. Uma caneca de cerveja fraca e uma fatia de pão para cada menino. Vou lhe passar o restante das instruções a essa hora. Boa noite por hoje. Que Deus lhe guarde até a manhã.

Murmurei um boa-noite. Assim que ele fechou a porta da cozinha, assoprei a vela e tombei no colchão. Mal tive forças para desatar as botas. Caí no sono imediatamente, com as roupas que estava usando.

Acordei com um estrépito de passos acima da minha cabeça, seguido do movimento de corpos jovens se empurrando pela escada estreita. Quando o último aluno entrou na apinhada câmara do mestre Corlett, ouvi a porta se fechar e a voz trêmula do homem, liderando a prece.

Levantei-me, com o corpo rígido e ainda cansado, e examinei o ambiente que me cercava. Cobrindo os ombros com um xale, saí para o quintal. O que o meu avô dissera era verdade: a universidade ficava logo ao lado. O edifício era uma grande estrutura de madeira, que deve ter parecido muito requintada quando foi construída nestas costas selvagens, quase vinte anos atrás. Era um prédio alto, de três andares, com três alas que sobressaíam da estrutura principal em ângulos retos. No centro, havia uma torre alta com um campanário. Era admirável que um local como aquele tivesse sido construído logo no início da colonização, quando as dificuldades materiais e a própria sobrevivência eram tão duras aqui na colônia. Eu já ouvira dizer que, para alguns, o edifício da universidade era belo demais para aquele matagal. Porém, apesar da graciosidade do projeto, sua construção devia ter sido executada sem tanta perícia, pois o telhado era tristemente envergado em várias partes, e as vigas mostravam sinais de deterioração avançada. O edifício de tijolos ao lado, novo e bem-organizado — que imaginei ser a escola destinada aos índios —, só enfatizava a condição decadente da estrutura maior e mais respeitável.

Entrei de volta na cozinha para examinar o local que representava minha preocupação mais imediata. Uma única chaleira grande e uma pequena coleção de panelas estavam penduradas acima da pia. Havia pratos e talheres no balcão — panelas de terracota lascada e três belas canecas de peltre que, como notei, tinham as iniciais dos alunos entalhadas de forma bruta na base. Os pratos também eram de madeira gasta, exceto três pratos de peltre, também com iniciais entalhadas. Pelo visto, alguns dos alunos estavam mais bem de vida e haviam trazido suas próprias coisas — Makepeace ficaria abismado quando soubesse, pois ele nem pensara em trazer nada desse tipo.

Logo aprendi os nomes dos “garotos dos pratos de peltre”, pois esses três eram os que costumavam causar mais problemas e que mais me tomavam o tempo. Dentre aquelas iniciais, JD eram as de Joseph Dudley, o filho do ex-governador e o mais difícil de todos. Ele era um dos alunos mais velhos, que também faria o exame de admissão no próximo outono. Era um rapaz bem-apegoado, mas antipático, arrogante e convencido. Durante meus primeiros dias na escola, ele me tratou com uma terrível soberba. Enquanto os outros rapazes dobravam seus lençóis sujos e os colocavam sobre a cama para que eu os recolhesse no dia da limpeza, ele jogava os seus ao chão. À mesa, enquanto os outros rapazes levavam os pratos até a pia após as refeições, ele se levantava e deixava o prato no lugar.

Na segunda semana, quando ele deixou os lençóis espalhados mais uma vez, não me dei o trabalho de apanhá-los. Era um dia bonito, e consegui secar toda a roupa e passar os colarinhos antes do pôr do sol. A maior parte dos garotos voltou para o sótão e encontrou suas roupas bem-dobradas sobre a cama. Dudley encontrou as dele onde as havia deixado, pondo-se então a reclamar da “desleixada” que o mestre Corlett havia empregado. Gostaria de poder dizer que foi Makepeace quem saltou em minha defesa, mas fiquei sabendo depois, através de Joel, que foi Caleb. Makepeace, ávido por cair nas graças do mais abastado de seus colegas, teve vergonha de me defender. Mas Caleb encarou o jovem e o informou, em termos fortes, da posição da minha família, dizendo que ficaria pessoalmente ofendido com qualquer outro insulto contra mim ou contra o meu trabalho. Dudley era um jovem encorpado, e tenho certeza de que sabia usar os punhos. Mas também era inteligente e não tinha pavio curto, calculando rápido que, numa briga com Caleb, ele talvez levasse a pior.

Eu ainda não sabia dessa discussão no dia seguinte, quando Dudley me procurou na cozinha e pediu meu perdão, dizendo que não fora informado das minhas relações e que me tomara por uma criada comum; agora se arrependia de sua descortesia.

— Agradeço a consideração, jovem amo — respondi num tom frio. — Pelo que entendi, está estudando aqui na esperança de abraçar o ministério?

Ele fez que sim, balançando a cabeça loira.

— Exato, se eu estiver à altura desse chamado.

— Então espero que não se ofenda se eu, sendo, como sabe, filha de um pastor, lhe recomendar alguns versículos: Mateus, 21:26-28. Vai notar que Jesus não pergunta as relações de uma pessoa antes de estender sua cortesia àqueles que estão numa condição servil.

Virei-me então e continuei a esfregar a mesa. Quando fui ver, ele estava a meu lado, com um trapo na mão, esfregando a mesa com grande energia, com a pele

clara tomada de manchas cor-de-rosa.

— Imagino que nunca tenha feito este tipo de trabalho? — O rosa nas bochechas do rapaz ficou um pouco mais intenso.

— Estou fazendo errado?

— De maneira nenhuma. Está fazendo muito bem. — Coloquei um pouco mais de areia no lado da mesa em que ele estava. — Só perguntei porque imagino que tenha vindo de uma casa com criados, não é mesmo? — Eu sabia muito bem que a casa do governador Dudley era uma das melhores da colônia. Na época em que fora construída, Winthrop fizera um grande escândalo, criticando seus excessos suntuários.

— Tínhamos uma, uma serva. Quando eu era criança, é claro; talvez não saiba, mas meu pai tinha setenta anos quando nasci. Fui o caçula. Ele morreu quando eu tinha quatro anos, e minha mãe se casou outra vez logo depois e se mudou para Duxbury. Meu padrasto é o reverendo Allen. Foi ele quem me criou, essencialmente. Embora eu tenha morado por algum tempo com a minha irmã mais velha, Anne Bradstreet, e ela naturalmente tem uma casa maior, com vários criados.

Parei de esfregar por um momento e endireitei o corpo.

— Anne Bradstreet? A nossa poetisa?

— Conhece a obra dela?

— É claro. É um trabalho incrível, em minha opinião.

Joseph olhou para mim com grande interesse.

— Vou dizer isso a ela, na próxima vez em que lhe escrever. Minha irmã vai ficar feliz em saber de uma pessoa do sexo dela que sabe ler e que a aprecia. São poucas. Sabe latim? Os clássicos?

Fiz que sim.

— Extraordinário. Eu pensava que minha irmã fosse a única.

Voltei ao trabalho. Era estranho esfregar a mesa com um trapo tendo a cabeça cheia daqueles versos ricos e densos, cheios de alusões eruditas. Na primeira vez em que li aqueles poemas, eles me encheram de esperança. E se Anne Bradstreet, como eu, uma mulher deste lugar selvagem, tinha estudado e dominado aqueles conhecimentos, então eu também poderia. Desde então, eu havia decorado vários de seus poemas.

O rosto jovem de Joseph me examinava de perto.

— Imagino que esteja tendo dificuldade em lidar com as privações deste lugar?

— Confesso que sim. É difícil, de muitas maneiras. Imagino que tenha o mesmo problema.

— Bem, é verdade, embora eu não goste de admitir. Posso falar a verdade,

senhorita Mayfield?

Consciente da cortesia com que ele se dirigia a mim, fiz que sim.

— Para ser bem sincero, não gosto da exigência de ter que dividir um teto com selvagens, como aqueles que a senhorita conhece, pelo que fiquei sabendo. Não consigo imaginar como a senhorita e seu irmão suportam conviver com eles em tanta proximidade. Imagino que isso ponha a sua paciência à prova, assim como a minha. Eu ficaria feliz se pudesse me dizer como faz para suportar uma situação assim.

Respondi apenas com um olhar frio e sério. Ele me olhou de relance e continuou a esfregar.

— Quando o primeiro deles chegou, escrevi ao meu padrasto e pedi permissão para ficar alojado na vila. Ele escreveu de volta dizendo que não tinha condições de pagar o meu alojamento em outro lugar. Não entendo por que eles não podem ficar alojados em outra parte, pois ao que parece, os fundos para a educação dos selvagens são ilimitados. Imagino que saiba que todo esse dinheiro vem da Inglaterra, onde a causa da evangelização dos selvagens recebe bastante apoio. Ovi dizer que o novo edifício, a Faculdade dos Índios, como é chamada, logo ali no jardim da universidade, custou mais de quatrocentas libras de dinheiro inglês. Dá para acreditar numa quantia assim? Para os selvagens. Enquanto isso, os estudantes ingleses ficamos amontoados naquela ruína fria, cheia de goteiras. Ainda bem que, assim que o edifício ficou pronto, o presidente Chauncy teve a esperteza de lhe dar um bom uso. Encheu o prédio de estudantes ingleses, que até então estavam apertados num espaço tão pequeno. Foi uma artimanha esperta, não acha? Arrumar um prédio bom como aquele, desse jeito...

Perguntei-me se o que ele estava dizendo era verdade. Se fosse, parecia uma injustiça com as pessoas religiosas cujo dinheiro estava sendo empregado de forma contrária às suas intenções. Entretanto, talvez fosse apenas prudente, por parte do mestre Chauncy, utilizar o edifício enquanto esperava até que os alunos aos quais era destinado se matriculassem, já que todos estavam ainda recebendo instrução preparatória aqui ou com o mestre Weld, na escola de Roxbury.

Mas o jovem Dudley ainda não tinha terminado de falar sobre o tema.

— Meu padrasto escreveu dizendo que devo ser paciente e me consolar com a ideia de que os selvagens não vão me perturbar por muito tempo, já que, por natureza, não vão suportar o rigor de uma educação cristã, entende? — Parou então de esfregar e se apoiou na mesa, pensando. — Não sei se concordo com o raciocínio dele neste último ponto. Os que estão aqui, pelo menos, parecem estranhamente bem-adaptados. Um ou dois dos recém-chegados, de fato... mas estes são os que o seu falecido pai instruiu, não é mesmo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Imagino que tenham estado com a sua família por um bom tempo, tendo sido retirados da selva a uma tenra idade?

Eu vinha sentindo o meu sangue esquentar já há algum tempo. Apertei o trapo com força, para esconder o tremor na minha mão.

— De maneira nenhuma — respondi, o mais calma que pude. — Um deles, em particular, teve o benefício da instrução de meu pai por muito pouco tempo antes que Deus decidisse... — Mas não quis dizer mais nada. — Agradeço a ajuda — falei, tirando-lhe o trapo das mãos —, mas acredito que o mestre Corlett preferiria vê-lo debruçado sobre os livros.

As palavras de Dudley me ferroaram feito cilício durante o dia inteiro. Depois disso resolvi, em nome de minha paz de espírito, evitar essas conversas mais pessoais. Eu iria apenas cuidar das necessidades físicas dos meninos e deixar que Corlett cuidasse do estado moral deles. E assim passavam meus dias, dedicados ao trabalho enfadonho. Quando o Dia do Senhor chegava, eu deitava em meu colchão e tentava, em vão, lembrar-me de algo notável que tivesse acontecido, para distinguir a semana recém-terminada da anterior. E então seguia para o culto, relutante, escutando a pregação perturbadoramente estreita em comparação com as bases amplas da fé que meu pai me ensinara. Em algum momento durante essas semanas maçantes, quando o tempo piorou, nasceu o dia em que fiz dezessete anos, mas esse dia passou e ninguém notou, nem eu mesma.

Foi numa noite fria que o mestre Corlett me falou de Anne pela primeira vez. Ele adquirira o hábito de me convidar à sua câmara para conversar ao fim do dia. Fazia perguntas sobre as pequenas questões domésticas, sempre se desculpando pelas muitas carências que enfrentávamos e me elogiando por esse ou aquele caso em que eu fizera mais com menos. Passava então a falar dos garotos, da personalidade de cada um e de como eles se saíam. Embora se mostrasse condescendente com Makepeace, eu sabia muito bem que ele estava preocupado, por notar que meu irmão vinha muito atrasado nos estudos. O mestre Corlett fazia elogios a Caleb e Joel, mas, sempre que falava deles, fazia-o erguendo uma sobrancelha, como se duvidasse de seu próprio julgamento sobre o progresso dos dois. Muitas vezes, como na primeira noite, o mestre Corlett divagava em meio a reminiscências de tempos passados, ou falava de sua filosofia da educação e de seu lugar fundamental no êxito das colônias. Seus pensamentos sempre pareciam correr à frente das palavras, e quando eu estava muito cansada, era bastante difícil achar sentido nos fragmentos de frases que ele pronunciava. Assim, essas reuniões, apesar de interessantes, também eram bastante cansativas, e eu começava a pensar no meu colchão muito antes que ele se mostrasse disposto a

me dispensar.

Naquela noite, ele estava bastante agitado.

— Acho que já lhe falei de minhas expectativas em relação a uma pessoa do povo nipmuc que logo virá estudar conosco? — Eu tinha uma memória vaga de que ele talvez já tivesse mencionado o assunto. — Acho que comentei que este era um caso excepcional. Realmente, muito excepcional. E devo dizer que não sei bem como... É um pedido bastante estranho... mas, de uma fonte como essa, é preciso...

Fiquei sentada ali, examinando a nova bolha na minha mão; minha mente vagando, até que, de súbito, ele disse algo que ganhou minha atenção plena.

— ...uma moça indígena, Anne. O governador, que não costuma demonstrar grande apreço pelo povo nativo, como a senhorita certamente sabe... Ele até liderou a milícia contra o povo pequot naquele episódio lamentável... Parece ter gostado dessa moça, que encontrou já alfabetizada. Levou-a para sua própria casa alguns meses atrás e a enviou a uma escola de meninas perto de sua residência, em Boston, onde parece que, aos doze anos, ela já superou a ama da casa em seu aprendizado. Ele diz que a moça é um caso curioso, e lhe deu na veneta enviá-la aqui durante um ano para ver do que ela será capaz. O governador pretende então acolhê-la em sua casa como governanta ou algo assim e ostentar as habilidades da moça a seus muitos hóspedes, para arrancar mais fundos de nossos patrocinadores ingleses. A moça já vem com um estipêndio generoso concedido pela Sociedade, mas mesmo que não tivéssemos essa sorte, como recusar um pedido do governador? Ainda assim, estou muito preocupado, gravemente preocupado, pois como vamos fazer para acomodar essa moça...? — Inclinou-se para a frente. — Eu jamais instruí uma menina; minha própria filha tinha uma professora. Por isso, sugeri o mesmo ao governador, mas ele quer enviá-la para cá. Quer ter certeza, afirma, de que seu intelecto será examinado da mesma maneira que o resto dos alunos, para que não haja dúvida quanto às habilidades da menina. Tudo muito bem, ele que tenha os seus caprichos. Mas o que vou fazer com uma menina índia aqui? Como é que vou colocá-la na mesma sala de aula... A desordem que... Não. Não pode ser. Realmente não sei o que fazer, e ela vai chegar em uma semana.

— Ela não pode ficar alojada na vila e vir receber aulas particulares com o senhor?

— Já pensei nisso. Mas então perderíamos a maior parte do estipêndio da moça. A senhorita sabe, tanto quanto eu, que temos muitas carências aqui, e o estipêndio, como já disse, é extraordinariamente generoso... Eu não gostaria de pedir à senhorita... que já vive numa posição tão inferior à que lhe é devida... que divida a sua cama... mas não vejo outra maneira...

Senti uma pontada de desalento ao ouvir isso. Meu único momento de paz era quando eu apoiava a cabeça no travesseiro à noite, e agora teria de abrir mão dessa migalha de tranquilidade em troca da intimidade forçada com uma estranha. Ainda assim, meu interesse em saber mais sobre aquela menina foi inflamado.

Ela chegou alguns dias depois, trazida na carruagem do próprio governador. Era uma menina alta para a idade, magra, com o cabelo preto e grosso preso numa trança firme que, em vez de estar presa para o alto, caía por baixo do chapéu e lhe chegava quase à cintura. Vestia um belo casaco de lã cinza — importado, e não feito em casa —, como o que a própria filha do governador poderia ter usado. Vestia o chapéu com a aba bem para a frente, escondendo-lhe boa parte do rosto. Entrou na casa de cabeça baixa e os olhos no chão e não os ergueu quando o mestre Corlett a conduziu até seu escritório, indicando com um gesto que eu os seguisse. Fechei a porta, ciente do estranho silêncio que tomou a sala de aula enquanto ela passava; todos os olhos se dirigiram à porta para tentar ter um vislumbre da estranha nova aluna.

Foi só quando o mestre nos apresentou que suas pálpebras escuras, de cílios grandes, estremeceram, e a menina finalmente ergueu a cabeça e olhou para mim por um breve instante, para então baixar o queixo outra vez. Sua pele tinha uma cor muito escura e era lisa como uma castanha, esticada sobre as maçãs do rosto salientes, comuns entre os nativos. Mas os olhos eram diferentes — de um luminoso verde-escuro, como musgo refrescado pela chuva. Eu nunca vira uma pessoa de seu povo com olhos daquela cor. Ela mantinha as mãos unidas diante do corpo, e notei que os nós de seus dedos estavam brancos, contrastando com a pele escura. Ela fazia um grande esforço para conter um tremor. A pobre menina estava com medo. Cumprimentei-a com gentileza, com a voz baixa. Olhei então para o mestre Corlett com um olhar expressivo.

— Talvez a sua entrevista possa esperar? Deixe-me levar Anne para a cozinha, para tomar alguma coisa.

O mestre Corlett passou um lenço pela testa, que suava apesar do frio.

— Muito bem, muito bem — disse ele e, muito aliviado, voltou para a sala de aula cheia de garotos, onde sabia muito bem como controlar a situação.

Conduzi Anne até a cozinha e expliquei que iríamos dividir o meu colchão ali. Um suspiro atravessou seu corpo magro. A princípio, pensei que ela sentisse repulsa pela ideia, pois imaginei que teria ficado alojada num lugar muito melhor na casa do governador. Mas então notei que seu rosto relaxara, perdendo a expressão tensa e preocupada. Anne ficou ali, esperando minhas instruções, por isso a convidei para sentar-se e perguntei se queria comer alguma coisa. Ela fez que não. Ficou sentada na cadeira, rígida, como se tivesse sido pregada na

madeira. Servi-lhe uma caneca da cerveja fraca, mas ela não fez nenhuma menção de bebê-la.

— Ouvi dizer que você é ótima aluna — falei. Ela não olhou para mim. Seus olhos verdes estavam fixos numa queimadura que havia na superfície da mesa, as sobrancelhas grossas franzidas, como se a madeira escurecida lhe causasse algum desgosto.

— Você pode me contar como foi que começou a estudar?

Ela inspirou, como se fosse dizer algo, mas não pronunciou palavra nenhuma.

— Você está com medo de quê? — perguntei de súbito, em wampanaontoaonk. Ela ergueu a cabeça de repente, os olhos verdes bem abertos, espantados. Por um momento, vi-me de volta à ilha, como uma menina da idade dela outra vez, pingando água da lagoa, quando o mesmo olhar de admiração tomou o rosto de um jovem pagão vestido com peles de cervo. Ela pareceu entender o que eu havia dito, mas eu não tinha certeza, pois não sabia se a língua wampanaontoaonk era próxima do idioma do povo nipmuc.

— Como aprendeu essa língua? — perguntou a menina em voz baixa, num inglês quase sem sotaque.

— Meu pai era missionário, e falava wampanaontoaonk. Mas, na verdade, aprendi com um amigo que é wampanoag. Nós crescemos juntos... ou, devo dizer... passamos algum tempo, quando crianças, na companhia um do... — Eu já tinha falado mais do que queria, por isso interrompi o que vinha dizendo. Mas como ela não respondeu nada, tentei voltar à pergunta que tinha feito antes. — E você, como aprendeu o inglês?

— Fui criada nessa língua.

— Os seus pais...?

— Meus pais morreram. Febre maculosa. Todo o povoado adoeceu. Eu fui levada por um mercador de peles inglês que estava passando por lá naquela época.

— E ele levou você para qual vila?

— Nenhuma.

— Você viveu na selva? — Ela fez que sim. — Foi ele quem ensinou você a ler, ou a mulher dele?

Anne ergueu os olhos por um instante e então os baixou outra vez, roçando com a ponta do dedo a queimadura na mesa.

— Não tinha mulher nenhuma.

— Você morou sozinha com esse inglês, na selva?

— Até ele morrer, seis meses atrás.

— E quem cuidou de você desde então?

— Eu tentei caminhar de volta ao meu povoado, para ver se algum parente

ainda estava vivo. Mas a polícia me pegou na estrada.

Devem ter imaginado que ela era uma serva fugida, pensei.

— Eles prenderam você?

Ela fez que sim.

— E maltrataram você? — Anne apenas deu de ombros. — E então como foi que o governador ficou sabendo do seu caso?

— Eu escrevi uma carta a ele.

Em frases curtas, explicou como pedira permissão para voltar aos bosques do oeste, de onde fora retirada vários anos antes, e o turbilhão de atenção que se seguira quando o governador recebeu a carta. O governador negou o pedido de Anne para voltar ao que restava de seu povo. Em vez disso, levou-a à sua casa e a enviou para a escola de meninas.

— Quando falei com a ama da casa em latim, disseram que eu deveria vir para cá.

— *Latine loqueris?* — perguntei, surpresa. Pelo que o mestre Corlett dissera, ele acreditava que Anne ainda iria começar seus estudos nessa língua.

— Um pouco — respondeu Anne. — Mas não sei se pronuncio as palavras direito, pois aprendi num livro.

— O mestre vai ficar muito satisfeito em saber que você já aprendeu um pouco, tenho certeza. Quer que eu o chame? Já se sente pronta para conversar com ele agora?

Anne estendeu subitamente a mão sobre a mesa e agarrou meu punho. Sua mão era macia. A mão de uma dama. Eu nunca vira uma tão imaculada como a dela. A minha certamente não era assim. Nem a de minha mãe. Portanto, aquele homem, quem quer que fosse, não a encarregara de tarefas duras enquanto viveram na selva. Seus olhos verdes percorreram meu rosto por um momento, ávidos.

— Por favor. Não.

Ela estava tremendo outra vez.

— Anne, querida. Eu sei que esta situação deve ser muito diferente da que está acostumada. Mas não tenha medo do mestre Corlett. Ele é um cavalheiro bondoso. Ninguém aqui quer lhe fazer nenhum mal.

A única resposta de Anne foi manter o olhar baixo e continuar sacudindo a cabeça, por isso não toquei mais no assunto. Não fazia sentido apressá-la, tímida e assustada como estava. De qualquer forma, eu precisava me ocupar das minhas tarefas, por isso me pus a descascar nabos e colocá-los na panela, pensando naquela criança, retirada de seu povo e colocada numa situação tão imprópria. Era evidente que o comerciante a alimentara e educara. Talvez fosse uma pessoa devota, salvando uma criança de uma vila devastada por uma doença, educando-a

como um pai bondoso. Mas o medo que a menina demonstrava indicava algo diferente de um carinho paternal.

Anne ficou em pé e fez menção de me ajudar, mas pus uma das mãos sobre a dela, tomando-lhe a faca que havia apanhado. Coloquei-a de volta na mesa.

— Não, Anne. Você é uma aluna aqui, e não uma criada. O seu lugar nesta casa deve ficar claro desde o início, e insista em seus direitos, pois pode ter certeza de que alguns aqui ficarão mais que satisfeitos em rebaixar você.

Fui para o escritório do mestre Corlett e apanhei um livro de Tully da prateleira. Coloquei-o diante dela.

— Você consegue ler este livro? — Anne fez que sim. — Se quiser, leia em voz alta para mim e, se eu ouvir algum erro de pronúncia, vou corrigir, na medida da minha capacidade, pois eu também aprendi diretamente dos livros. Confesso que não recebi nenhuma educação formal em latim, apenas o que apanhei de ouvido nas aulas do meu irmão.

Anne leu com muito pouca hesitação; o leve resquício de seu sotaque nipmuc fazia as palavras soarem bem em sua boca. Foi assim que o mestre Corlett a encontrou ao entrar na cozinha algum tempo depois. Ela a princípio não o notou, pois estava de costas para a porta, e continuou a ler; quando chegou ao final de uma frase, o mestre fez um elogio sincero:

— Muito bem, muito bem mesmo! Incrível.

Anne se assustou, olhou-o de relance e então desviou os olhos, pondo-se a tremer outra vez.

— Muito bem, então — disse o mestre Corlett juntando as mãos, hesitante. — Ao que parece, a senhorita começou bem. Continue, e quero vê-la no meu escritório depois do almoço; nesse momento vamos determinar a melhor maneira de prosseguir. — Ele se virou, e então se deteve. — Bethia, acho melhor a Anne almoçar aqui, em sua companhia. Poderemos apresentá-la aos outros no momento devido. Não é preciso termos pressa nessas questões.

— Muito bem, mestre Corlett. Vou preparar o almoço.

Anne mal tocou no ensopado enquanto eu corria para servir a comida dos alunos e lavar seus pratos. Quando chegou o momento de sua reunião com o mestre, ela pareceu fazer um imenso esforço para conseguir se levantar da mesa.

— Quer que eu vá com você? — perguntei.

Ela pegou na minha mão.

— Muito bem — falei. — Mas só por hoje. Tenho trabalho a fazer a esta hora, e, como já disse, você não tem nada a temer no mestre Corlett.

Foi difícil saber qual dos dois estava mais tímido e constrangido. O modo entrecortado de falar do mestre estava pior que nunca, e a voz de Anne, ao

interpretar as passagens que ele lhe apresentava, era quase inaudível. Sempre que ele a corrigia, Anne se assustava como se tivesse levado uma pancada. Eu tinha uma imensa curiosidade em saber o que colocara essa criança em tal estado, que a mera timidez ou a novidade da situação não poderia explicar. Por outro lado, se a resposta fosse a que eu temia, eu preferia não saber.

A sensação foi ainda mais forte depois que passei a primeira noite dormindo ao lado dela. Ou, devo dizer, tentando dormir ao lado dela. Ela dormia o sono inquieto dos atormentados. Fiz com que nos deitássemos com as cabeças apontando para lados opostos, como é costume quando se divide uma cama, mas logo tive que mudar de posição, pois ela agitava tanto as pernas que pensei que pudesse acabar com um olho roxo com um de seus chutes violentos. Apesar de nossa diferença de idade, ela tinha a mesma altura que eu e, apesar de magra, era uma menina extremamente forte. Quando deitei a cabeça ao lado dela, senti a fragrância intensa de seu cabelo longo — um aroma límpido de gaultéria e sassafrás que me encheu de saudades de casa. Eu tinha acabado de cair no sono quando a mão de Anne agarrou meu antebraço e o apertou feito uma corda. Ela ainda estava dormindo, mas choramingava, como se estivesse implorando. Não acordou nem mesmo quando abri seus dedos para me soltar. Fiquei então de pé, percebendo que não conseguiria dividir o colchão com ela se quisesse dormir. Peguei uma manta esfarrapada e me deitei no piso de pedra, com um saco de cereais como travesseiro, sentindo o frio entrar em meus ossos até o cansaço me levar.

Ela estava de pé ao meu lado quando acordei.

— Esta noite, você fica com o colchão.

Comecei a dizer que era óbvio que não, pois ela era a aluna e eu a criada, mas Anne me interrompeu.

— Eu falei alguma coisa enquanto dormia? — Ela falava comigo desviando aqueles belos olhos para o lado.

— Nada que eu conseguisse entender — respondi. — Mas você parecia estar tendo sonhos perturbadores.

— Sempre. — Anne se virou então, seguindo para o banheiro. — Desculpe ter atrapalhado o seu descanso.

Fiquei em pé, rígida, com o corpo dolorido, e a acompanhei com o olhar, a trança longa balançando enquanto ela caminhava pelos ladrilhos.

Algumas semanas depois, Makepeace me procurou para uma conversa em particular, o que não era comum. Ele estivera reservado desde a manhã seguinte à nossa chegada; razoavelmente educado, mas nunca mais que isso. Nós caminhávamos juntos no Dia do Senhor, após o culto, se o tempo calhasse de estar bom, mas durante o resto da semana, nossa relação não era diferente da que eu tinha com os outros alunos. Não sei o que o perturbava mais: minha situação como criada da casa ou minhas conversas com o mestre durante a noite, quando ele era obrigado a ficar no dormitório com os meninos mais novos.

— Eu ficaria feliz se você pudesse dar um passeio comigo. Tenho algo a lhe dizer.

Suspirei por dentro, pensando nas tarefas que se acumulariam durante a minha ausência, mas estava ansiosa por ouvi-lo atentamente, assim marcamos uma hora. Durante a tarde, deixei Anne na cozinha, com seus livros, e apanhei o meu casaco.

Nós geralmente caminhávamos pela Crooked Street na direção do templo e da praça principal, mas desta vez Makepeace tomou um outro caminho, em direção à universidade e ao Pasto Comum, que ficava um pouco depois. Seguimos caminho entre a Faculdade dos Índios e a decadente casa de madeira que abrigava os alunos ingleses. No Pasto Comum, as vacas viraram a cabeça devagar, observando-nos. Seguimos em silêncio até o pomar de macieiras. A lama tinha congelado, por isso a trilha, apesar de escorregadia, não era o lamaçal de sempre onde enterrávamos as botas. Ainda assim, eu não queria arriscar meu único par de sapatos naquele caminho.

— Por que temos que seguir por aqui? — perguntei.

— Não quero que ninguém nos escute — respondeu ele.

As árvores, cobertas de gelo, reluziam, mas as primeiras folhas verdes tinham começado a surgir, e campainhas-brancas já floresciam na base dos troncos. Makepeace esticou a mão e arrancou uma placa de gelo encurvada. Ergueu-a como uma vidraça e olhou através dela, vendo a imagem distorcida que a placa gerava.

Deixou-a cair e se estilhaçar, depois examinou os ramos escuros e retorcidos.

— Estas árvores — divagou. — Quase tão velhas quanto a colônia. Já devem ter um quarto de século, a esta altura. Você sabia, Bethia, que foram plantadas com o suor dos alunos da primeira turma de Harvard? Dizem que o mestre Eaton cobrou como se tivesse pagado trabalhadores locais e então embolsou o dinheiro.

Eu me lembrava de ter ouvido algo sobre esses escândalos ocorridos tempos atrás, pois era uma das piadas preferidas de meu avô à mesa, comentar que estava feliz em ver que a senhora Eaton não era nossa cozinheira. Ela tinha sido acusada, no Tribunal Geral, de dar de comer aos alunos um pudim feito às pressas, que continha estrume de cabra, além de cavala ainda com as tripas. Meu avô gostava de ler para nós os casos que recebia no tribunal, e esse era sempre um de seus preferidos.

— Um homem tão cheio de defeitos — continuou meu irmão. — Ainda assim, escolhido para um cargo considerado essencial pelos santos vivos da colônia. Isso nos mostra que ninguém além de Deus pode julgar com perfeição o verdadeiro estado da alma de um homem.

Eu tinha certeza de que ele não me trouxera aqui para ouvir seus devaneios espirituais; ainda assim, Makepeace parecia abatido, por isso tentei animá-lo.

— Você talvez faça um sermão sobre esse tema, um dia.

Ao que parece, eu não podia ter feito um comentário mais inadequado na tentativa de animá-lo. Os olhos de Makepeace se encheram d'água e ele se virou, pressionando a testa contra o tronco gelado da árvore. Encostei a mão, coberta pela luva, em suas costas.

— O que foi, irmão? Qual é o problema?

— Eu não consigo, Bethia. Está claro para mim agora. Na ilha, com papai, sozinho, eu ainda acreditava que a minha capacidade, embora menor que a que eu desejaria, seria suficiente. Mesmo quando você aprendia com facilidade o que me custava tanto, mesmo quando aquele garoto pagão... Ainda assim... eu me iludia. Achei que, se trabalhasse firme, poderia superar as minhas deficiências e seguir em frente, como todos ao meu redor parecem fazer. Disse a mim mesmo, Makepeace, em Cambridge, você não vai deixar a desejar. Vai haver outros por lá cujo intelecto será mais lento. Mas não é assim. Apesar de ser o mais velho, geralmente sou o aluno mais inapto da sala.

Makepeace ergueu a cabeça, com a testa toda marcada pelo relevo do tronco áspero.

— E agora essa *squa* vem para cá, e eu a ouço ler para você, e até mesmo ela, uma selvagem autodidata, faz com facilidade o que eu não consigo fazer com o maior esforço. — Makepeace soltou uma risada seca e triste. — Vou lhe dizer,

tenho sorte de que o mestre Corlett não é o mestre Eaton, caso contrário eu iria apanhar todos os dias, de tão atrasado que sempre estou com as minhas lições.

— Mas, Makepeace — falei, sentindo uma estranha ternura por meu irmão, estendendo a mão para alisar sua testa. — O mestre Corlett certamente não perdeu a esperança em você. Ele lhe disse alguma coisa? — Makepeace fez que não. — Não? Então você também não deve perder a esperança. Você se esforçou, sim, e graças a esse esforço já percorreu um longo caminho... — Eu sabia que isso era verdade; não estava dizendo aquelas palavras só para tranquilizá-lo. — Você deve saber disso. Deve sentir seu próprio progresso. Ele está claro para mim, eu que observei você durante tantos meses e anos.

— Eu não vou dar conta! Quando alguém me diz alguma coisa, tudo parece bastante claro, e com algum esforço eu consigo decorar o que foi dito e repetir as palavras. Mas quando me debruço sobre os livros, o que está escrito ali não faz nenhum sentido para mim. Os livros em inglês e latim, esses já são uma provação. Mas os livros em hebraico, em grego... As letras se misturam e eu não consigo... Eu nunca vou... — Makepeace estendeu a mão, arrancando um ramo que brotava e sacudindo-o à minha frente. — Está vendo? A primavera já quase chegou. A prova será no verão. Eu não vou passar.

— Makepeace. Eles vão testar seu conhecimento em latim e muito pouco em grego. Você certamente vai...

— Eu não vou conseguir! E mais importante ainda, não vou me sujeitar a isso! Não vou me apresentar só para ser diminuído. Caleb e Joel vão se matricular com toda honra, e eu vou ser humilhado diante de todos os que conheço: Makepeace Mayfield, mais idiota que um selvagem. Eu não vou suportar, Bethia. Eu... eu... eu quero ir para casa.

Ele parecia reclamar feito uma criancinha, e a forte compaixão que eu sentira por ele minguou de súbito.

— Então é isso. Você não vai aguentar. — Meu tom era de escárnio, insolente. — Você não vai aguentar. Você é um homem, Makepeace, com todos os privilégios e direitos que vêm com esse título. Por que não age como um homem? Você quer ir para casa. Já parou para pensar, por um instante, o quanto eu gostaria de ir para casa? E como é que isso vai ser feito, já que, por sua causa, sou uma serva aqui, privada do meu direito de ir e vir durante mais três anos e meio? Você vai voltar para a ilha, para o calor dos amigos e para uma certa posição social, e eu terei que ficar aqui, nesta vila detestável, esfregando o chão e consertando roupas, privada até mesmo de um colchão onde possa deitar a cabeça em paz e solidão. Não, Makepeace. Você vai ficar. E vai estudar e suportar, e fazer jus a esse sacrifício que estou fazendo por você. E se, quando estiver diante do

mestre Chauncy naquela universidade, perceber que não esteve à altura desse desafio, então você vai tentar enxergar a vontade de Deus nisso, e vai tentar descobrir o que ele tem guardado para você. Se não o fizer, estou lhe dizendo, Makepeace, a partir do dia em que você deixar este lugar, pode parar de se considerar meu irmão.

Mesmo enquanto eu dizia isso, sabia que não era a plena verdade. Mas as palavras saíram da minha boca, carregadas por uma raiva que não consegui conter.

Makepeace pareceu perplexo. Em dezessete anos, essa era a segunda vez que eu lhe falava abertamente, e, na primeira, eu estivera me defendendo de um ataque dele. Agora era eu que o atacava. Sua expressão endureceu. Ele estufou o peito e cruzou os braços, na pose soberba que eu sempre desprezara.

— Ainda bem que a nossa mãe não viveu para ver a mulher estridente e prepotente que você se tornou, irmã. Nem me deu espaço para dizer o que pretendo. Está pensando que a sua condição aqui não me faz sentir mal, todos os dias? Essa é a principal causa do meu desespero, ter colocado você nesta situação. Eu não durmo à noite, pensando em como remediá-la. — Senti a pungência das palavras de Makepeace e baixei os olhos. — Se não tivesse tanta pressa em me acusar e condenar, teria ouvido a minha proposta. Eu escrevi uma carta a Jacob Merry, falando de seu filho Noah e do pedido de sua mão em casamento. Comuniquei-lhe que vamos aceitar o pedido, se ele tiver condições de pagar para liberá-la de sua servidão, cujo valor eu vou trabalhar para devolver em qualquer emprego que consiga arrumar.

— Makepeace! — Se eu estava brava antes, passei de súbito a um estado tão violento que não sei com que palavras descrevê-lo. — Por favor, diga que não enviou essa carta! — O olhar de meu irmão me deu a resposta. — Então você vai escrever outra, esta noite, desdizendo-a.

— Isso não é possível...

— Não é possível? O que não é possível é você usurpar os meus direitos, vendendo-me a um casamento com o qual não concordei. O próprio papai pensava que ainda não havia chegado a hora, e o nosso avô, que, caso você não se lembre, é o meu tutor, também considerava inadequado neste momento...

— Mas o nosso avô mudou de ideia.

— Ele... O quê?

— Falei com ele sobre o que estava pensando, na última vez em que estive na ilha, um mês atrás. Ele me mandou pensar bem e não tomar nenhuma decisão, e dar o melhor de mim, e se, depois de um mês, eu ainda sentisse o mesmo, então ele achava que meu plano era bom, e disse que levaria a minha carta a Jacob

Merry pessoalmente, servindo de fiador para a dívida.

Eu mal conseguia respirar. Senti todo o sangue escoar de meu rosto e fui tomada de um grande frio. Pela primeira vez na minha vida, pensei que fosse desmaiar. Apoiei meu peso numa árvore e me agarrei a um galho baixo e encurvado.

— Por que você está assim? Por que uma reação tão violenta? Qualquer pessoa pensaria que eu... — Makepeace me encarou, fechando a cara. Sua expressão se tornou sombria. — É o seu afeto ilegítimo por aquele selvagem semicivilizado que provoca tudo isso, não é? De outra forma, não haveria motivos para enxergar uma aliança tão boa com Merry como algo repulsivo. — Makepeace contorceu então a boca, num melancólico sorriso de triunfo. — Eu sabia! Você negava, mas isso não passava de fingimento e falsidade. Fique sabendo, irmã: você vai deixar essa afeição para trás hoje mesmo. Vai fazer a minha vontade, e não se fala mais nisso.

Eu jamais pronunciara uma blasfêmia, mas não me contive naquele momento.

— O Diabo que o carregue, Makepeace — falei; então me virei e segui firme em direção à casa do senhor Corlett, ouvindo a voz de Makepeace atrás de mim dizendo que eu era quem corria o risco de ser carregada.

Entrei na cozinha, mas o lugar estava cheio de gente, justamente no momento em que eu mais precisava de algum tempo e espaço para mim mesma. Anne estava sentada no lugar onde eu a deixara, com o livro aberto sobre a mesa. O mestre Corlett tinha se juntado a ela, e Caleb e Joel o acompanhavam, um de cada lado. Pareciam estar em meio a um animado seminário. O rosto de Anne, já não mais escondido e obscuro, parecia tomado de uma inteligência aguçada ao escutar Caleb e Joel, que discutiam se a beleza era um indício da presença divina. Anne tinha acabado de fazer uma pergunta, e Caleb estava virado para ela, respondendo. Sua voz, ao falar com ela, era suave e solícita. Por mais distraída que eu estivesse, fiquei impressionada em ver como aquele tratamento era diferente das nossas discussões rudimentares e confusas, as muitas conversas que tivéramos entre as dunas ou sob os ramos dos carvalhos. Naqueles momentos, Caleb não tinha nenhuma preocupação com as boas maneiras — dizia o que pensava de forma despreocupada e fraternal.

Fraternal. Agora, mais que nunca, eu desejava que Caleb realmente fosse meu irmão, em vez de aquela alma egoísta, arrogante e fraca à qual o destino me prendera. Se ele fosse meu irmão, eu poderia procurá-lo agora, e ele certamente me ajudaria a modificar o destino que me estava sendo imposto.

Fiquei parada com a mão na maçaneta, hesitante. Era preciso preparar o jantar; ainda assim, eu não queria interromper a aula, nem poderia atravessar a cozinha com tantas pessoas no caminho. Lutei para manter a compostura, pensando que eu poderia desmoronar a qualquer momento. Dei meia-volta, prestes a sair, mas o mestre chamou meu nome e me convidou para sentar.

— Eu... acho que não... Tenho tarefas a cumprir — falei, tentando manter uma voz normal.

Caleb, que estava de costas para mim, notou a agitação no meu tom de voz e se virou. Não sei até que ponto o meu rosto revelava meus sentimentos, mas o olhar de Caleb me disse que eu não estava com meu aspecto normal. Ele ficou em pé e segurou meu cotovelo, conduzindo-me até o banco.

— Você está bem? — perguntou o mestre Corlett, todo preocupado. — Está com o rosto vermelho... Está com febre?

— Não é nada — respondi. — Só uma dor de cabeça.

— Minha querida, por favor, vá para a minha câmara e deite na cama. Vou mandar um dos meninos ao boticário para buscar um xarope...

— Não, mestre, não dê trabalho aos meninos, eu não preciso de um xarope.

O boticário cobrava preços absurdos por xaropes que qualquer dona de casa conseguiria preparar. Eu sabia que o mestre não tinha condições de pagar por algo assim.

— Mas vou me deitar por um momento, se puder me liberar do meu trabalho.

Nunca me senti tão bem em estar sozinha. Quando o mestre fechou a porta, enterrei o rosto em seu travesseiro e chorei sem me conter. Depois fiquei deitada ali, exaurida, incapaz de juntar ânimo para me levantar. Pouco depois, o cansaço da noite anterior tomou conta de mim, e, sem querer, caí no sono.

Quando acordei, já estava completamente escuro. Levantei-me num salto, servi um pouco de água fria da jarra do mestre numa bacia e lavei o rosto, endireitei meu gorro e fui para a cozinha. Não havia ninguém ali, só uma pilha de pratos amontoados na pia. Pelo visto, os meninos tinham buscado seu próprio pão com queijo, e eu sequer ouvira a barulheira que eles costumavam fazer na hora do jantar. Agora estavam todos fazendo suas preces vespertinas, e eu deveria me juntar a eles. Em vez disso, puxei um banquinho e fiquei sentada em silêncio, tentando pensar. Decidi que, se o mestre me chamasse para sua câmara após as preces, eu deveria me abrir com ele, pedindo seu aconselhamento. O mestre era um homem amável, sábio e devoto. Saberria me dar bons conselhos.

Pouco depois, um dos alunos mais novos veio me dizer que, de fato, o mestre queria me ver. Bati em sua porta e entrei, esperando ser recebida com uma saudação simpática, como de costume, e talvez com uma pergunta atenciosa sobre a minha dor de cabeça. Em vez disso, ele me olhou com uma expressão ríspida e cheia de desgosto.

— O seu irmão me contou que a senhorita o tratou com palavras execráveis, proferindo até uma blasfêmia. O que tem a dizer sobre isso?

— Bem, sim, mestre, é verdade, mas...

— Não há “mas” nem meio “mas” nessas questões, Bethia Mayfield. — Ele ficou de pé. — Aqui em Cambridge, na ausência do seu avô, o seu irmão mais velho é o seu superior e seu guia, ao qual deve se submeter. Ainda assim, a senhorita despreza as orientações de seu irmão como se fosse mais esperta que ele. Já que confessou o seu pecado de bom grado, e tendo em vista seu comportamento impecável até o dia de hoje, não vejo a necessidade de envolver o tribunal nessa

questão.

— O tribunal? — Eu tinha ficado calada, chocada com a severidade das palavras do mestre e com sua estranha dureza, mas nesse ponto já não consegui me conter. — Por que o tribunal se preocuparia com o que eu digo ao meu irmão numa conversa privada?

— Deixemos de lado, por um momento, a sua postura abusiva contra seu irmão, as suas palavras intimidantes e inapropriadas. Como filha de um pastor, deve saber que dizer uma blasfêmia é um pecado grave. Como neta de um magistrado, imagino que esteja plenamente ciente de que a blasfêmia é um crime contra as leis desta colônia. Não sei qual seria a postura do seu avô ao tratar de um caso assim, mas, aqui, o Tribunal Geral impõe penas graves contra esse crime, chegando até mesmo a furar a língua ofensora com um prego.

Cobri a boca com a mão num gesto súbito.

— Foi justamente esse tipo de fanatismo que fez meu avô deixar esta colônia e embarcar para a ilha — falei.

Minha cabeça doía de verdade agora: uma dor forte, lancinante, como se o prego do torturador tivesse sido cravado entre meus olhos. Ainda assim, eu devia ter sido mais esperta. Ao encostar um dedo num ferro quente, eu deveria ter a inteligência de afastar a mão, em vez de agarrar o metal em brasa. Onde estava a minha autodisciplina, a minha discrição, que eu levava tanto tempo para aperfeiçoar? De súbito, eu parecia compelida a dizer tudo o que estava pensando, a vomitar o que havia dentro de mim, feito bile.

O mestre Corlett me levou até Makepeace, para que me batesse, e não vou escrever sobre isso, apenas dizer que, entre os golpes, quando me virei para olhar para o meu irmão, vi seus olhos vidrados, seus lábios úmidos e a cara tomada de prazer. Não olhei mais para ele, nem mesmo ao abaixar a minha saia e lhe agradecer, como tinha a obrigação de fazer, por me corrigir.

Não havia nenhum lugar privado onde eu pudesse cuidar das marcas deixadas pelo açoite, por isso as negligenciei, e depois de um dia ou dois elas começaram a inflamar. Eu tinha notado, observando os diversos cortes e feridas dos garotos, que nada aqui sarava depressa, como deveria ocorrer com a carne jovem. É claro que não tínhamos nenhuma espécie de unguento, nem nada do gênero. Eu tinha pensado em preparar um pouco, quando a primavera estivesse mais avançada e fosse possível encontrar as plantas certas, de modo a ter algo com o que tratar os machucados dos meninos, e nas raras ocasiões em que o mestre os açoitasse. Jamais pensei que eu mesma precisaria do produto. Anne me viu tentando, desajeitada, atar uma faixa de tecido em volta das feridas. Buscou então, em sua caixa, um frasco com uma loção de aroma intenso e refrescante e a aplicou com

suas mãos delicadas e experientes.

Não contei a ninguém da minha surra. Mas Anne deve ter revelado algo a Caleb. Quando passei por ele no corredor, Caleb inclinou a cabeça junto à minha e sussurrou:

— Cuidarei do seu irmão.

— De jeito nenhum! — sibilei. — Nem pense nisso!

Mas Caleb já havia passado por mim, aparentemente concentrado na lombada do livro que tinha na mão. No dia seguinte, Makepeace não conseguiu se levantar da cama. Fora tomado por uma cólica, tão intensa que ele jazia gemendo de dor, com a barriga contorcida por espasmos. Isso quando não estava cambaleando dezenas de vezes ao banheiro em poucas horas, pálido e fraco. Eu confesso: não sou nenhuma santa. Senti algum prazer em vê-lo sofrer, embora tenha perguntado a Caleb o que seu povo fazia para aliviar uma condição como aquela, que tipo de remédio preparava, e então fui, no devido tempo, ao boticário para buscar os remédios que ele citou.

Quanto a mim, o meu castigo ainda não estava terminado. Continuou no Dia do Senhor, quando precisei me retratar publicamente. Para fazê-lo, tive de me dirigir à frente do templo durante o culto da tarde e declarar o meu remorso por ter me expressado de forma imprópria e blasfema. Na semana seguinte, tive de usar um papel preso ao peito, com as palavras do salmo: “Guardarei os meus caminhos para não pecar com a minha língua; guardarei a minha boca com uma rédea.” Foi uma situação lastimável, pois os alunos mais novos se sentiram livres para caçoar de mim, mostrando a língua ou relinchando feito cavalos às minhas costas.

Passada uma semana, arranquei o papel do meu corpete e o joguei no fogo que aquecia o forno para o pão da manhã. Vendo-o queimar, disse a mim mesma que deveria livrar o meu coração da amargura que começava a brotar ali. Fiz o melhor que pude para expelir a raiva, a humilhação e, sim, até mesmo o ódio. Eu havia chegado, finalmente, àquela situação: sentia ódio pela pessoa mais próxima a mim. Durante minhas preces, peguei-me reclamando com Deus por ter levado Zuriel e Solace e ter deixado Makepeace. Isso era uma perversidade. Eu sabia. Por isso, tentei visualizar esses pensamentos doentios como algo escrito num pedaço de tecido que pudesse ser queimado, definhando nas chamas e desaparecendo na forma de fumaça. Mas as paixões não são entidades corpóreas das quais possamos nos desfazer com tanta facilidade. As marcas do meu castigo tinham formado crostas secas, por fim. Eu não podia dizer o mesmo das feridas no meu espírito.

Naquela noite, o mestre me chamou para sua câmara. Eu fui, sentindo um peso no coração, e me sentei no banquinho de palha, com as mãos apoiadas no colo e o olhar fixo no desenho do tapete turco. Se, como proclamara o pastor no culto,

“ruidosa é a prostituta”, então eu aprenderia, mais uma vez, a ficar calada.

— A senhorita Anne me contou que você não tem se alimentado. — Senti os olhos azul-claros do mestre pousados sobre mim. — De fato, está com um aspecto emaciado. Isso não vai servir de nada. Esta triste situação já ficou para trás, está encerrada. Acredito que tenha enxergado o seu erro e se arrependido. Não há razão para que continue a se mortificar através do jejum.

Não lhe dei resposta nenhuma.

— Não vai suportar o trabalho se não comer.

Sem erguer os olhos, sussurrei:

— O mestre tem alguma razão para estar insatisfeito com o meu trabalho?

— Não, não, não. Não foi nada disso o que falei. O seu trabalho é bastante satisfatório, diria exemplar, como sempre. Só não gosto de vê-la tão deprimida. Não consegue deixar este caso para trás?

Continuei a fitar o chão. Quando ele viu que não conseguiria me fazer comentar sobre a questão, mudou de assunto.

— Como acha que ela está se saindo, a senhorita índia?

Dei de ombros.

— Os dois rapazes, Caleb e Joel, decidiram formar amizade com ela. Não vejo nenhum mal nisso. Você os conhece bem: acredita que sejam inteiramente honrados?

Fiz que sim. Ele esperou por mais algum comentário meu, mas não fiz nenhum.

— Ela parece menos tímida com eles, ao menos. Acha que ela está contente aqui?

Respondi abrindo as mãos sobre o meu colo. Eu poderia ter falado muito sobre o assunto, em outro momento. Parecia a mim que Anne havia florescido sob a tutela de Joel e Caleb. Ela já não mais tremia por qualquer motivo, e até parecia dormir mais tranquila à noite. Mas mantive a boca fechada, teimosa. Se o silêncio era o que se exigia de uma mulher, eu lhes daria o meu.

O mestre ficou em pé de súbito e cruzou a curta distância até a janela que dava para a Crooked Street.

— Assim não está bom, percebe? Não está nada bom. Eu passei a confiar em você, e agora, devido a essa questão com seu irmão... você não fala comigo. Nem sequer olha para mim. E está a caminho de adoecer, por seus próprios atos. Como é que vamos prosseguir?

O mestre então se virou, torcendo suas mãos marcadas por veias azuis e salientes.

— Devo entender que você não quer se casar com esse rapaz, esse ilhéu: Merry, não é mesmo?

Ergui então o olhar, fitando-o nos olhos pela primeira vez.

— Não — sussurrei. — Não quero.

— Há algo de errado com o homem? — Sacudi a cabeça. — Então, qual exatamente é a sua objeção? Deve haver algo de errado com ele para que você o rejeite.

— Não há nada de errado com o mestre Merry — falei em voz baixa. — Há muito de errado, na minha opinião, com Makepeace Mayfield, que está disposto a comprar e vender sua irmã como se fosse uma porca.

— Bem. É. Percebo. Mas você sabe, certamente deve perceber, que você não pode usurpar a autoridade daqueles que ficaram responsáveis por você. — O mestre Corlett se sentou outra vez à escrivaninha e se pôs a manusear as penas que eu havia consertado para ele. — Muito lamentável, toda a situação. O seu tutor, o seu tão estimado avô, ele apoia o seu irmão neste caso. Portanto, mesmo que fôssemos, como eu poderia fazer, sendo seu professor, fôssemos levantar... a questão do discernimento do seu irmão, fôssemos questionar a maturidade dele, por assim dizer... ainda restaria o seu avô. Pense na questão desta forma: eu não quero libertá-la da sua servidão, e você, ao que parece, não quer ser liberta. Não se isso significar se casar com esse homem, embora afirme não ter nenhuma objeção contra ele. Parece-me estranho que prefira trabalhar aqui como serva em vez de aceitar aquilo que, para seu irmão, representa um pretendente muito vantajoso. Mas o que sei eu das mulheres e seus caprichos...?

O mestre Corlett foi tomado por um surto de tosse. Como tantos outros na escola, ele tinha uma umidade no peito que parecia durar todo o inverno. Desejei, mais uma vez, ter à mão as ervas necessárias para fazer um bom expectorante. O mestre Corlett limpou a boca com um lenço. Eu havia costurado alguns para ele, já que os seus estavam manchados e esfarrapados. Pude vê-lo passar o dedo pelo lugar onde eu havia bordado suas iniciais. Seus olhos, quando olhou para mim, estavam cansados e reumosos, e muito tristes.

— Seu irmão me confidenciou que pretende deixar a escola, e assim você ficará aqui, pagando uma dívida que excede a que é devida por seu irmão. Sei perfeitamente que, em termos legais, você está ligada a mim, quer ele complete o ano, quer não. Tampouco sou forçado, por lei, a concordar em vender a servidão de qualquer pessoa. Não desejo ser descortês com seu avô. Mas também não quero deixá-la ir, sobretudo ao vê-la tão infeliz.

Ele estava claramente angustiado, e não só pela ideia de perder uma boa empregada. Ficou em pé mais uma vez e veio até mim.

— Você é muito querida para mim, sim. É mesmo. Em muito pouco tempo passei a sentir... As nossas conversas, elas me trazem... Não imagino que fosse

considerar... Isto é, eu me pergunto se você teria alguma... — Ele ganhou uma cor pálida, acinzentada. Estendeu uma das mãos, coberta de manchas. Ergueu o meu queixo. — Quero dizer... — As pontas de seus dedos eram enrugadas, sem carne, a pele frouxa, fria e seca. — Eu não sei... não imagino... qual seria a sua opinião diante do prospecto de um outro casamento... com... com...

Fiquei de pé num salto, derrubando o banquinho atrás de mim. Ele não era um homem alto, e de repente nos vimos ali, olhos nos olhos.

— O senhor? — perguntei num arroubo.

Ele pareceu assustado com a minha reação violenta. Correu uma das mãos pela cabeça, alisando o cabelo fino, cor de areia, que cortava a pele manchada de seu couro cabeludo.

— Eu? É claro que não! Minha querida Bethia. Você me entendeu mal. Eu ia dizer, com meu filho. Com meu filho Samuel. Você viu o Samuel durante o culto. Na verdade, eu apresentei vocês, logo depois da sua chegada.

O mestre Corlett endireitou o banquinho e fez um sinal para que eu me sentasse outra vez. Sentei-me, num estado um tanto distraído. Não ouvi nem a metade do que ele disse a seguir. Minha mente estava ocupada evocando Samuel Corlett, estagiário-docente em Harvard, que eu conhecia apenas como uma presença austera ao lado do pai no culto, e bem menos austera, e mais animada, quando o vi de relance, com a beca oscilante, caminhando pelo jardim da universidade com um ou outro dos alunos que o tinham como tutor. Ele não visitava a escola, pois seus afazeres exigiam que estivesse na universidade até tarde. Mas eu sabia que o mestre passava boa parte do Dia do Senhor visitando o filho na universidade.

O mestre estava perguntando a minha idade. Tentei me concentrar outra vez e lhe dei uma resposta:

— Vou fazer dezoito em outubro, mestre.

— Ele tem vinte e seis. Não é nenhuma criança, mas também não é um ancião. Uma diferença considerável de idade não é algo ruim, se as duas partes... Mas estou colocando o carro na frente dos bois. Quando você chegou aqui, o Samuel expressou interesse em conhecê-la. Mas quando falei do assunto com seu irmão, ele me fez acreditar que o seu afeto estaria ligado a esse rapaz da ilha, Merry. Pelo modo como Makepeace apresentou a questão, você já viera para cá comprometida. Foi o que eu disse a Samuel. Mas agora está me dizendo que a situação com Merry é inteiramente diferente da que me foi apresentada por seu irmão... e meu filho ainda... Trocando em miúdos, eu lhe disse hoje que falaria com você. Samuel ficou impressionado com a sua eloquência durante o culto... naquela questão infeliz...

Que estranho. Justamente no momento em que eu tivera de me rebaixar diante

da comunidade, conseguira aumentar a estima que alguém tinha por mim. Quando eu estava lá, fazendo a minha confissão, pensei em como era incrível que, no raro momento em que a voz de uma mulher podia ser ouvida na igreja, era justamente quando estava se execrando.

— Ele é um homem sério, um excelente acadêmico, e o presidente Chauncy o vê com muito bons olhos. E quando lhe contei que você sabia latim... Naturalmente, vou deixar que ele próprio mostre suas qualidades, mas acho que você vai considerá-lo...

A imagem de Samuel Corlett estava ficando mais clara na minha mente conforme o mestre falava. Pensei comigo mesma que ele devia ser parecido com a falecida mãe, pois era muito diferente do pai. Em primeiro lugar, tinha a pele bem mais escura, não como o mestre Corlett, com suas sardas e cabelo loiro, e era ao menos uma cabeça e meia mais alto. Era um homem simples, não belo — tinha quebrado o nariz, talvez em um acidente na infância, e nenhum especialista tinha cuidado da questão. Aquilo lhe marcava o rosto, dando-lhe, à primeira vista, o aspecto de um homem mais grosseiro, e não de um acadêmico refinado. Mas seus olhos desfaziam essa primeira impressão. Eram olhos profundos, bastante escuros, observadores e inteligentes. Pensando nisso, percebi que eu erguera o olhar muitas vezes, durante o culto ou ao passar perto dele no Pasto Comum, e notara aqueles olhos pousados sobre mim. Que mal poderia haver se eu concordasse em encontrá-lo? Revirei a questão na minha cabeça.

O mestre tinha parado de tagarelar. O silêncio se aprofundou.

— Perdoe-me, mestre, por tê-lo entendido mal — falei por fim.

Ele soltou uma risadinha seca. Tinha as mãos apoiadas sobre a mesa à sua frente. Abriu-as e ergueu as sobrancelhas, como que perguntando.

Baixei os olhos e remexi o punho de minha camisa.

— Eu não teria, quer dizer, não tenho nenhuma objeção...

Dentre nós dois, de repente, era eu quem estava confusa e não encontrava as palavras. Respirei fundo.

— O que quero dizer é que seria um prazer receber o seu filho, Samuel Corlett.

Na ocasião, foi Samuel Corlett quem me recebeu. O mestre e eu tínhamos chegado à mesma conclusão, embora nunca a tenhamos mencionado um com o outro. Como era provável que aquele encontro não desse em nada, não havia razão para alertar Makepeace de que o mestre e eu tínhamos conspirado para zombar de sua vontade. Seria melhor, portanto, encontrar Samuel Corlett numa sala da universidade, onde não seríamos vistos nem ouvidos.

Meu irmão havia declarado seu desejo de largar a escola, e esperava apenas receber notícias do marinheiro em cuja chalupa ele já viajara uma vez, junto de uma carga de produtos dirigidos à ilha. Parou de assistir às aulas. Com isso, foi-me mais fácil evitar qualquer contato com ele, exceto os mais superficiais. Quando chegou o Dia do Senhor, encaminhei-me ao templo junto do mestre Corlett e, ao terminar o culto, saí também em sua companhia. Parecia perfeitamente natural acompanhar o mestre numa visita vespertina a seu filho. O tempo estava instável, o que, segundo os locais, era típico das primaveras em Cambridge: uma elevação ab-rupta da temperatura que despertava os sentidos, e então, de repente, a neve voltava. Embora os dias mais cálidos nos trouxessem algum alívio após longo inverno, cada degelo descobria as feias pilhas de lixo da vila, despertando o fedor e fazendo-o competir com a fragrância súbita e evanescente das primeiras flores.

Samuel Corlett estava ocupando um quarto vago na Faculdade dos Índios, que não havia abrigado nenhum aluno nativo até agora. No momento, o edifício era habitado por cinco ou seis alunos ingleses, além de um jovem nipmuc, John Printer, que cuidava da prensa da universidade. Essa prensa — a única do tipo em toda colônia — já ocupara espaço na casa do presidente da universidade, mas o mestre Chauncy tinha muitos ocupantes em sua casa e ficara muito satisfeito em removê-la para o salão da Faculdade dos Índios.

Eu estava curiosa para ver onde Caleb e Joel ficariam hospedados, caso se matriculassem. Era uma bela construção — revelava cada centavo das quatrocentas libras que o prédio custara, segundo o jovem Dudley —, ainda que as paredes de tijolos retivessem o ar frio no interior e que algumas partes ainda

estivessem inacabadas. Quando passamos pelas câmaras e salas, notei que algumas das paredes internas estavam nuas, ainda sem argamassa, e várias das janelas não tinham vidros, estando cobertas com papel encerado.

Subimos pela escadaria central, e Samuel Corlett nos recebeu em seu próprio escritório, que ficava numa sala grande, com uma janela que dava para o jardim em direção ao lado norte do prédio arruinado da universidade, que ele deixara recentemente.

— Eu não poderia ter recebido a senhorita com qualquer grau de conforto no outro prédio — disse Samuel. — Mas é claro que não posso me acomodar demais neste lugar.

O pai de Samuel sorriu.

— Não pode mesmo. Vai ser posto para fora em breve pelos meus dois jovens profetas, Caleb e Joel. Quando eles se matricularem, você terá que deixar estas salas para o tutor que Chauncy escolher para eles.

— E então terei de me apertar outra vez nos caixotes que chamam de quartos no edifício antigo — respondeu o filho. — Mas aceitarei a privação, em nome da causa para a qual este edifício foi construído.

Havia um bom fogo na lareira do escritório, e fiquei feliz em poder tirar minha capa e luvas. Havia duas grandes prateleiras de livros, cheias, e muitos outros volumes empilhados pelo chão. Também havia um armário de curiosidades que me chamou atenção, pois estava repleto de esqueletos de várias criaturas pequenas e jarros de órgãos conservados. Samuel Corlett notou que eu estava examinando aqueles objetos.

— Espero que não fique com nojo.

— De maneira nenhuma — respondi. — Tenho muito interesse nas ciências naturais, embora nunca tenha podido estudá-las formalmente. Perdoe por perguntar de forma tão direta, mas, pelo que entendi, o senhor está cursando teologia, e não fisiologia?

Samuel riu.

— Exato. Mas às vezes cedo a outras distrações. A leitura é o alimento da mente, mas também gosto de envolver as mãos, junto da mente, no aprendizado. Um jardim botânico, uma oficina mecânica, um laboratório de anatomia como os que eles têm nas universidades da Europa... Um dia, Harvard talvez possa se orgulhar de ter instalações como essas. Eu estudaria fisiologia e teologia, as duas, se pudesse.

— Como os *pawaaw*... — As palavras saíram da minha boca antes que eu conseguisse contê-las.

Samuel riu.

— A senhorita passou tempo demais na sua ilha, entre os selvagens, se pensa que aqueles bruxos sabem algo que preste sobre medicina. Ainda assim, acho que eles demonstram sabedoria quando dizem que a alma tem um papel na saúde do corpo.

Ele rebateu minhas palavras da maneira mais cordial possível; ainda assim, senti que eu estava brincando com fogo e achei melhor não tocar mais num assunto tão delicado. Em certas áreas, eu poderia não causar uma boa impressão. Mudei de assunto da forma mais natural que pude, correndo os olhos pelas prateleiras e comentando sobre o grande número de volumes. Samuel ficou animado.

— É a minha biblioteca pessoal: minha única extravagância.

Ele já me parecera bastante agradável, mas assim que mostrei interesse pelos livros, ficou todo animado, apanhando seus volumes preferidos, contando quando os lera pela primeira vez ou onde os adquirira.

— Admira a poesia, senhorita Mayfield? Então talvez goste disto aqui, escrito pela primeira poetisa da colônia, a irmã de um dos alunos de meu pai.

Colocou um volume fino em minhas mãos. Era *A decimal musa*, de Anne Bradstreet. Exclamei e disse o quanto a admirava.

— Como foi que o trabalho dela acabou por chegar até a senhorita, lá fora na ilha?

— É uma boa pergunta — respondi, sorrindo. — Os mercadores que cruzam o canal não estão inclinados a incluir a poesia em sua carga de víveres essenciais. Mas, na minha opinião, qualquer pessoa que tenha a sorte de entrar em contato com ela logo passará a considerá-la uma necessidade.

Eu estivera olhando para o livro em minhas mãos e, quando ergui os olhos, fiquei impressionada com a transformação no rosto de Samuel. Ele tinha uma expressão mais relaxada, mas seu olhar parecia mais intenso.

— De qualquer forma, descobri estes poemas por mero acaso. Alguém havia usado a página de um panfleto para embrulhar uma garrafa. Sempre tive o hábito de examinar qualquer pedaço de papel que viesse até nós: o senhor deve imaginar que as notícias, na ilha, são escassas e muito estimadas; e aquela página acabou por se revelar um tesouro valioso. Um dos poemas da senhorita Bradstreet, sobre a falecida rainha Elizabeth, estava impresso ali. Não imagina, senhor Corlett, como fiquei emocionada em saber que uma mulher podia escrever e publicar poesia, e uma poesia como aquela! E uma mulher como aquela: uma filha devota e irrepreensível, esposa e mãe estimada. Minha querida mãe também admirou seu trabalho, quando o mostrei a ela, e pediu ao meu pai que buscasse outros poemas da senhorita Bradstreet para mim.

Fechei os olhos, e as palavras que eu havia memorizado me vieram à mente com facilidade:

— Tem valor a mulher? — pergunto eu.
Ou teve, e com a Rainha se perdeu?
Dizer que em nosso sexo não há razão,
Hoje é calúnia, ontem, traição.

Aqueles versos sempre me faziam sorrir, e quando abri os olhos, os dois Corlett me encaravam. Corei de leve. Mas, então, Samuel também sorriu. Tinha os dentes tão tortos quanto o nariz, mas o efeito não era desagradável, pois seus olhos estavam cheios de vida naquelas órbitas profundas.

— Esse é um dos poemas de Bradstreet que mais admiro — disse Samuel. — É uma mulher corajosa, não acha? Vai direto ao ponto: uma mulher como exemplo para os homens. — Samuel estendeu a mão para apanhar o livro e achou a página que buscava com facilidade. — Aqui está: Elizabeth é um “modelo para os reis”. Uma rara inversão da realidade presente em que vivemos. Mas imagino que a senhorita preferiria essa outra realidade?

Samuel tinha um olhar sério agora, e eu não quis dar a resposta errada. Senti-me como um dos alunos que ele tutorava e gostei da ideia. Como seria ter um marido que se esforçasse para estimular meu pensamento, com quem eu pudesse, ao longo de meses e anos de companheirismo, poli-lo e refiná-lo? Seria realmente uma vida interessante. Pensei na referência feita por Caleb, na praia — parecia ter sido um século atrás —, sobre Prometeu roubando o fogo. Com um marido assim, eu também poderia roubar o aprendizado. Pensei na alternativa: fingir interesse enquanto meu marido expunha as condições do pasto ou as virtudes de uma certa pedra para o moinho, a dificuldade de ter acesso a um livro — qualquer livro — e a solidão de desejar explorar suas ideias profundas e não ter ninguém com quem compartilhá-las.

— Não desejo uma inversão, senhor Corlett. Mas este mesmo volume que tenho nas mãos talvez demonstre o fato de que as mulheres podem às vezes se colocar ao lado dos homens, e não sempre atrás deles.

O Corlett mais velho ergueu as sobrancelhas ao ouvir isso, mas seu filho assentiu com a cabeça, pensando no assunto.

— Bem-dito, mas um corpo só pode ter uma cabeça, não é verdade?

— É verdade. Mas se o senhor está falando de casamento e da administração de um lar — neste momento senti meu rosto corar outra vez —, é possível que duas

cabeças pensem melhor que uma diante das dificuldades de criar e sustentar uma família devota.

Samuel riu ao ouvir minhas palavras.

— A sua própria inteligência demonstra esse fato com a maior clareza, senhorita Mayfield.

Ansiosa por passar a um terreno mais seguro, mudei então de assunto, perguntando sobre a universidade e a função de Samuel ali. Ele me explicou o currículo de estudos, falando carinhosamente dos alunos que tutorava.

— É claro que o mestre Chauncy dá todas as aulas. Minha função é debater com os alunos e examinar o quanto assimilaram do que lhes foi ensinado.

Cada turma de calouros recebia um tutor, que os acompanhava ao longo dos anos. A turma do mestre Corlett era formada por alunos que entrariam em seu último ano no próximo outono. Era uma turma bastante ilustre, que continha três dos filhos do presidente Chauncy — um par de gêmeos e um irmão mais velho, que haviam todos se matriculado juntos. John Bellingham, o filho do governador, também fazia parte da turma, além de um Weld da família do mestre de Roxbury e vários filhos de pastores. Mas Samuel Corlett dedicou suas melhores palavras a outros dois rapazes que ele tutorava. Um deles, o jovem John Parker, era filho de um açougueiro, e pagava suas taxas com cortes de carne e tiras de bacon.

— Ele talvez não tenha nascido um “filho de profeta”, como os rapazes gostam de se chamar por aqui — disse Corlett —, mas tem feito um esforço prodigioso para aprender.

O outro era John Whiting, um jovem sonhador “tão alheio às preocupações temporais” que frequentemente chegava para assistir às aulas com os pés dos sapatos trocados.

E assim a conversa seguiu agradável durante uma hora. Quando nos levantamos para sair, o pai seguiu um pouco à frente, enquanto o filho me ajudava com a minha capa.

— Tenho certeza de que irá gostar de visitar a biblioteca da universidade: os livros de John Harvard, como sabe, formam o núcleo da coleção, mas tivemos muitos acréscimos interessantes depois de seu generoso legado. O presidente Chauncy certamente não teria objeções se eu lhe mostrasse a biblioteca, num momento conveniente.

Respondi que seria um enorme prazer, em qualquer momento em que eu pudesse ser liberada do meu trabalho. Assim que disse essas palavras, arrependi-me delas. Eu não queria lembrar Samuel Corlett de que era uma mera serva. Ele pareceu notar meu desconforto. Ao me passar as luvas, tomou minha mão entre as suas.

— Que caminhos tortuosos o destino traça para nós, não é mesmo? O luto foi a correnteza infeliz que jogou a senhorita em direção a um porto indesejado. Mas aqui, talvez, esteja a nau que a levará além, para o lugar aonde sempre quis ir.

Eu estivera fitando seus olhos negros, mas desviei o olhar nesse momento. Aquele discursinho formal tinha um certo ranço, como se o tivesse preparado antes do nosso encontro. Ele estava avançando rápido, rápido demais, talvez. Seria possível que um homem estivesse tão convicto do que desejava, como este parecia estar, com base em uma interação tão superficial?

Na curta caminhada para casa, e depois, enquanto preparava a ceia, ponderei o assunto e tentei organizar meus sentimentos: um prazer intenso naquela conversa, uma inegável atração mental, a sensação desconhecida de ser admirada de uma forma muito particular. Makepeace gostava de afirmar que Noah Merry sonhava acordado comigo, e o rapaz certamente me procurava e parecia gostar da minha companhia. Mas eu nunca sentira algo de sua parte como a sensação de atenção decidida que emanava de Samuel Corlett. Os dois tinham qualidades completamente distintas. Noah Merry era como um cachorrinho, todo entusiasmado, disposto a lambe qualquer mão amiga. Samuel Corlett era mais como um cão pastor, sábio e velho, com a cabeça bem-postada sobre as patas, os olhos atentos a cada movimento de seu dono.

Como esse cão, ele demonstrou estar dedicado à sua missão. Na manhã seguinte, quando os garotos estavam debruçados sobre suas lousas na sala de aula, ouvi uma batida muito leve na porta da cozinha. Levantei o trinco e ali estava ele, alto e escuro, com a beca lhe pendendo dos ombros feito a túnica do Cavaleiro Negro no velho conto. Tinha as mãos cheias de ramos de macieiras em flor. Ergueu um ramo acima da minha cabeça e o sacudiu, fazendo as pétalas caírem sobre mim, libertando um aroma inebriante que trazia a promessa da primavera. Enquanto eu ria de prazer, ele colocou os ramos em meus braços, e então, de dentro da beca, retirou o livro de Bradstreet.

— É um presente — disse. — A senhorita Bradstreet lhe pertence: as duas são espíritos afins do mesmo sexo.

— Mas eu não posso... É muito...

Samuel ergueu a mão para me interromper. Já estava retrocedendo pela porta. Ele sorriu — aquele sorriso torto, com pequenas rugas.

— Meu presente não é inteiramente generoso. Guardo esperança de que o livro possa, em breve, voltar para debaixo de meu teto. — E então deu meia-volta e se afastou em passos largos em direção à universidade.

Fechei a porta e me apoiei nela. Anne estava sentada de costas para mim, com os olhos baixos, fingindo um grande interesse no livro de Tully. Mas quando voltei

à mesa para colocar os ramos na pia, vi que ela estava se esforçando para conter um sorriso.

Anne deve ter dito algo a Caleb — ela passava bastante tempo com ele, e com Joel. O mestre, que não estava disposto a tê-la nas aulas gerais, permitiu que os três se encontrassem em pequenos seminários, para praticar debates. Durante todo dia, senti-me observada por Caleb, que tinha um olhar de indagação. Eu queria falar com ele. Caleb era a única pessoa a quem eu poderia revelar o tumulto que havia em meu coração e de quem poderia esperar algum conselho razoável. No entanto, isso não parecia possível, pois não nos encontrávamos sozinhos em nenhum momento do dia. Mas então o ouvi implorar a permissão do mestre para fazerem seu seminário ao ar livre, pois o tempo estava agradável. Caleb argumentou que o ar e o exercício fariam bem a todos, e eles poderiam muito bem debater enquanto caminhavam. Quando o mestre concordou, Caleb se virou e, como que pensando duas vezes, perguntou se eu também podia ir, como acompanhante de Anne.

— Sim, é claro. Seria muito adequado... — O mestre olhou para mim. — Desde que você, Bethia, não se importe em dedicar um pouco de seu tempo a isso.

E assim saímos. Logo que deixamos a Crooked Street, Joel e Anne aceleraram o passo, como se houvessem combinado, de modo que Caleb e eu ficamos um pouco para trás, o suficiente para termos uma conversa privada. Caleb, como sempre, foi bastante direto.

— A Anne disse que você tem um pretendente. Disse que ele quase pediu você em casamento esta manhã.

Virei-me de frente para Caleb.

— É verdade. Acredito que irá pedir, formalmente, na primeira oportunidade. Não sei o que responder.

— Casamento é uma escolha pesada para uma mulher inglesa.

— Por que você coloca a coisa dessa maneira? Não é para qualquer mulher?

— Não, não para as nossas. Uma *squa* não deixa de ser uma pessoa, nas nossas leis, só porque arrumou um marido. Na maioria das vezes, é ele quem vai morar com a família dela, e não o contrário, por isso a condição diária da mulher muda pouco. E se, mais tarde, ela quiser deixá-lo e se casar com outro, isso pode ser resolvido com uma conversa.

— Pode ser — falei, um pouco ressentida. — Mas o marido que eu escolher não vai arrumar uma segunda mulher, ou uma terceira, como ouvi falar que acontece entre o seu povo pagão.

Caleb deu de ombros, e caminhamos mais um pouco. Ele então perguntou:

— O que o seu coração lhe diz sobre esse filho do mestre Corlett?

— Parece dizer que sim. Mas não sei ao certo se é um verdadeiro sim para Samuel Corlett ou um não para um destino forçado com outro. Caleb, eu não tenho muita experiência em fazer escolhas próprias. Tudo bem, escolhi vir para cá, mas foi um ato de dever, e eu pensei que a vontade de Deus residia aí. Parecia ser a coisa mais devota a fazer. Este casamento... Não sei muito bem o que Deus quer de mim neste caso.

— Isso é... Como foi que aprendemos que os gregos chamam? *Húbris*? Pensarmos que podemos saber a vontade de Deus. A melhor pergunta, a única pergunta nesse caso, é: o que você quer, Bethia?

Ninguém jamais me perguntara isso. O que eu queria? Eu queria a minha antiga vida, antes de todas as perdas. Eu queria a minha mãe, para me guiar nesse momento, pois só uma mãe amorosa pode orientar uma filha numa questão como essa. Eu queria ser Olhos de Tormenta outra vez, deixando a Bethia obediente para trás, livrando-me dela feito uma túnica jogada na areia, amassada.

O que eu realmente queria — Zuriel ao meu lado, Solace em meus braços — não podia ter. Mas não revelei esses pensamentos a Caleb. Em vez disso, abri meu coração para ele em fragmentos tortuosos, falando da escolha que parecia estar agora à minha frente. Meus pensamentos eram pura confusão, eram cacos malformados. Caleb extraiu esses pensamentos de mim aos poucos, sondando-me com uma pergunta aqui e uma observação ali. Quando eu já havia colocado tudo para fora, ele reordenou minhas ideias e as enunciou para mim com mais clareza, exatamente do modo como o mestre guiava seus pupilos para reunir seus argumentos num debate. Só então pude entender o seguinte:

A escolha posta diante de mim, ao que parecia, era entre um casamento com Noah Merry ou com Samuel Corlett. Com um deles viria a ilha: suas belezas, toda a sua abundância. Eu viveria uma vida simples num lugar onde tudo à minha volta me era querido. A menos que os anos provocassem raras mudanças nele, eu teria em Merry um marido de temperamento dócil e modos agradáveis. Seria uma vida sem nenhuma carência: uma boa casa, uma fazenda rica, um moinho próspero. Eu poderia ser útil ali — aquela mulher virtuosa do *eshet chayil* —, útil para o meu lar, e também, quem sabe, para o povo Takemmy. Com o tempo, poderia começar a dar aulas a seus filhos, até mesmo lhes apresentar o Evangelho, se o *sonquem* permitisse. Se eu escolhesse Merry, meu avô ficaria satisfeito, e eu não causaria uma ruptura com Makepeace. Essa última consideração — percebi, um tanto surpresa — não era insignificante para mim, mesmo depois de ter sido usada e maltratada por ele.

Se, por outro lado, eu escolhesse Samuel Corlett, seria obrigada a segui-lo e me acomodar onde quer que seu trabalho o levasse, mesmo que isso significasse

atravessar o mar para chegar a uma universidade na Inglaterra ou a algum lugar estranho e impensável como Pádua, para onde os graduados de Harvard acabavam por se dirigir de vez em quando. O mais provável é que eu levasse uma vida junto aos pântanos desagradáveis na amontoada vila de Cambridge, sob o jugo da colônia da Baía de Massachusetts, numa comunidade mais dura e intolerante que aquela na qual eu fora criada. Alimentar uma família com o salário escasso de um acadêmico seria levar uma vida frugal e cheia de carências. Mas estaria casada com um homem cuja mente eu poderia admirar. Eu viveria entre livros, pensadores e conversas que me estimulariam, e a cada dia teria a dádiva de aprender algo novo. Numa vida assim, eu poderia ser útil para os jovens alunos — uma presença feminina para rapazes como Caleb e Joel, afastados de suas famílias. Poderia estar perto de Caleb, ajudá-lo com as dificuldades que ele certamente enfrentaria nos próximos anos, quando entrasse na universidade. Com o tempo, talvez, poderia até fazer com que Samuel se interessasse em tutorar os índios — ajudar a fortalecer a reputação da Faculdade dos Índios seria uma grande conquista, enviando, a cada ano, nossos novos profetas para a selva. Em vez de ajudar um pequeno povoado indígena, desse modo eu poderia ajudar muitos. Ou então, quem sabe, Samuel até tomasse o púlpito entre os índios; ele talvez — sonhar não custa nada, afinal — concordasse em continuar o trabalho do meu pai, na ilha. E ainda que o ato de escolher Samuel pudesse inicialmente parecer uma atitude mais rebelde, eu tinha certeza de que o meu avô acabaria por enxergar as vantagens de Samuel como marido e, com o tempo, faria com que Makepeace aceitasse a minha escolha.

Quando Caleb terminou de me ajudar a organizar meus pensamentos do modo como os expus aqui, virou-se para mim:

— Você diz isto e aquilo, e todos os pontos são importantes, à sua maneira. Mas fala muito mais da vida que terá do que do homem com quem a terá. Há um ponto importante que você não revelou. Não precisa me dizer, basta pensá-lo consigo mesma: qual homem faz seu coração bater mais forte?

Não respondi, mas no exato momento em que ele fez a pergunta, a verdade sobre o assunto brotou em meu âmago. Senti o sangue subir pelo meu pescoço e formigar na minha cabeça. Existem algumas perguntas que podem ser respondidas e outras que não. E algumas que jamais devemos fazer, nem para nós mesmos.

Ergui a mão e ajeitei o meu chapéu, puxando a aba para a frente para esconder o meu rosto vermelho. E então acelerei o passo para alcançar Anne e Joel.

E agora estou sentada aqui à mesa de madeira, vendo Anne se remexer em seu sono. A casa range e se sacode. O chão reclama quando um garoto se levanta, no sótão, para se aliviar num pinico. Lá fora, um gato uiva. O mestre me disse hoje

que Samuel Corlett pretende falar comigo amanhã, e que eu deveria estar preparada para recebê-lo sozinha.

A vela derrete. Estendo a mão e toco a poça de cera. Ela endurece na ponta do meu dedo e eu a descasco, vendo as espirais impressas ali. Dizem que o dedo de cada pessoa tem um desenho único, mas como podem saber algo assim sem terem feito impressões dos dedos de todas as pessoas? Não faço ideia. Os feiticeiros e consortes do demônio dizem ainda que conseguem ler o destino de uma pessoa segundo as marcas em sua mão. Esta noite, eu realmente desejaria que isso fosse verdade. Eu saberia o meu destino.

Bethia Merry. Bethia Corlett. Eu, Bethia Mayfield, devo fazer essa escolha. Provavelmente a última escolha que será inteiramente minha. O pavio afunda na cera derretida e a chama fraqueja.

Terei que tomar a decisão no escuro.

Dizer que não dormi naquela noite seria uma falsidade. Dormi bem. Estava tão cansada naquela época que nem mesmo a maior inquietação mental conseguiria me manter desperta.

De manhã, examinei meu rosto na pia e me surpreendi com o fato de que tais especulações pudessem ter me mantido acordada por tanto tempo. A ideia de que algum homem quisesse se casar comigo, esquelética e desmazelada como eu estava, com os olhos afundados no rosto, desafiava a razão. Confesso que me dediquei mais que de costume a ajeitar a minha pessoa naquela manhã, vestindo um gorro limpo e fazendo o possível para cortar e limpar as unhas, que estavam em estado lastimável.

Como esperado, Samuel Corlett se apresentou enquanto seus alunos assistiam à aula da manhã do presidente Chauncy. Contou que conseguira a permissão do presidente para me mostrar a biblioteca de John Harvard, se eu desejasse vê-la, enquanto os alunos estavam ocupados no grande salão.

Ajudou-me a vestir minha capa e caminhamos pela curta distância até a velha universidade, na qual eu jamais entrara. Como já falei, era um edifício belíssimo, apesar do estado de conservação. Entramos por uma ampla porta de carvalho. À nossa frente erguia-se uma escadaria larga, e Samuel indicou que deveríamos subir, pois a biblioteca ficava no segundo andar, nos fundos do prédio. Para chegar até ela, teríamos que passar pelas câmaras dos alunos. Samuel abriu a porta para me mostrar uma delas. Era um quarto grande, com quatro camas, abaixo das quais havia outros estrados. A luz vazava pelas janelas, cujas molduras tinham a forma de losangos; em cada ângulo do quarto havia pequenos armários.

— São oito garotos por quarto — explicou Samuel. — Tentamos colocar um aluno mais velho ou um tutor em cada quarto, para manter os mais novos em ordem. — Samuel sorriu. — Mas nem sempre conseguimos, como a senhorita poderá ver aqui.

Conduziu-me então para um segundo quarto, um espaço longo que ficava acima do grande salão abaixo.

— Este é o dormitório dos calouros.

Um vidraceiro consertava umas vidraças estilhaçadas.

— Um bom dia para você, primo Ephriam — disse Samuel.

— Um bom dia para você, primo. Para mim é sempre um bom dia quando seus garotos saem do controle!

— Meu primo, Goodman Cutter, consegue bastante trabalho aqui na universidade, lamento dizer. Os garotos *sempre* transferem seu ânimo para as vidraças, por mais que saibam que vai lhes custar caro quando forem pegos. Filhos de profetas, sei! — Samuel fechou a porta sacudindo a cabeça.

— Mas como podemos saber — falei, brincando — se os filhos de Amós e Elias também não eram travessos como estes? Afinal, nem todo rapaz da Bíblia tem um caráter imaculado. Veja só Caim, ou os irmãos de José... O que são uma ou duas janelas quebradas perto disso?

— Muito bem-dito — respondeu Samuel. — Eles são garotos, afinal, antes de serem acadêmicos. E alguns deles vêm para cá muito novos. Para além de patinarem nos lagos durante o inverno, temo que executem muito pouca atividade com o corpo. É sempre a mente que exercitamos aqui. Eles ficam muito enclausurados e confinados; é contra sua natureza passar tanto tempo debruçados sobre livros a cada dia. E, falando em livros...

Samuel abriu outra porta — pesada, de carvalho —, revelando a biblioteca. Era a sala mais linda que eu já vira. Havia uma fileira de atris, cuja madeira polida brilhava sob a luz forte que entrava no cômodo. Sobre cada atril havia uma pilha de volumes. Havia outros atris na parede dos fundos, também repletos de livros. Eu nunca vira tantos livros juntos.

— Foi construída à semelhança das bibliotecas da Universidade de Cambridge, de onde vieram nossos dois presidentes. Como já lhe contei, o legado original de John Harvard trouxe cerca de quatrocentos dos livros que a senhorita vê aqui — disse Samuel. — E agora temos duas ou três vezes esse número.

As frases de Samuel vinham todas amontoadas. De súbito, ele parecia bastante tenso, enchendo o ar com um emaranhado de palavras e fatos que claramente estavam distantes dos pensamentos que tomavam sua mente. Fiz os comentários mais inteligentes que pude, embora meus pensamentos também estivessem em outra parte.

— John Harvard ficaria satisfeito se soubesse o quanto seu presente cresceu — falei.

O ar naquela sala tinha um agradável aroma de biscoito, como uma crosta bem assada logo que é retirada do forno. Corri a mão pelas lombadas de couro. Cícero, Isócrates, Virgílio, Ovídio. Lutero, Aquino, Bacon, Calvino. Ter a liberdade de

entrar numa sala como aquela já seria uma forma de educação.

— Os alunos devem ficar felizes em passar as horas aqui — falei.

— Ah, nós geralmente não abrimos a biblioteca para *eles*. Os alunos devem comprar os livros de que precisam para seus cursos. Estes são para os graduados, como eu: os que buscamos títulos mais altos. A coleção é rica, como a senhorita pode ver, em trabalhos de teologia e filosofia, mas é mais pobre em livros de medicina e direito. O presidente Dunster não conseguiu obter dinheiro para esses livros, pois os nossos doadores estão mais interessados em cunhar teólogos. Acho que o presidente Chauncy terá a mesma sorte. Ainda assim, acredito fortemente que tais estudos deveriam ser incluídos entre as profissões, e ensinados com mais rigor aqui.

— Por mais deficiências que o senhor veja, tenho a impressão de que o que há aqui dentro já é suficiente para passarmos uma vida inteira. É uma pena que os alunos mais novos não possam entrar, como o senhor diz. Por que precisam esperar quatro anos para ter acesso a estes tesouros?

Samuel deu de ombros e não respondeu. De súbito, parecia cansado de desempenhar o papel de guia e interlocutor. Caminhou até a janela e ficou olhando para fora, como se algo no jardim abaixo precisasse de sua atenção plena. Um silêncio se prolongou pela sala. Para encobrir o meu embaraço, apanhei uma bela edição de Plutarco. Ouvi sons subindo pela escadaria: alguém batia insistentemente na porta da universidade. Mas aqui, na biblioteca, só o farfalhar das folhas sendo passadas rompia o silêncio.

Samuel se manteve de costas para mim. Suas mãos, que ele mantinha firmes atrás das costas, se apertavam e soltavam. Apoiei o livro no atril. Era um volume pesado, e pousou ali com um ruído seco. Samuel não se virou.

— Acho que a senhorita já deve ter formado uma ideia — disse por fim — da grande estima que lhe guardo.

Chegamos enfim ao ponto. Respirei fundo. O silêncio na sala se alongou. Como ele não disse nada, fui forçada a fazê-lo.

— Não tenho certeza... — comecei, mas minha voz fraquejou. Tossi um pouco, para limpar a garganta, e tentei outra vez. — Isto é, embora eu fique grata com a boa opinião que tem de mim, não percebo como foi que a mereci. Até a semana passada, o senhor só ouvira a minha voz uma única vez, no culto, execrando-me.

Samuel se virou então, com um sorriso leve nos lábios.

— Mas a senhorita o fez com tanta eloquência. Quem não ficaria tocado com aquilo?

— Acho que o seu pastor não ficaria muito contente em saber disso. A confissão como um rito de galanteio. Não, acho que ele não ficaria nem um pouco satisfeito.

— Não estou nem aí para meu pastor! É a senhorita, Bethia, que eu quero satisfazer. Posso fazê-lo? Aceita-me?

Por mais preparada que eu estivesse, aquilo foi rápido demais. Sentei-me no banco do atril e me esforcei em manter a compostura.

— Eu sei que isto é ab-rupto. Eu não teria me apressado tanto nesta corte se a necessidade não o exigisse. E devo lhe dizer, com toda a sinceridade, que não tenho nada nas mãos para lhe oferecer. Meu salário são míseras doze libras por ano, e não consegui economizar nem um tostão. Meu pai é um homem pobre. A escola é tudo o que ele tem, e mal consegue viver dela, como a senhorita sabe melhor que ninguém. Aquele homem que encontramos logo agora, o vidraceiro, é o filho do irmão de minha falecida mãe. Portanto, pode ver que a linhagem à qual peço que se ligue é bastante humilde.

Agora ele caminhava, inquieto, de um lado para o outro entre as fileiras de livros. A sala estava bastante silenciosa, exceto pelo ranger de suas botas. Mas lá embaixo, ouvi o som de vozes exaltadas.

— Devo lhe dizer mais uma coisa — disse Samuel. — Ainda que a senhorita concordasse em fazer de mim o mais feliz dos homens, não poderíamos nos casar imediatamente. Ofereço apenas um noivado, pois quando um tutor passa ao estado casado, seu cargo na universidade fica vago *ipso facto*. Preciso cumprir meus deveres, os rapazes que supervisionei pelos últimos três anos, até que eles completem seu último ano. Neste momento, vou fazer o meu mestrado. Depois disso, pretendo ir a Pádua, se puder, para estudar medicina, mas ainda não sei como conseguirei os meios para fazê-lo. Espero conseguir trabalho numa escola enquanto não puder tomar o púlpito.

Ele então se ajoelhou, e seus olhos ficaram à altura dos meus, sentada no banco. Apanhou a minha mão.

— A senhorita me aceita, Bethia, nesses termos?

Enquanto ele falava, senti o sangue martelar as minhas têmporas. Esforçando-me para formar uma resposta, as vozes que subiam do salão abaixo ficaram mais altas. Então ouvimos o som de botas subindo apressadamente as escadas. A maçaneta foi sacudida e a porta se abriu. Samuel Corlett soltou minha mão e ficou de pé num salto. Um aluno, vermelho e ofegante, quase tombou para dentro da sala. Caleb estava atrás dele, e seu rosto, que geralmente mantinha uma expressão impassível, estava contorcido por uma emoção incontida.

— Perdoe-me, tutor — gaguejou o rapaz —, mas este garoto aqui irrompeu pelo prédio, exigindo...

Caleb estendeu um braço firme e tirou o aluno gaguejante de seu caminho, dirigindo-se a Samuel.

— O seu pai me mandou aqui para buscá-lo. — E então olhou para mim. — E você também. A questão é urgente. Venham.

Apressamo-nos atrás dele, saindo da biblioteca e descendo a escada. Caleb, com seus passos longos, logo se afastou à nossa frente, por isso recolhi minha saia e corri, sem me importar com o que Samuel pensaria disso. Entramos pela porta da cozinha. Havia sangue, uma poça reluzente de sangue, no chão.

Um rastro escuro saía da cozinha para o corredor. A voz do mestre, aguda e rachada de emoção, nos chamava do seu quarto.

— Filho? Bethia? Vocês vieram? Venham aqui, rápido.

Vi uma confusão de rostos na sala de aula, todos os olhos fixos na porta fechada do quarto do mestre. Samuel abriu a porta e me empurrou à sua frente, fechando a porta atrás de si. Olhei para trás enquanto a porta era fechada e vi Caleb. Pela primeira vez desde que eu o conhecera, vi lágrimas correndo de seus olhos.

Anne jazia na cama, contorcendo-se, com o rosto tomado de suor e uma expressão de dor. Sua saia estava encharcada de sangue.

— O senhor chamou a parteira? — perguntei, num tom de exigência.

— Parteira?

— Isso. A parteira. Esta menina está claramente tendo um aborto.

— Mas ela... Isso quer dizer...

— Mestre Corlett, mande um garoto buscar a parteira, antes que essa menina sangre... — Eu estava prestes a dizer “até a morte”, mas contive as palavras, vendo o medo no rosto de Anne. Eu já vira aquela cena. Presenciara algo semelhante com meus olhos aterrorizados de menina: mamãe, gritando e agarrando a mesa para se segurar, cambaleando até a cama, deixando um rastro de sangue. A chegada de Goody Branch, os gemidos baixos e as vozes abafadas, uma trouxa ensanguentada sendo levada embora. Fora muito tempo atrás, naquela tarde em que mamãe perdera um bebê malformado pelo qual jamais guardamos luto nem citamos em nossas preces. Mas eu não esquecera nem um detalhe da cena: tudo o que fora dito e feito.

— Mande outro garoto ao boticário para buscar alguma ergotina, caso a parteira não tenha... Me traga alguns lençóis, traga água aquecida da chaleira que está no fogo e um pouco de água fria numa bacia, e, por favor, deixe-me cuidar da menina...

Eu estava ciente das figuras que se moviam atrás de mim e das ordens sendo murmuradas no corredor. Retirei a saia encharcada de Anne e a roupa de baixo e elevei suas pernas com uma almofada. Quando chegaram os lençóis e a bacia de água, usei-os para estancar a hemorragia o melhor possível, e então segurei a mão de Anne quando outro espasmo tomou seu corpo. Fiz uma compressa fria para sua

testa e banhei suas coxas ensanguentadas com água quente. E então rezei.

Quando o menino finalmente encontrou a parteira e a trouxe, os piores espasmos já haviam passado. Envolvi o conteúdo expelido do útero de Anne, que ficou deitada ali, frouxa e ofegante. Sua pele escura ficara branca como gesso. A parteira, que se chamava Goody Marsden, era uma mulher magra e de músculos bem marcados, bastante idosa. Era uma mulher lacônica, ao contrário da amável Goody Branch. Quando ela tirou as luvas, notei que suas unhas não estavam limpas. Ofereci-lhe uma bacia de água quente, que ela mal usou. Examinou Anne de forma bruta, sem falar uma palavra gentil. Quando a menina gritou de dor, sentindo o contato daquelas mãos que pareciam garras, a mulher rugiu:

— Fique calada. Já causou um estardalhaço bastante inadequado.

Então se virou para mim, perguntando se eu saberia calcular quanto sangue ela havia perdido. Respondi que parecia ser uma grande quantidade.

— Esta moça vai precisar de um caldo: um caldo forte, prepare-o bem. E um pouco de vinho aguado, e descanso. Ela não sofreu nenhum ferimento duradouro.

— Soltei um suspiro de alívio ao ouvir isso. A mulher me olhou então com um olhar duro e acrescentou, com os lábios entrecerrados: — No corpo.

Eu estava prestes a seguir para a cozinha para ver o que poderia buscar quando a mulher apoiou a mão ossuda no meu braço e inclinou a cabeça, indicando a trouxa que eu deixara no canto. Apanhei-a e me virei, ficando de costas para a cama para que Anne não pudesse ver. Goody Marsden abriu a toalha e examinou o conteúdo ensanguentado e reluzente por um instante, depois o cobriu outra vez.

— Queime-o — disse. Examinou-me, seus olhos um par de pedras castanhas, duras e brilhantes. — Faça-o você. Diretamente. É melhor assim.

AO FINAL DA TARDE, ARREPENDI-ME de ter seguido suas instruções tão prontamente. Pois àquela altura as línguas já corriam soltas, e a prova que poderia tê-las silenciado não passava de fumaça e cinzas frias. Palavras como “fornicadores selvagens” e “pagãos devassos” passavam de boca em boca, até que os murmúrios se tornaram

uma grande tagarelice e qualquer esperança de que a questão pudesse ser abafada se perdeu.

Quando ouvi dizer que Caleb e Joel eram tidos como suspeitos de terem cometido aquela corrupção com a garota, procurei o mestre e lhe contei o que eu sabia ser verdade. A nossa conversa sobre esse tema indelicado foi o diálogo mais embaraçoso que já tive na vida, ainda mais porque Samuel Corlett estava ao lado do pai. A conversa decorreu na sala de aula, pois Anne ainda ocupava a cama do mestre. O mestre pediu a Makepeace, que ainda morava na escola, que levasse os meninos para o templo e os supervisionasse ali enquanto estudavam; nesse meio-tempo, cuidei dos lençóis ensanguentados o melhor que pude.

Sentei-me no banco, inquieta sob o olhar dos dois, feito um garotinho que fez alguma travessura. Fitei as mãos no meu colo, enrugadas pelo esforço de lavar os lençóis, enquanto apresentava a minha versão.

— Tem certeza? — perguntou o mestre Corlett. Senti os olhos dele, e do filho, examinando-me com seriedade. — Eu sei que você tem estima por esses rapazes. Poderia tentar protegê-los para defender o legado de seu pai, que foi o primeiro preceptor deles...

Eu o interrompi, talvez de forma indelicada, mas havia muito em jogo.

— Mestre, o estado do que saiu da menina não deixa dúvida. Ela já estava grávida quando veio para cá. Tenho certeza.

Ainda assim, pensei na cintura esguia que balançava à minha frente no dia em que ela se afastou de mim naquela primeira manhã. Outras pessoas poderiam lembrar o mesmo e ter suas dúvidas. Ela engordara um pouco desde então, mas eu pensara que ela estava apenas se alimentando melhor, por estar mais calma. Ainda assim, a criaturinha que eu jogara ao fogo naquela tarde era maior que meu punho, e estava inteiramente formada. Eu já havia passado bastantes horas com Goody Branch para saber que um bebê no útero não ganhava uma forma tão humana a menos que já estivesse ali havia quatro, ou até cinco meses.

— É impossível que Caleb ou Joel, ou qualquer outro homem nesta escola — enunciei esta última parte de forma clara e lenta, para que ele entendesse que a suspeita não poderia recair apenas sobre os dois índios —, pudesse ter cometido essa devassidão. Além disso, mestre, não podemos suspeitar do pai adotivo de Anne, nem tampouco da polícia, da milícia ou de quem quer que a tenha mantido encarcerada tantos meses atrás. Eu acredito, aliás, tenho certeza, que a garota foi desonrada em algum momento entre um ou dois meses antes de chegar aqui, enquanto estava assistindo às aulas na escola para meninas.

— Mas não é possível. Nessa época ela estava morando com o governador, em sua própria casa...

— Exatamente.

— Bethia, tenha cuidado com o que diz. — Foi Samuel quem falou. — Essa é uma acusação grave.

— Pensa que eu não sei? Não estou dizendo isto de forma leviana, mas é algo que precisa ser dito. Mesmo que sua condição ainda não estivesse evidente, ela já estava grávida quando veio para cá. Não percebe que a reputação de seu pai, e da escola, também estão em jogo, caso as pessoas acreditem falsamente que o pecado ocorreu debaixo deste teto?

— Bem — disse o mestre Corlett, queixando-se —, ninguém poderia me culpar se a luxúria de dois selvagens lascivos venceu a minha capacidade de vigiá-los.

Levantei-me de um salto.

— Mestre Corlett!

A raiva e a repulsa que senti devem ter ficado claramente manifestas em meu rosto, pois ele recuou. Samuel apoiou uma das mãos no ombro do pai, de forma protetora. Fitou-me com um olhar frio, nada satisfeito em ver que eu me dirigira a seu pai, meu amo, daquela maneira. Seus olhos negros brilharam.

— Será que Goody Marsden terá a mesma opinião? — perguntou. — Esperemos que sim, já que a senhorita não é parteira, nem mesmo, ainda, uma... — Ele corou e interrompeu a frase no meio.

— Já que ela viu o que eu vi, não sei como poderia ter uma opinião diferente — falei.

— E quanto à menina? Seu testemunho certamente conta mais que qualquer outra prova. O que ela tem a dizer sobre quem a prostituiu?

— Não sei. Não falei com ela. Achei melhor deixá-la descansar, em vez de afligi-la, em seu sofrimento, com um tema tão difícil.

— Se é como a senhorita diz, ela não vai confessar. — A voz de Samuel estava tão fria quanto seus olhos.

— Por que o senhor diz isso?

— A senhorita diz que ela é inteligente. Muito bem. Saberá que não é conveniente trazer o escândalo para a casa de uma pessoa tão poderosa.

Seu julgamento se mostrou correto. Anne não quis mencionar o nome do homem que a violara, nem para mim, nem para qualquer outra pessoa, nem mesmo quando o mestre, com as mãos trêmulas e a cabeça agitada, disse-lhe que se não o fizesse, a questão certamente seria tratada pelo Tribunal Geral, e assim que ela pudesse se levantar, seria chamada para comparecer e ser pressionada por aqueles homens severos.

— Pode estar certa de que eles vão descobrir a verdade, mesmo que julguem necessário açoitá-la para tal. Eles não terão escrúpulos, se continuar obstinada

dessa maneira. Vão lhe arrancar a verdade, custe o que custar.

Ao ouvir isso, Anne apenas enterrou a cabeça no travesseiro e soluçou tão forte que toda a cama sacudiu.

Samuel Corlett retornou às suas obrigações na universidade enquanto eu ainda estava com Anne, tentando em vão confortar as convulsões causadas pelas ameaças insensatas do mestre. Em vez de tomar o caldo de que tanto precisava, ela vomitou a maior parte do que eu já lhe dera. Com isso, perdi a disposição de encontrar Samuel e fiquei aliviada por não termos a oportunidade de dar continuidade à nossa reunião interrompida. Ainda assim, fiquei chocada em ver que ele foi embora sem sequer me dar boa-noite.

Quando finalmente consegui acalmar a pobre menina, fui à cozinha requentar o caldo, que já esfriara bastante. Eu estava lhe servindo um pouco quando Caleb e Joel entraram. Caleb apoiou uma das mãos no meu braço.

— Você sabe o que estão dizendo? — sussurrou. Tinha uma expressão furiosa.

Fiz que sim.

— Eu lhes disse que essa acusação escandalosa não tem fundamento.

— Mas a parteira e você são as únicas que podem falar do assunto. Ela — Caleb inclinou a cabeça na direção do quarto do mestre, a expressão abrandada de súbito pela preocupação com a menina — não quer dizer nada.

— Ela talvez confessasse, para vocês, se lhe disserem que é melhor assim.

Caleb se virou para Joel.

— Como posso fazer isso? — sussurrou Joel.

Suas expressões me disseram então mais do que eu imaginava sobre como estavam as coisas entre eles. Senti uma pontada de ciúmes, que me envergonhou. Por que eles não deveriam ter um laço de afeto com a pobre menina? Desviei os olhos, cuidando da sopa. De repente, parecia indelicado olhar para os rostos dos dois rapazes, que estavam tão reveladores.

— Eles não vão deixá-la em paz — disse Caleb.

— Eu sei.

— Não podemos permitir, Bethia.

— Mas que poder temos nessa questão?

— Temos que tirá-la daqui. Se conseguíssemos levá-la para a ilha, ela poderia desaparecer entre nosso povo e se ver livre do interrogatório, do desprezo e da brutalidade desses homens. — A voz de Caleb começava a se erguer. Virei-me então para ele e levei um dedo aos lábios, para lembrá-lo de onde estávamos.

A ilha sempre fora um refúgio para os wampanoags que fugiam de problemas no continente. De fato, meu próprio avô levava alguns de seus seguidores ingleses quando eles precisaram de alguma espécie de asilo. O calor do caldo chegou até

mim, lembrando-me da tarefa que eu tinha a cumprir.

— Tenho que levar a comida para Anne. Se ela não se alimentar, não vai viver para ser resgatada. Deixem-me pensar. Não podemos fazer nada hoje à noite. Vamos tentar conversar mais sobre este assunto amanhã.

Mas na manhã seguinte, a escola ainda estava de pernas para o ar, perturbada feito um formigueiro pisoteado. Estavam todos irritadiços, com os nervos à flor da pele. Foi ainda pior quando, de madrugada, Anne, gritando num de seus terrores noturnos, acordou toda a casa, agitando-a mais uma vez. O mestre Corlett mal conseguiu fazer com que os garotos se debruçassem sobre os livros, muito menos que prestassem atenção a eles. Os meninos estavam briguentos e inquietos, e uma batida forte na porta os perturbou ainda mais. Meu coração deu um salto, pensando que talvez fosse um oficial do tribunal, já vindo buscar Anne. Em vez disso, em meio a toda aquela perturbação, surgiu a pessoa que eu menos esperava encontrar.

Eu estava com Anne naquele momento — tinha dormido no quarto com ela, ou ao menos tentado —, e o mestre ocupava o meu colchão na cozinha. Mandou um aluno atender a porta.

Quando ouvi a voz conhecida, não pude acreditar, por isso saí para o corredor. Noah Merry, com os cachos selvagens presos num rabo de cavalo, sóbrias roupas de cidade que haviam tomado o lugar das da fazenda, e ao menos uma cabeça mais alto que na última vez em que eu o vira, perguntava pelo mestre. Quando nossos olhos se encontraram, os dois coramos. Ele se encurvou ligeiramente, mas não falamos nada, pois o mestre voltou da sala de aula nesse momento e os dois se retiraram para a cozinha, onde se trancaram para um conversa privada durante o que me pareceu ser um bom tempo. Quando reapareceram, o mestre me chamou e disse que consentira em me liberar por uma hora, depois de servir o lanche dos rapazes, para que eu pudesse passear com Noah Merry.

A princípio, fiquei consternada ao ouvir isso. Mas enquanto servia os meninos, tive um momento para refletir. Seria melhor lhe dar, cara a cara, minhas razões para recusar sua oferta, em vez de enviar um bilhete frio, levado à ilha por Makepeace, que certamente levaria também sabe-se lá que difamações ao meu caráter.

Saímos então, lado a lado, passando em frente às casas apinhadas em seus

terrenos estreitos. Olhei de relance para Merry quando tive a oportunidade. Sua nova altura lhe caía bem, e embora ainda tivesse ares infantis, as feições de homem começavam a surgir na linha da face e da mandíbula. Merry parecia agitado conforme passamos pelo templo e viramos para o norte, seguindo pelo caminho estreito que acompanhava os meandros do córrego da vila. Eu estava curiosíssima para saber se o mestre teria lhe dito algo sobre o estado da situação entre mim e o filho dele. Em meio à reviravolta das últimas horas, nada ficara resolvido. A proposta de Samuel Corlett continuava no ar, não respondida.

Durante um bom tempo, ele me contou notícias das quais qualquer ilhéu falaria, e pelas quais, numa circunstância normal, eu estaria interessadíssima, pois tratavam das pessoas mais próximas a mim. Pelo visto, os desafios à liderança do meu avô estavam crescendo, liderados pela família Alden e seus seguidores, que exigiam ter voz no modo como eram administradas as plantações e escritas as leis. Eles sempre buscavam alguma desculpa para agitar o povoado: a questão das baleias à deriva era um dos problemas, as trapaças na venda de certas terras, outro. Como meu avô, por ser um magistrado, tomava o partido dos índios quando a justiça assim o exigia, os Alden usavam esse fato para agitar a população contra a sua liderança. Merry me assegurou que a causa da família Alden ainda atraía poucos seguidores.

— A maior parte das pessoas está satisfeita em deixar o seu avô a cargo da situação. Não temos o mesmo apetite de Giles Alden para ficar sentados nas reuniões discutindo cada cerca ou cada espiga de milho.

Mas a conversa estava artificial; nossas mentes se voltavam à questão que estava no âmago de nossa preocupação comum. Tínhamos chegado ao cemitério, que marcava a fronteira norte do povoado. Para além dali só havia pastos, atrás dos quais ficava o pântano dos pinheiros, que de longe parecia um bosque. Demos meia-volta, e havíamos quase chegado à delegacia quando Merry interrompeu uma frase no meio e passou a mão pela testa, que estava suando, embora fosse um dia frio.

— Precisei vir aqui pessoalmente — soltou. — Minha consciência não me permitiria fazê-lo de outra forma.

— A sua consciência? — perguntei, intrigada.

— Bethia, se é que posso chamá-la assim, como você bem sabe, há muito tempo nossos pais guardavam o desejo de que nós, você e eu, nos casássemos um dia, e você deve saber, ou acho que deve saber, que por muito tempo esse também foi meu desejo mais ardente...

— Noah, eu...

— Por favor. Isto é difícil para mim. Deixe-me dizer o que tenho a dizer. Em

termos resumidos, o fato é que, desde que você deixou a ilha, meu afeto se voltou gradualmente a outra parte. Meu pai não sabia disso, e vejo agora que foi um erro ter escondido esse fato dentro de mim: eu deveria ter exposto a situação de forma clara desde o início; porém, naquele momento não o fiz, pois a moça em questão é ainda mais nova que você e ainda não tinha idade para noivar. E assim, quando seu avô procurou o meu pai... bem, papai gostou da proposta do seu irmão e a aceitou sem me consultar, pensando que eu ficaria grato em ter, antes que o previsto, aquilo pelo qual aprendera a esperar. Você pode imaginar como me abati quando ele me contou. Foi só então que deixei claro para ele que havia um laço de afeto entre mim e uma outra, e... Bethia, peço desculpas... mas depois que você partiu, e mesmo antes, para ser sincero, eu me permitira ter certas dúvidas, percebe, sobre se você corresponderia a minha estima em algum grau. Eu nunca soube ao certo se você tinha algum apego, ou sentimento, por mim, a não ser o sentimento que temos por um vizinho amigo, e assim, quando Tobia, ou, devo dizer, a filha mais nova da família Talbot...

— Tobia Talbot? Mas isso é maravilhoso, Noah! Desejo sinceramente a maior alegria a vocês dois.

A família Talbot tinha chegado à ilha apenas um ano antes que eu a deixasse, e eu não os conhecia bem. Mas a menina me passara a impressão de ser alegre e talentosa, um ano mais nova que eu, com modos tranquilos e abertos e uma voz adorável, melodiosa, que chamava a atenção no culto, e que também podia ser ouvida às vezes enquanto ela fazia suas tarefas, quando pensava estar sozinha.

Noah interrompeu seu discurso no meio e olhou para mim, com a testa franzida.

— Então você não está... Você não fica...?

— Caro amigo — falei —, só posso ficar encantada por você, e desejo apenas a felicidade aos dois.

Seu rosto, que estivera tomado de preocupação, relaxou de súbito, voltando à expressão amável de sempre. Noah tirou o chapéu da cabeça, jogou-o no ar e o apanhou de volta, curvando-se como um cavalheiro.

— Não sei como lhe dizer o que isto significa para mim — falou. — Cheguei a perder o sono, esperando um navio que me trouxesse aqui, temendo este dia, pensando que iria lhe causar dor. — Noah enfiou então uma das mãos na jaqueta e puxou um rolo de pergaminho. — Agora, ao menos, posso lhe dar isso como um presente, e não, como eu pensava, como pagamento de uma obrigação.

— Obrigação? Você não me deve nada...

Noah colocou o rolo de papel em minhas mãos. Senti a margem irregular. Meu coração bateu mais forte. Abri o rolo, e meus olhos confirmaram o que minhas

mãos já me diziam. Era o meu contrato de servidão. A cópia de Corlett e a do meu avô, ambas.

— Eu... eu não entendo. O que isto significa?

— Significa que você está livre. Nós compramos a sua liberdade. A única condição do mestre para libertar você foi que ficasse na escola durante a preparação para a matrícula. Depois disso, estará livre para partir ou ficar, nos termos que acordarem entre vocês.

Senti aquela velha raiva tomando conta de mim mais uma vez.

— O meu avô forçou você a isto? Ele lhe acusou falsamente de quebrar uma promessa? Não havia razões...

— Nada disso. Fique tranquila, eu lhe peço. Foi minha própria ideia, e meu pai a apoiou de imediato. Foi bastante difícil convencermos o seu avô.

Soltei um riso de escárnio. Merry leu a minha expressão.

— Não, estou falando a verdade. Eu estava lá, na sala. A princípio, seu avô não estava nada disposto a permitir que nós bancássemos essa despesa. Mas nós argumentamos e ele consentiu, com a condição de que ele nos reembolse quando um certo investimento dele maturar. Você sabe que nós somos parceiros de negócios, afinal. O investimento do seu avô em nosso moinho permitiu que comprássemos um novo equipamento que será fabricado na Inglaterra.

Noah continuou então explicando os detalhes sobre as engrenagens, canais e coisas que eu não conseguia imaginar e que não me interessavam nem um pouco. Fiquei observando os pergaminhos na minha mão. De repente, eu estava livre. Livre para ir e vir como eu quisesse. Para escolher Samuel Corlett ou não. Livre para não fazer nenhuma escolha, por agora. De súbito, senti-me incrivelmente leve, como se fosse me erguer do solo e flutuar para longe feito as sementes de um dente-de-leão.

ENTREI NA CASA DO MESTRE CORLETT ainda exultante, mas logo fui trazida de volta à realidade pelo silêncio sepulcral do lugar — uma ausência de ruídos artificial numa casa que geralmente acabava com meus nervos de tão barulhenta. Era evidente que os alunos não estavam. Meus passos ressoaram no corredor. Ouvindo-me entrar, o mestre Corlett saiu da sala de aula vazia. Tinha o rosto acinzentado.

— Pedi ao seu irmão que saísse com os alunos. Bethia, a situação com a menina sofreu uma grave reviravolta. Tive uma conversa com Goody Marsden. Ela não confirma o que você disse sobre o...

Não deixei que ele ficasse à procura de uma palavra delicada. Eu sabia muito bem o que ele queria dizer.

— O que foi que ela disse?

— Ela disse três meses. Disse que um aborto com esse tempo de gravidez é comum.

— É verdade. — Tentei falar num tom calmo, mas minha voz estava trêmula. — Ao menos nisso ela está correta. Mas, mestre, na outra questão, está completamente errada. Não consigo imaginar por que ela está dizendo isso. Uma criaturinha de três meses é difícil até de separar dos coágulos com que é expelida... Mestre, não tinha só três meses. Eu o segurei nos braços. Eu o queimei, como ela me ordenou, mas foi difícil, de tão humano... — Minha voz vacilava. Respirei fundo. — Mestre, era um bebê já formado. Era um menino.

O mestre afundou no banco do corredor. Pareceu velho e exaurido ao enterrar o rosto nas mãos trêmulas.

— Vou falar com ela pessoalmente — afirmei. — Quero saber com base em que ela faz uma afirmação falsa como essa.

Virei-me e saí para a rua. Eu estava brava e abalada, e caminhei decidida, ávida por confrontar a mulher. Mas no caminho para a casa de Goody Marsden, reduzi o passo e então parei, pois me dei conta de que a minha missão era bastante inútil. Pensei na expressão endurecida de Goody Marsden, suas mãos indelicadas e sujas, a descortesia, a crueldade, até, com que tratou de Anne. Percebi com clareza que, independentemente do que houvesse na base de sua opinião equivocada — uma visão ruim, incompetência, má-fé, ou até, talvez, a influência corrupta de algum interesse poderoso —, ela não iria abjurá-la. E a minha palavra não valeria nada contra a dela, diante de ninguém. Era possível que nem mesmo o mestre fosse me dar ouvidos. Seria melhor, portanto, tirarmos Anne dali, para longe das mentiras e da difamação. Voltei pela Crooked Street e me encaminhei à estalagem mais próxima. Havia três na cidade; Noah Merry tinha que estar hospedado numa delas.

Cheguei primeiro à Âncora Azul, juntei coragem e entrei, ignorando os olhares dos homens depravados e os jovens dissolutos que tomavam as aguardentes vendidas ali. Eu estava com sorte, pois no momento em que me dirigi para falar com o dono da estalagem, Noah Merry vinha descendo a escada, e pareceu muito chocado em me ver num lugar como aquele. Ele deve ter notado a ansiedade no meu rosto, pois me ofereceu o braço e me conduziu até a rua, e caminhamos lado a lado mais uma vez.

Em pouco tempo, e com o máximo de autocontrole que consegui reunir, contei-lhe aquela história perversa. O rosto amável e aberto de Noah se fechou, e, quando ele falou, foi com uma raiva profunda da qual eu não imaginava que fosse capaz. Dei-me conta de que sua própria abertura de caráter e seus modos francos e

sinceros lhe faziam sentir repulsa diante do comportamento hipócrita que estávamos presenciando no caso de Anne. Aquilo claramente o enojava, o fato de que aqueles que colocavam a si mesmos nos degraus mais altos — aqueles “santos vivos”, como gostavam de se apresentar — eram, na verdade, os mais perversos; o fedor de sua constante baixaza era profundamente ofensivo para Noah. Embora ele não tenha tratado a questão com essas palavras, foi o que sua reação demonstrou, e quando lhe pedi ajuda, Noah a ofereceu sem pestanejar.

— Acho que não há necessidade de envolvermos Iacoomis — falou, quando comentei que meu plano era mandar a menina para ele. — Seria a primeira pessoa em quem pensariam caso surgisse a suspeita de que ela fugiu para a ilha, se alguém decidir procurá-la por lá. Pode ser que ninguém o faça. Como você disse, os responsáveis por isto podem muito bem ser aqueles que têm o poder de ignorar a questão. De qualquer forma, não escreva a Iacoomis falando da menina. É melhor que ele não saiba onde ela está, assim não poderá ser pressionado a revelar seu paradeiro. Tampouco penso que Manitouwatootan seja um bom lugar para ela. Muitas pessoas naquela vila têm relações com os ingleses, e a presença de Anne talvez fosse comentada numa conversa qualquer.

Fiquei impressionada com o bom senso de Merry e com sua tranquilidade, quando ele continuou a falar:

— Acho que será melhor trazê-la para casa comigo, e de lá para o *sonquem* de Takemmy. A família dele vai protegê-la, não tenho dúvidas, e as pessoas daquele *otan* têm pouco contato com Great Harbor, a não ser através da minha família. Temos boas relações com eles, Bethia. É como o seu pai sempre quis: todos lucrarmos uns com os outros. Se eles nos cedem terras, fazemos um grande esforço para que recebam um retorno justo na forma de milho moído, utensílios de ferro ou pela troca de conhecimentos; sempre tentamos lhes pagar, da forma que pudermos.

— Quem dera todas as famílias fizessem o mesmo — falei. Mas eu tinha pouco interesse, naquele momento, na questão mais ampla das relações na ilha. Minha mente estava focada no *sonquem* de Takemmy, em sua grande vila naquele belo cenário: o céu amplo, as lagoas refletindo cada raio dourado e vermelho do sol, os riachos límpidos e ondulantes que as alimentavam. Pude vislumbrar Anne ali, vivendo a vida que poderia ter sido a sua antes que a doença lhe roubasse os pais e o clã. E então pensei naquela jovem, não muito mais velha que Anne, cujo *wetu* aquecido nos abrigara na noite em que o pai de Caleb estava próximo da morte. Anne não era aquela mulher, nem jamais poderia ser. Não se livraria da vida que tivera como quem troca de roupa. Levaria seu lado inglês consigo, para o bem e para o mal. Era difícil saber que uso ela encontraria, numa vida como aquela, para

seus dons extraordinários. Em vez de levar a vida de estudante universitária, e depois governanta, teria que encarar a vida de qualquer *squa* — o trabalho árduo no campo e na cozinha. Ainda assim, era evidente que não havia outra escolha melhor para ela, nem outra que pudéssemos lhe oferecer.

— Mas se formos tentar levá-la — dizia Merry —, temos que fazê-lo logo. Eu tenho uma carga de produtos a serem embarcados quando as marés e o vento estiverem favoráveis. Ela estará apta para uma viagem assim nos próximos dois ou três dias?

— Vai ter que estar — falei. — Ela é jovem e vai se recuperar rápido. O principal obstáculo à recuperação, acredito, é o medo que deve estar sentindo. Não há muito para promover sua melhora quando ela sabe que, se levantar da cama, será levada ao tribunal e atada a um poste para ser açoitada. Mas a perspectiva de se livrar de tudo isso... bem, é muito provável que a faça ficar em pé mais rápido.

Quando chegamos à escola, Merry me ofereceu sua mão, que aceitei de bom grado, sabendo ter nele um amigo de verdade. Pedi que eu o procurasse no dia seguinte, uma hora antes de acenderem os lampiões, ou à primeira luz do próximo dia. Ele viria com uma carroça; não correria o risco de pegar uma barca, onde seria impossível esconder a menina.

Mas em nenhum momento pensamos em Makepeace. Agora, enquanto nos despedíamos, meu irmão vinha caminhando na nossa direção, vindo do templo; os alunos mais novos, dos quais ele ficara encarregado, voltavam atrás dele feito uma fila de patinhos; Caleb, Joel e Dudley fechavam a fila. Merry separou Makepeace do grupo para lhe informar como andavam as coisas em relação ao nosso suposto noivado. Eu ajudei a conduzir os meninos para dentro e tentei mantê-los em ordem enquanto lhes servia o lanche.

Makepeace me procurou enquanto ainda estávamos à mesa. Não conseguiu me olhar nos olhos enquanto perguntava, com toda a delicadeza que possuía, se Merry havia lhe dito a verdade ao falar de meus sentimentos. Assegurei-lhe que sim.

— Eu tinha inferido — disse Makepeace, num tom seco —, a julgar pelo seu comportamento nas últimas semanas, que seu coração jamais fora tocado por Merry. Mas me pergunto se não estará um pouco sentida pela perda das perspectivas materiais. Não temos nenhuma garantia de que você receberá outra oferta.

— Com relação a isso — falei —, estou satisfeita em contar com a divina Providência.

— Muito bem-dito; tenho certeza disso. Então, está encerrada a questão. Todo o caso foi muito infeliz, devo dizer. — O rosto de Makepeace foi tomado de manchas

avermelhadas. Havia alguma forte emoção ali. Ele mal conseguia me olhar nos olhos. Notei que estava envergonhado. — Tenho certeza de que tudo terá sido para melhor — soltou. — Os que se casam por sentimento não irão dirigir seus sentimentos para fora do casamento, e essa é uma abertura para o pecado, como todos sabemos. Espero que me perdoe por ter me esquecido disso, por algum tempo. — Makepeace baixou os olhos e limpou uma mancha invisível na manga da camisa. — Sinto falta de papai, sabe? Não sou o homem que ele era. Papai não teria se equivocado de tal forma nessa questão. Não teria falado, nem agido, como eu. Vou fazer um esforço, vou rezar, para melhorar... e vou fazer de tudo para que Merry e o nosso avô recebam de volta a quantia que foi gasta com a sua... digo, que foi gasta comigo.

Pensei que a nossa conversa tivesse terminado com esse quase pedido de desculpas. Mas então Makepeace me surpreendeu.

— Imagino que não se importe em terminar sozinha o mês e meio que lhe resta aqui com o mestre Corlett? Seria bom se você voltasse para casa junto comigo. Mas acabou de me ocorrer que eu poderia pedir um lugar na chalupa de Merry, em vez de continuar a esperar aqui, semana após semana, por aquele navio atrasado no qual reservei uma passagem.

Fiquei imediatamente alarmada por Anne. Seria impossível transportá-la em segredo com meu irmão a bordo.

— Noah Merry tem espaço para você? — perguntei, tentando manter a voz estável. — É provável que a lista de passageiros já esteja cheia.

— Não sei por que você faz essa suposição. — Makepeace me olhou com uma cara estranha. — De qualquer forma, vou perguntar a ele agora mesmo.

Enganei-o então, dizendo-lhe que Merry planejava seguir diretamente para o ancoradouro da vila. Na verdade, eu sabia perfeitamente que ele voltara à Âncora Azul. Assim que Makepeace saiu, fui à procura de Merry, enfrentando mais uma vez os olhares daqueles homens que assombravam a estalagem.

— Vai ser difícil impedi-lo de embarcar no navio comigo — disse Merry. — Mas se ele o fizer, teremos que lhe contar sobre a menina. Não vejo alternativa.

— Não é da natureza de Makepeace desrespeitar a autoridade. Com o temperamento dele, duvido que aceite participar de um plano como este. Prevejo que teremos grandes dificuldades.

Mas eu me enganei. Eu estava tão acostumada a enxergar meu irmão através da lente turva das nossas relações conturbadas que às vezes não o via como ele realmente era. Quando Makepeace voltou de sua caminhada inútil até o ancoradouro, juntei coragem e o chamei para uma conversa em particular. Expliquei que precisava lhe pedir um grande favor. Makepeace escutou em

silêncio o que eu tinha a dizer, franzindo cada vez mais o rosto enquanto eu falava. Eu havia me preparado para qualquer reação — hesitação, ira, repreensão —, qualquer reação exceto a que ele teve.

— Do meu ponto de vista, esta criança já sofreu o bastante em mãos inglesas — disse Makepeace. — Se o que você está dizendo é verdade, e não tenho motivos para duvidar, pois sei que você estudou essas coisas com Goody Branch, ainda que, para mim, fosse algo completamente impróprio para uma menina da sua idade... Mas isso não importa neste momento. O fato é que essa criança foi usada da forma mais infame. Tampouco consigo imaginar quais sejam as razões para que a parteira tenha dito o que disse, mas é evidente que você será exposta a uma grave censura se expressar uma opinião oposta. E mais uma coisa, na qual você talvez não tenha pensado: a menina estava com você, não estava, a noite toda e durante a maior parte do dia? Se você jogar lenha na fogueira com as suas alegações, eles talvez digam que você atuou como a cafetina de Anne.

Aquilo jamais me ocorrera. Por mais repulsivo que fosse, percebi que meu irmão podia estar certo. Era difícil imaginar de que maneira a menina poderia ter sido violada na escola do mestre Corlett sem a minha participação.

Makepeace me deixou pensar nessa possibilidade por um momento e então disse:

— Se conheço você, sei que não deixaria este caso passar, não é mesmo?

Como ele já havia respondido a própria pergunta, não falei nada. Makepeace fez que sim consigo mesmo.

— Foi o que pensei. E não peço que o faça. Não pense que é o que estou lhe dizendo. Esta menina sofreu, na melhor das hipóteses, um grau repreensível de negligência nas mãos daqueles que agora a julgam e que tentarão fazê-la testemunhar. E, na pior... não, eu não consigo nem dar voz a ela... uma depravação no mesmo grau. Quem quer que seja o responsável, um pecador desse nível fará tudo o que puder para ocultar seu crime. Se Merry já concordou com o plano, não farei nada para frustrá-lo. É melhor fazer tudo o que pudermos para devolvê-la a um povo que talvez consiga lhe dar alguma proteção. Nem mesmo um bando de selvagens poderia lhe fazer mais mal que o que lhe foi feito pelos nossos.

E assim, tendo Makepeace como o mais improvável dos cúmplices, o plano seguiu em frente. Anne, pálida e fraca, agarrou a minha mão quando lhe contei o que estava em andamento. A princípio, a ideia de fugir clandestinamente pelo mar, tendo o meu irmão severo e um homem estranho como companhia, apenas aumentou seu pavor. Mas eu lhe falei da ilha que existia ao final da viagem: dos penhascos multicoloridos e dos riachos frescos; dos bosques verdejantes e da luz

suave e aquosa. Falei-lhe das boas pessoas que moravam ali e, quando terminei o que tinha para dizer, lágrimas de saudade começaram a correr pela minha face, e os olhos opacos de Anne se acenderam outra vez com uma centelha de esperança.

Seu único pesar foi diante da ideia de se separar dos amigos, Joel e Caleb. Acertei uma despedida secreta e rápida entre eles e, como tive de permanecer ali, em nome da decência, não pude deixar de ouvir o que se passou. Estava claro que existia ali um laço de afeto, embora eu não tenha conseguido distinguir se havia algum entendimento especial com um deles mais que com o outro. Ouvi Caleb e Joel reconfortarem Anne com relação à viagem. Os dois também teceram elogios à ilha, dizendo que ficariam muito contentes em saber que ela estava ali, em segurança, e prometeram sinceramente que iriam procurá-la quando as circunstâncias permitissem.

Dois dias depois, Makepeace se despediu do mestre Corlett em particular, e não sei que palavras de agradecimento ou de remorso foram trocadas entre os dois. Nas primeiras horas da noite, saí de casa com meu irmão e lhe dei um beijo; o ódio que eu sentia havia desaparecido ao ver sua preocupação sincera com Anne. Makepeace montou na carroça ao lado de Merry. Ergui a mão e lhes desejei boa viagem, numa despedida afetuosa. Desejei-lhes, de todo coração, uma viagem segura e tranquila, sabendo que minhas palavras também valiam para aquela outra passageira, escondida debaixo de uma lona na carroça.

— Devia ter me consultado. — Samuel Corlett me olhava com uma expressão severa. — Dessa forma, coloca o meu pai numa posição muito difícil. A protegida do governador, uma fugitiva...

— Não sei de onde tirou a ideia de que eu estive de alguma forma envolvida na saída de Anne deste lugar. De qualquer forma, é difícil imaginar que o governador ainda continue a considerá-la sua protegida, dado seu evidente fracasso em protegê-la.

— Tenha cuidado. Esse seu intelecto pode nem sempre ser uma bênção.

— Foi o que fizeram questão de me lembrar durante toda a minha vida.

Estávamos conversando no pomar de macieiras, onde as frutas começavam a inchar nos ramos. Samuel soltou um grande suspiro e se virou para mim.

— Por toda a vida esperei encontrar alguém como você... — O semblante de Samuel não batia com suas palavras; ele tinha uma expressão sombria e melancólica. Fui tomada por um espírito brincalhão e decidi tentar melhorar seu ânimo.

— O que é que dizem os sábios? Cuidado com o que desejas, pois poderá ser-te concedido.

Ele não devolveu o meu sorriso, apenas suspirou outra vez.

— Minha mãe era uma mulher excelente. Devota, virtuosa. Amável. Mas, intelectualmente, não estava à altura do meu pai. De maneira nenhuma.

— Não é de estranhar — falei —, tendo em vista que seu pai obteve dois títulos em Oxford, e ela era a filha iletrada de um agricultor.

— Não estou falando de aprendizado em livros — disse Samuel. — Estou falando de uma certa qualidade inata da mente, um entendimento superior. Por não tê-lo, a companhia entre os dois era... diminuída. Papai se voltava aos livros, em vez de se voltar à sua esposa. Ela tentava, ah, como tentava... — Samuel fechou o rosto, como se recordasse um evento em particular. — Era triste, às vezes, observar como ela se esforçava para fazer um comentário sobre algum estudo no qual meu pai estivesse interessado. Você o conhece. Sabe que ele não é

um homem indelicado. Tem bastante paciência com aqueles garotos manhosos, pois vê neles uma promessa. Mas nunca teve esse grau de paciência com a minha mãe. Ele desprezava os esforços de mamãe da forma mais dolorosa e degradante. Eu via aquilo e, ainda menino, jurei para mim mesmo que não entraria num casamento assim.

Samuel puxou um galho de maçãs para baixo e examinou as frutas nascentes, mas acho que não as estava vendo de fato.

— Bethia, quando meu pai me falou de você pela primeira vez, quando você chegou à casa dele, teve muitos elogios a fazer sobre a sua inteligência. Contou-me do quanto ansiava por conversar com você todas as noites. A princípio, não acreditei. Eu sabia como ele tratava a minha mãe, abandonando-a num silêncio solitário, noite após noite. Ele envelheceu, pensei, e se afeiçoou a você. Não seria o primeiro que, em sua senilidade, aprecia um rosto mais jovem. Mas depois disso, passei a prestar atenção em você. Admirei o que vi. Fiquei triste quando papai me falou que você já tinha um pretendente. Depois, quando ele me contou que você tinha a intenção de recusar aquela oferta, comecei a alimentar uma esperança. Depois, é claro, houve aquele problema com seu irmão, e ali estava você, no culto, na posição do pecador, diante de olhos acusadores, confessando seus graves erros. Ainda assim, havia ali uma luminosidade. Você confessou seu pecado, mas, ao fazê-lo, foi com tal eloquência e dignidade que, para quem tem ouvidos para ouvir, estava claro que não havia verdadeira maldade no que fez, que era algo necessário e justificável.

Samuel se calou. Eu não disse nada. Não tinha uma memória tão boa de mim mesma naquele momento. Luminosidade, sei. Em toda a minha vida, nunca me sentira tão apagada.

Continuamos a caminhar. Os olhos de Samuel me observavam de soslaio.

— Três dias atrás, fiz-lhe uma pergunta. Fomos interrompidos antes que você pudesse me dar uma resposta.

— Muita coisa aconteceu desde então.

— É verdade.

— E acho que isso lhe traz preocupações?

— De fato.

— Posso perguntar de que...?

Samuel havia quebrado um raminho mais baixo e estava arrancando as folhas jovens uma por uma. Jogou-o de lado, virou-se de súbito e agarrou os meus ombros.

— Não tinha me ocorrido que uma mente forte também pudesse significar uma cabeça dura! — disse Samuel num tom mais alto.

Dei um passo para trás, livrando-me de suas mãos. Embora as árvores estivessem cheias de folhas, eu não sabia ao certo o que poderia ser visto das janelas da universidade e não queria ser o objeto de fofocas de garotos. Nem estava em condição de sê-lo.

Minha roupa ficou amassada no lugar onde ele me agarrou. Tentei alisar as marcas no tecido. Enquanto eu o fazia, ele agarrou meu punho, para forçar a minha atenção.

— Bethia, por que você precisa se envolver de forma tão íntima com as questões desses selvagens? O que esses garotos representam para você, a ponto de se meter em tantos problemas só para defender a reputação deles? Você estava sentada ali, na sala de aula de meu pai, e vi que estava preparada, se necessário, para manchar o nome da pessoa mais ilustre da colônia para defendê-los. Uma defesa, devo acrescentar, que a faria correr um grande risco. Consigo perceber, vagamente, que eles podem representar para você o trabalho de seu pai, e você não quer ver esse trabalho manchado pelas evidências de um lapso moral tão grande, e assim começo a entendê-la. Mas então penso naquela menina, que você conhece há menos de três meses. O que ela pode representar para você, a ponto de auxiliar a sua fuga? Ah, nem tente negar — eu tinha aberto a boca para reclamar —, no estado em que ela estava, não conseguiria planejar algo assim sem auxílio, e você é a única pessoa em quem ela confiava minimamente. Também não acho que o ato tenha sido errado em si mesmo. Ela iria sofrer um tratamento duro, que provavelmente não merecia...

— Provavelmente? — cuspi a palavra de volta para ele e liberei meu punho de seus dedos. Já não conseguia me conter. — Como pode dizer algo assim? Aquela menina não fez nada para “merecer” algo assim. É uma calúnia sua sugerir...

Samuel ergueu a mão e balançou a cabeça, impaciente.

— Escute-me! — falou, num tom bastante alto. Eu, que não estava acostumada a ser tratada assim, fiquei surpresa e me calei. — Você corre o risco de trazer a ira do Tribunal Geral sobre si mesma, por obstruir as funções da Justiça. — O semblante de Samuel tinha escurecido para além de sua cor morena habitual. Começou a ganhar o aspecto de um mouro.

— Você realmente acha que o Tribunal Geral não vai ficar satisfeito em ver que ela se foi? Você superestima a dedicação desses...

— E você superestima a sua própria opinião!

Pensei por um momento antes de responder. Notei o sangue pulsando numa veia na têmpora de Samuel. Estava ingurgitada de uma forma perturbadora, contorcendo-se ali feito um verme.

— Você está certo. É o que faço. Como Deus decidiu levar os meus pais, já não

resta ninguém acima de mim cuja opinião sobre a minha conduta importe mais que a minha própria.

— Está vendo? Isso é a própria... Que tipo de palavras são essas? Nenhuma esposa obediente pronunciaria tais...

— Você está um tanto esquecido. Você pediu que eu me tornasse a sua esposa. Eu não aceitei. E pelo que está dizendo agora, parece-me que tal união seria muito pouco recomendável. Para o bem de todos, acho melhor retrocedermos no tempo e esquecermos que essa pergunta foi feita um dia.

Dei então meia-volta e segui rápido na direção da escola.

— Bethia! — gritou Samuel. Não me virei, e acelerei o passo. Ele correu atrás de mim, e em um ou dois passos se aproximou o suficiente para esticar o braço e alcançar-me com uma das mãos sobre mim. Segurou-me com força, e desta vez não consegui me libertar. Seu rosto ameaçador estava perto do meu. Virei a cara. Com a outra mão, ele tirou o meu gorro e enterrou os dedos no meu cabelo, puxando minha cabeça para trás para que eu tivesse que olhar para ele, bem fundo naqueles olhos pretos como tinta. A voz de Samuel, quando ele falou, estava grave e urgente:

— Eu amo você — falou, e me beijou.

Não sei o que teria acontecido comigo se as minhas previsões sobre o Tribunal Geral estivessem erradas. Mas, no caso, não estavam. Com a menina fora dali, o escândalo também desapareceu. O governador não tivera nenhum apetite para investigar seu paradeiro com qualquer firmeza. Eu sequer fui interrogada sobre a questão. Se o mestre Corlett partilhava as convicções do filho sobre meu papel na fuga de Anne, preferiu não comentar a questão comigo. Ele jamais quisera tê-la morando sob o seu teto, e tudo o que aconteceu após a chegada de Anne justificou o que ele já pensava. Tê-la ali, em meio aos alunos homens, era tão perturbador quanto ter uma cobra solta na sala de aula. O mestre Corlett, mais que ninguém, pareceu aliviado em ver que o caso ficara para trás. O fato acabou sendo ignorado e esquecido por todos, exceto pelos três que gostávamos dela. Caleb, em particular, tinha um desejo ardente de justiça.

— É inacreditável que este crime não seja punido — disse uma noite, enquanto carregava galhos para mim no quintal. — Se fosse uma moça inglesa, estuprada por um índio, o homem já estaria balançando na forca há muito.

Como o que ele dizia era verdade, nem tentei contradizê-lo.

— Caleb, você sabe muito bem qual teria sido o preço dessa justiça. Acho que Anne não suportaria o tribunal e suas crueldades. Eles a teriam açoitado até que ela dissesse um nome; e você acha que o demônio que desonrou essa menina não iria desmenti-la? Ela ficaria ali, taxada de mentirosa. E mesmo na situação improvável de que o ato fosse provado de alguma forma, ele se livraria da acusação de estupro, fazendo-a passar por meretriz, por uma Dalila que o seduziu. Um homem nesse tipo de situação pode dizer qualquer coisa...

— Eu o denunciaria, se pudesse...

— Caleb, não. Deixe este caso para trás. Não estou dizendo para esquecer-lo. Quem poderia esquecer um crime tão horrível? Mas deixe-o de lado, por agora, e se dedique aos livros. É o melhor que você pode fazer por ela. Prove o seu mérito, e então, um dia, talvez possa tomar o seu lugar entre aqueles que moldam a justiça neste lugar.

Caleb me olhou, agachado ali, empilhando a madeira. Pude vê-lo vislumbrando a vaga noção de um futuro assim. Mas seu rosto continuou fechado, com um olhar inteiramente melancólico.

— Deus sabe quem cometeu esse ato — falei. — Deixe a questão nas mãos dele e confie em sua justiça.

— Vou rezar por isso — disse Caleb. Falou-o de uma forma apagada, quase mecânica. Ficou em pé e saiu para o quintal. Vi-o parado ali, fitando a lua crescente.

Duas noites depois, a lua estava cheia. Virei-me no colchão, acordada por uma sombra passando por mim no escuro.

— Caleb? — sussurrei.

— Sssh! Volte a dormir.

Sentei-me. A lua estava tão clara que eu deveria tê-lo reconhecido, mas não distingui suas feições. Então entendi por quê. Ele tinha apanhado um pedaço de carvão e escurecido a cara abaixo da linha das maçãs do rosto. Estava usando a longa túnica preta do mestre.

— Caleb!

— Quieta! — sibilou Caleb. — Isto não é da sua conta, Bethia.

Caleb atravessou a porta, silencioso e invisível, adentrando a escuridão. Mesmo que eu tivesse juntado coragem para segui-lo, não teria conseguido. Ele desaparecera completamente, como num passe de mágica.

Fiquei ali, temerosa, suando de ansiedade e oprimida por uma sensação de ruína e impotência. Meu primeiro pensamento foi o de que Anne lhe dissera o nome, e que Caleb partira para ministrar alguma espécie de justiça bruta, uma missão que provavelmente lhe custaria a vida. Depois, quando as nuvens encobriram o disco luminoso, que estava agora bem alto no céu negro, a verdade de tudo aquilo me chegou ao coração. Eu lhe dissera para rezar, e era o que Caleb estava fazendo. Mas não necessariamente para um deus justo e bondoso.

Ele voltou em uma hora, com o rosto limpo e a túnica roubada do mestre bem-dobrada nos braços. Não falei com ele quando passou pelo meu colchão, nem durante a semana seguinte. Não conseguia olhá-lo nos olhos sem sentir uma grande agitação no coração. Porém, embora o meu espírito estivesse perturbado, o dele parecia mais calmo. O peso em sua expressão havia desaparecido, e Caleb voltou a se dedicar à preparação para o exame com uma diligência renovada.

Então chegou a manhã em que o mestre Corlett foi obrigado a suspender as aulas na escola para assistir ao enterro do segundo filho do governador, que atuava como secretário do pai. Enquanto eu ajudava a preparar a roupa de luto do mestre, ele refletiu que a perda era um acontecimento grave, pois o jovem deixara

uma viúva e dois bebês. Fora levado de forma bastante abrupta, após uma disenteria violenta.

Não sei se foi minha imaginação descontrolada, porém, mais tarde naquele dia, quando passei por Caleb no corredor, pareceu-me que seu rosto estava iluminado por uma expressão de satisfação ardente. Por coincidência, no dia seguinte recebi uma carta de Makepeace, trazendo a notícia de que o “presente” para o *sonquem* de Takemmy fora bem-recebido e que “a *squa* da casa dele com quem eu tinha conversado um dia” estava em boa saúde.

Foi a primeira vez que conversei com Caleb, para além de umas poucas palavras, desde a noite da lua cheia. Quando lhe contei a notícia, pensei que ele ficaria feliz, mas logo senti que não deu muita importância ao caso.

— Seria bom se tivéssemos outra fonte, além da palavra de seu irmão, para saber que ela realmente está bem. Ele não é um homem conhecido por seus sentimentos amorosos. Vou ficar feliz, Bethia, quando você tiver voltado à ilha em segurança e puder cuidar do bem-estar de Anne.

— Caleb, preciso lhe dizer que eu talvez não... — comecei, mas não pude continuar, pois fomos interrompidos por um dos meninos mais novos, que chorava pedindo a minha ajuda com uma farpa enfiada bem fundo na palma da mão. Fui cuidar do menino. Caleb suspirou, e então foi contar a notícia a Joel.

Conforme os candidatos à prova da universidade se sentaram para estudar e o mestre ouviu suas diversas recitações, ocupei-me de meu trabalho, mas minha mente estava inquieta. Com a aproximação do dia da matrícula, o meu próprio destino estava em jogo, tanto quanto o deles. Eu tinha que pensar no que fazer com a inesperada liberdade com a qual Noah Merry me presenteara. No passado, a escolha teria parecido bem simples. Eu teria limpado a lama fedorenta da vila de Cambridge das minhas botas, guardado minhas coisas num caixote e comprado uma passagem no primeiro barco que rumasse para a ilha.

A ilha me chamava. Eu ansiava por saciar meus sentidos em sua luz e seu ar, restaurar meu espírito com sua paz. Se eu respondesse a esse chamado, logo voltaria a viver entre os ritmos familiares de suas estações — os invernos duros e verões coloridos, a primavera tímida e relutante, o outono bronzeado e resplandecente. Seria ninada pelo mundo familiar do gado e dos cultivos, e o peso das tarefas conhecidas de todos os dias seria tornado mais leve pelo amor que eu sentia por cada lugar onde as realizava. Eu conhecia aquela vida; conhecia o meu lugar dentro dela. Se pensasse no futuro, poderia me enxergar a cada idade. Tudo bem, algumas partes eram mais turvas — o marido ao meu lado não me mostrava o rosto para que eu soubesse quem ele era; o número de crianças à minha mesa variava —, mas a mulher no centro da minha visão estava clara; em botão, em

flor, madura. Eu sequer temia a última dessas visões: a senhora frágil e velha, as mãos ossudas e calejadas pelo trabalho de uma vida inteira, as bochechas marcadas e magras, soltando um último suspiro. Eu sabia que, mesmo quando suas pétalas murchassem, uma boa fruta teria amadurecido: a fruta de uma vida vivida para a família e para a fé, e para as colheitas ricas de um lugar fértil.

Mas havia outra visão, menos agradável, que acompanhava essa primeira: a imagem mental de uma porta — pesada, sólida, feita de carvalho — se fechando para sempre à minha frente. Era a porta de uma biblioteca. A porta que se abria para mim, uma mera fresta, neste lugar de homens cultos. Eu não tinha uma visão exata da minha vida futura se me casasse com Samuel Corlett. Sabia apenas o que estaria perdendo se não o fizesse. Não haveria mais frases em latim desgarradas pelos corredores, nenhum trabalho de poesia dado a mim de presente por acadêmicos em suas becas, nenhuma retórica elevada ou debate inteligente.

E havia mais uma coisa que eu conseguia vislumbrar, para o bem e para o mal: o contato dos lábios e das mãos urgentes. Essas coisas não me permitiam pensar com clareza no futuro. A memória daquele momento sob as macieiras invadia minha mente a todo o momento. Eu precisava parar o que estava fazendo para tentar me recompor. Aprendi nesse momento que os desejos infantis são uma coisa, e o desejo de uma mulher é outra bem diferente. Podemos sentir o toque leve das asas de Eros e alimentar desejos proibidos quando sabemos perfeitamente que o que desejamos está muito fora de alcance. Mas é muito diferente arder de desejo e ter a certeza de que basta mexer um dedo para trazer o seu objeto aos joelhos à nossa frente. O que eu sentia agora ameaçava a minha paz, puxando-me na direção de todo tipo de vaidade e insensatez, se eu não fizesse o maior dos esforços para me disciplinar. Se um casamento rápido com Samuel Corlett me tivesse sido oferecido, acho que teria aceitado a oferta, independentemente dos meus receios sobre a nossa compatibilidade. O que me salvava era saber que, mesmo que aceitasse a oferta, ainda estaríamos a um ano do porto seguro de um leito nupcial. Um noivado, concluí, criaria mais tentação, e não menos.

Não trocamos mais palavras naquele dia entre as macieiras. Não tive condições de falar, nem de pensar, tomada como estava pelas paixões animais que ele despertara. Saí dali às pressas, muda como um bicho, e Samuel, talvez tão chocado quanto eu por sua falta de controle, deixou-me ir. Passaram-se muitos dias até que tivéssemos uma nova oportunidade de conversar, e eu tivera tempo para considerar a minha resposta. O diálogo começou desajeitado, mais uma vez na biblioteca da universidade. Estávamos no Dia do Senhor, e precisávamos voltar para o templo, para o culto da tarde. Mas Samuel pediu a seu pai que seguisse à nossa frente, e o mestre, entendendo que precisávamos de um momento em

particular, assentiu.

A universidade, àquela hora, estava deserta. Assim, a situação foi tão imprópria, sozinhos ali na biblioteca, como teria sido se estivéssemos em seu quarto. Mas eu não consegui ficar sentada em seu quarto com um mínimo de compostura, por isso saímos e caminhamos, como que sonâmbulos, para a biblioteca. Samuel fechou a porta pesada e se apoiou contra ela.

— É melhor deixá-la aberta, não acha?

— Por quê? Não há ninguém aqui.

Senti mais uma vez o aroma de biscoito dos livros e me esforcei para ficar calma.

— Na última vez em que estivemos aqui, fiz uma pergunta a você. Aqui estamos mais uma vez. E, agora, espero a sua resposta.

Ele claramente não ficou nem um pouco satisfeito quando lhe dei a resposta, e menos ainda quando percebeu que não conseguiria me fazer mudar de opinião. Mas usei as palavras que ele próprio havia me dito:

— Você mesmo disse que teria preferido uma corte menos apressada, e que somente a urgência da situação o obrigava a fazer a oferta naquele momento. E me disse, com bastante franqueza, que certos aspectos do meu caráter lhe desagradavam...

Samuel tentou me interromper, mas continuei a falar em meio às suas palavras de protesto.

— Por sorte, a minha situação mudou. Vamos aproveitar essa mudança ao máximo. Deixemos que ocorra a corte da qual você falou de forma tão favorável. Vamos conhecer melhor um ao outro. Dessa forma você poderá, com o tempo, decidir se consegue mesmo suportar a minha “cabeça dura”.

— Bethia, não foi o que eu quis dizer. Eu estava fora de mim naquele dia. Eu não...

— Samuel, só o que peço é um pequeno investimento de paciência. Vamos aproveitar o tempo que nos foi dado pelas exigências do seu emprego atual. Estou falando de uns poucos meses, apenas. Vou continuar por aqui, em Cambridge, durante esse tempo, para que possamos sondar esta questão sem nenhum laço ou obrigação para nenhum dos dois. Deixemos passar meio ano, ao menos. Espero que fique claro que não espero nada de você, que o considero livre em todos os sentidos. Se, depois desse tempo, você ainda desejar entrar num compromisso comigo, peça a minha mão novamente. A essa altura, já conseguirei lhe dar uma resposta baseada na razão, e de todo o coração.

— Não tenho como gostar deste plano, embora perceba que eu mesmo causei esta situação, por tratá-la de forma grosseira durante o caso daquela selva...

daquela moça, Anne.

— Não é isso.

Respirei fundo. Sequer tínhamos nos sentado ao entrar na biblioteca; continuávamos em pé. Virei-me um pouco de lado e corri a mão pelas lombadas dos volumes mais próximos.

— Você me força a dizer o que não gostaria. Mas devo começar minha relação com você com base na completa sinceridade. Um casamento que não tenha tal sinceridade como fundação é como um edifício construído sobre a areia. Você talvez não goste de ouvir isto, mas é a verdade. Não havia nenhuma maneira pela qual você pudesse ter se expressado, nenhuma poesia aveludada com a qual pudesse ter adornado a sua oferta, que me induzisse a dar uma resposta diferente, depois que me vi com meu contrato de servidão em mãos.

— É mesmo? — Ele tinha se retesado. — A sinceridade é certamente uma bela qualidade entre um homem e uma mulher. Mas um pouco de tato também pode ser considerado um bem.

Senti-me corar. Samuel examinou as próprias unhas.

— Já que os meus sentimentos não parecem importar muito neste plano, suponho que sou obrigado a concordar com ele.

— É isso o que você pensa? Então só me resta pensar que não me escutou com atenção. Deixe-me ser ainda mais clara. Se eu não ligasse para os seus sentimentos, e, de fato, se não os correspondesse em algum grau, eu tomaria o primeiro barco para o sul, no dia seguinte à prova de matrícula, e não desejaria pôr os pés nesta vila fedorenta nunca mais. Se fico aqui, é pela vida que talvez possamos ter juntos um dia... — Engoli em seco. — Fico aqui por você, Samuel.

O rosto de Samuel mudou então. A ansiedade deixou sua frente, e seus olhos — aqueles olhos expressivos — me fitaram com uma mescla de ardor e ternura. Uma frase de um poema de Anne Bradstreet me veio à mente: “Se um dia dois foram um, nós certamente o fomos”. Ela também deve ter conhecido este mesmo desejo enlouquecedor. Seria um erro ceder a ele? Naquele momento, todas as minhas reservas mentais desapareceram. Vi-me consumida pelo impulso de fazer de dois um, ali mesmo, não importando quais mandamentos eu tivesse que violar ao fazê-lo. Afinal, eu já violara mandamentos no passado: o mais importante de todos. Naquele momento, todos os meus esforços para me reformar pareciam não passar de tolices vãs. Senti a liberdade imprudente dos que sabem já estar entre os condenados. Então por que não mais um pecado? Um pecado que ficava muito mais abaixo na lista de proscricões do Monte Sinai?

Desta vez, fui eu que enterrei os dedos no cabelo dele. E então senti suas mãos na minha cintura, levantando-me junto a si.

Quando o dia da matrícula já se aproximava, o mestre Corlett me chamou para seu escritório e perguntou se eu já tinha uma ideia do que pretendia fazer a seguir.

— Por mais que eu conte com você, não peço que continue aqui agora que seu irmão se foi. A escolha é sua. Sempre foi, e sei que você decidiu ficar apenas por um senso de dever fraternal e de afeto.

Tentei conter um sorriso ao ouvir essa última parte. Eu não queria ofender nem chocar o mestre. Mas ele estava em meio a um de seus devaneios e não notou a minha reação imprópria.

— É uma pena que seu irmão tenha se sentido daquela forma. Ainda acho que ele poderia ter... mas aí está. Ele se foi, e você ainda está aqui. Completamente inapropriado... e além disso, é claro, de forma inesperada, aquela pobre menina, Anne, também se foi, ainda que... — Ele me olhou de um jeito esquisito ao dizer o nome de Anne, mas foi tomado por um espasmo de tosse e, quando conseguiu se acalmar, não completou o pensamento interrompido, esquecendo-se inteiramente dela. — Na semana que vem, é claro, os outros dois, Caleb e Joel, vão se matricular...

Ele deve ter notado a minha cara de surpresa ao ver a certeza com que ele dizia aquilo, pois me olhou rapidamente nesse momento.

— Ah, sim: não tenho dúvidas. Nunca tive alunos tão bem-preparados quanto eles. Vão se matricular e se mudar, sem demora, para os quartos da Faculdade dos Índios. Já falei ao responsável que ele faria bem em preparar e mobiliar o lugar para recebê-los, e disse ao presidente Chauncy que eles vão precisar de um tutor. Ele, é claro, ainda duvida da capacidade dos rapazes e não tomou nenhuma providência, por mais que eu o prevenisse. Quer saber o que ele respondeu, Bethia? Você não vai acreditar. Disse que havia escrito uma carta para a Sociedade para Propagação do Evangelho, para pedir ainda mais fundos. Chauncy alega que terá de pagar um salário mais alto ao tutor dos índios do que paga aos tutores dos alunos ingleses. Quando lhe perguntei por quê, disse que isso seria necessário “para conseguir atrair um tutor para esse trabalho, no qual terá de lidar com

selvagens grosseiros, que precisarão de muito mais cuidados e de uma supervisão mais diligente”. Selvagens grosseiros, sem dúvida!

— E o que foi que você respondeu?

— Eu lhe disse algo que ele pareceu incapaz de escutar: que estes jovens estão entre os alunos mais talentosos que eu já tive e, ao que tudo indica, precisarão de menos supervisão. Quer saber, Bethia? Acho que, no fundo, ele não pode ser tão surdo quanto parece. Mas como ele veio aqui e notou o fluxo de fundos que já foi enviado pela Sociedade, e isso sem nenhum aluno índio já matriculado, passou a pensar em todo este empreendimento como uma espécie de galinha dos ovos de ouro. Chauncy só pensa no que conseguirá extrair desses jovens, e não no que poderá lhes dar. Mas tenho certeza de que isso irá mudar, quando ele os conhecer melhor... De qualquer forma, o que eu ia dizer é que, quando Caleb e Joel saírem daqui, ficarão apenas os garotos nipmuc muito novos, e trabalhar com eles não deve ser muito assustador, nem mesmo para uma tímida moça aqui de Cambridge. Com o dinheiro que o jovem Merry pagou pela sua liberdade, um valor muito generoso, devo dizer, tenho condições de oferecer um bom salário a uma diarista que não precise dormir aqui... Trocando em miúdos, sintase livre, minha querida, para voltar a morar com seu irmão naquela ilha de que vocês tanto gostam.

Ajeitei-me no banquinho.

— Mestre, não pretendo fazê-lo. Não ainda.

Os olhos aquosos do mestre Corlett me olharam por baixo daquelas sobrelanceiras caóticas feito um matagal.

— O que o seu avô tem a dizer quanto a isso?

— Ele é indiferente.

Era verdade. Eu tinha escrito ao meu avô, pedindo permissão para continuar em Cambridge, e a carta que recebi de volta lidava com a questão em meia frase antes de voltar à lista de querelas que ele tivera com a família Alden e sua facção, que continuavam a exigir um governo popular na ilha e a caçar de suas ambições senhoriais.

— Meu avô disse que posso fazer o que achar melhor.

— É mesmo? — O olhar do mestre Corlett se dirigiu para o teto. — Será que devo guardar a esperança de que você pretende ficar porque existe alguma espécie de... algum tipo de... entendimento... entre você e meu filho?

— Talvez seja melhor perguntar a ele — respondi, mas o calor súbito que senti no rosto deve ter revelado a resposta. Os olhos pálidos do mestre reluziram de prazer.

— Fico feliz. Embora preferisse um compromisso claro e definido. Quando

vocês dois voltaram tão tarde para o culto vespertino no último Dia do Senhor, e com aquele aspecto adoentado, os dois, pensei que tivessem decidido pelo contrário... Não vou pressioná-la a dizer mais do que pretende. Não. Não vou. Mas eu, ao menos, vou falar sem meias-palavras: anseio pelo dia em que poderei chamá-la de filha. E não sei o que se passa pela cabeça de Samuel, um homem dessa idade. Mas, também, um homem dessa idade pode seguir sua própria razão e não precisa da aprovação do pai a cada passo que dá. Mas você, Bethia: o que quer que exista entre vocês dois, isso não muda o fato de que você não deveria ficar aqui. E digo isso sem nenhum interesse próprio, pois você foi uma dádiva para mim este ano, e sentirei muita falta de seus serviços e de sua companhia. Eu poderia ajudá-la a melhorar de situação. Deve haver algo mais adequado na vila, um trabalho como governanta...

— Mestre, já tenho uma perspectiva à vista. Eu tinha a esperança de que você me recomendasse para esse trabalho, ainda que, com isso, eu precise deixar esta casa um pouco antes do dia da matrícula. Ouvei falar de um cargo que acabou de ficar vago na universidade: o de uma jovem que trabalhava na leiteria. Ela vai se casar no mês que vem e vai partir em poucos dias para seu novo lar, com a família do marido, em Ipswich. Já averigui o assunto.

— Mas, Bethia, assim você não passaria de uma serviçal. O trabalho talvez fosse mais leve que aqui, mas, ainda assim, de baixo escalão. Você é uma moça instruída; tem todas as qualidades que as boas famílias desejam quando buscam preceptoras para suas filhas. Não deve trabalhar como uma empregada, merece mais que isso...

Olhei para aquele homem amável, cujo rosto estava enrugado de preocupação por mim. Decidi abrir meu coração com ele.

— Mestre, há um motivo pelo qual desejo esta situação...

Ele abriu um sorriso de compreensão e me interrompeu.

— É evidente. Você deseja estar perto do meu filho.

Nem soube o que responder, já que a ideia de estar perto de Samuel me fazia arder em brasa.

— É claro que não posso esperar a atenção dele enquanto estiver dedicado aos alunos. Eu estava falando de outra coisa.

— O quê, então?

— Mestre, durante toda a minha vida, o que mais desejei foi receber educação, algo que sempre é negado às pessoas do meu sexo. Meu pai parou de me instruir quando eu tinha nove anos. Não queria que eu aprendesse latim nem hebraico, e ainda assim, como deve saber, já aprendi um bocado dessas duas línguas ancestrais. E o fiz escutando as aulas dadas a outros. A Makepeace. Aos meninos

aqui, com você...

— É mesmo? Eu não sabia. Você parecia plenamente ocupada em seu trabalho.

— Eu nunca quis enganar ninguém, e só escutei quando o trabalho me permitia. Mas em relação à universidade: lembra-se de como as salas estão divididas? O grande salão, e a leiteria que fica logo ao lado? — Inclinei-me para a frente, animada com o assunto. — Mestre, é ali que os alunos tomam as refeições, mas também é ali que se reúnem todas as manhãs, após as preces, para ouvir a aula do presidente Chauncy. Percebe? Terei o privilégio de ouvir essas aulas; será impossível deixar de ouvi-las enquanto estiver preparando o almoço. Minhas mãos estarão fazendo um trabalho de serviçal, mas a minha mente... minha mente estará livre. Três horas, todas as manhãs. E de tarde, enquanto os calouros estiverem com seus tutores, eu talvez escute os debates dos alunos mais velhos no salão, moderados pelo presidente. — Senti meu rosto se iluminar, prevendo como seria. Mas o mestre se manteve sério. Sacudiu a cabeça.

— Isso é muito insensato, minha querida. Muito imprudente. Essas aulas não foram feitas para a mente despreparada do sexo frágil. Por que razão uma esposa e mãe iria querer surrar a própria mente com as sete artes e as três filosofias? Tenha cuidado, ou acabará se tornando uma moça malformada e desorientada...

— Mas você deu aulas ao jovem Dudley aqui; conhece a irmã dele, a senhorita Bradstreet. Certamente não pode dizer que o intelecto dela é malformado, por tudo o que ela aprendeu...?

— Bem, ela... — disse o mestre Corlett, e tossiu outra vez. — Eu tinha em mente outra Anne, cujo destino você não deve querer atrair para si. A infame senhora Hutchinson. Imagino que conheça o julgamento que Deus reservou para ela, o exílio, um nascimento monstruoso, a morte escalpelada nas mãos dos selvagens...

Inclinei-me para a frente, ávida por ganhar o debate.

— Mestre Corlett, temo que esteja argumentando contra a ideia que pretende defender. A senhora Hutchinson pregava contra o exato aprendizado que eu busco. Sua heresia surgiu do fato de ter recebido o conhecimento através uma revelação divina direta. Ela desprezava os bons homens letrados que eram seus pastores; denegria justamente o difícil conhecimento dos livros que a Universidade de Harvard se dedica a transmitir. Há quem diga que a universidade jamais teria sido fundada se a facção da senhora Hutchinson houvesse prevalecido...

De súbito, o mestre Corlett estava sentado muito rígido na cadeira.

— Como é possível que você conheça o caso dela tão bem? Essa mulher certamente já estava morta e passara pelo julgamento divino muito antes de você nascer.

— Mas as palavras dela sobreviveram — falei.

Eu estava perturbada agora. Percebi, tarde demais, que não deveria ter aberto o meu coração para ele. O mestre Corlett não entenderia, tal como papai. Papai sentia um profundo amor por mim; o mestre Corlett, ao que parecia, também sentia um carinho verdadeiro. Ambos eram homens letrados que dedicavam suas vidas a ensinar aos outros. Mas então, por que não a mim? Por que queriam me confinar à prisão da minha própria ignorância? Por que era tão errado, aos olhos deles, que eu amasse o que eles amavam? Será que Samuel acabaria por fazer o mesmo, no fim das contas? Será que também se esforçaria para colocar rédeas na minha mente e uma mordaca na minha boca? Mais uma vez, eu falara com excessiva liberdade. Pelo visto, eu não conseguia aprender aquela simples lição: que o silêncio era o único porto seguro de uma mulher.

— Palavras? Que palavras? Jamais ouvi dizer que a senhora Hutchinson houvesse registrado suas heresias no papel.

Não respondi. Tarde demais, percebi que a última coisa da qual eu deveria falar era sobre o caso infame de uma mulher que falara demais.

Mas ele agora me pressionava. Manter um silêncio rude seria pior.

— De que palavras você está falando? Diga-me!

— As palavras dela ao Tribunal Geral, mestre.

O meu avô citava o caso com frequência, como uma das principais razões de sua ida para a ilha, para se ver livre de um governo tão duro, capaz de mandar uma mulher grávida para o meio da selva em pleno inverno, com nove crianças atrás dela.

— Você está me dizendo que leu os depoimentos dela ao tribunal?

Fiz que sim.

— E como conseguiu? — O mestre parecia completamente perplexo. Eu jamais imaginaria que esse feito era algo tão extraordinário, a ponto de provocar nele tal reação.

— Os documentos ficam guardados no nosso templo, onde ela foi julgada — falei. — Só me ocorreu... um dia... que os registros deviam estar ali, no lugar que tanto visitamos. E pensei que gostaria de saber o que ela havia dito. Já que tantos foram convencidos por suas palavras. Na época.

— E o nosso pastor deixou você ler essas declarações heréticas?

Eu sentia agora o meu rosto arder.

— Eu não pedi ao pastor. — Minha voz não passava agora de um mero gemido, quase inaudível.

— Então, como fez?

— Pedi ao sacristão.

Aquele pobre homem, simples e frágil, mal entendera o que eu lhe pedia. Mas ficou satisfeito em me dar sua vassoura quando me ofereci para varrer o chão por ele. Caiu no sono num canto, e assim tive bastante tempo para procurar o velho documento e folheá-lo, maravilhando-me em ver como ela se defendera de todos os ataques de Winthrop e dos outros, protegendo-se com o intelecto e com um notável conhecimento das Escrituras, para que não conseguissem lhe acertar nenhum golpe. E então, logo ao final, quando eles teriam sido forçados a deixá-la partir em liberdade, exonerada, ela se oferece para lhes expor suas crenças heréticas. Oferece. E assim, incrimina-se. Exatamente como eu acabava de fazer.

O mestre Corlett sacudiu a cabeça e levantou um dedo torto diante de mim.

— Isso que você fez foi muito errado, Bethia. Essas coisas não são adequadas para olhos como os seus. Você jamais, espero, beberia de uma fonte contaminada por um cadáver. Então, por que envenenar sua mente com os desvarios de uma herege?

Eu poderia ter respondido de muitas formas. Poderia ter dito que as palavras de Hutchinson, apesar de irem claramente de encontro à doutrina aceita, jamais poderiam ser consideradas desvarios. Poderia ter dito que devemos estudar as opiniões incorretas para aprender a discernir suas falhas. Poderia ter dito que eu estava ávida para ler as palavras de uma mulher instruída, pois tais mulheres viviam e morriam em silêncio enquanto só os homens registravam seus pensamentos. Mas eu já falara demais. Por isso, respondi apenas:

— Sinto muito, mestre. Agora percebo a minha falha. Obrigada por me corrigir nesta questão.

— Muito bem-dito. — Ele pareceu aliviado. — Quanto à situação na universidade: você disse que já se candidatou a esse trabalho?

Fiz que sim. Ele sacudiu a cabeça.

— Não vou recomendá-la para esse trabalho. Acho que eu não lhe faria nenhum favor expondo-a dessa maneira. Na verdade, se pudesse, acabaria com as suas chances nesse trabalho. Mas se eu falar mal dos seus serviços, talvez fosse malcompreendido, lançando dúvidas sobre o seu caráter. Não quero que o presidente Chauncy ouça qualquer coisa que possa fazê-lo ter uma má opinião sobre a futura esposa do meu filho, se vocês um dia se casarem. Mas se lhe oferecerem esse trabalho, imploro que não o aceite. E se não quiser seguir o meu conselho, então a alerto veementemente para que aceite este outro: mantenha a porta da leiteria bem-fechada.

— Nome?

— Caleb.

— Caleb? Caleb do quê?

— Caleb... Cheeshahteumauk.

— Cheshchamog?

— Cheeshahteumauk.

— Nome bizarro. Insiste em usá-lo? Não prefere escolher outro? Qual era o nome do seu pai?

— Nahnos.

— Dá no mesmo. Soa como o zurro de um jumento. Vai ter que ser esse outro. Caleb Chis-car- — a pena do presidente Chauncy arranhou o pergaminho — -ruimac. Fica assim mesmo.

Chauncy largou a pena e uniu as pontas dos dedos sobre a escrivaninha. Olhou para Caleb com um ar um tanto intrigado; piscou várias vezes, como que para limpar a reuma dos olhos e examinar melhor o espécime que tinha à frente.

Servi as canecas que estava trazendo para Chauncy e seu secretário e retrocedi, apoiando-me na parede, supondo que a minha presença não seria notada. Embora eu só tivesse começado a trabalhar ali havia dois dias, já tinha notado que era fácil passar despercebida. Os alunos e seus tutores viviam num mundo à parte, separados das pessoas comuns por suas becas negras, conversas em latim e pensamentos elevados. Samuel me contara que houvera muitas objeções, no início da colonização, contra a despesa que significaria construir uma universidade como aquela. Teria sido mais fácil, e mais barato, naqueles tempos difíceis, se os alunos morassem entre a população local e se reunissem para as aulas, como geralmente ocorria nas universidades europeias. Mas os ingleses que vislumbraram este lugar tinham se formado na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, e aspiravam àquilo que conheciam: um santuário fechado onde os meninos e seus tutores vivessem juntos, separados da cidade, com suas distrações miseráveis e sua vida branda. Os alunos não podiam deixar as dependências da universidade, exceto

com autorização expressa de seus tutores. Dessa forma, supunha-se, eles comeriam, dormiriam e respirariam seus estudos, não entrando em contato com nada que não fosse dedicado ao aprendizado.

O secretário e os serventes, como eu, ficavam responsáveis por tratar das coisas mundanas, fazer o que fosse necessário para alimentar, calçar e vestir os alunos. Éramos cinco: o secretário, Goodman Whitby, sua mulher Maude, que era a cozinheira, o filho do casal, George, que limpava os cômodos dos alunos, uma lavadeira que vinha semanalmente e eu, a empregada da copa. Desempenhávamos as nossas tarefas e passávamos despercebidos como formigas.

O presidente Chauncy tomou um gole da cerveja fraca que lhe servi e limpou os lábios com um lenço amassado, ainda examinando Caleb. Este devolveu o olhar, sentado com as costas muito retas na cadeira. Ele estava vestido ao estilo simples e sóbrio que cabe a um acadêmico. Eu mesma tinha costurado a gola de sua camisa, com bastante dedicação. Tinha uma borda estreita, com um bordado elaborado, e eu a engomara e passara à perfeição. Sua cor branca contrastava com o tom preto brilhante do cabelo curto de Caleb. No ano que passara desde a nossa travessia, Caleb havia mudado notavelmente. Sempre fora magro, mas com o aspecto musculoso de um homem acostumado a viver ao ar livre. Agora começava a parecer emaciado, prejudicado pela dieta magra e pela vida reclusa. Parecia delgado demais para a altura que tinha, e sua pele, mais pálida do que parecia natural para ele, perdera o brilho. Mas Caleb também ganhara algo. Estudei-o, sentado ali, e tentei discernir o que era. Cheguei à conclusão de que uma disciplina rígida trabalhava dentro dele, um autocontrole austero. Se o seu fogo físico parecia mais apagado, talvez fosse porque ele o usara para alimentar a chama vívida do intelecto. Ele estava decidido a ser bem-sucedido aqui, neste lugar frio e estranho, custasse o que custasse. Os olhos escuros de Caleb, com seu tom castanho-dourado, encontraram o olhar pálido do presidente sem fraquejar.

— A sua idade?

— Já cruzei dezesseis verões.

Chauncy levou uma das mãos à testa, como que acertado por uma dor súbita. Sacudiu a cabeça branca, fechando a cara.

— Não, não, não. Já deveria ter se livrado dessas expressões bárbaras há muito. Tem dezesseis anos. Coloque-o dessa forma. — Virou-se para o secretário e sussurrou: — Ainda não passa de um selvagem na língua vulgar, e Corlett quer eu acredite que já está pronto para estudar os clássicos... — Soltou um grande suspiro que se transformou num bocejo, e nem se preocupou em dissimulá-lo. Observou as folhas que havia sobre a escrivaninha e puxou uma delas, examinou-a de forma mecânica e a entregou a Caleb por sobre a mesa.

— Aqui está uma página com frases em inglês. Escreva-as em latim... *suo ut aiunt marte*.

Caleb empurrou seu léxico para o lado da mesa, como o presidente lhe instruíra. Chauncy ergueu uma sobrancelha, como que surpreso pelo fato de que Caleb houvesse entendido até mesmo aquele pequeno fragmento em latim. Vi o rosto de Caleb abrandar ao examinar a página que Chauncy lhe dera. A seguir, inclinou a cabeça e sua mão se moveu de forma fluida pelo pergaminho. Fiquei na ponta dos pés para conseguir examinar seu trabalho. Ele ganhara uma caligrafia bela, elegante, legível até para mim, que tinha dificuldades em ler a letra da maioria dos homens. Logo percebi por que ele estava sorrindo. Consegui distinguir as frases — eram de uma passagem que ele conhecia bem, que narrava o momento em que César cruzou o Reno. Era um texto que Caleb estudara com papai, a fundo, muito tempo atrás.

Caleb devolveu a página traduzida. Chauncy franziu os lábios e inclinou o papel na direção do secretário.

— Ele tem uma boa letra; é tudo o que vou dizer. — Então aproximou a folha e se pôs a ler as linhas. Entortou um pouco a boca enquanto seus olhos percorriam a página. — Só vejo um erro: aqui. — Riscou o verbo equivocado e rabiscou uma correção. — Muito surpreendente, completamente inesperado... Meu irmão Corlett bem me avisou, mas pensei que ele estivesse se iludindo. — O secretário balançou a cabeça, concordando. Chauncy olhou para Caleb, examinando-o melhor. — Poderia me dar as várias terminações dos futuros em diferentes conjugações?

Caleb respondeu sem hesitar. Chauncy embarcou então num interrogatório em latim que era, na maior parte, complicado demais para mim, com a pouca prática que eu tivera nos últimos tempos. Por vezes, Chauncy tinha que repetir uma pergunta, e de tempos em tempos erguia a mão para interromper a resposta de Caleb e corrigir um erro, mas então o processo continuava. Com o decorrer da conversa, Chauncy começou a se inclinar para a frente na cadeira, aumentando a dificuldade das perguntas.

— Então — disse Chauncy, voltando finalmente ao inglês. — Pelo visto, o seu latim tem bases sólidas. Está a caminho de dominar a forma correta de falar. Mas nesta universidade, vamos mais além. Uma das sete artes que ensinamos aqui é o bom discurso. Imagino que saiba me dizer o nome que damos a esse estudo?

— Retórica — respondeu Caleb.

— Então já ouviu falar dessa arte...

— Ouvi falar, e ouvi a arte em si, muito antes de saber que tinha um nome. No lugar onde cresci, prezávamos os homens que soubessem fazer um discurso bem-

preparado e persuasivo.

Chauncy sorriu, indulgente.

— Ah, é? Acho que vai perceber, no decorrer de seus estudos aqui, que os maiores esforços de selvagens iletrados mal se comparam... Um guerreiro pagão seminu, afinal, jamais conseguiria empregar a retórica de Atenas.

Caleb devolveu o sorriso do presidente.

— Ainda assim, dizem que Homero era iletrado, e ele não nos deu Aquiles, um guerreiro pagão seminu que era “operador de atos” e “falador de palavras”?

Chauncy recostou-se na cadeira e examinou Caleb. Fez então um sinal de aprovação com a cabeça.

— Bem-argumentado. Realmente. E como percebo agora que leu Homero, vejamos como está o seu grego.

Fiquei tensa. Samuel me contara que o estudo do grego era a grande paixão de Chauncy. Ele tinha feito uma palestra nessa língua em Trinity College, na Inglaterra, durante um debate sobre se era ou não um erro, para uma igreja, erigir uma balaustrada em torno do altar a serviço da Ceia do Senhor. Ele chegou a ser preso por suas ideias, por um breve período — tais eram as agruras sofridas pelos reformistas durante o reinado de Carlos I. Quando foi libertado, embarcou para a colônia de Plimouth, para atuar como pastor ali. Em pouco tempo, já havia se desentendido com seu rebanho mais uma vez, devido a outra discussão, esta de importância mais prática. Chauncy insistia na imersão total dos bebês no batismo. Os pais, temendo corretamente que aquilo não seria tão conveniente para os bebês nos dias gélidos do inverno em Plimouth, recusaram-se a permiti-lo. Chauncy estava prestes a comprar uma passagem de volta para a Inglaterra quando os inspetores de Harvard lhe ofereceram a presidência da universidade. Só havia uma condição, já que eles tinham acabado de se livrar do antigo presidente, Dunster, por suas tendências anabatistas: Chauncy teria que guardar suas ideias de imersão para si mesmo. Como os presidentes da universidade geralmente não são chamados para realizar o rito batismal, Chauncy conseguira, até agora, obedecer.

— Em que casos são utilizados os verbos que expressam admiração e desprezo?

— Genitivo e dativo.

— Muito bem. Diga-me então a formação do primeiro e do segundo aoristo...

E assim por diante, Chauncy fazendo cara de aprovação depois de cada resposta segura de Caleb.

— Devo dizer que meu irmão Corlett o preparou muito bem para a nossa universidade. Muito bem mesmo. Confesso que, apesar dos elogios do seu mestre, eu duvidava que uma pessoa da sua... posição... pudesse entrar nesta turma de

calouros em particular. Vai estudar aqui junto dos herdeiros de algumas de nossas famílias mais ilustres. Já aceitamos, no seu ano, Benjamin Eliot, o filho mais novo do nosso querido apóstolo, e outro jovem, Joseph Dudley, filho de nosso último governador; mas você já conhece Dudley da escola de Corlett, é claro. Temos também Edward Mitchelson, filho do marechal, e Hope Atherton, cujo pai é general de divisão... *Liberi liberaliter educati*. Suponho que saiba o que isso significa?

— Cavalheiros, educados como cavalheiros — respondeu Caleb.

— Muito bem. Ainda resta sabermos se poderá ser transformado num cavalheiro...

— *Hic labor, hoc opus est*.

Senti o sangue pulsar na minha cabeça ao ver a compostura de Caleb. Seu rosto, ao dizer essa última frase, expressava plena sinceridade, mas algo em seu tom de voz me dizia que ele estava brincando com aquele presidente pomposo. Sentado ali, ereto, com a graça de sua postura natural, Caleb tinha mais ares de cavalheiro que o velho Chauncy, de aspecto seboso e ombros encurvados, com a gola da camisa encardida, esfarrapada e toda amassada. Eu não encontrara a lavadeira da universidade ainda, mas pensei que ela poderia aprender a usar um pouco de goma e um ferro de passar. Samuel Corlett me dissera que Charles Chauncy era, de fato, um cavalheiro nato, de uma velha família proprietária de terras em Hertfordshire. Fora um dos alunos mais destacados de sua turma nos dois cursos que fizera em Trinity College, na Inglaterra. Mas não era isso o que seu aspecto transmitia.

A mão manchada do velho homem tremeu ao estender um pedaço de pergaminho a Caleb.

— Dou-lhe aqui uma cópia assinada da minha *admitatur* e uma cópia, em latim, é claro, do regulamento da universidade. O seu primeiro trabalho acadêmico será transcrever esses documentos. Guarde uma cópia sempre consigo e consulte-a com frequência. O secretário vai ajudá-lo a trazer suas coisas para a Faculdade dos Índios e o vestirá com uma beca e uma boina. Não se esqueça de usar a boina durante as refeições. — Virou-se para o secretário: — Os alunos do segundo ano gostam de se divertir com os calouros, mandando-os descobertos. — Olhou de volta para Caleb: — Não se deixe enganar. Os únicos que se sentam à mesa com a cabeça à mostra são os que caíram em desgraça e estão sendo castigados. Espero nunca vê-lo assim, se de fato conseguir fazer jus às oportunidades e responsabilidades que deverá assumir agora.

Caleb ficou em pé, curvou-se de leve e deu meia-volta. Chauncy ergueu uma das mãos.

— Um momento, por favor. Devo dizer, para que não reste nenhuma dúvida,

que estou grato em tê-lo aqui. Tenho certeza de que haverá dificuldades, pequenas e grandes, à medida que avançar. Mas não pense que não é bem-vindo. Você é mais que bem-vindo: na verdade, é necessário. Eu já estava começando a pensar que este dia nunca chegaria. Fico muito feliz: trará muita satisfação aos nossos honrados benfeitores de Londres. Agora, mande entrar o outro selv... o outro rapaz, e veremos se ele está tão bem-preparado quanto você.

Quando Caleb se virou, viu-me ali, apoiada na parede. Lançou um olhar para a *admitatur* que tinha nas mãos, e trocamos um sorriso de triunfo. Chauncy notou nossa troca de olhares e fechou a cara numa expressão de desgosto.

— Você. Você está dispensada.

Fiz que sim, obediente, e me retirei, lamentando não poder presenciar a avaliação de Joel e saber como ele se sairia. Passei por ele, que estava esperando no salão. Caleb e eu murmuramos palavras de estímulo. Joel estava vestido com a mesma elegância de Caleb — eu cuidara disso —, mas não tinha a compostura do amigo mais velho. Seu usual olhar sonhador desaparecera, substituído pela expressão desesperada de um animal encurralado, e sua pele estava toda coberta de suor. Quando se levantou para entrar na sala, vi que suas mãos tremiam. De repente, Joel parecia muito jovem. Caleb apoiou a mão no ombro do amigo e sussurrou algo em seu ouvido. Não ouvi as palavras, mas soube que eram em wampanaontoaonk.

Joel talvez fosse uma dessas pessoas que precisam de uma certa agitação no espírito para elevar suas capacidades. Fiquei sabendo mais tarde que ele foi aprovado com ainda mais honra que Caleb.

Se eu pensara que a vida na universidade seria mais confortável que a que tínhamos na escola do mestre Corlett, as reclamações do secretário, ao contar os pagamentos das taxas, logo me fizeram mudar de ideia. A universidade ficava aberta o ano inteiro, sem férias nem recessos, mas a maior parte das taxas era paga no início do outono, quando entrava a nova turma de calouros.

— Refeições magras de novo, este outono, pelo andar da carruagem. — Roger Whitby era um homem alto, vindo de Yorkshire, de rosto vermelho e temperamento fácil, que ria com facilidade. Logo percebi que sua principal diversão era caçoar da arrogância com que os tutores enxergavam a si mesmos e às suas funções. — Se esses rapazes são filhos de profetas, então seus pais deveriam arrumar outro trabalho, um que pague um salário melhor.

Eu fora encarregada de ajudá-lo a classificar e armazenar os diversos bens com os quais as famílias pagavam as taxas da universidade. Quando lhe disseram que eu sabia contar, mandou-me numerar os sacos de milho e centeio que acabavam de chegar numa carroça. Ficou de olho em mim enquanto eu contava.

— Moça viva, sabe calcular e conhece as letras; a última não fazia nada disso, por mais duro que desse. Não vou falar mal dela. Estou vendo que este semestre estão chegando dois para um, milho para centeio. Tudo bem. Minha patroa disse que a senhorita sabe fazer um bom pão preto também. Tem anos que é só milho aqui, e aí o pão de milho parece serragem, com tão pouco ovo para dar a liga.

Prestei atenção ao que ele dizia: eu talvez pudesse montar um galinheiro para melhorar a vida dos alunos.

Alguém também mandara uma vaca leiteira, por isso marquei sua orelha com o selo do colégio e a levei para pastar no pasto comum. Havia barris de melado e vinho branco, o primeiro muito bem-vindo, o segundo lacrado com cera e guardado.

— Nesse aí ninguém mexe até a próxima formatura, e quando abrirem, não dura uma hora. — Havia lenha, mas muito pouca: — Só uns gravetinhos. Não dá nem para aquecer uma choça. — Um barril de bacalhau salgado, que gerou um

raro olhar de aprovação: — Almoços de sábado aqui, dá para um mês ou mais. — Um sapateiro pagara as taxas do filho do segundo ano em sapatos, vinte pares. Whitby examinou o couro bem-costurado, mas coçou a cabeça. — Dá para tirar um bom dinheiro com isto aqui, lá na vila, mas quem sabe quanto tempo vai levar para vender?

Eu estava curiosa em saber quantos alunos teria que servir, e Whitby ficou feliz em enumerar as turmas. Eu já sabia dos alunos de último ano, pois estavam a cargo de Samuel, que me falou deles com o interesse carinhoso de quem havia vivido com os rapazes e os tutorado pelos últimos três anos. Doze alunos dessa turma haviam avançado pelos rigores do currículo universitário. A turma era anormalmente grande, por conter três filhos do presidente, que haviam se matriculado juntos: os gêmeos Elnathan e Nathaniel Chauncy e seu irmão Israel. A turma do terceiro ano tinha só a metade de alunos, e eram apenas sete alunos no segundo ano. Assim, somados aos oito calouros, calculei que o corpo discente chegava a trinta e três, além dos quatro tutores que moravam com seus alunos.

— Mas isso sem contar os alunos seniores — comentou Whitby.

Ele explicou que estes costumavam ser alunos mais velhos que pagavam o dobro das taxas para assistir às aulas. Por pagarem mais, ganhavam o direito de ser chamados de “senhor”, enquanto os alunos mais novos eram chamados apenas pelo sobrenome. Os alunos seniores almoçavam na mesa principal. Mas poucos deles — se é que algum — eram candidatos sérios a obter o diploma, e raramente frequentavam a universidade durante todos os quatro anos.

Whitby estava muito interessado nos novos calouros, com a esperança de que um ou dois dos herdeiros de famílias ricas trouxessem provisões generosas. Ele tinha recebido uma lista de nomes dos jovens que se matricularam e que precisariam ser alojados. Examinou-a com atenção, batendo com o dedo gordo sobre cada nome ao percorrer a lista.

— Atherton. Já teve vários dessa ninhada aqui. Família grande, os Atherton. O pai era militar ou algo assim. Não é sovina, mas também não dá para chamar de generoso. Samuel Bishop: não conheço esse povo. Dudley. Esse teria sido um dos riquinhos, se o pai, nosso antigo governador, já não tivesse batido as botas. Não dá para esperar muito do padraço, que é pastor. Os pastores recebem por último em tempos duros como estes. Estão sempre no aperto, esperando o rebanho pagar a esmola. Mas este aqui — cutucou o nome Eliot — deve fazer o que puder pelo filho. O dinheiro do apóstolo Eliot vem da Inglaterra, e não das fazendas pobres daqui de perto. Jabez Fox: outro filho de pregador. E o jovem Samuel Man também. Edward Mitchelson: esse deve ser o garoto do marechal-general. Deve dar para alguma coisa. Vou lhe dizer, são esses dois nomes índios esquisitos que

me dão mais satisfação de ver na lista. Agradeço à divina Providência por esses dois. A turma vai comer à custa deles. A Sociedade para a Propagação do Evangelho, todos ingleses devotos, vão pagar um dinheiro por eles, e um dinheiro do bom: o Chauncy vai providenciar. Se bem que a gente só vai receber umas migalhas desse dinheiro, com certeza. O presidente vai mesmo é estufar o próprio colchão com esse níquel. Ele ganha um bom salário da universidade: cem libras por ano, é o que falam à boca pequena. A maior parte disso ele é obrigado a levar em espécie, por isso vai ficar feliz em pegar dinheiro vivo se puder.

Tinha ficado decidido que eu me alojaria com os Whitby, dividindo seu quarto na universidade como fizera a empregada anterior. A família vivia toda junta num único cômodo comprido e estreito que ficava atrás da leiteria. Metade do espaço ficava ocupada por produtos extras de um tipo ou de outro nos quais Whitby queria ficar de olho, como o vinho, a cidra e o barril de rum.

— O demo entra nos meninos, entra sim, filhos de pastores ou não. Umas boas noitadas de bebedeira já acabaram em confusão, ai, ai, ai, e não deixe nenhum tutor com cara de santo lhe dizer o contrário, moça. Os meninos que tagarelam em latim não são nem um pouco melhores que qualquer outro, depois que estão com a barriga cheia de bebida. Aposto que vai ter mais de um açoite no tempo que você passar aqui, pode ter certeza. Se uma bagunça dessas começar, se esconda aqui dentro e ponha a barra na porta. A minha mulher ia lavar a minha boca se me ouvisse dizer isto, mas os rapazes mais velhos volta e meia saem para procurar mulheres da vida pela cidade e, às vezes, quando enchem a cara, eles até perturbam moças honestas. Se cuide, moça, é só o que estou dizendo. Você vai estar segura no nosso quarto, eu e meu filho vamos cuidar disso.

Eu iria dormir num fino colchão de penas colocado num recesso ao lado da lareira, com uma cortina em volta para ter um pouco de privacidade, o que já era uma grande melhoria em comparação à casa anterior. Na primeira noite, caí no sono com facilidade, por mais alto que Goodman Whitby e o filho roncassem.

Como eu era a subalterna, fiquei encarregada de acordar mais cedo, buscar água, acender o fogo do fogão e preparar o desjejum. Isso não era um problema; eu sempre acordara antes de o sol nascer. Comecei o meu trabalho matinal no dia em que a nova turma de calouros se mudou para a universidade. A cozinha e a leiteria eram ambientes bem confortáveis, de bom tamanho e bem limpos — cada recanto e fenda tinha sido bem-esfregado, e a madeira encerada reluzia. A moça que eu substituí claramente fora bastante esforçada. Ela tinha pendurado ramos de ervas nas vigas do teto, de modo que o cheiro da lenha queimada se misturava ao aroma límpido de cera, sálvia e alecrim. Era um lugar pacífico antes do alvorecer. Depois, às quatro e meia, a universidade começou a despertar. Em

pouco tempo, o primeiro dos alunos bateu de leve na porta da leiteria. Abri-a com um rangido e vi o jovem Joseph Dudley. Fiquei feliz em vê-lo, um rosto conhecido, mas ele não sorriu de volta para mim. Seu rosto sonolento tinha uma expressão irritada.

— Bom dia, Dudley — falei, entregando-lhe sua porção de comida.

— Não tem nada de bom. — Dudley tomou a caneca e o pedaço de pão das minhas mãos e logo retrocedeu em direção à escada, apressado. — Eu não vim aqui para isto.

— Para isto o quê?

— Para servir os alunos mais velhos. — Subiu a escada, dois degraus por vez. — O Pynchon é o meu veterano, e ameaçou acabar comigo se eu não levar o desjejum dele o mais rápido possível.

Meia dúzia de calouros já estava amontoada junto à porta, pegando o pão e a cerveja às pressas.

— Já chega! — falei, num tom sério. — Isto aqui não é um chiqueiro. Façam fila, cavalheiros! — Houve empurrões e resmungos, mas os meninos acabaram entrando em alguma espécie de ordem. Quando chegou a vez de Joel Iacoomis, ele me deu um bom-dia educado.

— Obrigado, Jo... isto é, Iacoomis — falei, passando-lhe a comida. — E quem é que você vai servir?

— O Brackenbery.

Assim que Joel se retirou, os outros continuaram a se empurrar e a brigar, por isso dei um passo atrás com as mãos nos quadris, recusando-me a lhes servir outras canecas.

— Já falei, comportem-se como cavalheiros. Não vou servir mais ninguém até se comportarem com mais educação.

— É difícil nos sentirmos como cavalheiros quando nos transformam em servos assim que chegamos — disse um menino magro e sério, com cabelo muito escuro e a pele pálida.

Um garoto mais alto lhe deu um soco de leve no ombro.

— Ah, Eliot, os seus irmãos mais velhos devem ter lhe contado como seria. Não contaram? — Supus que o garoto pálido fosse Benjamin Eliot, filho do famoso apóstolo. Eliot fechou a cara. O garoto mais alto apenas riu dele.

— Bom, eu tenho cinco irmãos: Rest, Thankful, Watching, Patience, Consider; e todos eles são o exato oposto do que o nome indica. Mas todos passaram por isso, e todos sobreviveram. E você também vai sobreviver, se seguir o conselho da família Atherton: tenha Paciência, fique Vigilante, e logo poderá Descansar, Refletir e sentir Gratidão. Essa é a minha Esperança.

Sorri para Hope Atherton quando ele pegou o desjejum de seu veterano. Foi o único que agradeceu antes de se virar e atravessar o salão às pressas, derrubando cerveja no piso.

O último calouro subiu a escada correndo, e só então vi Caleb, vindo em direção à porta com a maior tranquilidade.

— Bom dia — falei. — E quem é que você está servindo, que você ousa fazer esperar por tanto tempo?

Caleb sorriu e apanhou o pão e a cerveja que lhe servi com um educado agradecimento.

— Quem é que estou servindo? Quem eu deveria servir? Eu sirvo a mim mesmo, é claro.

Segui então para o jardim, e, da janela da leiteria, vi-o parado no quintal, pensativo, enquanto o céu começava a clarear.

Quando Caleb voltou para devolver a caneca, olhei ao redor para ver se não estávamos sendo observados e então segurei-o pela manga da camisa, antes que ele pudesse sair dali.

— Tenha cuidado — sussurrei. — Uma coisa é seguir pelo seu próprio caminho nos bosques, entre seu próprio povo; outra é fazê-lo neste lugar, onde há muita gente esperando pelo seu primeiro vacilo...

Caleb apoiou uma das mãos sobre a minha delicadamente. Abriu um leve sorriso.

— Obrigado por se preocupar comigo — falou. — Mas não há necessidade.

Vi Caleb retroceder e falei em voz baixa:

— Espero que você esteja certo.

FECHEI A PORTA DA LEITERIA depois de receber de volta a última caneca e me pus a esfregá-las com areia e sabão. Mesmo por cima do ruído que eu estava fazendo, ouvi a barulheira dos alunos quando a universidade se reuniu para as preces matinais. Maude Whitby havia chegado e começara a cozinhar, mas agora limpava as mãos no avental, pois tínhamos que deixar nossas tarefas de lado e nos juntar à reverência. Chauncy liderou o salmo, recitando-o de forma diferente à que estávamos acostumados, mas esperava que todos cantássemos com ele em uníssono. Depois, leu e interpretou vários versos do Levítico, encerrando a leitura com uma bênção. Às sete, o sino tocou na cúpula que havia acima de nossas cabeças, e eu voltei ao meu trabalho enquanto os estudantes se dispersavam para os quartos dos tutores, para a hora de estudos. Eu sabia que Joel e Caleb iriam encontrar seu tutor pela primeira vez; perguntei-me se os dois se dariam bem com

ele. Eu não tinha visto o homem, tampouco sabia seu nome nem tivera a chance de perguntar a Samuel o que ele ouvira falar sobre a pessoa que Chauncy escolhera para aquela função.

Goody Whitby gostava de conversar durante o trabalho, e embora eu não quisesse parecer fria ou mal-educada, também não desejava encorajá-la demais, pois queria muito ouvir as aulas, o que não poderia fazer se o latim de uma orelha tivesse que competir com as fofocas ditas no dialeto de Yorkshire na outra. Quando o sino tocou outra vez, às oito, pude ouvir, pela porta fechada da leiteria, o arrastar dos bancos conforme os alunos se reuniam para a aula da manhã. Fiquei muito animada: ali estava eu, na universidade, como sempre desejara. Não importava se eu tinha as mãos enterradas na massa para o pão: minha mente estava livre para se banquetear de sabedoria. Perguntei-me se Caleb estaria tão animado quanto eu naquele momento, e só pude concluir que sim.

A porta da leiteria ficava a menos de três metros do lugar onde estava o púlpito do presidente Chauncy. Eu poderia obedecer ao mestre Corlett, deixando-a fechada como ele me instruíra, e ainda assim ouvir as aulas com facilidade. Goody Whitby se calou assim que o presidente começou a falar. Imaginei que a regra fosse fazermos o menor barulho possível, e fiquei feliz com isso. Eu achava que talvez tivesse dificuldades com o latim, mas naquela primeira manhã, Chauncy se dirigiu sobretudo aos calouros, expressando-se de maneira simples. Consegui acompanhá-lo com um pequeno esforço. Sua palestra naquela manhã consistia numa justificação para a educação nas artes liberais, comentando sua relevância para a vida de um pastor. Sobre isso, Chauncy disse aos alunos:

— Espero, com a graça de Deus, que esse seja o destino de mais da metade dos que estão aqui presentes. Os fundadores desta universidade fizeram sacrifícios para construir este lugar, pois temiam partir deste novo mundo deixando apenas um clero iletrado nos púlpitos das igrejas. Dessa forma, por que razão um pastor precisaria da poesia de Ovídio, da retórica de Cícero e da filosofia de Aristóteles? Esses homens não eram pagãos, vivendo no prostíbulo do Anticristo e na casa de mentiras do demônio? Talvez. Poderíamos dizer que sim, quando conhecemos a época e o lugar em que viveram. Ainda assim, todo o conhecimento vem de Deus, que cria e governa todas as coisas. Os senhores encontrarão muitas verdades divinas, de moral impecável, nos trabalhos que estudaremos juntos aqui: em Platão, em Plutarco e em Sêneca. Esses pagãos tratavam as obras de Deus com excelência. Assim, Deus os usa para preparar o terreno para os ensinamentos perfeitos de Jesus Cristo. As artes liberais que estudarão aqui nos trazem conhecimentos sobre a mente divina. Derivam dela. Refletem-na. Não estudamos nenhuma arte por si só, e sim para nos ajudar a restaurar nossa conexão com a

mente divina. A razão de Deus é perfeita, a razão humana não passa de uma mera sombra. Os gregos tinham uma deusa que chamavam de Eupraxia. Para os gregos, ela era o espírito — e aqui, Chauncy abandonou o latim e disse a palavra em grego, *diamona* — da boa conduta. Espero que os senhores adquiram um grande apego por este nome, Eupraxia. Vamos evocá-la aqui muitas e muitas vezes. Todo o objetivo dos seus estudos é resumido neste conceito: ação correta, conduta correta, fazer a coisa certa no momento certo. Todos os trabalhos aqui se destinam a ajudá-los a discernir o certo: a separar o joio do trigo, a se livrar das impurezas...

Até então, eu tivera uma impressão bastante desfavorável de Chauncy, com base numas poucas observações. Mas agora, escutando-o, percebi que seu exterior desalinhado e seus modos prepotentes eram apenas a túnica lastimável que encobria um grande intelecto. Além disso, ele sabia muito bem como abordar questões elevadas e trazê-las ao nível da capacidade dos alunos. Ouvindo-o, notei que eu não tinha a menor dificuldade em acompanhar sua linha de raciocínio, apesar de estar bastante ocupada ajudando Maude a preparar um pudim de aveia, melado e leite.

Chauncy explicou como pretendia dividir as horas de estudo ao longo da semana. O Dia do Senhor seria dedicado ao culto e ao descanso, mas os alunos seriam examinados por seus tutores quanto ao conteúdo dos sermões durante a semana seguinte, por isso teriam de estar presentes ao culto e acompanhá-lo com atenção. No primeiro e segundo dias — segunda e terça-feira —, os calouros se reuniriam às oito e assistiriam às aulas sobre lógica e metafísica. Os alunos de segundo ano, às nove, assistiriam às aulas de ética e ciências naturais. Os de terceiro e quarto ano, às dez, teriam aulas de aritmética, geometria e astronomia. Sorri. Ficando ali na leiteria, eu poderia acompanhar todas essas aulas. Durante a tarde, os alunos praticariam debates sobre os tópicos cobertos nas aulas, que seriam moderados pelo presidente. O quarto dia de cada semana seria dedicado inteiramente ao estudo do grego. Na sexta-feira, os alunos trabalhariam o hebraico até terem uma boa base nessa língua; a partir daí, poderiam acrescentar o estudo do aramaico e do siríaco. Durante a tarde, estudariam a Bíblia. O sexto dia, sábado, seria dedicado à prática da retórica e da declamação.

Quando Chauncy concluiu seu discurso, Goodman Whitby reuniu os alunos no jardim para que esticassem as pernas enquanto nós nos apressávamos em transformar o salão de aulas na sala de jantar, montando as mesas e dispendo os bancos. Exatamente às onze, os alunos encheram a sala e tomaram seus assentos nas mesas designadas. Então entraram Chauncy, os tutores e os alunos seniores, em procissão, e subiram ao palco, onde ficava a mesa principal. Assim que se

sentaram, Whitby pegou o Grande Saleiro e o carregou pelo salão com grande formalidade, depositando-o diante de Chauncy.

Os alunos comiam em pratos de madeira e bebiam em canecas de peltre ou cerâmica. Cada um tinha sua própria faca e colher. Os que estavam na mesa principal jantavam usando a prataria da universidade. Apesar de toda aquela pompa e afetação, a comida foi simples e, devo dizer, insuficiente. O serviço podia ser de prata, mas a pequena porção de pudim sobre ele era comparável à que seria servida nas mesas mais pobres.

TALVEZ FOSSE A EMOÇÃO DE FINALMENTE estar ali, mas naquela tarde eu estava cansada e com a mente turva. Enquanto lavava a louça do jantar, não consegui prestar muita atenção ao que acontecia no outro lado da porta da leiteria. Os alunos de último ano debatiam, e como seu latim era de um nível muito superior ao meu, não consegui acompanhar seus argumentos. De tempos em tempos ouvia a voz de Samuel, auxiliando o presidente na moderação do debate. Aquilo dificultava ainda mais a minha capacidade de concentração.

Às quatro e meia, George, o filho dos Whitby, tocou o sino para o lanche da tarde. Examinei os rostos dos alunos ao se aproximarem da porta, esperando ver Joel e Caleb e tentar saber se haviam gostado de seu novo tutor. Quando os dois chegaram, não discerni nada em suas expressões. Eu imaginava vê-los animados e encantados com o primeiro dia de estudos ali, mas seus espíritos pareciam um tanto tristes, sóbrios e retraídos. Não consegui captar muito mais que isso, pois mal pudemos conversar em meio a tantos corpos que se amontoavam, famintos, em busca de seu pão e cerveja, que deveriam ser consumidos antes das preces vespertinas, às cinco da tarde.

Às sete e meia, servimos um jantar frugal — se o almoço fora parco, este só poderia ser chamado de insignificante —, depois do qual os alunos tinham uma hora de recreação para fazer o que quisessem. Da leiteria, percebi que muitos deles tinham se reunido diante da lareira do salão. Pude ouvi-los conversando e rindo juntos enquanto limpava e arrumava a cozinha para o dia seguinte. Eu teria gostado de ficar por ali e ouvir suas conversas, mas estava exausta e tombei no colchão muito antes das nove badaladas que mandariam os alunos que ainda estivessem por ali para seus quartos.

Estou escrevendo estas últimas palavras à luz de uma vela de sebo, embora os dois Whitby tenham deixado claro que não gostam que eu faça isso. Eles temem a chama junto à cortina aqui no meu recanto, temem que eu caia no sono e incendeie toda a universidade. Para manter as boas relações, terei que interromper este relato aqui. Não importa. Agora que cheguei a este lugar, e que meu destino,

por ora, já está definido, não me sinto tão pressionada a anotar meus pensamentos diários. Os Whitby estão na cama, e o filho já começou a roncar ruidosamente. O pai, imagino, continua acordado por minha causa, esperando ver a vela se extinguir. Vou apagá-la agora e deixá-lo aproveitar seu merecido descanso.

Anno 1715
Actatis Suae 70
Great Harbor

Esta manhã, a luz roçou a água como se Deus tivesse derramado um cálice de ouro derretido sobre um tapete do mais escuro veludo.

Eu estava acordada para vê-lo, como geralmente estou ao nascer do sol. Não sei quando foi a última vez que deitei a cabeça e dormi a noite inteira. Apenas cochilo, noite ou dia sem distinção, nos breves intervalos em que a dor mímica e consigo roubar algum descanso. O mais macio colchão de penas não me daria conforto neste momento. Desisti da ideia de me deitar para dormir há algumas semanas, pois não consigo me virar nessa posição e não quero incomodar os outros, obrigando-os a cuidar de mim constantemente. Tenho uma poltrona e um apoio para os pés, cobertores e almofadas que consigo dispor como precisar, aliviando um incômodo aqui ou uma dor lancinante ali.

Vou morrer em breve. Não preciso dos olhares fúnebres dos outros para saber disso. Já presenciei a morte muitas vezes, conheço seus sinais. Percebo o meu corpo fraquejar a cada respiração árdua. Quando uma das crianças entra para ver como estou, já não abro os braços para oferecer um abraço. São crianças amáveis, que se aproximariam, se eu as chamasse, e deitariam a cabeça macia no meu peito por um instante ou dois, educadas, mas não vou sujeitá-las ao cheiro desagradável do meu decaimento. De qualquer forma, a esta altura, até mesmo um carinho bem-intencionado deixa manchas roxas na minha pele.

Deus está me levando, pouco a pouco. Já levou uma boa parte, mas deixou a minha visão, e sou grata por isso. Ainda posso vislumbrar a glória desta alvorada entre as vidraças onduladas da janela do meu quarto. Ainda posso observar o vento agitar a água, o mergulho súbito da águia-pesqueira, as nuvens escuras que se reúnem em ondulantes flores escuras como o vinho. Estou sentada aqui, escorada feito um boneco, e observo. Observo e recordo. Agora que todo o resto passou, isto é o que sobra: visão e memórias.

Na noite passada, pedi que me trouxessem minha caixa incrustada, a que ganhei em Pádua no ano de meu casamento com Samuel. Parecia ter passado um século desde a última vez em que eu a abria. O ar marinho tinha enferrujado as

travas e dobradiças, e minhas mãos duras vacilaram um pouco até conseguir abri-la. Mas as páginas estavam ali. As primeiras, meros fragmentos, amassadas e manchadas, algumas com umas poucas frases em latim com a letra infantil de Makepeace, os erros marcados com golpes furiosos da pena antes que a folha arruinada fosse jogada fora. Depois, as páginas posteriores com umas poucas palavras escritas na bela letra de Elijah Corlett, talvez descartadas por terem uma pequena mancha de tinta ou por um movimento imperfeito da pena. E em todas as páginas, meus próprios rabiscos, aproveitando cada espaço na frente e no verso da folha.

Minhas mãos doem enquanto escrevo estas linhas retorcidas. A cada vez que apoio a pena no papel, a dor atravessa os ossos do meu punho. Mas preciso escrever. Agora, perto do fim, sinto a necessidade de terminar a história que comecei, tantos anos atrás, quando eu e este novo mundo éramos jovens e tudo ainda parecia possível. Suponho que precise narrar a minha vida, o meu papel na travessia de Caleb de seu mundo para o meu, e o que fluiu a partir daí. O tempo é curto, mas rezo para que aquele que tem minha vida nas mãos me conceda os dias de que preciso para fazer este relato.

LEVEI A MAIOR PARTE DO DIA DE HOJE para reler as narrativas desbotadas escritas pela menina que fui um dia. Tive de interromper a leitura várias vezes, pois fui invadida por memórias e as lágrimas borraram a minha visão. Num momento, porém, cheguei a um trecho no qual ri bem alto — e paguei por essa alegria no espasmo lancinante que se seguiu. As linhas que provocaram o riso foram aquelas nas quais essa moça de dezessete anos prevê a própria velhice e a morte.

Ah, as certezas dos jovens! “Senhora frágil e velha”, escreveu ela. Certo, ela previu *essa* parte bastante bem, mas a seguinte: “uma boa fruta teria amadurecido” — sorriu mais uma vez agora, ao copiar essas palavras. Eu poderia dizer uma ou duas coisinhas a essa moça tola sobre as frutas maduras. Sobre as larvas e o mofo, a putrefação e o desgaste. Um gosto amargo que permanece na boca.

Será sempre assim, no fim das coisas? Será que alguma mulher é capaz de contar os grãos de sua colheita e dizer: foi o suficiente? Ou será que sempre pensamos no que mais poderíamos ter vivido se o trabalho houvesse sido mais árduo, a ambição mais vasta, as escolhas mais sábias? Continuo a ler e me pego sorrindo para essa jovem cheia de vigor, sua coragem, sua insensatez e seus muitos medos.

Agora, quando eu talvez devesse estar mais temerosa, vejo que são muito poucas as coisas capazes de me causar medo. Não temo a morte, com certeza;

embora os sermões que ouvi durante toda a vida me digam que fiz por merecer a ira divina. Acredito fielmente que Deus determinou o momento de meu nascimento e o instante da minha morte, e todas as circunstâncias que vivi entre os dois. Desejaria poder dizer, como dizem os eleitos entre nós, que eu não faria nada para alterar a vontade divina. Mas não posso dizê-lo, pois há muitas coisas que eu mudaria, se tivesse esse poder. Talvez seja essa a razão pela qual Deus não falou comigo. Não espero que a minha salvação me seja revelada no pouco tempo que me resta. Sentada aqui, acordada e dolorida, estou ciente de que esta dor pode ser apenas uma amostra do que me espera na eternidade. Ainda assim, não pretendo temer o que não conheço.

De uma coisa eu sei, pois disto a abundância de perdas na minha vida conseguiu me convencer: mais fácil do que sofrer será deixar que os outros sofram por mim.

Trabalhei durante um ano na leiteria da Universidade de Harvard. Todo tipo de conhecimento atravessava aquelas paredes finas. Aprendi com os calouros e os veteranos, assimilando o trabalho de seus quatro anos em apenas um, ouvindo Chauncy dar suas aulas matinais a cada turma sucessiva. Não digo que tenha compreendido tudo o que ouvi; como poderia? Não podemos construir o frontão antes de ter deitado as fundações. Boa parte do que foi exposto nas aulas dos alunos mais velhos permaneceu completamente obscuro para mim. Mas consegui reunir fragmentos aqui e ali, o melhor que pude, e, com o passar do ano, ergueu-se um estranho edifício. Embora eu não tivesse o privilégio das seções diárias de tutoria, durante as quais os alunos podiam tirar as dúvidas sobre o que fora dito naquele dia, aproveitava os momentos passados com Samuel e seu pai e os enchia de perguntas. Com eles, pude pegar livros emprestados, que lia até que os Whitby apagassem sua vela. Assim, consegui avançar em várias matérias.

Ganhei um apreço particular por Hesíodo, o velho poeta-agricultor. Como eu, ele amava o mundo natural e se esforçava por buscar as palavras que expusessem o que ele via. Posso dizer que aprendi o grego memorizando as linhas de seu *Os trabalhos e os dias*, pois elas se acomodavam na minha mente com tanta naturalidade que era como se o autor encontrasse as palavras para explicar meus próprios pensamentos. É o céu noturno de Hesíodo que vejo agora, a cada nova estação: Arcturo a se erguer brilhante no oceano durante o crepúsculo, as Plêiades feito um enxame de vaga-lumes, Sírio secando os campos de feno nas noites quentes de verão e Órion cruzando os céus de inverno a passos largos.

Eu tinha muitas razões para me sentir grata naquele ano. Meu trabalho era menos exigente do que estava acostumada, e os Whitby eram tão agradáveis e bem-humorados que logo me senti à vontade na presença deles, como se fossem da minha família. É claro que eu sentia saudades da ilha, mas o aprendizado que eu ganhava a cada dia parecia compensar essa perda. Somente duas circunstâncias me afligiam naquela época.

A mais preocupante dizia respeito a Caleb e Joel. Seus primeiros meses na

universidade foram difíceis e amargos. Os outros alunos os desprezavam. Não era uma exclusão aberta, que pudesse ser descrita, criticada e, assim, eliminada. Em vez disso, o que ocorria era que seus colegas não faziam nada para que os dois se sentissem bem-vindos; tramavam uma série de pequenos desrespeitos, como não deixar lugar para que eles se sentassem nos bancos do salão ou jamais se dirigirem diretamente aos dois durante o jantar ou nas breves recreações feitas no jardim. De alguma forma — não sei exatamente por que meios —, ficou claro que eles não seriam bem-vindos a participar da hora de camaradagem em volta da lareira após o jantar; esperava-se que eles se retirassem à solidão de seu quarto na Faculdade dos Índios, onde a grande prensa ocupava o que poderia ter sido um cômodo agradável. Mais tarde, só lhes restava ouvir os estudantes ingleses com quem dividiam aquele edifício — cinco ou seis deles, em dois quartos vizinhos aos de Caleb e Joel — entrarem ainda carregando o aroma cálido da madeira queimada e terminando alguma conversa agradável da qual os dois tinham sido excluídos.

Assim, Caleb e Joel se reconfortavam mutuamente, tornando-se, um para o outro, um apoio indispensável. Eles caminhavam lado a lado durante o dia, terminavam as frases começadas pelo outro nas conversas e se retiravam juntos para o quarto à noite, iluminados pela luz de uma vela de sebo, ajudando um ao outro a compreender melhor os textos estudados durante o dia. Se eu ficasse acordada até tarde, veria a luz pálida tremeluzir na janela do quarto deles, que só seria apagada no horário determinado pela universidade, às onze da noite.

Essas dificuldades sociais transcendiam a mera falta de companheirismo: tinham também uma consequência prática. Os alunos que vinham de famílias mais abastadas costumavam receber presentes na forma de comida — um pedaço de queijo, uma linguiça e coisas assim. Esses presentes eram partilhados durante as reuniões em torno do fogo. Eram raras as noites em que ninguém trazia algum mantimento para reforçar o jantar magro. Caleb e Joel, privados da camaradagem e da carne, deitavam-se com fome todas as noites. E também com frio, pois a lenha destinada à Faculdade dos Índios era escassa. Eu temia por sua saúde e por suas almas. Assim, comecei a lhes passar um pouco de comida extra sempre que podia: um ovo aqui, um peixe seco ali, um pouco de manteiga doce sobre o seu pedaço de pão. Se Maude Whitby chegou a perceber, foi amável e não disse nada.

Ao mesmo tempo, Caleb foi perseguido por sua recusa intransigente em participar do costume pelo qual os calouros atuavam como serviçais dos alunos mais velhos. Os alunos de terceiro e quarto ano preparavam retaliações variadas: manchavam o caderno de Caleb ou sumiam com suas penas. Uma vez, esconderam sua boina, pensando que ele teria de se apresentar à mesa de jantar com a cabeça descoberta, sendo assim humilhado. Mas eles o subestimaram nesse

ponto: Caleb simplesmente encontrou um pouco de palha seca no jardim e a usou para trançar um chapéu razoável. Quando ficou claro que nenhuma daquelas travessuras conseguiria diminuí-lo, os veteranos acabaram por se cansar da perseguição e, como costumam fazer os jovens dessa estirpe, saíram à procura de uma vítima mais fácil.

Eu não fui a única a notar a situação. O jovem Dudley, o mais orgulhoso dentre todos os calouros, e Benjamin Eliot, que também se sentia um tanto incomodado com aquela situação, logo perceberam que Caleb não se curvava diante de nenhum aluno mais velho nem estava sofrendo por não fazê-lo. Assim, os dois começaram também a se revoltar contra aquele costume, até o ponto em que se formou uma pequena rebelião. Com o tempo, um grupo de alunos liderados por Dudley juntou coragem e apresentou suas queixas a Chauncy. Ele os escutou, considerou a questão e ordenou que a prática fosse abandonada. O resultado foi que Caleb ganhou algum prestígio entre os calouros, especialmente depois que Dudley lhe agradeceu publicamente por seu exemplo. Gradualmente, os alunos, um após o outro, começaram a enxergar além da pele de Caleb, vendo o homem que havia por trás. E à medida que Caleb passou a ser aceito, o mesmo aconteceu com Joel, pois àquela altura os dois já eram inseparáveis. A cordialidade não veio de um dia para o outro, mas acabou por ser conquistada, etapa por etapa.

Nesse meio-tempo, eles tiveram outra dificuldade, ainda mais grave. O problema estava ligado ao tutor que Chauncy indicara para supervisioná-los, um graduado da Trinity College chamado Seward Milford. O homem era um bêbado inescrupuloso que não gostava de índios e só aceitara o cargo porque pagava melhor que as demais tutorias. Caleb e Joel tiveram que se virar para aprender o que pudessem enquanto ele desfrutava de todos os prazeres e devassidões que a vila tinha a oferecer. Quando Caleb e Joel o procuravam em seu quarto após a aula da manhã, Milford ainda estava dormindo, frequentemente derrubado pela embriaguez da noite anterior na vila, e praguejava contra eles por terem perturbado seu sono. Em vez de educá-los, como mandava seu trabalho, Milford tentava seduzi-los, atraindo-os para seu próprio estado dissoluto. Ele levava aguardentes para a Faculdade dos Índios e então caçoava deles, chamando-os de bebês chorões, quando eles se recusavam a participar de seus excessos.

Uma noite, fiquei abismada e triste quando, voltando do banheiro, vi uma figura cambaleando no escuro e reconheci Caleb. Ele vinha em ziguezague de árvore em árvore, até parar e se apoiar num velho carvalho. Dobrou o corpo e vomitou ruidosamente. Corri para ajudá-lo, na esperança de conduzi-lo de volta ao quarto antes que alguém o pegasse violando meia dúzia de regras da universidade, cuja punição era o açoite.

Dei-lhe meu braço e tentei fazer com que ficasse em silêncio. Caleb balbuciava em alto volume. Suas palavras estavam arrastadas — wampanaontoaonk numa frase, latim na seguinte, e eu não conseguia entender sua tagarelice. Estava quase gritando. Dei um passo atrás ao sentir seu hálito, que cheirava tanto a álcool que daria para acender uma tocha com ele.

— Sssh! — falei. — Fique calado agora.

Caleb cambaleou, e achei que os dois fôssemos cair. Depois ouvi um galho se quebrar atrás de mim e me virei, assustada. Por uma grande sorte era Joel, que vinha ajudar o amigo. De alguma forma, Joel conseguiu conduzi-lo escada acima, limpar o vômito e a saliva do rosto de Caleb e colocá-lo na cama sem acordar nenhum outro aluno, que teria ficado muito feliz em poder denunciar seu comportamento aos monitores. No dia seguinte, Caleb foi para a aula com o rosto pálido e os olhos vermelhos, parecendo incomodado com o ruído dos bancos arrastados pelo chão e dos livros largados sobre as mesas.

Alguns dias depois, ele veio se desculpar comigo.

— Mas por que você fez isso? — perguntei. — Você já viu seu tutor muitas vezes, derrubado pela bebida forte.

— Eu precisava saber — respondeu Caleb. — Precisava saber o que era e se trazia alguma visão. Achei que os sinais externos talvez escondessem algum efeito interno que só ficasse aparente para a pessoa que ingeriu a bebida. Achei que poderia haver algum bem naquilo, já que tantos parecem escravizados pelo álcool.

— E ela lhe trouxe alguma coisa?

— Nada. — Caleb sorriu. — Nada além da perda da minha dignidade e uma dor de cabeça de rachar.

Que eu saiba, nem ele nem Joel jamais encostaram em qualquer aguardente desde então.

A ausência de um orientador capaz prejudicou o avanço dos dois, por mais que eles se debruçassem sobre os livros à noite. Eu sabia bem como era estudar sem um tutor e como isso retardava a compreensão. Conversei com Samuel para ver se poderia influenciar a situação, mas ele disse que não podia fazer nada, pois Chauncy tinha laços familiares com pessoas próximas a Milford e se mostrava, havia muito tempo, completamente indiferente a qualquer palavra de reprovação contra o tutor. Enquanto isso, os alunos e mestres da universidade que haviam expressado suas objeções contra o projeto de lecionar aos índios acreditavam que suas opiniões tinham sido confirmadas pelo aparente fracasso dos rapazes em avançar nos estudos.

A situação provavelmente teria continuado como estava se Milford não tivesse se excedido ao furtar um barril de vinho da despensa de Goodman Whitby, que a

supervisionava com cuidado. Whitby não ligava para a conduta dissoluta na universidade. Se notasse algo, fingia não tê-lo visto, acreditando que o comportamento de um homem ou de um rapaz dizia respeito a si próprio, ao pastor e aos monitores da universidade. Mas os mantimentos eram outra história. Whitby se orgulhava de conseguir administrar aqueles suprimentos insuficientes, fazendo com que durassem por mais tempo do que parecia possível. Por isso, sentiu-se especialmente ofendido com o roubo. Diante da suspeita de furto, apresentou o caso a Chauncy, e o presidente, que depositava grande confiança em seu secretário, foi imediatamente confrontar Milford em seu quarto. Por sorte, encontrou o devasso tutor embriagado, na cama com uma meretriz da Âncora Azul.

Imagino que Chauncy tenha vislumbrado, naquele dia, a completa ruína da universidade caso tal escândalo chegasse aos ouvidos da Sociedade para a Propagação do Evangelho, que cortaria as remessas de fundos. Chauncy resolveu não correr mais riscos com os alunos índios, pelos quais esperara por tanto tempo. Demitiu Milford e ficou pessoalmente encarregado de Joel e Caleb durante aquele tempo. Isso melhorou a condição dos dois de forma notável. Se, no início, Chauncy encarava os dois jovens como uma obrigação que ele tinha de tolerar, mais tarde se tornaram suas orgulhosas obsessões. Chauncy os educou com o mesmo cuidado que dedicara a seus filhos. Ao final do ano, havia corrigido os defeitos na instrução dos dois, de modo que, quando os resultados do exame final foram publicados, eles haviam superado uma boa parte de seus colegas.

A segunda e menos importante sombra que cobriu minha vida naquele ano foi a minha luta interna contra o desejo desvairado. Depois daquele nosso encontro na biblioteca no Dia do Senhor, Samuel e eu tomamos o cuidado de nunca mais nos encontrarmos sozinhos, somente na presença de outros. Era necessário fazê-lo; ambos conhecíamos as nossas fraquezas nessa questão. Depois daquele dia na biblioteca, passei várias noites sem dormir, esperando a chegada das minhas regras, sabendo que, se não viessem, eu teria arruinado não só a minha própria vida, mas também a de Samuel e a do bebê, no enlevo de um único momento de apetite incontido. Por mais decrépita que eu esteja agora, e ainda que essa vida carnal já tenha se encerrado há muito para mim, ainda consigo lembrar, de forma perfeitamente vívida, o que senti naquele ano, lutando e me debatendo contra as ondas de fervor que me arrebatavam, acabando com qualquer pensamento lúcido, razão e decência. Algo de bom surgiu daquilo, ao menos: a partir de então, vi-me completamente livre de qualquer santimônia em relação aos pecados da carne.

SAMUEL ESPEROU, COMO EU LHE PEDIRA, seis meses completos antes de renovar seu pedido por minha mão. Durante esse tempo, seu comportamento deixou claro que ele aceitava a minha personalidade como era e que não desejava, de forma alguma, transformar-me numa noiva mais obediente. Meu medo de que ele tentaria reprimir a minha mente acabou por se mostrar infundado. Embora nos víssemos de passagem todos os dias, só conversávamos no Dia do Senhor, quando nos sentávamos juntos após o culto, tendo seu pai como acompanhante. Se eu pedisse alguma explicação sobre algo que fora dito durante as aulas da semana, o pai de Samuel fechava a cara, mas Samuel sorria e debatia alegremente qualquer tópico que eu levantasse. Em pouco tempo, Elijah Corlett esqueceu seu reprovação e passou a participar das discussões, até que esses seminários informais se tornaram um hábito.

E assim, nós nos casamos durante a semana em que foram celebradas as

formaturas, tendo os jovens formandos de Samuel como testemunhas. Meu irmão e avô fizeram a travessia e participaram da festa. Makepeace até deixou de lado suas críticas austeras e sorriu durante a festança que fizemos na vila. O meu avô e Makepeace deixaram claro que estavam contentes com a minha escolha e se puseram a conversar com Samuel, de forma muito educada, sobre vários temas.

Makepeace trouxe boas notícias para Caleb e Joel, contando que Anne estava bem-acomodada com o povo Takemmy e era querida por eles. Fiquei feliz em saber que ela encontrara um uso para sua mente estudiosa como tutora para as meninas mais novas da família Merry, que, do contrário, não teriam recebido nenhuma instrução (a madrasta das meninas, Sofia, era iletrada, e o pai recebera uma educação escassa; o pouco aprendizado de que Noah e seu irmão podiam se orgulhar viera de sua mãe natural, produto de uma escola para meninas de Hertfordshire, e aquilo terminara com sua morte prematura).

Makepeace estava muito mudado — de aspecto mais leve e modos menos severos. Atribuí essa mudança ao fato de que ele não mais precisava escalar a montanha da academia diariamente, o que o obrigara a enfrentar suas próprias deficiências. Em vez disso, trabalhava na fazenda, lia a Bíblia e era, na prática, o pastor da comunidade. Embora não tivesse qualificação para ser ordenado, o povo da ilha estava satisfeito em tê-lo no lugar de papai ao púlpito, pregando um evangelho simples e sem grandes adornos.

Havia grande necessidade por alguém que falasse wampanaontoaonk para ajudar Iacoomis e o meu avô a continuarem o trabalho missionário de papai; Makepeace não desejava fazê-lo, e nem tinha capacidade para dominar aquela língua difícil. Peter Folger, o agente do meu avô, foi convencido a assumir essa função. Ele se mudara para a nossa ilha-irmã alguns anos antes, depois de se desentender com o meu avô devido a uma desavença na questão espinhosa do batismo. Porém, de alguma forma, os espinhos foram podados e Folger voltou; com isso, o trabalho de papai de catequizar e instruir a população de Manitouswatootan logo recomeçou.

O fato de ter se livrado dos estudos árduos não era a única razão para os modos mais tranquilos de Makepeace. Isso ficou claro quando ele me contou que iria se casar em breve, com a viúva Gaze. Eu a conhecia muito pouco: era uma mulher calma, devota e dois anos mais velha que Makepeace. Seu casamento breve com o marinheiro Eliahu Gaze a deixara com um filho pequeno. Quando Makepeace me falou desse bebê, ficou evidente que ele tinha o mesmo carinho pelo filho que nutria pela mãe. Eu lhes desejava felicidade do fundo do meu coração, ainda mais porque a família de Dorcas Gaze tinha uma propriedade de tamanho razoável. Makepeace, demonstrando seus fortes princípios, foi muito generoso ao calcular a parte de nossa herança que me cabia por casamento, dando-me uma proporção

maior do que a que eu esperava.

Isso foi mais importante do que poderia parecer. De maneira bastante inesperada, Samuel de súbito teve os meios para realizar seu antigo desejo: tinha recebido a oferta de um cargo na Escola Cirúrgica da Universidade de Pádua, juntamente com uma bolsa modesta para cobrir suas despesas. Com certas vendas e negociações, calculamos que tínhamos o dinheiro contado para aceitar a oferta. Assim, zarpamos em dezembro. Eu me despedi de Joel e Caleb sem grande apreensão: eles pareciam bem-encaminhados em seu segundo ano de faculdade, avançando bem nos estudos e com uma boa reputação entre a comunidade universitária. Agora que o próprio presidente se dedicava ao êxito dos dois, seu futuro me pareceu estar assegurado.

Foi uma viagem longa e difícil. Porém, numa manhã de inverno, em meio às brumas, um barqueiro musculoso conduziu nossa embarcação por águas plácidas. Ele não falava inglês nem latim, mas quando ergueu o braço e apontou, pude discernir, à distância, um horizonte irregular. A princípio, minha mente não foi capaz de compreender o que meus olhos viam. Sempre que eu olhara da água para a terra, vira penhascos cobertos de bosques ou portos cercados de poucas casas. Então, de súbito, compreendi o que estava vendo: um horizonte inteiramente criado pela mão humana. E que horizonte: os obeliscos e cúpulas de Veneza, luminosos sob a luz pálida do sol. Desembarcamos junto à Praça de São Marcos, no momento em que a grande área parecia entrar em erupção de tanto barulho. Era meio-dia, e os sinos de uma centena de igrejas ressoavam. O som parecia se erguer em toda parte ao nosso redor. Era como se as próprias pedras estivessem cantando.

Para uma menina criada à beira da selva, era estranho estar num lugar em que cada centímetro fora habitado por centenas de anos. Senti a multidão de pessoas e a multidão de fantasmas — grandes hordas daqueles que haviam vivido e caminhado por ali antes de mim. Aqueles tempos no Velho Mundo — sua luz diferente, aromas estranhos, sons desconhecidos — me reaparecem agora em memórias vívidas: um dia de verão em Pádua. Samuel retorna do Teatro de Anatomia. As palavras tombam de sua boca quando ele me conta tudo o que aprendeu naquela manhã sobre a circulação do sangue nas artérias firmes e veias delgadas. Ficamos sentados no pátio, vendo o sol bater nos velhos muros rosados e sentindo a fragrância de lavanda que brota dos vasos de ervas. Vemos abelhas, com as patas pesadas de pólen, investigando florzinhas. Parto um pedaço de bom pão, sobre o qual passo uma camada de queijo cremoso. Pego um pedacinho de uma raiz cheia de saliências. O senhorio me dera essa raiz pela manhã com grande cerimônia, como se fosse uma pedra preciosa. Ralo um pouco da raiz sobre o

queijo, como ele me mostrou. Sentimos de súbito um aroma maravilhoso — estranho, rico, viçoso. Ponho o pão suculento na boca de Samuel como se ele fosse uma criança. Os dois rimos, e ele me toma pela mão e me leva para dentro, para deitarmos nos lençóis frescos de nosso quarto, com as persianas fechadas.

Ficamos dois anos em Pádua. Pelas manhãs, enquanto Samuel frequentava o Teatro de Anatomia, eu ganhava um bom dinheiro ensinando inglês a um par de adoráveis meninas *contessas* e seu incontrolável irmão mais novo. Eram papistas, naturalmente. Naquela cidade, cuja universidade já era famosa havia quatrocentos anos, vivemos lado a lado com todo tipo de pessoa estranha que havia sido atraída para estudar ali — judeus errantes, muçulmanos de pele escura, monges tonsurados com suas túnicas. Às sextas-feiras, ao pôr do sol, ouvíamos as melancólicas melodias hebraicas vindas da sinagoga próxima e víamos os homens se encaminharem para lá com seus casacos de seda listrada e chapéus baixos. Nos dias festivos, ficávamos maravilhados com as procissões dos papistas que carregavam pelas ruas suas estátuas douradas, decoradas com flores. Depois de algum tempo, até Samuel passou a se perguntar se a nossa forma austera de devoção era a única maneira de demonstrar piedade.

VOLTAMOS A CAMBRIDGE EM 1664. O pai de Samuel nos chamara para sua casa. Sua força começava a fraquejar, e ele precisava do filho para manter a escola até que um mestre competente pudesse ocupar seu lugar. Passei mal durante toda a viagem. Atracamos no porto de Boston debaixo de uma chuva violenta, e eu quis me ajoelhar na lama e beijar o chão — não por gostar de Boston, apenas por *estar* em terra, terra firme, e não no oceano agitado. Na manhã seguinte, continuava adoentada. Samuel me olhou com uma expressão estranha e fez a pergunta que eu mesma deveria ter me feito semanas antes, se não estivesse enjoada demais para pensar com clareza. Depois de mais de dois anos, tínhamos começado a nos resignar com a possibilidade de que Deus talvez não nos abençoasse com isso. Mas, naquele dia, dei-me conta de que carregava o nosso filho dentro de mim. Não vou escrever sobre o parto, exceto para dizer que mal sobrevivi a ele. Seria o nosso único filho, pois embora Samuel e a parteira tenham, juntos, salvado a minha vida, deixaram claro que eu não teria outro. Assim, escolhemos o nome a partir do verso bíblico: “Põe ao teu filho o nome Ami [meu povo] e à tua filha o nome Ruama [amada]”, pois aquele bebê seria nosso filho e nossa filha. E ele demonstrou sê-lo: um homem forte, porém afetuoso. Mora conosco agora — ou, melhor dito, nós moramos com ele —, pois embora Samuel ainda tenha vigor e responda aos chamados ocasionais das pessoas que precisam de suas habilidades

cirúrgicas, são Ami Ruama e sua Elizabeth que ordenam a vida deste lar. Transformaram-no num refúgio para nós, os idosos frágeis e os netos agitados.

MAS ESTOU ME ADIANTANDO. Na cálida manhã de junho de 1665, pouco depois de me recuperar do parto problemático, levando Ami Ruama nos braços, entramos no salão da universidade para ouvir Caleb e Joel, ao final de seu último ano, passarem pela semana de debates com seus colegas. Durante seis dias, os candidatos à graduação teriam de ficar no salão até a hora do jantar, prontos para um debate intelectual com quem quer que possuísse o título de mestre, ou com os membros do Conselho de Inspectores que quisessem interrogá-los. Um por um, vieram os homens bons e ilustres da colônia, como faziam todos os anos naquela época, para testar os conhecimentos da turma de formandos.

O aspecto de Caleb me preocupou. Ele se tornara esquelético. Era acometido por uma tosse persistente. Nos anos da minha ausência, sua saúde piorara em razão de uma dieta fraca e de uma dedicação excessiva aos estudos. Mas seu rosto ainda era belo, ainda que delgado e com uma expressão abatida, e ao vê-lo discutir em latim com um dos inspetores da universidade, notei que ele não perdera seu olhar intrépido. Embora suas habilidades no latim fossem muito superiores às minhas, eu sabia o suficiente para julgar que ele falava com eloquência, sustentando sua argumentação com úteis epigramas e citações de Ramée e Aristóteles. Seus dons naturais eram como um minério, que fora agora refinado e forjado pelos anos de esforço sob a orientação do acadêmico mais respeitado da colônia.

Por mais impressionada que eu tenha ficado ao assistir aos debates de Caleb, era de Joel que tratavam os comentários no salão naquele dia. Dizia-se que, na cerimônia de formatura, Joel seria escolhido como orador da turma, superando os herdeiros das famílias Eliot e Dudley e todos os outros alunos ingleses nascidos em berço de ouro. Enchi-me de satisfação ao saber disso: imaginei seu pai idoso, um homem rejeitado por seu próprio povo na juventude, vendo o filho liderar a turma durante a formatura. Resolvi me encarregar dos preparativos para trazer Iacoomis da ilha quando chegasse a hora.

Fiquei sabendo ainda, ao voltar para Cambridge, que o futuro de Caleb também estava assegurado. Ele se tornara o protegido de Thomas Danforth, o estimado magistrado e assistente do governador. Como tesoureiro de Harvard, Danforth passava muito tempo na universidade e havia reparado em Caleb, estimulando-o nos estudos e conversando com frequência com o rapaz sobre assuntos de direito, como o direito natural e o direito positivo. Caleb iria viver na casa de Danforth em Charlestown, muito perto de Harvard, e estudaria direito sob seus auspícios. Fiquei imensamente feliz ao saber disso e tive certeza de que sua saúde

melhoraria assim que ele se visse livre das privações e restrições da vida acadêmica.

Fiquei ainda mais convencida disso depois que Samuel e eu jantamos com Thomas Danforth e nos banqueteamos em sua mesa generosa, pouco depois do nosso retorno de Pádua. Danforth tinha ficado sabendo que eu conhecia Caleb desde a juventude e me encheu de perguntas sobre o estilo de vida dos nativos da ilha e sobre a família de Caleb, o papel de seu pai, o *sonquem*, e suas semelhanças ou diferenças com as funções de nossos legisladores ingleses.

Ficou muito interessado quando lhe contei o que sabia sobre as negociações feitas por meu pai para adquirir aquelas terras. Na época, o *sonquem* considerou que a venda era uma boa escolha, mas nem toda a tribo concordava com ele. Em vez de proceder como um lorde inglês, desprezando seus inferiores, o *sonquem* cederia algum território aos discordantes, vendendo-nos somente as terras que restavam entre suas posses. Para Danforth, essa ideia de governo parecia muito interessante. Durante toda a refeição, exaltou os talentos de Caleb, dizendo que não havia nada do que ele não fosse capaz, desde que lhe fosse dado tempo e oportunidade. Fiquei exultante ao ouvi-lo falar das grandes ambições que ele depositava em meu amigo, do qual já falava como um futuro homem notável. Danforth especulou que, um dia, veríamos Caleb assumir seu lugar entre os juristas, representando os povos nativos no governo da colônia.

Joel, por sua parte, contou-me que estava decidido a seguir seu pai no ministério. Pretendia voltar para a ilha para ver como estava o estado espiritual de seu povo e encontrar formas de promover o trabalho do pai, levando-lhes a palavra de Cristo. Joel esperava, caso recebesse fundos da Sociedade, obter um segundo título e então ser ordenado. Durante a semana de debates, puxou-nos para um canto. Tímido, olhando para o chão, perguntou se Samuel e eu viajaríamos com ele para a ilha antes dos preparativos para a formatura, para presenciar seu casamento com Anne. Ao que parecia, os dois jovens tinham se correspondido ao longo dos anos, em segredo, exceto para Caleb, desde a fuga clandestina de Anne. Já estavam comprometidos havia um ano e não viam a hora de ter sua união abençoada.

Samuel e eu o felicitamos com toda sinceridade, e quando interroguei Samuel com os olhos, ele disse que certamente conseguiria arrumar um tutor para a escola, para que pudéssemos fazer a viagem. Ao ouvi-lo dizer isso, agarrei sua mão e o olhei com uma expressão que, espero, mostrasse tudo o que eu sentia em meu coração. Eu não visitava a ilha havia cinco anos e estava ávida por voltar para lá. Joel pareceu contente e voltou para tomar seu assento, que ficava, como sempre, ao lado de Caleb.

Ele logo se viu absorvido num debate com um pastor idoso, mas, ao que parece, mantendo o tempo todo um ouvido no que ocorria no debate de Caleb. Em certo momento, virou-se e ofereceu a Caleb um recurso lógico para refutar seu oponente. Era um argumento inteligente, e todos ao redor riram ao ouvi-lo, apreciando seu comentário.

Naquele momento, Ami Ruama começou a choramingar baixo, feito um gatinho, e eu já sabia, por experiência própria, que aquilo logo se transformaria num grito penetrante se eu não cuidasse de suas necessidades. Assim, despedi-me de Samuel e voltei para o quarto agradável e iluminado que tínhamos alugado na casa de seu primo, o vidraceiro Ephriam Cutter. Sentada junto à janela aberta, sentindo o ar quente de verão acariciar meu peito e fazer esvoaçar o cabelo sedoso do meu bebê, senti-me enlevada de satisfação. Pensei no meu pai e em como ele ficaria feliz em ver Caleb e Joel embarcarem em vidas tão úteis e ilustres. Pensei em Anne e em como aquela decisão, feita no calor do momento tantos anos antes, levava a um resultado tão alegre. Deixei meus dedos brincarem com as mechas escuras e macias do cabelo de Ami Ruama. Ele era a cara do pai, embora também lembrasse meu irmão gêmeo Zuriel, ou ao menos eu gostava de acreditar nisso. Aproximei minha cabeça da dele e sussurrei em sua orelha:

— Logo, logo, pequenino, nós vamos fazer a travessia, vamos voltar para casa, para a minha ilha. Você vai gostar de lá.

Ao menos em relação a isso eu estava certa. Ami Ruama adora esta ilha. Ele tinha dez anos quando voltamos para morar aqui, buscando refúgio dos eventos abomináveis que abalaram o continente. Durante todo o terrível ano de 1675, subíamos nos penhascos e olhávamos para a costa distante, examinando o horizonte em busca de rumores da guerra. Com muita frequência, víamos a fumaça se erguer do último povoado atacado.

A princípio, parecia que os índios rebeldes de Metacom pudessem prevalecer. As pequenas cidades de fronteira caíram uma após a outra. O combate chegou até Plimouth, onde o pai de Metacom, Massasoit, já fora amigo dos colonos. Ouvíamos notícias de atos horripilantes: cabeças fincadas em lanças, gado desentranhado, famílias queimadas vivas. Os agricultores não conseguiam transportar a colheita daquele ano a menos que se reunissem em grandes comboios armados. A população fugiu das vilas de fronteira, como Northfield e Deerfield, buscando a segurança relativa das vilas maiores, mas, no total, doze povoados, inclusive Providence, foram queimados e destruídos. Aparentemente, os ingleses não sabiam como lutar contra aqueles inimigos, que pareciam não temer a morte e conheciam a terra nativa como a palma da mão, dotados do poder de desaparecer nos pântanos para se evadir dos perseguidores.

Tentamos manter Ami Ruama o mais protegido possível, mas Samuel e eu nos abraçávamos todas as noites e rezávamos para que a guerra não chegasse até nós. Nossa prece foi atendida; o povo nativo desta ilha jamais apoiou Metacom, ou rei Philip, como os ingleses gostavam de chamá-lo. Em vez disso, o meu avô depositou neles sua confiança e os armou para que se defendessem, e a nós, caso os seguidores de Metacom tentassem trazer a guerra para este lado.

Durante meio ano, a situação foi ruim para os ingleses do continente. De fato, se os índios tivessem se unido no apoio a Metacom, deixando de lado suas velhas inimizades tribais, acredito que teriam vencido, acabando com tudo o que os colonos haviam construído nestas costas durante uma geração ou mais. Do modo como ocorreu, os custos foram enormes. Mais de seiscentos ingleses morreram, e

o número de índios mortos foi muito maior. Morreu também a tênue esperança de que os dois povos pudessem viver juntos com algum tipo de amizade.

Quando a sorte da guerra mudou — Metacom executado, seus seguidores mortos ou vendidos como escravos no exterior —, Ami Ruama desenvolvera um grande medo do continente e implorou para que ficássemos na ilha. Ele tinha fincado suas raízes bem fundo naquelas terras férteis, e desde então jamais desejou estar em qualquer outra parte. No fim das contas, o medo que ele sentia do mundo no outro lado da água se provou justificado, pois o fim da guerra não foi o fim dos desastres para a colônia. Cada barco que chegava à ilha trazia notícias de desgraças. A mão de Deus pesou forte sobre o povo, e o jejum e as preces não pareciam aplacar sua ira. Incêndios terríveis destruíram os lares e armazéns de Boston em 1675 e depois novamente em 1679, e entre os dois, uma epidemia de varíola assolou a colônia com tanta força que cerca de trinta ingleses eram enterrados por dia em razão da doença. O inverno de 1680 foi terrivelmente frio; o verão seguinte trouxe uma seca devastadora. Sentimos seus efeitos aqui, mas não com a mesma força aterradora que no continente. Dizem que a clemência das correntezas marítimas moderou o clima extremo, protegendo-nos de seus piores efeitos.

Embora as notícias que chegavam do continente continuassem trágicas, fiquei surpresa em ver que Samuel concordou de bom grado em permanecer na ilha; eu pensara que ele fosse sentir uma grande vontade de retornar à sociedade dos homens educados. Mas não havia nenhum outro cirurgião aqui, e ele considerava que podia ser útil. Assim, depois de algum tempo, construímos esta casa. Vivemos muito felizes entre estas paredes, que depois se expandiram; acrescentamos uma ala para a família de Ami Ruama, e agora dois de seus filhos têm suas próprias casinhas aqui perto. Às vezes, quatro gerações se reúnem aqui à mesa. Nesses momentos, olho ao redor, surpresa ao ver que aquela garota inquieta acabou por se tornar a matriarca de uma prole tão bem-acomodada.

Enquanto Ami Ruama ainda era muito novo, tentei abrir seus olhos para o mundo que existia além destas costas. Eu lhe falava de Pádua, onde ele fora concebido — das praças da cidade e suas torres proeminentes, ou das histórias emocionantes narradas na ópera e no grande teatro. Ele ficava sentado com a cabeça nos meus joelhos e escutava até eu terminar. Então, virava o rosto para mim — o rosto que tinha a seriedade escura do pai, mesmo àquela tenra idade, mas também uma elegância que as feições danificadas de Samuel tinham obscurecido.

— Esses lugares — dizia Ami. — Tudo ali está feito, construído e acabado. Eu gosto daqui, onde a gente pode fazer tudo por conta própria.

Embora Samuel e eu tenhamos nos dedicado a lhe dar instrução, Ami nunca se interessou tanto quanto nós pela educação dos livros e tampouco cogitou deixar a ilha para frequentar a universidade. Ao crescer, tornou-se um homem prático, que gostava de usar as mãos tanto quanto o intelecto. Nisso, meu amigo Noah Merry foi como um segundo pai para ele, ensinando-lhe as habilidades necessárias para um homem como ele. Noah e Tobia foram abençoados com quatro filhas e nenhum filho. Quando Ami Ruama se casou com sua filha Elizabeth, foi como se as duas famílias tivessem realmente se tornado uma só.

Ami Ruama prosperou, o que é bom, já que foi abençoado com a fertilidade que não foi concedida a Samuel e a mim (orgulho-me de ter seis netos vivos, e vivi para ver três bisnetos). Meu filho é construtor de barcos, um construtor renomado. Sua genialidade esteve em estudar os antigos projetos de embarcações e investigar como adaptá-los às condições particulares das nossas águas e aos materiais disponíveis aqui. O desenho de suas embarcações se tornou muito popular entre os marinheiros de toda a colônia. Vemos suas naus com frequência, navegando pela costa com seu formato inconfundível mesmo à grande distância. Sempre que vejo um barco assim, penso comigo mesma “Meu filho fez aquilo”, e desejo bons ventos a quem quer que o esteja conduzindo.

Bons ventos e maus. Botes e chalupas. Escunas e saveiros. Águas, amplas e selvagens, rasas e imóveis. Essas coisas marcaram os capítulos da minha história. Suponho que isso seja de se esperar na vida de um ilhéu.

O barco que me levou de volta para casa desde Cambridge, em junho de 1665, era um velho pesqueiro calafetado com estopa, mas pareceu-me uma embarcação abençoada.

O tempo estava bom, reluzente. Fiquei de pé na proa, agarrada às cordas, ansiosa pelo primeiro vislumbre daquela terra que eu abandonara, tão relutante, cinco anos antes. Joel estava ao meu lado, com uma saudade ainda mais urgente que a minha. Meu coração deu um salto quando discerni, à distância, a linha que marcava a ilha. Aquela linha logo se tornou uma saliência, depois um penhasco nítido, e então a grande extensão de costa que eu tanto adorava e na qual passara os melhores dias da minha infância. Gritei para Samuel, que tinha Ami Ruama nos braços. Samuel levantou o olhar e viu a ilha distante, erguendo-se acima das ondas. Sorri com uma expressão afetuosa, contente em me ver alegre.

Desembarcamos e fomos recebidos por um grande grupo de pessoas queridas — o meu avô, mal tocado pela idade; tia Hannah, frágil e enrugada feito uma uva-passa, caminhando com dificuldade, com a ajuda de vários netos. Makepeace, muito bem-aprumado, com o jovem enteado a lhe segurar a mão com força, e a mulher, Dorcas, ao lado, ninando a filha bebê que tinham batizado de Solace. Um pouco atrás deles estava Iacoomis, com a mulher e os filhos — uma família já crescida e próspera. Cercada pela minha própria família, olhei para a de Joel e sorri ao ver as crianças se amontoarem ao redor dele, as mais novas competindo para tentar subir em seu colo, as mais velhas apoiando uma das mãos em suas costas ou ombro, todas ávidas por tocar no graduado de Harvard que voltava para casa. A mãe de Joel, Grace, agarrou o punho magro do rapaz com sua mão carnuda e expressou sua desaprovação ao ver o filho tão definhado. Não restava nenhum sinal do garoto gorducho que deixara aquele lugar. Pude perceber que, naquele exato momento, ela decidiu que iria engordá-lo nas semanas seguintes.

Pensei em Caleb. Não havia ninguém para cuidar dele dessa forma. Com um peso no coração, Caleb decidira ficar em Cambridge, ainda que os alunos que haviam passado pela semana de debates estivessem livres durante as várias

semanas que passariam até a formatura. Seu único familiar próximo, Tequamuck, não iria receber com grande alegria seu aprendiz perdido, adotado agora pelos estratos mais altos da sociedade inglesa. Não sei se Caleb tinha medo do tio ou se, por ainda sentir afeto por ele, decidira não confrontá-lo com sua perda. O que sei é que essa incomum separação entre os dois amigos, e num momento de celebração, custou muito aos dois. Sei também que Joel não tentou pressionar Caleb para que viesse, entendendo melhor que ninguém o rasgo que havia no tecido de que era feita a vida do amigo.

Agora, embora Joel estivesse rindo e dizendo palavras amáveis aos seus, notei-o vasculhando o cais com o olhar. Imaginei que estivesse procurando Anne. Essa reunião veio depois, quando a família Merry foi buscá-la para a plantação aquela tarde. Meu avô presidiu seu casamento na noite do dia seguinte. Anne cumprira a promessa de beleza de sua juventude; seus olhos verdes já não fitavam o chão, mas brilhavam, animados enfim por um espírito confiante e alegre. O olhar sonhador de Joel raramente se desviava do rosto dela. A festança foi extraordinária. Calculo que ao menos a metade da comunidade de Takemmy, inclusive o *sonquem*, veio a Great Harbor para participar da celebração, trazendo consigo as melhores iguarias, que se somaram à farta mesa já preparada por Iacoomis. Somente a família Alden e sua facção se mantiveram afastados, embora até mesmo um ou dois deles tenham entrado na festa depois que a alegria da celebração ficou evidente.

NO FRIO DAQUELA MANHÃ, deixei Samuel cuidando de Ami Rua□ma. Fui procurar Pintada. Ela parecia bem para a idade, estava brilhante e bem-cuidada. Quando joguei as rédeas por sobre sua cabeça, cutucou-me com o focinho e fez uma pequena dança, prevendo a nossa cavalgada. Não a forcei — segui devagar, notando as mudanças trazidas pelos anos. E eram muitas as mudanças ocorridas nas terras que circundavam o povoado. O matagal, que ficava tão próximo de nós na minha infância, fora empurrado para trás, ano após ano. A trilha que partia de Great Harbor estava larga e bem-marcada por vários quilômetros. Tocos de árvores delimitavam os lotes de lenha ainda mais longe — os colonos agora se viam obrigados a viajar por grandes distâncias para conseguir madeira. Muitos outros hectares tinham sido preparados para a pastagem, e os rebanhos que pastavam por ali eram muito mais numerosos.

Fiquei feliz quando chegamos, por fim, a uma área intocada, com faias altas e sassafrases aromáticos. Inspirei avidamente os aromas da minha infância, observando o conhecido jogo de luz que atravessava as folhas. Fiquei sentada por

algum tempo diante do monumento de pedras brancas de papai, que já tinha duas vezes a minha altura e reluzia sob o sol. Quando chegamos à costa sul, Pintada entrou sozinha num galope, e eu a deixei correr entre as ondas até se cansar.

Nos dias seguintes, saí para cavalgar sempre que pude — às vezes sozinha; muitas vezes com Samuel e o bebê. Eu queria lhe contar as minhas memórias, o máximo que conseguisse. Mas houve coisas que não contei, e se por vezes Samuel me pegava perdida em devaneios, não me pressionava para que eu revelasse tudo o que estava pensando.

Acho que teria sido impossível reunir ânimo para deixar a ilha, em pleno verão, vendo a colheita amadurecer, se a grande celebração da formatura de Caleb e Joel não nos chamasse de volta para Cambridge. Tínhamos bolado o que, para mim, era um plano maravilhoso para aumentar a alegria de Joel nesse dia. Ele precisaria voltar antes de nós, pois teria a honra de ser o orador da turma e devia trabalhar em seu discurso e ensaiar seu papel de liderança nos diversos ritos que ocorreriam no dia. Uma chalupa partiria na primeira maré favorável, abarrotada de produtos da ilha — peles de animais, barris de bacalhau salgado, fardos de raiz de sassafrás que seriam levados à Inglaterra, onde era estimada como um remédio contra os efeitos do “mal-francês”. O capitão concordou em levar Joel como passageiro. Dissemos que iríamos encontrá-lo em Cambridge em uma quinzena. Pretendíamos lhe fazer uma surpresa, levando Iacoomis em segredo.

Anne e eu fomos juntas ao porto para nos despedir. Fiquei afastada, para lhes dar um momento a sós. Eles ficaram ali, de mãos dadas, a luz do sol brilhando em seus cabelos lisos e pretos, e quando Joel embarcou e as velas se estufaram sob a brisa fresca, Anne ficou no cais, fitando-o, até que o barco circundou a curvatura da terra e desapareceu de vista. Mais tarde, quando tentei, em meio ao meu sofrimento, lembrar-me de qualquer detalhe que pudesse indicar algo de errado, penso ter tido a impressão de que a chalupa estava muito baixa na água. Mas talvez não seja uma memória verdadeira, só um pensamento plantado em minha mente, depois do que ocorreu.

Fico surpresa agora ao ver que escrevi tão pouco, nas várias histórias que rabisquei ao longo dos anos, sobre a nossa ilha irmã, aquele crescente baixo, mais distante no mar, sobre o horizonte azulado além da ilhota de Chappaquiddick. Os títulos do meu avô incluíam a outra ilha, eu sempre soubera disso; lembro-me de sua satisfação, em 1659, quando encontrou investidores de Salisbury que lhe pagaram 30 libras e dois gorros de pele de castor — dos quais ele se orgulhava bastante — por uma participação na exploração da ilha. Eu também sabia que papai a visitava de tempos em tempos, acompanhado de Iacoomis, para evangelizar os índios do lugar. Porém, pelo que papai contava ao regressar, a outra ilha era inferior, em todos os aspectos, à nossa — menor, mais plana, menos variada, mais açoitada pelo vento — e mal valia a viagem de uns poucos quilômetros por aquelas águas traiçoeiras, repleta de rochedos e bancos de areia.

Ainda assim, foi para lá que fomos, três dias após a partida de Joel. Os golpes de vento secavam as lágrimas em meu rosto, e minhas tripas eram retorcidas pelo sofrimento e pelo enjoo, ambos. Houvera ventos fortes na tarde após a partida de Joel, mas não a ponto de nos causar nenhuma grande preocupação. Os navios percorriam as águas entre a ilha e Boston em condições muito piores, e os marinheiros não se preocupavam muito com isso. Ninguém jamais conseguiu explicar de que modo a chalupa foi desviada para tão longe de sua rota, sendo jogada para a costa de Coatuet.

Quando nos aproximamos da ilha, vimos a chalupa inclinada, encalhada bem alto nas areias da praia, logo antes de uma densa floresta de ciprestes. Aquilo não parecia um naufrágio — a chalupa estava tão pouco danificada que parecia impossível que alguém a bordo tivesse perecido na aterragem. Virei-me para Samuel, animada com a esperança de que as notícias que haviam chegado até nós fossem falsas. Mas ele me olhou com uma triste seriedade, apoiou a mão no meu ombro e sacudiu a cabeça. Percebi então que ele sabia mais sobre o fato do que me contara até então.

O capitão do nosso barco não arriscou uma maior aproximação, por isso

seguimos em frente até o porto, recolhendo as velas e avançando devagar para o cais. Peter Folger nos encontrou ali, e os quatro — Samuel, o bebê, Iacoomis e eu — desembarcamos e percorremos a curta trilha até sua cabana.

Iacoomis estava encurvado como um velho, com uma expressão abatida que eu não via nele desde o dia em que viera à nossa casa quando eu ainda era criança.

Folger tinha servido pão, queijo e cerveja na mesa, e eu peguei um pouco de pão, pensando que iria acalmar a minha barriga, mas as migalhas pareceram cinzas na minha boca e precisei deixá-lo de lado imediatamente. Iacoomis foi o primeiro a falar. Dirigiu-se a Folger em wampanaontoaonk:

— Onde está o corpo do meu filho?

— Amigo — respondeu Folger, num tom grave. — Carregue consigo a memória do seu filho vivo.

Iacoomis olhou para Folger; tinham olhos similares.

— Eu vou ver o meu filho.

Folger apoiou uma das mãos no ombro de Iacoomis.

— Meu amigo, como você quiser. Como preferir. Mas eu lhe pouparia. Eram muitos. Usaram clavas. Estavam completamente enfurecidos.

Soltei um grito ao ouvir essas palavras, e Iacoomis, que se transformara no homem mais corajoso que eu conhecia, o homem que confrontara os *pawaaw* e os subjagara, dobrou o corpo feito uma folha seca e teve que se esforçar para conseguir respirar.

Samuel, que não entendera o que tinha sido dito, envolveu-me nos braços e olhou para Folger com uma expressão inquisidora.

— Apanhamos os assassinos, fique tranquilo quanto a isso. Vão ser enforcados, pode ter certeza. Nós os conhecemos bem: são encrenqueiros perversos que, há algum tempo, vêm se queixando de que nós os enganamos, expulsando-os de seus campos de caça, e que deixamos os nossos porcos estragarem as suas terras. É uma acusação falsa, pois temos a marca do *sonquem* deles nos documentos que nos cederam todas as suas terras. Eles dizem que o *sonquem* não sabia o que estava assinando, mas como pode ser culpa nossa se eles agora, como afirmam, não conseguem alimentar seus filhos? De qualquer forma, não foi a primeira vez que recorreram ao roubo: pois essa foi a razão, eles confessaram. Ao verem a chalupa encalhar, eles a atacaram para pilhá-la, e bateram em qualquer um que tentasse contê-los. O primeiro marinheiro, que ainda estava vivo quando o encontramos, embora Deus o tenha levado pouco depois, deu a entender que Joel os confrontou com toda bravura, apresentando argumentos, na língua deles, sobre por que deviam parar com aquilo, mas isso apenas serviu para deixá-los ainda mais furiosos, e avançaram sobre ele da forma mais cruel.

Quando consegui falar, virei-me para Iacoomis e falei, em wampanaontoaonk, que seria uma grande honra, para mim, ter a permissão de lavar o corpo de Joel e prepará-lo para um enterro cristão. Iacoomis não iria querer um rito diferente para o filho.

Samuel tentou me dissuadir. Mas eu o olhei nos olhos e disse que iria fazê-lo, e isso demonstrou que tipo de casal nós tínhamos nos tornado, pois ele apenas apanhou Ami Ruama dos meus braços e assentiu; saí então para o lugar onde tinham deixado o corpo dilacerado de Joel. Peter Folger me deu lençóis para cobri-lo. Fiz o melhor que pude. Quando Iacoomis veio ver o filho, conseguiu conter o choro ao vê-lo, revelando sua coragem e suas convicções cristãs. E assim deixou este mundo o jovem Joel, nosso profeta promissor.

VOLTAMOS COM IACOOMIS para a nossa ilha, levando a triste notícia de que os rumores sobre o naufrágio e a morte eram verdadeiros. Eu estava presente quando a notícia foi transmitida a Anne. Ela se debateu, arrancando cabelos e arranhando o rosto, e não havia nada que a consolasse. Sentei com Anne essa noite e parti no dia seguinte para cuidar de Grace Iacoomis, que estava sentada à porta da casa, com os olhos verdes feito lagoas transbordantes, fitando o mar com uma expressão imóvel.

Dois dias depois, Samuel e eu desembarcamos em Cambridge, encontrando um estado de celebração que contrastava inteiramente com a nossa melancolia. Desde a primeira formatura, em 1642, aquelas festas tinham se tornado o principal festival de verão de Cambridge; ocorriam na mesma época da fatura da colheita e antes dos primeiros indícios de que o tempo iria piorar. Desde a fundação da universidade, até os mais sóbrios membros dessa austera colônia consideravam que o aprendizado era digno de celebração, sancionando excessos cometidos durante a formatura que teriam gerado punições severas em outras épocas. Naquele ano não foi diferente, e, como sempre, com a chegada do grande dia, a vila de Cambridge começou a se encher de pessoas ligadas à universidade ou daquelas que vinham apenas para aproveitar o festival.

DEIXEI SAMUEL E O BEBÊ NA CASA da família Cutter e segui direto para a Faculdade dos Índios. Fiquei encarregada de levar a notícia a Caleb. Eu era sua amiga: parecia certo que o fizesse. Samuel quis vir comigo, mas lhe falei que não. Eu não sabia como meu amigo receberia aquele golpe, mas, de qualquer forma, quanto menos pessoas presenciassem a cena, melhor. O pior foi que seu rosto se encheu de alegria ao me ver. Correu pelo jardim para vir me cumprimentar. Caleb parecia

estar tão bem quanto no momento do meu regresso de Pádua, todo animado com a expectativa da celebração.

Durante toda a viagem para cá, eu viera pensando nas palavras que poderia lhe dizer. Eu as revirara, moldara e repetira mentalmente muitas vezes. No final, todos aqueles ensaios não serviram de nada. Quando o amor entre duas pessoas é tão forte quanto o que havia entre Caleb e Joel, a alma não precisa de palavras para saber de notícias trágicas. O meu rosto, meu corpo, o peso dos meus passos — tudo isso lhe transmitiu a notícia com clareza. Antes que eu pronunciasse qualquer palavra — “naufrágio”, “assassinato” —, Caleb soube que Joel estava morto.

Não chorou. Ficou ali, e a mão que havia esticado para me cumprimentar caiu pesadamente a seu lado. O seu rosto se contorceu com o esforço que fez para manter o autocontrole. Tive grande dificuldade em encontrar palavras; as lágrimas fechavam a minha garganta. Não sei como consegui narrar os eventos, mas depois de um instante Caleb ergueu a mão para me calar.

— Bethia. — Caleb respirou fundo, uma respiração áspera. — Vou procurar você em breve para ouvir esta história. Por favor, deixe-me sozinho agora.

— Caleb, se eu...

— Por favor, Bethia. Se você gosta de mim. Vá.

E eu fui. Não sei se ele procurou saber dos detalhes mais tarde, com Samuel ou com outra pessoa. Mas Caleb nunca mais falou comigo sobre a morte de Joel.

Não vou dizer que a formatura de Harvard no ano 1665 da Era Cristã tenha sido um evento triste. Isso seria falso. Houve alegria, um momento de belas festividades, até para aqueles de nós que estavam de luto. Neste mundo perdido, essa é a nossa condição. Toda felicidade é um raio de claridade entre as sombras, toda alegria é pontuada pelo sofrimento. Não há nascimento que não relembre uma morte, não há vitória que não traga à mente uma derrota. Assim foi a celebração daquela formatura. Acredito que Joel teria desejado que fosse dessa forma. Seu espírito, no que senti de seu toque leve naquele dia, não era um fantasma inquieto, e sim uma companhia querida e benigna. Acredito — espero — que Caleb tenha sentido o mesmo.

Fecho os olhos e me lembro daquele dia banhado de sol. As estradas estavam repletas, desde o início da manhã, de visitantes de Boston, Watertown, Charleswotn e todas as outras fazendas ou plantações das redondezas. As famílias dos formandos avançavam aos empurrões ao lado de índios, agricultores, sacerdotes e vendedores, que anunciavam ruidosamente seus produtos, ávidos por lucrar com aquele aglomerado de gente. Ao que parecia, muitos dos presentes não tinham sede de conhecimento, e sim de cerveja e vinho, pois as tabernas fizeram bons negócios, e a embriaguez pública estava evidente em alguns dos que compunham a multidão.

Quando eu trabalhava na leiteria, os preparativos do banquete consumiam nossos esforços durante muitas semanas antes do grande dia. Seguindo um longo costume, chamávamos dois índios de Natick que tinham prática na churrasqueira para assar boas carnes, e no grande fogão as panelas ficavam repletas de sopas e pudins. Retiramos ao menos doze barris de vinho da despensa naquele ano, e perdi a conta da quantidade de cidra e cerveja que foi consumida, contando apenas a que foi tomada dentro das dependências da universidade. Naquele ano, tive a impressão de que os nomes dados a certas partes da festa estavam errados, pois se u *inceptio*, ou início, mais parecia o fim para nós, que tínhamos ficado responsáveis por prepará-la.

Samuel e eu chegamos cedo para garantir um bom lugar de onde pudéssemos observar a procissão acadêmica. Ainda assim, muitos outros haviam chegado antes de nós. Pude ver o governador, montado e flanqueado por seus guardas com lanças, e também os xerifes que escoltavam o Conselho de Inspectores. Mas não discerni os membros ilustres do Tribunal Geral nem o reverendo clero das seis maiores vilas, pois estavam a pé. Segurei a mão de Samuel e abrimos caminho, com alguma dificuldade, entre aquela multidão densa até encontrarmos um ponto melhor, mais alto, de onde observar a procissão. Eu estava determinada a ver Caleb marchar com seus colegas. Vi Chauncy e Dunster, o antigo presidente, vestindo as túnicas decoradas com pele de arminho e as boinas de veludo de suas universidades inglesas. E então vieram os nossos formandos, com túnicas simples; não precisavam de nenhum adorno além de sua expressão de júbilo. Mantinham-se sérios por um momento, e então abriam sorrisos de alegria ao vislumbrarem algum parente na multidão. Vi Eliot e Dudley, o belo Hope Atherton e Jabez Fox, sorridentes. Depois Caleb, o último da fila, ao menos uma cabeça e meia mais alto que o anterior, com uma postura altiva, como alguém acostumado a participar de cerimônias. Ao contrário dos outros, que olhavam freneticamente ao redor, Caleb manteve o olhar fixo à frente, um olhar intenso e focado, como se conseguisse realmente vislumbrar o futuro ao qual se dirigia.

NÃO TIREI OS OLHOS DE CALEB, mesmo depois de ele ter passado por mim. O formato de seus ombros, o chapéu cerimonial bem-assentado na cabeça — e eu pensei em penas de peru e sebo de guaxinim, *wampum* roxo e pele de cervo. Pensei naquelas mãos, sujas de terra, ávidas pelo livro que eu carregava. Eu começara aquela jornada seguindo-o para os cantos ocultos de seu mundo, e aqui terminava ela, com Caleb tendo feito a travessia para os degraus mais altos do meu.

Samuel tocou então em meu braço e indicou que devíamos nos apressar para entrar no salão. Eu tinha combinado com os Whitby de espiar a cerimônia da leiteria, prometera não atrapalhá-los em nada naquele que era o dia mais agitado do ano para eles. Por uma fresta, vi Samuel tomar seu lugar à frente, junto dos ex-alunos ilustres. O salão estava repleto e todo animado por conversas, até que o pastor se levantou para fazer suas preces. Benjamin Eliot foi então chamado para fazer o discurso em grego. Ele fora escolhido como orador da turma. Não foi dita uma palavra sobre a morte prematura e trágica de Joel, e se a honra de ser o orador teria cabido a ele, não foi dado nenhum sinal disso. Não sei por que Joel não foi citado; pareceu-me uma péssima atitude, e senti meu rosto arder com a injustiça dessa omissão. Se tal destino trágico tivesse recaído sobre um Eliot ou

um Dudley, é certo que teríamos ouvido falar do caso e oferecido uma prece. Supus que Chauncy não quisesse obscurecer a alegria do dia nem diminuir o jovem Eliot, deixando claro que ele fora a segunda opção — especialmente porque seu famoso pai estava sentado na primeira fila de convidados ilustres, sorrindo orgulhoso. Ainda assim, aquilo não me caiu bem, e me incomoda até hoje.

Acredito que Benjamin Eliot não tenha tido muito tempo para preparar suas palavras, pois recaiu no tema rançoso e batido da salvação pela graça, e embora tenha sido um discurso competente, ninguém poderia chamá-lo de brilhante nem memorável. O jovem Eliot, é claro, não precisou usar essa ocasião como tantos outros, buscando chamar a atenção da plateia ilustre que talvez tivesse um púlpito ou uma sala de aula para lhe oferecer. Seu caminho já estava traçado; ele auxiliaria o trabalho de seu pai. Mais tarde, fiquei sabendo que uma triste sina o aguardava. Ainda jovem, ele enlouqueceu, tornando-se incapaz de governar sua língua ou suas ações.

Dudley foi o segundo a se erguer, para fazer uso da honra secundária de apresentar o discurso em latim. Dudley o fez de forma inteligente e bela, tomando como tema a Doutrina do Meio-Termo e as vantagens da moderação, e então, quando conseguiu aplacar o público, fazendo-o aceitar sua proposição, subverteu o argumento afirmando que, na verdade, Deus não admitia moderação. Entre o bem e o mal, a verdade e a falsidade, não havia meio-termo, e o fato menos moderado da existência era a existência do próprio Deus. Quando terminou, as vozes de aprovação que se ergueram pelo salão também foram bastante imoderadas, fortalecendo ainda mais o argumento de Dudley. Não preciso escrever do que foi dele: sua fama — ou infâmia — depende da facção à qual nos associamos, e seu nome nos foi repetido muitas vezes. Mas quando fiquei sabendo que ele havia escrito um relato de suas aventuras na campanha do Grande Pântano na Guerra do Rei Philip, encomendei o livro. Fiquei abismada quando o li, surpresa em ver que uma pessoa que conhecera Caleb e Joel pudesse se deliciar com o assassinato de mulheres e crianças indígenas daquela forma.

A seguir veio Jabez Fox, que se seguiu a Dudley com o discurso em hebraico. Ele também se voltou a um tópico já muito trilhado: se a divindade sempre se manifesta na beleza. Peguei-me divagando sobre as outras vezes em que o tema fora sondado e pensei que era uma pena que Caleb não tivesse discursado sobre esse assunto. Ele poderia ter feito uma exegese vívida, recorrendo a uma experiência muito distinta do que era bom e belo e falando de como a beleza podia ser percebida de forma muito diferente por almas diversas em tempos diversos. Ainda que, em seus trabalhos, Caleb tenha se saído tão bem quanto Fox, ou até melhor, Samuel me contou que Chauncy considerava imprudente dar a Caleb e

Joel a honra de fazer dois dos três discursos. Disse que Chauncy convidara Caleb para discursar quando recebeu a notícia da morte de Joel, mas Caleb recusara a oferta, dizendo que não tinha ânimo para tal.

Por mais que eu tentasse manter a atenção nos oradores, meu olhar não parava de se desviar para Caleb, sentado ali no lugar de honra dos formandos, sobre o palco. Ele se mantinha, como sempre, numa posição muito ereta. Tentei enxergá-lo como os outros no salão o enxergariam — aquela grande curiosidade, um selvagem retirado da selva e transformado num acadêmico pleno. Na realidade, ele parecia quase indistinguível de seus colegas formandos. Suas roupas eram idênticas às deles em todos os detalhes. Talvez estivesse até mais arrumado. Caleb era mais alto, como já falei, mas também tinha o tórax e os braços largos, o que, no passado, o distinguia como um homem diferente. Embora seu cabelo tivesse um tom mais escuro que o dos outros, perdera um pouco da grossura e do brilho característicos. Sua pele, apesar do tom verde-oliva, estava muito mais clara depois de tantos anos de vida reclusa. Somente as feições da face — as maçãs do rosto altas e largas — tinham se tornado mais pronunciadas e marcantes depois que ele emagrecera. Caleb estava voltado para o púlpito do orador, mas sua expressão parecia muito distante. Supus que estivesse pensando em Joel; como não estaria?

Quando a hora do almoço se aproximou, Chauncy ficou em pé para dar início à festança, abençoando os jovens que passavam a assumir seu papel como líderes da sociedade. O governador se ergueu a seguir, ofereceu um brinde e fez um discursinho cordial sobre a universidade e o orgulho que sentia pelo fato de que as universidades de Oxford e Cambridge reconhecessem o diploma de nossos alunos como equivalente ao deles.

O banquete em si foi abundante, a carne, succulenta, e as taças foram enchidas muitas e muitas vezes; o ruído no salão cresceu tanto que as pessoas não ouviam o que estava sendo dito em suas próprias mesas sem se inclinarem até quase subirem no colo dos vizinhos. No final, o clamor e o calor sufocante me fizeram escapar da leiteria para o jardim, onde o ar estava mais fresco, embora a celebração estivesse igualmente estrepitante. Quando me recuperei o suficiente para voltar para dentro, os debates já haviam começado. Embora tivesse muita vontade de ouvir Caleb, eu sabia que ele faria um trabalho admirável nos velhos tópicos das teses *philosophicae* e *philologicae*. Na verdade, nada do que foi dito naquela tarde já não fora dito uma dúzia de vezes naquele mesmo lugar; a única diferença foram as interjeições ocasionais da plateia, cujo ânimo havia sido levantado pela comida farta e o álcool abundante. Caleb foi aprovado com honra; vi Chauncy se encher de alegria sempre que ele falava em seu latim eloquente e

fazia alusões pertinentes. Por uma ou duas vezes vi Thomas Danforth se aproximar de outros homens ilustres para comentar a capacidade de Caleb, buscando sua confirmação.

Muito bem, pensei. Você conseguiu, meu amigo. Custou-lhe a casa, a saúde e a separação das pessoas mais próximas. Mas depois de hoje, nenhum homem poderá dizer que a mente indígena é primitiva e ineducável. Aqui, neste salão, está você, o argumento incontestável, o *negat respondens*.

Por fim, Chauncy ficou em pé e pediu silêncio. O salão se aquietou. Chauncy se dirigiu, em latim, aos inspetores:

— Ilustres cavalheiros e reverendos pastores, apresento-lhes estes jovens, cujo conhecimento sei ser suficiente para lhes valer o Título Superior em Artes, segundo o costume das Universidades da Inglaterra. Estão de acordo?

As vozes se ergueram:

— *Placet!*

UM POR UM, OS FORMANDOS ficaram em pé e se apresentaram diante de Chauncy para receber o livro que representava seu diploma. Quando Caleb recebeu o seu das mãos de Chauncy, achei que a voz do velho homem estremeceu de emoção ao dizer as palavras habituais:

— Entrego-te este livro, junto do direito de lecionar qualquer uma das artes que estudaste, onde quer que recebas esse chamado.

MAIS TARDE, QUANDO TODAS as formalidades tinham sido concluídas, os formandos desceram do palco, sendo cercados por suas famílias. As mulheres — mães, irmãs — tinham agora se juntado à multidão, entrando no salão cheias de sorrisos pelos filhos graduados. Avancei, tentando alcançar Caleb, para lhe dar os parabéns que ele merecia. Mas o aglomerado de pessoas estava tão denso e impenetrável que mal consegui me aproximar. Caleb, porém, seguiu diretamente na direção da porta, e eu o segui. Chamei-o, tentando atrair sua atenção. Caleb não se virou, apenas continuou andando. Olhei para trás, para Samuel, que estava igualmente cercado por uma massa de celebrantes. Samuel deu de ombros, tentando indicar que estava preso, por ora, em seu canto do salão. Avancei como pude, empurrando homens ilustres e reverendos sem me importar com os bons modos, e finalmente alcancei a porta. Olhei em todas as direções, tentando discernir Caleb na multidão.

POR FIM, RECONHECI-O — na metade do jardim, apoiando-se pesadamente numa árvore.

Estava de costas para mim, mas vi que seus ombros estremeciam. Por um momento, pensei se deveria me aproximar dele ou não. Talvez estivesse triste e não me quisesse ao seu lado. Mas, então, meu sentimento venceu a prudência e fui depressa até ele. Quando me aproximei, vi que o que o fazia estremecer não era a tristeza, e sim uma tosse violenta. Caleb cobria a boca com um lenço que eu costurara para ele. Quando afastou o lenço da boca, vi que estava manchado de sangue.

Imagino que toda pessoa viva já tenha estado ao lado de uma pessoa querida que tenha passado pelas agruras causadas pela consumpção. Assim, não vou narrar os longos dias e noites, apenas digo que o meu amigo sofreu e, durante todo o processo, demonstrou o estoicismo que cabe a um filho de *sonquem* e a um cristão convicto. Só não sei dizer em qual dessas duas partes ele encontrou tamanha paciência e coragem.

Thomas Danforth foi muito prestativo. Caleb recebeu a melhor comida, mas ela veio tarde, não sendo capaz de devolver o que aquela vila e a vida acadêmica lhe haviam roubado. O médico de Charlestown visitou Caleb quase todos os dias, e Samuel lhe aplicou sangrias e ventosas sempre que julgou necessário. A princípio, esses cuidados e a oportunidade de caminhar pelos campos de Danforth pareceram melhorar a condição de Caleb. Mas quando o tempo piorou, Caleb começou a piorar outra vez. Chegou o dia em que já não conseguiu se levantar da cama.

Estávamos em Cambridge nessa época, na casa da família Cutter; Samuel se alternava auxiliando o novo mestre na escola e visitando seus pacientes cirúrgicos. Fui para Charlestown sempre que pude, para me sentar com Caleb, ler para ele e estimulá-lo como fosse possível. Todos esperávamos que sua condição melhorasse com a chegada da primavera, mas o ar mais cálido pareceu insuficiente para impedir seu declínio. Quando o estado de Caleb se tornou grave, Danforth perguntou se eu poderia ficar em sua casa e servir de enfermeira a Caleb. Samuel consentiu, e tão rápido que temi pelo que ele não disse: que sua experiência lhe mostrava que o fim de Caleb estava próximo. A jovem mulher de Ephriam Cutter concordou em cuidar de Ami Ruama. Assim, fiquei em Charlestown e passei dias inteiros velando Caleb. Ali, ouvi seus delírios febris, que o assolaram quando a doença piorou e ele passou a perder a consciência. Às vezes, Caleb murmurava passagens das escrituras; às vezes, aforismos e epigramas em latim lhe escapavam dos lábios. À noite, porém, ele balbuciava em wampanaontoaonk. Nesses momentos, sempre parecia se dirigir a Tequamuck. Os balbucios tomavam a

forma de uma conversa, ou de uma discussão, e Caleb frequentemente ficava agitado e se debatia na cama; de dia, porém, seu corpo estava fraco demais e ele sequer conseguia erguer as mãos.

Depois de várias noites nesse estado, bolei um plano — que talvez fosse uma tolice, uma loucura desesperada —, juntei coragem e, com a bênção de Samuel, comprei uma passagem para a ilha.

MAKEPEACE E DORCAS FICARAM felizes em me ver, embora eu não tenha lhes dito a verdade sobre a razão daquela visita. Conteí-a apenas a Iacoomis. Ele ficou furioso, como eu temera, e tentou, de todas as formas, dissuadir-me do plano. Ao final, infelizmente, recusou-se a me ajudar. Não posso dizer que eu tenha ficado completamente surpresa com isso.

Dessa forma, só me restava um lugar onde pedir ajuda. Precisei de muito tempo para convencer Makepeace, mas ao final ele concordou em me deixar viajar para visitar a família Merry sozinha. Meu pretexto foi o fato de que Anne, que ainda estava profundamente abalada com a morte de Joel, voltara para lá, decidida a honrar sua memória trilhando o caminho que ele pretendia trilhar. Anne pretendia abrir uma escola para as crianças de Takemmy, fertilizando assim o solo para as sementes do evangelho de Cristo.

Confesso: por mais sentida que eu estivesse enquanto preparava a viagem, a cavalgada desde Great Harbor melhorou meu ânimo. Pintada, como sempre, ficou feliz em me levar e cavalgou com a leveza de um pônei sempre que o terreno permitia. Quando cheguei ao alto do morro atrás do qual ficava a fazenda dos Merry, freei Pintada e olhei em frente, surpresa. Eu não tivera a chance de visitar a família Merry na última vez em que estivera na ilha, pois eles haviam feito questão de nos encontrar em Great Harbor. Mas agora via que aquela família esforçada não havia desperdiçado um só dia nos seis anos desde a última vez em que eu vira suas posses. Eles tinham adquirido um par de bezerros e os exercitaram, usando então os jovens bois para retirar as árvores mortas. O pomar, bem-podado e irrigado, estava disposto em fileiras ordenadas. Ouvi sons fabris vindos do moinho, muito ampliado; suas grandes pedras giravam enquanto a água corria, reluzente, pelo canal.

Havia três belas casas, em vez de uma; Jacob e Noah as haviam construído para acomodar suas famílias, cada vez maiores. A filha pequena de Noah, Sarah, foi a primeira a me ver e correu para avisar a mãe. Tobia me cumprimentou, amável, e mandou Sarah buscar Noah nos campos. Observei-a correr, os cachos loiros balançando — a menina era a cara do pai.

Noah veio sorrindo, embora estivesse claramente perplexo com a minha aparição súbita.

— Estive com seu irmão, no último dia de mercado, mas ele não disse estar esperando uma visita sua.

— Minha vinda para cá foi imprevista — falei.

Tobia tinha servido cerveja e bolinhos de aveia, por isso precisei me sentar e conversar sobre assuntos amenos por algum tempo. Anne entrou então na sala. Estivera dando aulas em sua escola. Parecia estar bem, ainda que sem a alegria e a leveza do ano anterior, antes de sua grande perda. Falamos de como estava o trabalho com as crianças, e sua expressão ficou mais animada ao falar dos diferentes alunos e de como estavam se saindo.

Notei que Noah não parava de me lançar olhares e, quando percebeu que eu não revelaria, diante dos outros, o que me trouxera à sua porta de forma tão inesperada, inventou alguma desculpa, dizendo que precisava dizer algo aos outros no moinho, e perguntou se eu gostaria de acompanhá-lo para ver as melhorias que haviam sido feitas ali. Notei um sorriso brincalhão em sua boca ao dizer essa última parte; ele sabia perfeitamente que eu não tinha nenhum interesse na moagem de grãos.

Assim que saímos pela porta, comecei a falar:

— Uma vez, anos atrás, você demonstrou ser meu amigo e correu um grande risco para ajudar uma pessoa querida que estava em sérias dificuldades. Noah, não tenho o direito de pedir isto, mas vim para cá com a esperança de que você possa me auxiliar, como um grande amigo, mais uma vez, por outra pessoa que se encontra em situação extrema.

Contei-lhe da grave doença de Caleb e fiz o meu estranho pedido.

— Talvez seja uma tolice — concluí —, mas os nossos melhores remédios e nossas preces mais ardentes não fizeram nada por ele. Se ainda resta algo a ser feito, a solução talvez esteja nas mãos deste outro.

Noah pareceu sério.

— Não sei por que você pensa assim, uma vez que Caleb fez uma travessia tão completa para os costumes ingleses, muitos anos atrás.

— Eu tenho as minhas razões — falei, num tom suave.

— Você sabe que é arriscado. Quem o conhece diz que ele é vingativo e cheio de rancor. Ele se mantém sozinho hoje em dia, pois os índios cristãos não aceitam sua presença entre eles. É o último; o único *pawaaw* que não renunciou ao Demônio.

— Eu sei. Mas preciso tentar.

Assim, tomamos um *mishoon* para o povoado de Takemmy, para pedir auxílio ao

sonquem dali. Ele era um homem prudente. Sempre procurava saber onde Tequamuck estava acampado a cada momento. Era melhor dar ao feiticeiro um espaço amplo só para si, pensava o *sonquem*, já que, pelo que se contava, Tequamuck enviava seus demônios sobre qualquer um que caçasse nas áreas que ele considerava serem suas.

Quando dissemos ao *sonquem* que pretendíamos nos reunir com Tequamuck, ele fez o sinal da cruz e pediu a proteção de Deus contra aquele homem mau (o *sonquem* se convertera ao cristianismo dois anos antes, depois de passar um bom tempo estudando a questão). Naquela mesma tarde, seguimos para o local que ele indicara, que, por sorte, ficava a menos de cinco quilômetros dali.

NÃO SEI COMO, MAS TEQUAMUCK deve ter sentido a nossa chegada. Estava à nossa espera, em pé, os braços cruzados, atrás das chamas de uma fogueira. Na fumaça, senti o cheiro pungente da sálvia queimada. Tequamuck vestia roupas cerimoniais. Estava trajando sua capa de penas de peru e tinha o rosto pintado em faixas de ocre vermelho e amarelo.

Atamos Pintada a alguns metros do acampamento do feiticeiro e desmontamos. Admito que eu estava tremendo. Meus joelhos vacilaram quando pus os pés no chão. Noah me ofereceu seu braço, que aceitei de bom grado, ainda que, ao me apoiar, tenha sentido que ele também não parava de tremer. Tivemos que nos forçar a avançar.

Tequamuck deve ter jogado algum feitiço no fogo, pois quando nos aproximamos, as chamas se ergueram por um instante. Assustei-me com a onda súbita de calor. A figura de Tequamuck parecia ondular atrás do ar quente que nos separava.

— Por que a filha do *pawaaw* inglês morto procura Tequamuck?

Fiquei perplexa ao ouvi-lo falar em inglês. Eu não conseguia imaginar como Tequamuck o aprendera, já que sempre mantivera uma existência isolada.

— Eu... vim pedir a sua ajuda. □— Minha voz estava trêmula.

— Minha ajuda? — Tequamuck soltou um riso sarcástico. — Minha ajuda? Como? O que houve com o poder do seu deus único e de seu filho torturado? Eles abandonaram você, enfim?

Passei a falar em *wampanaontoaonk*. Eu não usava essa língua havia anos, mas as formas graciosas de suas palavras longas me saíram da boca com facilidade.

— Por favor, ouça o que tenho a dizer. O seu sobrinho está doente. Está perto da morte. Ele o chama em seus delírios. Tenho ouvido o que ele diz, noite após noite. Vim pedir que auxilie o meu amigo em sua doença.

— O meu sobrinho está doente? Acha que isso é alguma novidade para mim? Meu sobrinho está doente, está marcado para a morte, desde o dia em que começou a andar com você, Olhos de Tormenta.

Senti-me sem fôlego. Meus joelhos realmente vacilaram então, e Noah teve que me segurar para que eu não caísse. Tequamuck sorriu. Imaginei que ele estivesse acostumado a exercer tal efeito sobre as pessoas. Tentei encher a minha mente de preces — palavras e salmos que eu sabia de cor e recitava com toda naturalidade. Mas o medo que aquele homem me provocava era como uma cortina negra, e não consegui invocar nenhum verso. A voz de Tequamuck assumiu a cadência que ele usava em suas cerimônias.

— Eu ouvi o choro de Cheeshahteumauk. Encontrei seu espírito. É um espírito fraco, dividido entre dois mundos. Foi você quem fez isso, Olhos de Tormenta. Você o chama de amigo. Já o chamou de irmão. O seu amigo e irmão está perdido agora, caminhando sem rumo. Ele procura. Você sabe por quê?

Engoli em seco e fechei os olhos. Eu talvez soubesse. Ou talvez Tequamuck estivesse me enfeitiçando, colocando pensamentos na minha cabeça. Minha boca estava seca como cinzas, e não consegui juntar fôlego para falar.

— Ele procura o filho de Iacoomis. Não o encontra, e sofre. Teme jamais encontrá-lo. Aquele ali jamais aprendeu o caminho para o mundo dos espíritos. Não tem parentes para guiá-lo. O coração de Cheeshahteumauk sabe disso. Sabe que se procurar o amigo, correrá o risco de abandonar o mundo dos espíritos de seus ancestrais, e todo o seu povo que está lá. Terá que ir para a casa dos mortos ingleses.

Soltei a mão de Noah e caí de joelhos. Fortes soluços brotaram de meu peito. Tequamuck olhou para mim com uma expressão de repugnância. Eu sabia que, a seus olhos, o meu comportamento era uma deplorável mostra de fraqueza. Tequamuck virou as costas e se pôs a caminhar na direção de seu *wetu*. Para ele, aquela conversa estava claramente encerrada. Mas não deixei que terminasse ali. Eu precisava saber como ajudar Caleb. Juntei o que restava da minha força de vontade, limpei as lágrimas do rosto e me forcei a ficar em pé.

— Espere, por favor! — gritei. — Por favor, diga o que devo fazer. Como posso ajudar Caleb?

Tequamuck não se voltou. Tinha chegado ao *wetu* e estava levantando a lona da entrada. Avancei. Noah tentou me segurar, mas me liberei da sua mão. Encarei-o.

— Você é meu amigo: deixe-me fazer isto. — Noah retrocedeu, ciente de que não poderia me impedir.

Corri até o *wetu* e agarrei o feiticeiro pelo braço. Senti um calafrio atravessar seu corpo. Ele enrijeceu e se virou.

Os olhos de Tequamuck, acima das linhas de ocre vermelho, eram inteiramente negros. Olhos inteligentes e penetrantes. Senti-me transfixada por seu olhar.

— O que você quer de mim? Você, que já me tomou tudo. Deixe-me sofrer pelo meu sobrinho em paz.

— Por favor. — Minha voz estava fina, fraca. — Por favor, mostre-me como ajudá-lo.

Tequamuck endireitou o corpo, ficando muito alto, e me encarou durante um longo tempo. Embora eu sentisse minha pele formigar sob seu olhar penetrante, forcei-me a não desviar os olhos. Senti que minha mente estava nua diante de Tequamuck, que ele conseguia sondar cada um de meus pensamentos. Por fim, o feiticeiro soltou um grande suspiro.

— Você realmente quer ajudá-lo.

Fiz que sim.

— Então me siga. Vou lhe mostrar o que fazer. — Tequamuck ergueu a lona e, com um gesto, chamou-me para entrar. Noah gritou, mas eu me virei e sacudi a cabeça.

— Espere por mim — falei. E então segui o feiticeiro para a escuridão.

NÃO POSSO ESCREVER SOBRE o que ocorreu naquele *wetu*, pois fiz um juramento solene, que nunca quebrei. Algumas pessoas diriam que foi um pacto com o demônio, e que, por isso, não preciso ficar presa a ele. Mas, depois daquele dia, eu já não tinha certeza de que Tequamuck fosse o servo do Diabo. Eu sei que papai e todos os outros pastores que conheci sempre avisaram que o Demônio é ardiloso e procura esconder seu verdadeiro propósito. Mas, desde aquele dia, passei a acreditar que não cabe a nós conhecer a mente sutil de Deus. É possível que, como pensava Caleb, o Demônio ainda seja um anjo de Deus e trabalhe, de maneiras obscuras para nós, para fazer sua vontade. Blasfêmia? Heresia? Talvez. E eu talvez acabe por ser condenada por isso. Logo saberei.

Vou contar o pouco que posso sobre o que aconteceu. À meia-luz do *wetu*, Tequamuck me falou sobre o que havia antevisto — seu povo subjugado, os homens transformados de caçadores em caça. Vira os mortos empilhados feito toras de madeira e longas filas de gente, todas a pé, expulsas de seus lugares familiares. Hoje, tantos anos depois, vejo que muito do que ele disse se tornou de realidade; e, mesmo sem saber de onde vêm seus poderes, sei agora que Tequamuck era um verdadeiro profeta.

Ele também me disse que aceitava o fato de que o poder do nosso Deus era maior que quaisquer poderes que ele possuísse. Perguntei-lhe então por que não

se unia ao seu povo no culto cristão.

— Como posso adorar o seu Deus, por mais poderoso que seja, quando sei das desgraças que ele permitirá que ocorram conosco? Quem seguiria um deus tão cruel? E como posso abandonar os espíritos com cuja ajuda aticei o mar e parti rochas, que por tantos anos me deram o poder de curar os enfermos e inflamar o sangue dos meus inimigos? Escurecer o dia e incendiar a noite? Tudo isso, foram meus espíritos que me permitiram fazer. O seu Deus pode ser mais forte que eles; percebo isso. Assim como percebo que ele irá prevalecer. Mas não ainda. Não para mim. Enquanto eu viver, não vou abandonar meus parentes e os ritos que devo a eles.

Quando deixei o *wetu*, o sol estava se pondo. O céu estava esplêndido — todo roxo e púrpura, com raios dourados de luz dando volume às nuvens ondulantes. A estranha fumaça da fogueira de Tequamuck me envolveu e incitou meus sentidos, fazendo com que eu visse tudo aquilo com uma estranha nitidez, todas as linhas e cores se destacavam, perfeitamente distintas.

— Bethia, você está pálida feito uma folha de papel. — Os olhos de Noah examinavam meu rosto, ansiosos. Ofereceu-me o braço mais uma vez. — Ele fez algum mal a você? Se fez, eu vou...

— Noah — falei, interrompendo-o. — Ele não fez nada além de me dar a ajuda que lhe pedi.

Isso não era a verdade plena, embora eu não percebesse esse fato no momento. Só mais tarde, quando me vi frente a frente com Caleb e o olhei nos olhos, entendi exatamente o tipo de ajuda que Tequamuck havia enviado, e que era ao mesmo tempo menos, e mais, do que eu lhe pedira.

— Vamos sair daqui agora — falei a Noah. — Estou morta de frio.

Não era uma noite particularmente fresca, mas meu sangue parecia gelado, e quis estar de volta a um lugar conhecido, onde não houvesse fantasmas e espíritos a me rondar.

Quando entrei no quarto de Caleb, na casa de Thomas Danforth, temi ter chegado tarde demais. Caleb estava deitado virado para a parede, e o cobertor mal parecia se erguer, de tão lenta e superficial que sua respiração se tornara. Mas eu me aproximei de Caleb e sussurrei para ele. As palavras, em *wampanaontoaonk*, eram destinadas apenas aos seus ouvidos. Assim que comecei o primeiro dos versos, ele se virou e me encarou surpreso, com os olhos bem abertos. Quando terminei, ele apoiou uma das mãos — leve, quente — no meu braço.

— Quem? — perguntou Caleb, com a voz rouca.

Eu lhe disse o nome.

O rosto de Caleb relaxou, as linhas de dor desapareceram de súbito. Fechou os olhos. Quando os abriu outra vez, eram como carvões negros acesos nas órbitas, grandes esferas num crânio cuja carne fora consumida por inteiro. Fez um gesto, pedindo ajuda para se sentar; assim, fui até a porta e chamei Thomas Danforth, que estava por perto. Porém, assim que pus a mão nas costas de Caleb, percebi que poderia facilmente tê-lo levantado sozinha. Àquela altura, ele estava leve como uma criança. Danforth se pôs a ajeitar as almofadas e apoios de Caleb, até que lhe fiz um pedido com o olhar. Ele entendeu a insinuação e se retirou novamente, deixando-me sozinha com Caleb. Havia um bom fogo na lareira; Danforth insistira em mantê-lo aceso e bem-alimentado caso o tempo esfriasse um pouco que fosse. Caminhei até a lareira e segurei o molho de ervas sobre a chama até que pegassem fogo. O aroma, límpido e intenso, pareceu trazer o ar da ilha para o quarto. Os olhos de Caleb seguiram meus gestos quando agitei as ervas num lento arco. Pareceu respirar com mais facilidade. Voltei para a cabeceira da cama e apanhei o cinto *wampum*. Toda a história da tribo de Nobnocket estava gravada em sua estampa, para quem tivesse a sabedoria de lê-la.

Posicionei o cinto sobre o coração de Caleb, como um *sonquem* faria. Sua mão se fechou sobre as conchas polidas e lisas. Deixou os dedos percorrerem as fileiras de roxo e branco. Os lábios de Caleb se moveram, e eu soube que ele estava recitando partes da história, como a ouvira anos antes. Por fim, quando seus

lábios e mãos ficaram imóveis, percebi que havia chegado a hora. Ajoelhei-me ao lado da cama. O cabelo de Caleb tinha crescido de novo desde o início da doença. Levantei uma mecha escura e a afastei de seu rosto. Caleb ergueu a mão e uniu as pontas dos seus dedos às minhas. Aproximei então a boca de sua orelha e sussurrei as últimas das palavras que Tequamuck me dissera.

Caleb ergueu o queixo e fez um grande esforço para juntar fôlego. Seus lábios então se abriram, e embora os sons que ele pronunciou tenham saído abalados a princípio, sua voz ganhou força até que senti seu hino como uma canção de louvor, ressoando em minha alma. Caleb cantou seu cântico fúnebre e morreu como um herói que volta para casa.

CALEB FOI UM HERÓI, NÃO HÁ dúvida disso. Aventurou-se de um mundo a outro com a coragem de um explorador, armado com a esperança de que poderia servir ao seu povo. Pôs-se lado a lado com as pessoas mais instruídas de seu tempo, pronto para tomar seu lugar entre os homens notáveis. Ganhou o respeito daqueles que mais haviam se apressado em desprezá-lo.

Tudo isso é verdadeiro e certo. O que não sei é isto: qual foi o lugar onde ele se sentiu em casa, no final. Qualquer que tenha sido — o reino celestial inglês com seus serafins e querubins ou as terras quentes e férteis de Kiehtan, no sudoeste —, acredito que sua canção tenha sido poderosa o bastante para que Joel o ouvisse e o seguisse.

A Faculdade dos Índios foi demolida. Poderíamos dizer que foi uma vítima da guerra. Depois de uma luta tão sangrenta, restaram poucos que se importassem se os índios viviam ou morriam, se eram convertidos ou continuavam pagãos. O edifício ficou em ruínas. E então, em 1698, quaisquer ambições que pudessem ter existido um dia tombaram pelo chão, reduzidas a uma pilha de entulho e uma nuvem de poeira. Os tijolos que puderam ser salvos foram usados para construir um outro prédio. Quando fiquei sabendo disso, não senti raiva, apesar de perceber que, mais uma vez, o que era dos índios por direito fora tomado para ser usado pelos ingleses. A esta altura, essa já se tornou uma velha história para mim. E aquela universidade acabou por se mostrar o maior de todos os ladrões. Acredito agora que era um lugar amaldiçoado. Como vê-la de outra forma, já que todos os alunos indígenas que viveram sob aquele teto morreram precocemente? Depois de Caleb e Joel vieram outros, mas, assim que recebíamos notícias sobre aqueles jovens e a grande promessa que representavam, logo recebíamos uma nova mensagem nos informando de que haviam morrido. Só sei de um que talvez ainda viva: John Wampus, que permaneceu na universidade por um breve tempo antes de partir para climas mais saudáveis. Dizem que se tornou marinheiro. Espero que tenha prosperado.

MINHA MENTE MUITAS VEZES vagueia para aquele dia cálido, tanto tempo atrás. Se eu tivesse me afastado daquele menino à beira da lagoa, montado em Pintada e cavalgado de volta para o meu mundo, deixando-o em paz com seus deuses e espíritos, teria sido melhor? Ele ainda estaria vivo, agora como um senhor idoso, patriarca de uma família, líder de sua tribo? Talvez. Não tenho como saber.

Ele me visita nos meus sonhos. Dizem que seu povo possui esse dom. Às vezes, apresenta-se como o menino que conheci um dia; às vezes, permite que eu o veja como ele poderia ter sido. Num sonho, ele é um homem no auge da vida, um estudioso de direito, muito estimado pelo governador, indicado para negociar com

Metacom. Conquista alguma justiça para seu povo, afastando os corações da guerra e da devastação por ela causada. Foi um bom sonho. Fiquei triste ao acordar.

Também fico triste por Joel, que poderia ter voltado para cá como o homem mais educado da ilha, colocando-se entre seu povo e os ingleses inescrupulosos que os aprisionam na escravidão por dívida. É muito comum, hoje em dia, vermos uma criança wampanoag trabalhando como serva numa casa ou num navio inglês, afastada da família como pagamento de alguma dívida obscura.

São todos sonhos, que sonho acordada ou dormindo, e ninguém sabe ao certo o que poderia ter sido. Mas os sonhos e as memórias são tudo o que me sustenta agora. Quando, de tempos em tempos, abro meu coração para Samuel e lhe falo sobre essas questões, ele sorri, paciente. Mas sei que ele pensa que me transformei numa idosa afetuosa, que minha mente vagueia, confusa, entre um passado imutável e um futuro insondável. Eu disse a Samuel, não muito tempo atrás, que sonho com um tempo em que as feridas da guerra estejam cicatrizadas, em que os corações de nosso povo tornem a se abrandar em nossas relações uns com os outros, em que outros índios jovens como Caleb e Joel assumam seus lugares em Harvard, na sociedade de homens instruídos. Samuel sacudiu a cabeça e disse que não conseguia vislumbrar algo assim no próximo meio século. E então tocou meu rosto e me beijou. Durante este longo tempo nós sempre nos amamos, e nos amamos ainda, mesmo que os laços que nos ligam a este mundo estejam gastos e frágeis, que sejamos tênues como uma teia de aranha.

Samuel vai chegar em breve. Ele vem ver se estou confortável muitas vezes por dia, mas sempre surge a esta hora, quando a luz esmaece. Samuel me traz um pouco de láudano — suas habilidades cirúrgicas já não podem fazer nada por mim —, e então ficamos sentados juntos, de mãos dados, vendo a última luz dançar sobre a água.

Vou guardar estas páginas antes que ele chegue. Esta noite, não quero falar com Samuel destas questões, das coisas encerradas por completo; nada disso pode ser reparado. Ainda assim, escrever este relato trouxe algum alívio ao meu coração. Não sou uma heroína. A vida não me exigiu isso. Mas tampouco serei enterrada como uma covarde, calada sobre o que fiz e sobre o que me custou. Assim, que estas páginas sejam o meu cântico fúnebre — mesmo que, no final, esta não seja uma canção de louvor, e sim o que deve ser: um lamento trágico e dissonante.

A travessia de Caleb foi inspirado numa história real. No entanto, trata-se de uma obra da imaginação. A seguir, apresento a história conforme está documentada: a tênue estrutura sobre a qual construí meu edifício imaginativo.

A “faculdade de Newtowne”, que viria a se chamar Harvard, foi fundada em 1636, apenas seis anos após a fundação da colônia da Baía de Massachusetts. O número total de graduados no século XVII foi de apenas 465. Caleb Cheeshah-teaumauk foi um membro dessa elite.

Ele nasceu aproximadamente em 1646, na ilha conhecida por seus habitantes wôpanâaks como Noepe ou Capawock, apenas cinco anos após a chegada de um punhado de colonos ingleses. O pai de Caleb era o *sonquem*, ou líder, de um dos pequenos grupos de wôpanâaks cujas terras ficavam em Nobnocket, no que hoje é conhecido como West Chop. Como o minúsculo povoado inglês ficava a quinze quilômetros dali, é razoável supor que Caleb tenha tido pouco contato com os ingleses em seus primeiros anos de vida, tendo sido educado conforme a língua e as tradições de seu povo.

Os títulos da terra da ilha conhecida hoje como Martha’s Vineyard foram adquiridos em 1641 por um negociante puritano, Thomas Mayhew, que os comprou do conde de Sterling e de Sir Fernando Gorges. Seu filho, Thomas Jr., negociou então a compra de um lote de terra de um *sonquem*, Tawanticut, no lado leste da ilha. Vários integrantes do grupo de Tawanticut se opuseram à venda, mas esta foi em frente depois que o *sonquem* cedeu algumas de suas terras aos dissidentes e vendeu à família Mayhew o restante das terras que estavam sob seu controle. Thomas Jr. liderou então um pequeno grupo de colonos e fundou Great Harbor (hoje Edgartown). A motivação de Thomas Sr. para colonizar a ilha parece ter sido a criação de uma propriedade senhorial independente, fora da jurisdição da colônia da Baía de Massachusetts; Thomas Jr., por outro lado, era um homem religioso cuja vida foi dedicada à conversão dos wôpanâaks. Para isso ele fundou, no inverno de 1652, uma escola com 30 alunos indígenas. É possível que Caleb

tenha sido um deles e que tenha aprendido a ler, escrever e falar inglês ali. Em 1657, Thomas Jr. morreu num naufrágio a caminho da Inglaterra. Seu pai, seu filho Matthew e seu neto Experience, entre outros, continuaram o trabalho missionário e educativo.

Caleb provavelmente deixou a ilha para estudar na escola de Daniel Weld, em Roxbury. Nove alunos índios (inclusive, curiosamente, “Joane, a Donzela Índia”) receberam instrução com Weld em 1658. Em 1659, Caleb e Joel Iacoomis, outro ilhéu, estiveram entre os cinco alunos índios que, junto de Matthew Mayhew, entraram para a escola de línguas clássicas de Elijah Corlett em Cambridge, situada ao lado da Universidade de Harvard. Matthew deixou a escola antes de se matricular e voltou para a ilha.

O estatuto de Harvard de 1650 descreve sua missão como “a educação dos jovens ingleses e índios deste país”. Pelo menos um aluno indígena, John Sassamon, recebeu alguma educação em Harvard antes da construção da Faculdade dos Índios, um edifício de tijolos de dois andares erigido em 1656. John Printer, um nipmuc, operava a primeira gráfica da universidade, onde foi publicada a primeira bíblia indígena e muitos outros livros no idioma algonquino. Sabe-se que outros nativos americanos, chamados Eleazar, Benjamin Larnell e John Wampus, estiveram ligados à universidade.

Caleb e Joel foram aceitos em Harvard em 1661 e completaram o rigoroso curso de quatro anos baseado no estudo dos clássicos, obtendo o diploma de bacharel. Ao voltar de Martha’s Vineyard para Cambridge para a formatura de 1665, Joel Iacoomis morreu num naufrágio em Nantucket, ou foi assassinado, e não chegou a receber o diploma que havia conquistado. Caleb participou da cerimônia de formatura com seus colegas ingleses em 1665, recebeu seu diploma, mas morreu apenas um ano depois, de consumpção. Thomas Danforth, o célebre jurista e político, cuidou de Caleb durante os últimos estágios da doença.

Infelizmente, há muito poucas fontes sobre a vida breve, trágica e notável de Caleb. A maior parte das fontes primárias se encontra nos escritos de Daniel Gookin (aprox. 1612–1687), superintendente dos índios de Massachusetts, e nos de certos administradores da Universidade de Harvard em correspondência com a Sociedade para a Propagação do Evangelho na Nova Inglaterra, de Londres. A Companhia da Nova Inglaterra, como também era conhecida, juntou doações para educar e converter os índios, e esses fundos foram vitais para a sobrevivência de Harvard em seus primeiros anos.

Ao procurar os poucos escritos ainda existentes de colegas notáveis de Caleb e Joel, não encontrei nenhuma menção a seus colegas indígenas. Uma hipótese para explicar essa omissão é que, ao chegarem a Harvard, os jovens nativos já

estivessem tão integrados à sociedade inglesa que não pareceram tão excepcionais para os demais alunos. É certo que seu nível de educação era tão elevado quanto o de seus colegas coloniais, pois cursaram as melhores escolas preparatórias disponíveis na época. Uma possibilidade alternativa é que os dois jovens wôpanâaks fossem mantidos social e academicamente isolados pelo preconceito racial e não participassem plenamente da vida acadêmica de seus colegas. Minha visão imaginária da experiência desses dois jovens tentou levar as duas teses em consideração.

Embora eu seja grata a Wolfgang Hochbruck e a Beatrix Dudensing-Reichel por terem analisado detalhadamente o latim do único documento sobrevivente escrito por Caleb (em *Early Native American Writing*, Helen Jaskoski, ed., Nova York: Cambridge University Press, 1996), discordo de sua tentativa de lançar dúvidas sobre a autoria do documento. Os erros no latim, que eles apresentam como provas de que o texto talvez tenha sido ditado a Caleb, podem ser igualmente considerados provas de autenticidade — são os tipos de erro que qualquer estudante de humanas de segundo ou terceiro ano cometeria ao escrever uma exegese acadêmica. Além disso, os ensaístas se enganam na única prova que apresentam para corroborar a ideia de que os colonos falsificaram os relatos para arrancar dinheiro dos doadores ingleses. Eles concluem que o Iacoomis citado numa falsificação confessa feita por John Eliot é o colega de Caleb, Joel, quando o contexto deixa claro que Eliot estava se referindo ao pai de Joel, o primeiro índio convertido ao cristianismo em Martha's Vineyard, que atuou durante muitos anos como missionário e foi ordenado pastor.

Considero as fontes secundárias, especialmente os vários livros de Samuel Eliot Morison sobre os primeiros tempos de Harvard, ao mesmo tempo indispensáveis e profundamente ofensivos. O racismo reflexivo de Morison faz com que as fontes escolhidas por ele sejam muito pouco confiáveis. Para dar apenas um exemplo flagrante: citando uma das primeiras tentativas fracassadas do presidente Dunster de preparar dois jovens índios enviados por John Eliot em 1646, Morison cita Dunster: “[S]ão incapazes de se beneficiar do aprendizado que eu desejava lhes transmitir, sendo, portanto, um estorvo para mim (...) Desejo que sejam mandados para longe daqui o mais rápido possível.” Ao examinarmos a carta original de Dunster nos *Massachusetts Archives*, fica claro que Morison omitiu as cruciais palavras introdutórias de Dunster: “Enquanto os índios que tenho aqui são tão novos que são incapazes de se beneficiar (...)”

wampanoag de Gay Head/Aquinnah. Foi nos materiais preparados pela tribo que fiquei sabendo da existência de Caleb, e os programas inspiradores oferecidos ao público pelo Centro Cultural Aquinnah ajudaram a informar e moldar o meu pensamento. Alguns membros da tribo me deram estímulo e compartilharam muitas informações e ideias, além de se disporem a ler os primeiros rascunhos. Outros expressaram reservas sinceras sobre este projeto, que cria uma imagem fictícia da vida de uma figura querida e apresenta uma versão imaginária dessa vida, que pode ser interpretada erroneamente como factual. Este posfácio tenta, de certa forma, abordar essas reservas, distinguindo os fatos escassos da invenção exuberante.

No que diz respeito à história do início da colonização de Martha's Vineyard, sou grata à falecida Anne Coleman Allen, cujo *Short Course on the History of Martha's Vineyard* [Breve curso sobre a história de Martha's Vineyard] foi indispensável, em virtude da profundidade de sua pesquisa sobre o governo de Mayhew e da inclusão de comentários de June Manning, genealogista da tribo wampanoag de Gay Head/Aquinnah. A aula de Jannette Vanderhoop sobre cultura wampanoag no centro de Educação Adulta e Comunitária de Martha's Vineyard foi igualmente instrutiva. Também me baseei no livro de David J. Silverman, *Faith and Boundaries* (Cambridge, Reino Unido, e Nova York: Cambridge University Press), escrito em 2005. Agradeço ao Martha's Vineyard Museum pelo acesso a seus arquivos, a Chris Henning por seus conhecimentos de latim, e aos primeiros leitores, Graham Thorburn, Clare Reihill, Darleen Bungey e Elinor, Tony e Nathaniel Horwitz. Como sempre, tenho a sorte de contar com minha agente, Kris Dahl, e meus editores, Molly Stern e Paul Slovak. Os estudantes e o corpo docente envolvidos na escavação arqueológica do Harvard Yard Indian College e a incrível exposição *Digging Veritas*, do Museu Peabody, me apresentaram a cultura material de Harvard no século XVII.

AS CONVERSAS FICTÍCIAS ENTRE Bethia e Caleb sobre questões de fé se basearam amplamente nas narrativas de John Cotton Jr. sobre suas conversas com ilhéus indígenas em seus diários missionários da década de 1660, além da marginalia de textos religiosos e bíblias escritos na língua wôpanâak nos séculos XVII e XVIII.

Embora a família Mayfield do meu romance se baseie em alguns poucos fatos biográficos da vida dos missionários Mayhew, meus personagens são completamente fictícios, especialmente Bethia, que foi inteiramente inventada. Makepeace Mayfield só lembra Matthew Mayhew em um aspecto: o fato de não ter se matriculado após cursar a escola de Elijah Corlett. A ideia de que talvez

houvesse alguma tensão entre Matthew e Caleb me foi sugerida pelo fato notável de que quando o filho de Matthew, Experience, escreveu uma história detalhada dos índios cristãos de Martha's Vineyard, Caleb — que certamente estava entre os mais ilustres — não foi mencionado.

Os arquivos coloniais não contêm nenhum diário feminino antes de 1700, e contêm muito poucas cartas. Para encontrar a voz de Bethia, baseei-me em fontes como as narrativas de Mary Rowlandson no cativeiro, o depoimento de Anne Hutchinson ao tribunal e os poemas de Anne Bradstreet. Seu trabalho na leiteria da Universidade de Harvard me foi sugerido pelo ensaio introdutório de Laurel Thatcher Ulrich em *Yards and Gates: Gender in Harvard and Radcliffe History* (Nova York: Palgrave Macmillan, 2004). Reuni informações a partir dos trabalhos de muitos acadêmicos da época, especialmente Jill Lepore, Arthur Railton, James Axtell, Jane Kamensky, Lisa Brooks e Mary Beth Norton. Comecei a pesquisa para este romance no tempo em que fui bolsista do Instituto Radcliffe de Estudos Avançados, e sou muito grata por essa oportunidade.

Nos últimos anos, dois wôpanâaks de Vineyard, Carrie Anne Vanderhoop e Tobias Vanderhoop, concluíram com êxito seus estudos de pós-graduação em Harvard.

Acho que Bethia Mayfield ficaria feliz em saber que uma mulher presidente de Harvard, Drew Gilpin Faust, preside hoje a cerimônia de formatura. Entre as pessoas a quem ela concederá o título de Bacharel em Artes em 2011 estará Tiffany Smalley, a primeira wôpanâak de Martha's Vineyard desde Caleb Cheeshahteumauk a concluir um curso de graduação na Universidade de Harvard.

Vineyard Haven, 1º de novembro de 2010

PRODUÇÃO
Adriana Torres
Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL
Gabriel Machado

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Thaís Nacif

REVISÃO
Nina Zuccari

DIAGRAMAÇÃO
DTPhoenix Editorial

CAPA
Jaya Miceli

IMAGENS DE CAPA
William Waterway Marks; (homem) Donald Carter

PRODUÇÃO DE EBOOK
S2 Books